

sacrifícios d'esta ordem para que a humanidade possa seguir no seu curso progressivo, sempre na pista d'um ideal de justiça e verdade, que talvez lhe não seja dado attingir.

E mais triste é ainda que seja justamente à custa das lagrimas, das dôres e do sangue dos seus filhos mais puros e mais dignos que tenham de redimir-se os vícios e os crimes d'aquelles que lhes levantam no caminho as mil barreiras d'odios e paixões interesseiras que é forçoso destruir.

Tropeços aliás inanes como o prova a experiencia dos seculos!

A torrente impetuosa das ideias venceu-os sempre.

Ainda hontem, a multidão enorme dos eternos oprimidos passou revista aos seus batalhões disciplinados.

Espectaculo imponente e formidavel, que aterra todos os poderes constituídos.

Pois nós, os republicanos, não o tememos.

Se o mundo actual não quer ver-se submergido d'um dia para o outro no mais violento de todos os cataclysmos, tem de consentir fatalmente que lhe aplanemos o caminho no campo aberto d'uma evolução incruenta.

Para isso é forçoso assegurar a todos, mas leal e cavalheiramente, a parcella de soberania a que cada homem tem direito na sociedade de que faz parte. Mas para que esse direito seja eficazmente exequível é de todo o ponto indispensavel derramar a instrucção por todas as camadas sociaes com a mesma profusão com que a natureza espalha a superficie da terra as sementes que se transformam em pão. É preciso pois educar o povo e as monarchias não educam, desmoralizam, bem o vêdes.

Conquistaram os nossos antepassados, no primeiro quartel d'este seculo, à custa de porfidadas luctas, que o Porto alentou com o calor mais ardente dos seus sonhos de liberdade, promessas juradas que nunca ninguém cumpriu, illusão mentirosa, sobre que se equilibram instavelmente os alicerces d'umas instituições, que liquidam presentemente numa banca-rota fraudulenta as ruinas d'uma patria gloriosa. É que sobre mentiras só pôdem edificar-se crimes.

Nós, os homens do presente, somos mais praticos e positivos. Só dos principios da verdade confiamos a solidez do edificio que procuramos levantar.

É forçoso, pois, implantar a Republica. Para isso pouco falta. Somos muitos, multissimos, muitos mais do que os que enxergam os altos poderes do Estado. Falta-nos apenas acabar de estreitar os ultimos laços da cohesão, que faz a força, que é a certesa da victoria.

Nessa tarefa nos empenhamos dedicadamente. E, para que a nossa obra seja grande, é forçoso, no nosso entender, abrir os braços a todos aquelles que tenham na alma um pensamento de justiça, e no coração um sentimento de fraternidade. Larga tolerancia ao criterio de todas as consciencias, reserva absoluta à obcecção de todos os egoismos. Assim teremos uma republica em que caibam todos os portuguezes, contanto que os illumine o mesmo ideal de justiça e os enlace o mesmo sentimento de egualdade.

Bebendo à saúde do illustre tenente Manuel Maria Coelho, o orador tem a plena satisfação de que é acompanhado, nessa momento de entusiasmo, por todos os que o escutam, pelo partido republicano do Porto, que elles têm a honra de representar, e por toda a grande familia republicana do país inteiro que com elles o applaude e o saudá.

Cuba

Após escaramuças sem importancia alguma, deu-se ultimamente em Cacarajicara, onde Maceo estava entrincheirado, um combate importante.

Weyler mandou marchar contra este ponto, para o atacarem, o general Bernal, de S. Cristobal, os tenentes-coroneis Pintos e Valcárcel, de Puntas de Rubi, e dois coroneis com as respectivas forças do seu commando. O ataque realisouse, havendo 200 baixas nos insurrectos e soffrendo as tropas hespanholas sérias perdas não só de soldados mas de officiaes de diversas graduacões. Parece que este ataque não teve influencia alguma decisiva e *El Liberal*, referindo-se ás operações combinadas contra Maceo, diz o seguinte:

«Até agora, desgraçadamente, nenhuma d'ellas deu o resultado apeteçido. Primeiro, porque as columnas combinadas se aproximaram demasiado da rocha deixando o inimigo à retaguarda; depois porque a columna do coronel Echevarria não chegou a tempo; mais tarde, porque os soldados não tinham munições e a columna Devós teve de ir busca-las, e agora, porque o general Bernal se viu detido em lomas Rangel.

Decididamente, o general Weyler é pouco afortunado nas suas combinações.»

Tão pouco afortunado é o general, que até já declarou que só dentro de dois annos lhe será possivel suffocar a insurreição. E em tão longo prazo podem dar-se tantas combinações inesperadas!

Os ingleses e o Transvaal

Um correspondente francês do sul de Africa diz que a publicação feita pelo governo do Transvaal dos documentos relativos aos manejos do bandido Cecil Rhodes e da *South Africa* contra o Transvaal, produziu em todo o sul de Africa grande indignação contra aquelle aventureiro e contra a companhia que elle dirige com o duque de Fife e outros.

Pela sua parte, o *Times* vê-se obrigado a reconhecer que o procedimento de Cecil Rhodes, que, sendo ministro do Cabo, conspirava contra a independencia do Transvaal, foi de todo o ponto incorrecto.

As folhas de Londres contrarias à politica de exaggerada expansão colonial atacam violentamente os dirigentes da *South Africa*, accusando-os por comprometterem a Inglaterra com os seus manejos, que têm sempre odiosos fins financeiros.

Vae ser nomeado vogal do Supremo Tribunal Administrativo o sr. Frederico Aronca, que ha poucos meses foi nomeado nosso embaixador em Inglaterra, continuando a ser ajudante do procurador geral da corôa.

Alguns collegas nossos censuram o governo pelo facto de se ter feito essa nomeação contra a expressa disposição da lei, que manda preferir individuos de certas categorias. Pelo que se vê, ainda ha quem creia na existencia de leis neste bello país à beira-mar plantado.

Oh! santa ingenuidade!

Os italianos em Africa

Consta que em Adrigat apenas existem viveres para dois dias. Começa a manifestar-se pouca confiança numa acção energica do general Baldissera para libertar aquella fortalésa, ou, pelo menos, abastecê-la de viveres.

O facto de elle mandar o seu quartel para Linafá, a 60 kilometros de Adrigat, leva a crer que tentaria soccorrer a guarnição antes de chegarem os reforços de Menelik. Os tigrétinos abandonaram as posições ao norte de Adrigat, concentrando-se ao sul.

Nos circulos militares explica-se este deslocamento: ou por não se quererem medir com Baldissera emquanto não chegarem, ou para levarem Baldissera a avançar e o atacarem quando o julgarem opportuno.

Prestaram vassalagem os sobas Cassenha, Canzambo e Canzomgue, do territorio de Labale, districto de Benguella.

O caso do Adamastor

Sob este titulo informa o nosso prezado collega o *Paiz* acerca do procedimento ignobil do governo para com o distincto capitão de mar e guerra, sr. Teixeira Guimarães, que estava fiscalizando a construcção do Adamastor:

«Como dissémos, o sr. Teixeira Guimarães, o distincto official que, com poderes da subscrição nacional, estava fiscalizando o Adamastor, e que o governo chamou a Lisboa para satisfazer um capricho do sr. Ferreira de Almeida, requereu para ser inspeccionado em sua casa por uma junta de saúde.

Segundo consta os medicos ficaram pensosamente impressionados com a visita que fizeram ao illustre official, porque de facto o encontraram bastante doente.

O ministro da marinha, porém, influenciado por um torpe fcciosismo, que é um dos seus mais accentuados caracteristicos, negou-lhe, como dissémos, a licença registada e depois a inactividade temporaria.

O caso, que é perfeitamente novo, tem sido justamente comentado pelos collegas do sr. Teixeira Guimarães, que se sentem humilhados de vêr a pasta da marinha entregar a um paisano que, não contente em desconhecer completamente todos os variadissimos assumptos em que tem de intervir, se atreve ainda a desconsiderar um illustre official, que, pelo seu caracter e pelos seus conhecimentos technicos, goza de uma superior reputação na briosa corporação a que pertence.

Consociaram-se na segunda feira ultima o sr. Alvaro Pereira Gouvêa, capitão de estado maior, com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria do Ceu Tavares de Mello, sympathica filha do sr. dr. Eduardo Tavares de Mello.

Os noivos, após a cerimonia religiosa, partiram para Lisboa.

Partido republicano

Conforme noticiamos já, realizou-se no dia 1 a eleição da commissão municipal de Ourique, que ficou composta dos seguintes cavalheiros:

Effectivos — José Pedro Dias, pharmaceutico; Joaquim Antonio Nobre, vereador e quarenta maior contribuinte; Bazilio Rosa Loures, artista; Joaquim Coelho Amaral, proprietario; Ignacio Alfonso Nobre, quarenta maior contribuinte; José Francisco Martins, proprietario.

Substitutos — Antonio Sabino, negociante; José Felisberto, proprietario; Manuel Francisco, proprietario; Jacintho Louzão, quarenta maior contribuinte; José Nobre Franco, quarenta maior contribuinte; José Alexandre Simões, proprietario; e Francisco Manuel Ayres, proprietario.

No acto da eleição usaram da palavra os nossos illustres amigos dr. Jacintho Nunes, Alves Cortêa, dr. Alfonso de Lemos, dr. Manuel Brando e outros, que pronunciaram energicos discursos e foram muito applaudidos.

Receberam-se adhesões de Magalhães Lima e Horacio Ferrari.

Carta de Nova Gôa

De um nosso amigo, magistrado respeitabilissimo pelo seu saber e pela austeridade do seu porte, que em Nova Gôa está como funcionario de elevada categoria, recebemos uma carta em que nos diz que a rebellião dos *nativos* apenas existiu na mente de alguns individuos, que a inventaram por interesse seu. Sómente houve uma greve de soldados marathas que se recusaram a seguir para Moçambique, por não serem obrigados a isso pelo seu alistamento, e uma alliança subsequente dos mesmos com os Ranes de Satary, que se queixavam de terem sido prejudicados por umas concessões de terrenos, feitas pelo governador.

Diz-nos ainda esse nosso prezadissimo amigo que o Raphael de Andrade foi ali inaugurar um regimen de terror para se vingar de agravos passados. Por um simples despacho seu, e sem mais formalidades, suspendeu um juiz municipal e seu substituto, pelo facto de ter determinado que se instaurasse contra elles processo criminal; e na mesma data nomeou um juiz municipal interino.

Pedir providencias ao governo da metropole é inutil.

Limitamo-nos, pois, a protestar contra tamanha arbitrariedade, que outra cousa não é um tal procedimento.

Segundo o regimento da administração da justiça das provincias ultramarinas, de 20 de fevereiro de 1894, pôdem é certo os governadores transferir os juizes municipaes, a requerimento seu, ou por conveniencia do serviço publico, dentro da mesma comarca, e até demittil-os, mas sómente depois de ouvidos e precedendo parecer do presidente da relação e voto affirmativo do conselho do governo.

Com respeito porém à suspensão dos juizes municipaes e seus substitutos não estabelece o regimento providencia alguma, devendo portanto seguir-se o que se acha consignado em outras leis: que não pôdem os juizes municipaes ser suspensos senão nos casos em que o pôdem ser os juizes de direito.

Mas, assim como o governo da metropole, os governadores das provincias ultramarinas só conhecem o seu arbitrio como lei e nada superior à sua vontade despotica.

O nosso protesto contra o facto arbitrario da suspensão d'um magistrado judicial sem se observarem as prescripções legais,ahi fica.

Diz-nos ainda o nosso muito prezado amigo que o tenente coronel Martins de Carvalho, filho do redactor do *Conimbricense*, tem ali prestado excellentes serviços e que os povos das Novas Conquistas têm por elle grande predilecção.

Como verdadeiros amigos do tenente coronel Martins de Carvalho, de seu pae e de seu filho Fernando, sentimos o maior jubilo por esta noticia, transmittida por pessoa de tanta respeitabilidade como é o amigo que nos escreve,

Instituto de Coimbra

No domingo passado a direcção da secção d'archeologia do Instituto foi procurar os srs. Reitor da Universidade e Bispo-conde para lhes agradecer o terem presidido á sessão de inauguração do *Museu de antiguidades*, e o auxilio que têm prestado a esta instituição.

A direcção retirou-se muito satisfeita com as palavras de ss. ex.^{as}, que prometteram continuar a coadjubar a direcção na obra tão auspiciosamente encetada.

É de suppôr que muito breve se possa inaugurar uma nova sala do museu. Não faltam os objectos a expôr, nem a boa vontade.

Para o *Museu d'antiguidades* do Instituto vão ser reconduzidos alguns capiteis romanicos, restos da decoraçào da abside da antiga igreja de S. Thiago, que a curiosidade e o amor d'um particular poude salvar quando se procedeu á obra de alargamento da rua do Coruche, obra que destruiu na sua maior parte a capella-mór, tornando impossivel uma restauração completa do curioso templo.

Diz-se que do claustro de Cellas desapparecera um retabulo de madeira estofada, obra portugueza do seculo XVII, muito curioso, que deve ter feito o regalo d'um amator.

Informam-nos que a camara, a cuja guarda estava confiado o claustro, tem boa vontade de apurar o caso.

Do convento de Cellas vem, ao que se diz, para o museu do Instituto um grupo de pedra, esculptura do seculo XVI, que em tempo já havia sido cedido por o governo, mas que a direcção não mandára retirar.

Centenario da vaccina

No dia 14 do corrente mês celebrar-se-ha na Russia o centenario da vaccina.

Foi em igual dia de 1796 que Jenner praticou a operação de vaccina humanizada, e é esse dia que a Sociedade russa para a protecção da saúde publica se propõe comemorar com toda a solemnidade.

Abre o concurso com um premio de mil rublos sobre a vaccinação; reunirá todos os materiaes que têm relação com esta materia; no dia do anniversario apparecerá uma traducção russa das obras de Jenner, e far-se-ha uma exposiçào dos objectos que têm relação com a vaccinação.

Conservou-se o nome do primeiro vaccinado.

A 14 de maio de 1796 Jennes inoculava a James Philipps o liquido extrahido das mãos de Sarah Melmes, que havia tocado numa vacca affectada do cowpox. A noticia de que se tinha encontrado um remedio contra a terrivel enfermidade que tão cruelmente desfigurava aquelles que d'ella não eram victimas, espalhou-se rapidamente no mundo civilizado.

Foi a Russia uma das primeiras nações que adoptou o precioso methodo preventivo. Foi Schulze, medico da realésa da Russia, o propagador do systema.

O primeiro vaccinado foi uma creança do hospicio dos meninos abandonados. A imperatriz interessou-se por elle e, como não tivesse ainda nome, deu-lhe o de Vaccinot.

Carta de Lisboa

Lisboa, 5 de maio de 1896.

Cada qual interpreta a seu modo o artigo da *Resistencia*, que tem por título — *Aos republicanos de Lisboa*. Creio que a interpretação a dar-lhe é a seguinte:

- 1.º Que tenham juízo, meus meninos.
- 2.º Que deve cada um ser no partido o que merece e não o que quer ser.
- 3.º Que deve o partido organizar-se, porque está desorganizado em Lisboa.
- 4.º Que deve o partido cumprir o seu dever.

Resposta de uns, evasivas de outros, commentario de muitos. — Aquillo é manha: — É para o santo accôrdo: — Não péga: — Temos feito tudo, sabemos, pensamos e trabalhamos.

Até o nosso conhecido amigo Frei Bartholomeu dos Martyres, que desde o comicio de Braga estava com um pé na Republica, adheriu ao movimento.

Em resumo: tempo perdido, intenções desvirtuadas e tudo na mesma: isto é, tudo concorrendo para consagrar esta phrase verdadeira — Quem faz a Republica são as asneiras da monarchia. Mais nada.



O Antonio Maria publicava uma pagina dedicada ao partido republicano. Um panno de teatro com os nomes de alguns jornaes do partido. O panno sem subir. Titulo da pagina — *A Republica, peça em muitos e longos actos*.

Indignado com isto, afirma-me d'ali o amigo Flores, do *Club Mortalha e Onça* (a idêa é do Fialho), que não senhor, que se pensa e se trabalha.

Que as questões mais importantes foram estudadas. Que já toda a

gente sabe que a sociedade é um organismo e que por isso o partido em Lisboa estuda anatomia.

Quanto ao resto, quem dá os vivas á Republica é o conde de Resello.

Para os estudantes poderem tomar parte na função até se escolher o dia — uma surprêsa de feriado.

Agora falta, unicamente, a carta do Sebastião, *adherindo*.

Liquidado este ponto, é só desinvolver o plano que é cópia do de Trochu.

O que é o plano de Trochu, eu lhes contarei na outra carta.



Agora a sério. Causou-me impressão o brilhante acolhimento que o tenente Coelho tem tido em toda a parte.

Em Lisboa, modestamente recebido mas com sinceridade. No Porto, como eu esperava, com a hospitalidade da gente do Porto e com o entusiasmo de homens de bem, de intelligencia superior e de saber profundo.

Agora leio os telegrammas da manhã e vejo que por toda a parte o tenente Coelho é acolhido como merece.

Ainda bem!

É de homens assim que precisamos. Intelligentes, illustrados e firmes. O tenente Coelho não faz discursos, o tenente Coelho não se produz em grande homem. Não tem orgulhos ridiculos, vaidades balófas. E, todavia, elle é um homem!

Homem de honra, homem de bem. Se os novos têm de aprender com elle, os velhos tambem precisam das suas lições.

Dá com a sua audacia rebate aos nervos da mocidade, impõe com a sua modestia silencio aos nullos e ensina com o seu proceder o caminho a seguir: poucas palavras e boas acções.

velho cemiterio e os salgueiros das margens de Odon que manchavam de negro os primeiros clarões da aurora. Seguiu até ás ultimas arvores o leito do regato, depois, agarrando-se a um ramo que pendia entre dois amieiros, balançou-se um instante ao som do órgão, e deixou-se cahir na corrente sombria de Odon.

O seu cadaver foi encontrado no dia seguinte ao meio dia pelo padre Langel, que, impressionado com esta desappareição subita havia seguido a sua inspiração.

— Mas M.^{elle} de Croizy estava pos sesso, não é verdade, sr. capellão? — perguntavam atarefadas as jovens religiosas.

— Rogae por ella, minhas irmãs; estava louca, respondia o capellão.

— Louca de amor, pensou a irmã Saint-Athanase, que recebendo a noticia do casamento de M.^{elle} de Villy com M. d'Argouges, tinha comprehendido tudo, ou quasi tudo.

Um anno depois, Emmanuel d'Argouges era victima d'um desastre andando á caça. A carga da sua espingarda entrara-lhe no peito como uma balla, dizia-se, ao saltar um ballado. Pedro Touzand, que estava ainda em ferias, foi chamado a toda a pressa.

— Que grande desgraça, não é verdade?, dizia-lhe M. de Villy, depois de elle constatar a sua morte.

— Sim, disse o dr. Touzand, é um... caso singular.



Quando os prussianos cercavam Paris, era membro do governo da *Defesa Nacional* o general Trochu. Ora Trochu tinha um plano para combater e vencer o inimigo. Não vencer. Ora esse plano é o mesmo...

Fica para a outra carta a historia do general Trochu.

J. M.

Um telegramma enviado do Pará noticia que falleceu alli, victima d'uma congestão cerebral, o conhecido e apreciado actor Antonio Portugal, natural d'esta cidade.

«Voz da Patria»

Começou a sua publicação em Bragança, alinhando-se nas fileiras republicanas, este jornal, cuja apresentação singela e nobre nos deixa uma grande impressão de sympathia.

No actual momento, em que o partido republicano está procedendo a uma manifesta concentração de forças, sentimos uma alegria verdadeira e sincera por podermos dirigir d'aqui ao nosso novo correligionario as felicitações mais calorosas.

Esteve nesta cidade de visita aos seus amigos o sr. Adolpho Ferreira Loureiro.

Coches de gala

Os coches de gala destinados aos representantes da França na coroação do czar, foram remetidos de Paris para Moscovo ultimamente.

Todos os jornaes francezes fazem uma descripção minuciosa d'estes coches, que foram construidos para o imperador Napoleão III e serviram no baptizado do príncipe imperial.

Com a queda do imperio e a liquidção da lista civil, aquellos coches foram depositados nas officinas de Jeantraud, successor do artista que os construiu. Ha uns doze annos Jeantraud recebera ordem da imperatriz Eugenia para os desfazer e queimar, mas por fim obteve permissão de os guardar, com a condição de que não serviriam a quem quer que fosse. Comtudo, a imperatriz Eugenia autorisou que os coches fossem agora restaurados e servissem na cerimonia da coroação do czar.

Amhos os coches, no estylo Luiz XV, acham-se construidos de modo que fazem honra aos artistas francezes.

Falla-se de novo na substituição do actual mercado, tendo sido nomeada pela camara uma commissão para estudar o assumpto.

Pelo que se vê, ha eleições á porta. Talvez que o sr. Manoel Miranda queira d'este modo influir nos irmãos da Ordem Terceira.

Foi despachado para a igreja de Santo André da Cordinhã, d'esta diocese, o rev.^o Joaquim Diniz.

No proximo domingo, 10 do corrente, sahe com a pompa do costume o Viatico aos entrevados da freguezia de Santa Cruz.

Emilia de Jesus, de Penacova, seguiu em terça feira ultima para Lisboa a fim de ser tratada no Instituto de Pasteur.

Ficou adiada para o dia 12 do corrente a audiencia geral em que, em terça feira ultima, devia ser julgado o réo João Aleixo, de S. Martinho do Bispo, que é accusado do crime de homicidio voluntario, e que não se realisou nesse dia por falta de testemunhas.

Recita dos quintanistas

Realizou-se hontem a recita de despedida dos cursos do 5.º anno de Direito e de Theologia, indo á scena a opereta — *O sonho de um bacharel*, letra dos srs. Augusto de Mesquita e Sebastião de Carvalho e musica do sr. dr. Simões Barbas.

O theatro estava litteralmente cheio, tendo-se vendido alguns bilhetes de camarote e de platêa por preços extraordinarios. O ediantado da hora em que o espectáculo, que decorreu no meio do maior entusiasmo, terminou, não nos permite dar hoje uma noticia desinvolvida, o que faremos no proximo numero.

No mês de abril findo passavam-se no governo civil d'este districto 119 passaportes.

Os condiscipulos do saudoso bohemio Hylario mandaram resar hoje, ás 10 horas da manhã, uma missa na capella da Universidade para suffragar a sua alma.

Foi muito concorrida.

No hospital da Universidade está suspensa a entrada de doentes por falta de camas.

Egrejas a concurso

Estão a concurso as seguintes egrejas d'esta diocese:

- Pedrogão Grande (N. Senhora da Assumpção), concelho de Figueiró dos Vinhos;
- Revelles (N. Senhora do Ó), concelho de Montemor-o-Velho;
- Vaccariça (S. Vicente), concelho de Mealhada.

Contra o chapéu alto

Um inglés, lord Gower, emprehendeu uma campanha energica contra o chapéu de copa alta, e o numero dos que o auxiliam nesta campanha chama-se legião. O chapéu alto é considerado como incommodo, inseguro e de ridículo effeito, e d'isto estão persuadidos muitos que não tomam parte na campanha. Mas com que se há de substituir quando se veste casaca?

É neste ponto que não estão accordes as opiniões. A maioria, porém, inclina-se a favor do chapéu baixo de abas largas, como mais decorativo e mais util para o sol e para o frio. Alguns entusiastas até propõem como effeito que nos mencionados chapéus tremule uma pluma, arranque de romantismo mais proprio dos tempos de Byron que dos nossos.

Os chapelleiros londrinos mais em voga foram consultados. Nenhum se oppõe á innovação, antes a favorecem, e os iniciadores da campanha só esperam o que farão o príncipe de Gales e o duque de York, a quem se dirigiu lord Gower, pedindo-lhe que dêem o tom, abandonando o chapéu de copa alta.

Bibliographia

Memorandum — Acabamos de receber o *Memorandum*, dirigido aos contribuintes pelas commissões instaladoras das Associações Commercial de Lisboa, Industrial Portuguesa e Commercial de Lojistas sobre o projecto dos novos impostos.

É um trabalho de primeira ordem e por onde se pôde apreciar bem o estado cahotico em que tudo anda neste pais.

Agradecemos a offerta.

Revista das Escolas — Semanario dedicado ás familias e ao professorado, que se publica no Porto, sob a direcção do sr. Antonio Mesquita.

Jornal de Viagens — Acha-se publicado mais um numero d'este interessante semanario que se publica no Porto, e de que é director o sr. Deolindo de Castro.

Revista Theatral — Excelente publicação quinzenal de assumptos theatraes, dirigida pelos srs. Collares Pereira e Joaquim Miranda. Acaba de sahir o numero correspondente ao 1.º de maio.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 23 de abril de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — arcebispo José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio dos Santos, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.

Presente o administrador do concelho, bacharel José Miranda.

Approvada a acta da sessão anterior foi enviado ao vereador do pelouro respectivo, para informar, um officio do Instituto d'esta cidade, pedindo para serem depositados no museu tres imagens de santos, de algum merecimento para a historia d'arte, que se encontram em um quarto do asylo dos cegos, em Cellas.

Mandou pagar despêsas feitas, na somma de 363000 réis, com serviços da commissão do recenseamento militar — intimações, etc.

Attestou acerca de uma petição para um subsidio de lectação a um menor.

Autorisou a reparação das guaritas dos postos fiscaes de Mont'arros, Jardim, Alegria e estrada da Beira, orgada em 112140 réis.

Autorisou o pagamento de 4245310 réis de material fornecido no anno findo para o serviço das aguas pela casa Campos & Moraes, da cidade do Porto.

Mandou proceder a limpeza e caiação dos edificios pertencentes ao municipio.

Mandou illuminar a fachada do edificio dos Paços do concelho na noite de 29 do corrente pelo anniversario da outhorga da carta Constitucional.

Mandou processar a folha dos vencimentos do thesoureiro do municipio relativa ao mês de março, na importancia de 30430 réis.

Approvou o rol de lançamento do imposto de cêes, na somma de 1694500 réis mandando annunciar a sua exposição, para o effeito de reclamações.

Resolveu lançar para o futuro as mesmas percentagens, que foram votadas para a corrente anno, a saber: 20% sobre as contribuições directas do Estado, predial, industrial, renda de casas e sumptuaria; 17% sobre a equivalente a 14% dos capitales sujeitos á decima de juros e dos ordenados dos empregados publicos, liquidos do imposto de rendimento e dos descontos para a caixa das aposentações; 11,8% sobre as contribuições directas do Estado, predial, industrial, renda de casas e sumptuaria para o fundo da instrução primaria.

Despachou requerimentos: — attestando acerca do comportamento moral e civil de um individuo natural de Coimbra e aqui residente; autorisando canalizações d'agua de exgolo em communicação com os canos geraes das ruas; a reconstrução de uma casa em Fora de Portas (alçado); tomando na devida conta uma representação dos moradores de Cellas, pedindo providencias acerca da falta d'agua na fonte do mesmo lugar; e autorisando o vereador respectivo a providenciar favoravelmente ao pedido feito em outra representação da Junta de parochia de Santo Antonio dos Oliveiros e de diversos outros proprietarios da freguezia, para a cedencia d'agua da nascente do asylo de Cellas, por virtude da escassez d'agua da fonte do lugar.

Pediu informaçoes acerca de diversos requerimentos sobre exhumações no cemiterio, occupação de terrenos, cuja vedação se pretende; collocação de tabletoes, em estabelecimentos particulares e obras, tanto da cidade, como nas freguezias rurales do concelho, requeridas pelos proprietarios.

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

1 vol. de 429 pag., 600 réis

A' venda na livraria-editora de França Amado. — Coimbra.

F. Fernandes Costa

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

Canções e musica popular da Beira

COLLIGIDAS POR

PEDRO TRAJANO

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Sahirá brevemente esta importante obra, que formará um volume em 8.º, de approximadamente 250 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir e optimo papel, com 50 paginas de musica.

Preço por assignatura, 600; avulso, 800 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Imprensa Lusitana*, Figueira da Foz.

33 Folhetim da RESISTENCIA

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXVII

E de repente, ao de cima de esse regato de sangue, sem a mais leve mancha na alvura do seu vestido, Alice de Villy em toilette de noiva, serena, e doce estendia-lhe a mão.

Hermínia saltou do leito; as fontes ardiavam-lhe. Ar, precisava de ar.

O sino tocava a matinas; as sombras das religiosas deslissavam pelas paredes; a porta do pavilhão que ella occupava devia estar aberta. Fez um grande effôrço para se vestir; depois desceu agarrada ao corrimão.

O frio d'esta madrugada de outubro cortava-lhe a fronte como setas agudas e das quaes algumas lhe penetravam cruelmente no cráneo produzindo-lhe dôres insupportaveis. M.^{elle} de Croizy desceu ao jardim que aquella hora se achava ainda involto num nevoeiro espesso, eram cinco horas da manhã; o sino das matinas callava-se.

Hermínia dirigiu-se para o pavilhão das demoiselles de Fayolles.

Quando chegou á porta o órgão da capella começava a tocar. Parou para ouvir, como se esta musica a embessete num novo sonho, e dividido o seu olhar entre as massas confusas do

Arrendamento

1.ª publicação

15 No juizo de direito de Coimbra e pelo inventario de menores por obito de Thomaz Rasteiro, morador que foi nesta cidade, ha de proceder-se no dia 27 do corrente, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça, ao arrendamento, por 5 annos, do prédio seguinte:

Umás casas sitas na rua Direita d'esta cidade, com os numeros 65 e 67.

Este arrendamento começa no dia 25 do proximo mês de junho e ha de terminar em egual dia do anno de 1901.

A base da licitação é da quantia de trinta e quatro mil quinhentos e cincoenta réis, annuaes, mas mediante as condições seguintes:

1.ª A dar flador edoneo ao pagamento da renda e á deterioração, que por culpa do arrendatario, se der no prédio.

2.ª A pagar o premio do seguro e todas as contribuições que forem lançadas ao prédio e que pertençam pagar ao proprietario, com o direito de descontar no preço da renda, apresentando os competentes documentos.

3.ª A pagar a renda semestral e adeantadamente nos dias 25 de junho e de dezembro de cada um dos annos até final do contracto e a primeira prestação no acto do arrendamento.

Verifiquei.

O juiz de Direito,
Neves e Castro.

Vinhos da Beira Alta

ARMAZENS

EM

CANNAS DE SENHORIM

14 Em 17 do mez passado, fomos surpreendidos pela visita do Ex.º Sr. Commissario de policia de Vizeu, que juntamente com o Ex.º Sr. Agronomo do districto e policia procedeu a um rigoroso exame nos nossos armazens, tirando amostras de todos os vinhos existentes (algumas centenas de pipas), sendo em seguida lacradas todas as vasilhas e remettendo as ditas amostras para o Laboratorio da fiscalização dos vinhos e azeites em Lisboa, a fim de se averiguar se entre elles existiam alguns falsificados ou adulterados.

Analysados todos esses vinhos, verificou-se serem todos puros e genuinos, como provamos pelo documento respectivo que a Direcção geral dos serviços agricolas nos passou, o qual temos em nosso poder e á disposição de toda e qualquer pessoa que queira dar-nos a honra da sua visita aos nossos armazens.

Cremos (e se tal dizemos alguns dados temos), que esta surpresa foi devida á cobarde e menos verdadeira denuncia d'alguns inimigos nossos, que de ha muito nos andam fazendo uma guerra surda, mas cobarde e vil.

Se assim é, só temos a agradecer-lhes o bom serviço que, (apezar das suas más intenções), prestaram á nossa firma social, dando occasião a um formal e official desmentido á falsa difamação levantada contra a nossa casa commercial.

Cannas de Senhorim, 1 de maio de 1896.

Joaquim Adelino Marques & Filhos.

13 **Vende-se** uma taboleta de 3,70 de comprimento, por 95 de altura.

Rua de Ferreira Borges, 9 a 15 — Coimbra.

CALDAS DA FELGUEIRA
CANNAS DE SENHORIM
(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineaes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear

Magnificas accommodações desde 1\$200 réis comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos. — **Viagem** — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao agente do Grande Hotel. — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125.

BICO AUER
LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA
Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encommendas:
a JOSÉ MARQUES LADEIRA
99—Rua do Visconde da Luz—103
COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

AGUAS MEDICINAES
DA
FONTE NOVA
(TORRES VEDRAS)
PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretdas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem egualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

A' LA VILLE DE PARIS
Grande Fabrica de Corças e Flôres
F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

9 **CASA** filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

JOÃO RODRIGUES BRAGA
SUCCESSOR
17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)
COIMBRA

8 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus. —Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

59, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. —Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. —Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

7 **N**ESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Coimbra e Luso

6 **A** começar no dia 10 do corrente haverá todas as quintas feiras e domingos diligencia entre Coimbra e Luso; partindo de Coimbra ás 5 horas da manhã e de Luso, ás 7 horas da tarde.

A venda de bilhetes em Coimbra é na cocheira do annunciante ao caes, sendo o preço de ida ou volta 400 réis, e de ida e volta 600 réis.

Coimbra, 1 de maio de 1896

Manuel José da Costa Soares.

TABERNA PORTUGUESA

Na antiga rua das Figueirinhas, actualmente Martins de Carvalho, n.º 47

5 **V**inhos tintos, e branco de diferentes qualidades e preços.

Vinho verde d'Amarante de especial qualidade.

Arrenda-se

4 **N**a rua da Sophia o 2.º andar do prédio n.º 56 desde o S. João em diante e tracta-se no mesmo 2.º andar.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

COIMBRA

3 **C**onsultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

Loja da China

Ferreira Borges

2 **A**men-doas de Moncorvo e grande sortido em amen-doas fina de primeira qualidade, Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 1\$000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 2\$200 a 3\$600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para collecções.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 3v réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

Typ. J. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 128

COIMBRA — Domingo, 10 de maio de 1896

2.º ANNO

PODRIDÕES

Dia a dia se vão manifestando factos gravissimos, alarmantes symptomas da extraordinaria perversão moral das classes dirigentes do nosso país, que parecem apostadas a fazer desaparecer uma nação outr'ora digna, heroica até, num monturo enorme das mais vis infâmias, das mais hediondas e repugnantes miserias. Surgem diante de nós, com assustadora frequencia, a cada passo, as mais evidentes manifestações da infecção putrida que, havendo-se infiltrado nas altas espheras da publica governação, de que já se asseihoreou completamente, se vae alastrand'o por todas as partes do organismo social.

As veniagas da *Outra metade*, das *Lamas do Tejo*, do *Predio do Porto*; os roubos da thesouraria de Evora, da junta geral do districto do Porto, do cofre da receita eventual; os casos da Companhia real dos caminhos de ferro, do Banco Lusitano, do Banco do Povo, do Nyassa, da Companhia nacional dos caminhos de ferro, da Companhia das docas, do Syndicato de Salamanca e muitos outros atestam de modo mais categorico a verdade das nossas affirmações. Já não nos é dado ver esses factos como manifestação anormal, extraordinaria, de transitoria doença; a sua incessante repetição bem claramente evidenc'a que elles se vão filiar em graves causas, d'ordem geral e mais ou menos permanente. E não é só isso.

Descobrem-se roubos; expõem-se ao publico inauditos escandalos; publicam-se os nomes dos ladrões, indicam-se os dos cúmplices. E até hoje, de todos os casos referidos, não foi condemnado nenhum auctor ou cúmplice! A justiça tem revelado a impotencia mais completa para tornar vivas, por um momento que fosse, as disposições do codigo penal, sempre que se trata de criminosos que são politicos monarchicos ou protegidos pela politica monarchica. Sujeta tambem á influencia deleteria que esta exerce, manietada pelas conveniencias do throno, a justiça está sendo atacada tambem pelo virus purulento que desapidadamente está destruindo, pela decomposição, o organismo nacional.

E chegada ahí a sua acção, perdida deve estar qualquer esperanza de o salvar.

Não se comprehende uma sociedade sem leis e estas não existem quando se não applicam, quando não ha um poder judicial a quem seja dada toda a independencia necessaria para exercer desassombra-

damente as suas funcções e sobre cujos actos a opinião publica mantenha sempre a mais activa vigilancia. E nós chegamos a este estado.

As leis, para a politica monarchica, só servem para fazer avolumar os escandalos. Nada mais.

×

Foram estas considerações suscitadas pelas assombrosas revelações que os peritos incumbidos de examinar a escripturação da Mala Real Portuguesa fazem no relatorio que acabam de apresentar ao tribunal do commercio.

Vê-se, por esse relatorio, que a companhia foi saqueada do modo mais revoltante; que dos seus cofres sahiram grossas sommas para comprar altas influencias; que da sua administração faziam parte individuos que não eram accionistas; que se falseou ignobilmente a verdade para obter a subscrição das obrigações; que foram distribuidas gratificações á imprensa; que se commetteram extraordinarias fraudes na escripturação e outros factos igualmente significativos da mais depravada corrupção que sempre se deu na administração d'aquella companhia, e que motivou para o Estado e para os particulares a perda de enormes sommas.

Impossivel fazer uma resenha sequer dos crimes e irregularidades que os peritos accusam e provam. Ha um facto, porém, que não podemos deixar de registrar.

Em dezembro de 1888 foi entregue pelo cofre da Mala Real aos srs. Alfredo de Oliveira Sousa Leal e Antonio de Sousa Lara a quantia de 18 contos de réis para estudos e viagens a fim de se alcançar do parlamento portuguez a concessão do subsidio em favor da Mala Real. Que estudos e viagens foram esses, que importaram em tão avultada quantia, para se obter do parlamento um subsidio? Eis o que se tornava necessario esclarecer.

Talvez ahí esteja a explicação do modo por que alguns politicos, como Lopo Vaz, adquirem tão avultadas sommas para deixarem aos seus herdeiros ou gastarem em loucas manifestações de luxo e inauditas scenas de devassidão. Que é para nós ponto assente que ha altas influencias politicas que se vendem a companhias cujos interesses defendem, ou, antes, os das suas administrações, á custa dos cofres publicos ou da escandalosa protecção dos governos para todos os attentados e crimes que essas administrações pratiquem.

E assim se explica o motivo por que tão extraordinariamente vae lavrando a corrupção por toda a parte; e assim se explica porque fi-

cam impunes os crimes commettidos pelos vultos mais em evidencia na finança e no funcionalismo publico. Ha, em qualquer escandalo que surge, responsabilidades que directa ou indirectamente não recahir sobre os vultos mais em evidencia na politica monarchica.

Explica-se assim a repetição dos escandalos e a sua impunidade, e tambem assim nos é indicado o unico meio por que é possivel lutar contra essa corrupção que invade todo o país: supprimir a monarchia e com ella a monarchica politica.

Os nossos correligionarios de Lisboa celebraram um grande banquete em que se resolveu por aclamação que se fundasse um centro republicano em Lisboa. Reconhecemos a grande vantagem que da fundação d'esse centro póde e deve derivar para o partido republicano, contribuindo para nelle manter uma rigorosa disciplina e afirmar eficazmente a unidade da sua direcção. Que elle se organise, pois, e preste ao partido os bons serviços que d'elle ha a esperar.

Do *Jornal do Commercio*:

«Sécca e permanencia do governo João Franco, eis as duas pragas de que o país se vê affligido.»

Da primeira praga já estamos livres. Da segunda e d'uma terceira praga real nem Deus nem o demonio nos livram.

O Solar definido por um barriga

Interessantissimo um artigo de fundo do *Diario Popular* em que o sr. Mariano de Carvalho nos vem dizer o que foi o *Solar dos Barrigas*. Foi tal o desprestigio em que sempre viveu aquelle extraordinario aborto da mais extraordinaria dictadura que em Portugal se tem feito; arrastou vida tao miseravel aquella phantastica obra do ministro mais impudente e cynico que entre nós tem havido, que nem os seus proprios membros o poupam no momento em que se depõem as armas perante o inimigo — quando elle está a exhalar o ultimo suspiro.

É o sr. Mariano de Carvalho que, tendo feito parte do *Solar dos Barrigas* e discutido os diversos projectos que nelle foram apresentados, vem declarar que nenhum dos seus collegas revelou talento nem boa vontade de servir o país, a que não foi prestado o minimo serviço, tendo-se, pelo contrario, aggravado a sua situação!

Ouçamo-lo:

«Como obediencia ás vontades e até a desarrastados caprichos ministeriaes, nunca se viu exemplar mais acabado de submissão, que não diremos cega,

porque quasi sempre os deputados por obediencia votavam o que bem sabiam ser mau, ou pessimo. Mas todos recuavam perante a manifestação da vontade propria e preferiam curvar tristes a cabeça ao imperioso e nem sempre bem creado querer ministerial. O senhor mandava e tudo obedecia resignadamente.»

Fica para ahí um montão de leis, na maxima parte más; porém, não se encontra providencia, que honre a camara ou de modo sensivel contribua para regenerar o país e o libertar da crise, agora mais do que nunca perigosa. No meio de uma calamidade, que ameaça ficar funebremente assignalada na historia do país, a camara das forças vivas votou impostos sobre impostos e aggravou as despesas com cerca de 1:200 contos sem nenhum proveito publico. E' isso tudo quanto deixa da sua iniciativa em materia economica e financeira. Em assumptos de administração, ou votou inconscientemente os maximos despropositos ou sancionou decretos igualmente desastrados da dictadura Providencia fecunda e honrosa da camara, nenhuma.

Por isso a camara, que mal nasceu, peor viveu, e cahiu no tumulo entre risos escarainhos votando o proprio suicidio.»

Todos sabiam já o que era o *Solar dos Barrigas*. Não nos veio o sr. Mariano de Carvalho revelar novidade alguma.

E tambem não é novo que seja um membro da propria corporação, que já estava completamente desacreditada antes de começar a funcionar, que venha cooperar na sua exauctoração. A tal estado chegou a moralidade entre nós, que nem sequer se respeitam as mais rudimentares conveniencias; tão longe foi o desvergonhamento, que vem accasar collegas de vicios de origem e de falta de auctoridade quem teve a mesma origem e d'elles nunca se affastou.

Um barriga diz mal dos collegas. Os collegas, no proprio dia em que é publicado o artigo em que são tão duramente criticados, recebem com as maiores manifestações de sympathia esse barriga!

Um cumulo.

O sr. Azevedo Gomes, chefe do gabinete do ministerio da marinha e que tinha trabalhado com o respectivo ministro em varios projectos que as intrigas do João Franco condemnaram ao esquecimento, pediu a demissão.

Bella lição ao Jacintho Candido.

Deu o corpo ao Diabo o *Solar dos Barrigas*. O país acompanha á ultima morada o saudoso extinto, apresentando reverentemente as armas de S. Francisco.

Está melhor das nevralgias o João Franco.

Parabens ao país.

Bagatellas

A concorrência muito numerosa de visitantes ao museu de antiguidades do Instituto prova que os esforços da sua reorganização lograram interessar a opinião e são favoravelmente accetos, como é de justiça.

Muitos dos objectos alli expostos representam elucidações historicas d'uma alta importancia, sob o ponto de vista da arte e da archeologia local.

É claro que esses documentos estão por enquanto longe de constituir séries completas, que só poderão conseguir-se com tempo, persistencia e recursos de outra ordem.

Mas, assim mesmo, considerados como nucleos iniciaes, em volta dos quaes virão agregar-se de futuro exemplares congeneres, a abundancia de curiosidades que alli se encontra exige louvores incondicionaes, que só poderão ser regateados pelos inuteis endurecidos, que passam a vida derrancados na maledicencia material e systematica de tudo e de todos.

Se ha gente que, não obstante os seus credits de illustração, desdenhe de tal — *meia dúzia de pedras, cacos e ferros velhos*, essa gente apenas demonstra uma deformidade de espirito e a penuria lastimosa de educação e delicadessa moral.

Por um impulso de bom senso e de pudór, essa gente, que tal despreendimento mostra pelos testemunhos adoraveis das creações, do trabalho, e do percurso luminoso da intelligencia humana, deveria occultar essa mancha de inferioridade com o cuidado com que a dignidade manda esconder as enfermidades contrahidas aos contactos impudicos, das crapulas de malta!

Para aquelles, cuja alma vibra na evocação carinhosa do pensar e do sentir dos homens de hontem, nesta cadeia de solidariedade que liga as gerações na sua successão eterna, essas pedras e esses cacos despertam uma emoção suavissima de poesia e de ternura, no reconhecimento ineffavel pela herança de civilização que nos legaram!

Mas não é, — e ainda bem! — para aquelles que conseguiram materialisar-se, insensíveis e felizes na sacedade da vida vegetativa, e — cujas vozes não attingem o céu! — que o Instituto levou a effeito essa honrosa tarefa.

As tendencias sequiosas de os-

tentação é o mais danoso defeito da vida portuguesa. São os pruridos de fausto e de programas apparatusos que tudo desmoralizam e tudo estragam, na economia particular, assim como na administração publica.

Os dois embaixadores venezianos que no seculo XVI estiveram em Portugal notaram essas tendências vaidosas e insensatas.

Sempre o pandilhismo da mordacidade exercida por aquelles que talvez nunca sacrificassem desinteressadamente uma parcella das suas commodidades para a realização d'um pensamento generoso de utilidade publica!!...

Nos seus grandes ares, queriam que o museu do Instituto tivesse as proporções dos vastos museus das capitães europeias, que elles bem conhecem! Como se as grandes arvores e os grandes edificios brotassem da terra d'um momento para o outro!

A galeria da cidade de Angoulême, ha quatorze annos, possuia apenas 50 quadros; a da cidade de Laon, nem tantos. E assim foram abertas ao publico, sem que emphaticos pedantes, na pose philauca d'uma opinião singular, julgassem do seu dever mostrar-se escandalizados pela modestia promettedora da instituição.

Porque, poucos annos depois, com o auxilio do governo central, tomavam extraordinario desenvolvimento.

Todavia não se julgue ser pequeno o deposito de coisas preciosas que no Museu do Instituto se encontra.

Começa por uma colleção de objectos pre-historicos, que dizem ser importante. E d'ahi por diante segue a epigraphia lapidar, que é abundante e do mais alto valor para a historia de Coimbra; escultura e decoração. A estatuaria em pedra do seculo XVI acha-se preciosamente representada. Etc., etc.

Em fainças ha os certificados authenticos e unicos para um capitulo de historia inteiramente novo.

Emfim, ha um pouco de tudo, de todas as epochas e em todos os generos, que attrahe a attenção dos visitantes numa contemplação demorada.

Entre as alterações introduzidas na proposta de lei que reforma o código de justiça militar figura uma apresentada pelo sr. Moncada para que se modifique a redacção d'um artigo, de modo a que certas disposições sejam applicadas aos officiaes do exercito em serviço no corpo de policia civil a fim de serem julgados pelo foro militar. A historia d'esta alteração revela o grau de aviltamento a que o pseudo-parlamento chegou entre nós. Porque é necessario que se saiba que só houve o intuito de subtrahir á acção

dos tribunaes ordinarios o celebre capitão Dias, que ha mais de um anno aggreuiu um estudante da Escola Medica.

Por accordão do Supremo Tribunal devia elle responder no tribunal do 2.º districto criminal, onde não podia deixar de ser condemnado, porque estava amplamente provado que elle esbofeteara o estudante e que, no acto da prisão, lhe dirigira graves obscenidades.

Agora, tendo de ser julgado num tribunal especial onde não ha accusação particular e domina o espirito de classe, de suppôr é que seja absolvido. Nem a emenda agora introduzida deve ter outro intuito.

Moraes Caravella

Depois de curta estada nesta cidade, onde tivemos o prazer de abraçar, seguiu hontem para o norte este nosso querido amigo e dedicado correligionario.

Está quasi completamente restabelecido o sr. dr. Souto Rodrigues, distincto professor da Universidade.

Aos eleitores da Ordem Terceira

Chamamos a sua attenção para o que se diz no artigo que acerca d'esta irmandade hoje publicamos.

Em nada nos surprehe o que ali se relata, attribuindo ao jagueta Manuel Miranda, depois que é do dominio publico o que se tem passado na camara municipal, cujas sessões teve de abandonar, depois das comicas peripecias.

Um homem, com taes predicados, ha muito devera ter sido expulso da corporação a que tantos prejuizos tem causado.

Sae? Não sae?

São as perguntas que se ouvem acerca do sr. Jacintho Candido, ministro da marinha.

Mostra-se elle muito descontente por não ter sido votado o seu projecto de organização da Escola Naval, em virtude da promessa que o sr. João Franco fez ao famigerado Ferreira d'Almeida. Manifestou já ao rei esse descontentamento profundo que lhe vae na alma, dizendo que só se sujeitava a continuar no ministerio se assim o exigisse a salvação do país. Não sabemos qual a resposta que lhe deu o rei nem até se lhe elogiou a modestia. Certo é, porém, que estes factos se deram. Dizem-no as folhas mais insuspeitas.

Conhecido o descontentamento do sr. Jacintho Candido, pôe-se logo em acção o sr. João Franco para evitar a sua sahida. Que pelos modos elle não tem segura a permanencia no ministerio de outros collegas, que difficil lhe será substituir por outros tão doces em supportar todas as suas nevroses. Fervilha a intriga. O sr. Jacintho Candido vae abrandando nas suas iras e, diz o correspondente telegraphico d'*O Commercio do Porto*:

«Comquanto ainda não tenha dado um sim bem positivo, mostra-se comtudo mais que sensivelmente abalado, pois muitas têm sido as diligencias para isso empregadas.»

E mais nada sobre o caso. Que elle nem tanto merecia.

Ordem Terceira

Consta-nos que vae ser renhida a eleição do definitorio da Veneravel Ordem Terceira, porque o secretario Manuel Miranda, que exerce ha 9 annos o cargo de mesario, pretende conservar-se nelle por mais um triennio, perfazendo assim a bella conta de 12 annos de serviço gratuito ao Patriarcha S. Francisco.

Interessados como somos pela prosperidade da Ordem Terceira, temos dado voltas á imaginação para descorrtinar o motivo por que o secretario actual deseja mostra de perpetuar-se no exercicio d'este cargo que, alem de não ser remunerado, demanda, para o seu regular desempenho, de tempo que um industrial, como elle, não pôe dispensar, demais occupado com os negocios de varias confrarias, camara municipal e não sabemos que mais, onde tem manifestado a sua notoria ignorancia.

Não extranharíamos que a pretensão surgisse de cavalheiro desoccupado e que aos seus sentimentos religiosos e caritativos alliasse certa illustração e vontade de bem servir a corporação. Mas ao individuo de que se trata faltam todos estes predicados, e foi por esse motivo que já em 1893 se levantou uma formidavel opposição á sua reeleição.

É sabido que a Ordem Terceira de Coimbra desempenha a dupla missão de instituto de religião e de caridade, e que para os cargos da mesa é indispensavel escolher quem pela sua illustração, diligencia e inteireza de caracter possa gerir com acerto os negocios de tão respeitavel quão sympathico instituto.

Orá é obvio que no individuo que tenha de exercer o cargo de secretario, não só pela gradação do logar mas pela diversidade e importancia dos serviços que lhe são inherentes, não devem deixar de concorrer aquelles predicados.

Se elles se dão ou não em quem presentemente occupa tão melindroso cargo, é o que vamos demonstrar, menos para deprimir o individuo, porque descredito está elle já, do que para esclarecer os membros da junta geral, que poderão ter sido illudidos na sua boa fé.

Chega a ser uma vergonha para a Veneravel Ordem que seja seu secretario um homem que, além de incompetente para redigir uma acta, nem sequer é capaz de a ler correctamente!

Parecerá isto inverosimil, mas é a triste realidade; entre os cavalheiros que compõem a junta geral da Ordem não haverá quem affirme o contrario. Isto porém não é na lá vista do que o actual secretario tem praticado em prejuizo manifesto do instituto e até mesmo dos seus administradores.

A reeleição está, pois, aconselhada, não só pelos merecimentos do candidato, mas pelos seus bons serviços.

Entre estes apontaremos que ha anno e meio só compareceu a uma unica sessão do definitorio; O motivo de tão notavel assiduidade cremos serem os seguintes:

Era o secretario Manuel Miranda interrogado frequentemente acerca de irregularidades não só no cumprimento dos seus deveres mas até de comportamento, pelos vexames com que mimoseava os empregados e até alguns collegas da mesa, a um dos quaes, que é um verdadeiro homem de bem, teve a audacia de devolver uma carta de serviço!

Por vezes recommendara o illustrado ministro da Ordem que na ordenação das despesas se tomasse sempre em consideração a recella e meios volados no orçamento; mas o secretario, que se julgava superior a tudo, em vez de ter em conta estas recommendações, expedira ao thesoureiro ordens provisórias para pagamento de despesas que não tinham sido auctorizadas, verificando-se mais tarde que essas despesas tinham subido a mais de 300000 réis, e que havia recellas, também não escripturadas no livro *Diario*, na importancia approximada a 100000 réis!!!

O motivo por que taes receitas e tiveram por escripturar por mais de

dois annos e porque em tempo oportuno deixara de se dar parte ao definitorio do excesso das verbas orçamentaes é assumpto que se ignora.

Era necessario pôr termo a estas e outras irregularidades que se notavam; e porque o ministro estigmatizara taes desvarios, o secretario teve por conveniente abandonar as sessões e demais actos da Ordem Terceira.

Não admira que assim procedesse neste instituto quem semelhantemente procedeu na camara municipal, depois que os collegas tentaram reprimir-lhe os desmandos.

É a desgraçada posição em que se encontra sempre quem não acha a mais insignificante defesa para os seus actos.

Além do mencionado excesso de verbas orçamentaes, de que o secretario por longo tempo não deu conta á mesa, ha cousas melhores.

Consentiu o mesmo secretario, a quem também incumbe a direcção dos trabalhos da secretaria, que d'esta subisse, organisadas e por elle assignadas, contas de gerencia em tres annos consecutivos, nas quaes se illudiu o definitorio e o tribunal que as havia de julgar, dando-se como receita de redditos a que era de capitães, de certo para evitar os clamores resultantes da multa que inevitavelmente havia de ser imposta a todos os gerentes. Por tal processo, os capitães foram defraudados em mais de 600000 réis com que se occorreu ás despesas correntes, sem que na Ordem nem no hospital e asylo se tivessem feito melhoramentos!

Quando, passados quatro annos, o ministro e diversos outros membros do definitorio tiveram conhecimento d'isto, confessaram-se arrependidos da confiança que tinham depositado em tal secretario; e pediram ao escripturario que d'ahi em diante tomasse a seu cuidado os negocios da secretaria, para se evitar a continuação de taes prejuizos.

Por aquelle caminho, dentro em pouco teriamos de suspender os actos religiosos na igreja do Carmo; e o hospital e asylo teria de fechar as suas portas aos irmãos pobres.

Pobre Ordem Terceira, que secretario te escolheram!

Seria interminavel a serie de factos por que se recommenda a reeleição d'este mesario.

Referiremos ainda o que se passou a respeito d'uma celebre questão denominada de Cerquedo, para se ajuizar do fino e bom senso do secretario Manuel Miranda.

Fôra resolvido que se promovesse execução contra um devedor do logar de Cerquedo; recommendara o ministro ao secretario que não só nesta execução mas em todos os objectos concernentes ao foro se procedesse sempre em harmonia com os conselhos e indicções do procurador geral, juristonulto distincto e que pôz sempre á disposição da Ordem os seus valiosos serviços.

Pois quem saber o que succedeu? O procurador geral foi apenas ouvido quando fez o requerimento judicial para a execução; em todo o decurso do processo, que foi de meses, nunca mais se consultou este advogado. Se o secretario tivesse cumprido as ordens do ministro, estamos plenamente convencidos que naquella execução por divida de 200000 réis, não se teriam dispendido 240000 réis!!!

O hospital e asylo muito devem ao secretario Manuel Miranda.

No mencionado processo, arvorou-se em advogado; ouvia o que lhe dizia o solicitador e dava a este as suas ordens; por e fim, para coroar a sua obra, vae com o mesmo solicitador e arre mata para a Ordem Terceira os bens penhorados na execução, dos quaes ainda não se pode receber um só real!

O que se passou entre o secretario e o solicitador, quanto aos recibos que este assignou, deu lugar a que os mal-diz-ntes dessem ao caso um vulto que talvez não tive-se. Nós apenas sabemos que muitos meses depois de terminado o processo appareceu o solicitador a exigir quantia de que já tinha passado recibo.

Não concluímos sem recordar o tristissimo papel que, devido ás diligencias do secretario, o definitorio da Ordem Terceira teve de representar no ultimo processo de prestação de contas de legados pios, no qual os membros

do mesmo definitorio foram multados em 90000 réis, a que, por uma benevolencia excepcional, ficou reduzida uma multa de 100000 réis!

Depois d'estas e d'outras irregularidades que um dia exporemos ao publico, se o intendermos necessario, avale-se da competencia do secretario Manuel Miranda e dos serviços que tem prestado á Ordem Terceira.

Um elector.

Até o Mariano bate, nos ultimos momentos, no Solar.

Os Barrigas, muito compungidos: Até tu, meu filho Bruto!

Ao contrario do que affirmam alguns jornaes, consta-nos que a commissão nomeada para a escolha dos compendios reunirá no dia 15 de julho e não na segunda quinzena d'outubro.

RÉCITA DOS QUINTANNISTAS

Na quarta feira a *première* da opereta *O sonho d'um bacharel*, em récita de despedida do curso theologico-juridico do 5.º anno.

A peça, como já dissémos, foi principiada pelo sr. Augusto de Mesquita, que teve de abandonar o seu curso em virtude d'uma grave doença, da qual se encontra felizmente melhor, e acabada pelo sr. Sebastião de Carvalho.

A musica é do sr. dr. Simões Barbas, cuja reputação musical já de ha muito está formada.

Apreciações varias temos ouvido sobre a peça. O principal defeito que lhe notam é o de não ser uma revista de Coimbra, como tem sido quasi todas as récitas de quintannistas. Não tem typos de Coimbra, não tem piada a lentes nem os costumados archeiros e o Bento da bibliotheca; por isso não agradou a muita gente. Para nós o seu principal merecimento está exactamente em se afastar dos velhos e repisados moldes, apresentando os seus auctores um trabalho original.

É uma peça que tem enredo, que podia ter sido melhor desenvolvido; não é a salgada dos annos anteriores. Tem alguns defeitos, scenas longas de mais e outras que podiam ser melhor aproveitadas. Pareciamos também que o 3.º acto devia principiar pelo despertar do bacharel Romeu, tanto mais que a bomba dos anarchistas o devia accoradar. São defeitos perfeitamente desculpayeis em quem não está acostumado a escrever para o theatro.

O desempenho foi regular, destacando-se o quintannista Megre no papel de conselheiro Accacio, que elle desempenhou a primor, encarnando-se perfeitamente nelle e fazendo rir a bom rir a platea.

Os três principaes papeis foram desempenhados por Amador Valente, que cantou muito bem, Maximiano Faria, perfeitamente á vontade no seu papel, e Adelino de Abreu.

Dos restantes não podemos deixar de especialisar Augusto Coimbra, Teixeira Rebello, Francisco Valle e Julio Scisnando que se esmeraram bem em scena.

Das damas, sobresahiram Francisco Marques no seu papel de mulher apaixonada, representando e cantando com sentimento; José Maria da Silva, uma andalusa ardente e impetuosa; Barros da Cruz, uma velha á altura e Figueira de

AVISO

A commissão installadora do caminho de ferro funicular de Coimbra tem a honra de convidar os senhores subscriptores a reunirem no dia 14 do corrente mez, pelas 8 horas da noite, em uma das salas da Associação Commercial, a fim de lhes apresentar o resultado dos seus trabalhos.

Coimbra, 7 de maio de 1896.

O secretario da commissão,
M. A. Rodrigues da Silva.

Canções e musica popular da Beira

COLLIGIDAS POR

PEDRO TRAJANO

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Sahirá brevemente esta importante obra, que formará um volume em 8.º, de approximadamente 250 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir e optimo papel, com 50 paginas de musica.

Preço por assignatura, 600; avulso, 800 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Imprensa Lusitana*, Figueira da Foz.

F. Fernandes Costa

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

1 vol. de 429 pag., 600 réis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

Revue des Journaux et des Livres

12.º anno

Recomendando aos nossos leitores esta excellente revista hebdomadaria, prestamos-lhe com certeza uma indicação importantissima, porque esta publicação é a mais curiosa e a mais interessante da nossa epocha. Reproduce em cada domingo o que de mais notavel apparece durante a semana em jornaes e livros: — Artigos de sensação, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientificas, Conhecimentos uteis, Romanças, etc., etc., bem como numerosas gravuras da actualidade: retratos, acontecimentos do dia etc.

Em folhetos publica a *Revista* dois romances de um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a *Revista* e que tem sido acolhidos pelo publico com o maior favor.

A colleção dos 10 primeiros annos de *Revue des Journaux* contém mais de 4000 noveas litterarias e contos diversos assignados pelos mais illustres escriptores, e romances completos de *Alphonse Daudet*, *Henri Rochefort*, *Octave Feuillet*, *Ludovic Halévy*, *Hector Malot*, *Guy de Maupassant*, *Paul Bourget*, *Emile Zola*, etc., etc. A colleção composta de 10 magnificos volumes de 825 pag. contendo materia de mais de 100 volumes, solidamente encadernados, vende-se a 14 francos o volume.

Brindes: — Um retrato a oleo do assignante, e um outro em carta-album. Um livro de 3 fr., a escolha; um de 2 fr. e 50, e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 mezes e 3 mezes respectivamente.

Assignatura: — Seis mezes, 8 fr., um anno, 14 fr. Assigna-se: — 1.º em todas as estações de correio das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.º nas livrarias que tem correspondente em Paris; 3.º por meio de saque sobre uma casa de Paris.

Os dez primeiros annos custam 100 fr., accrescendo o porte. Dirigir cartas e ordens a *M. G. Noblet*, administrador, 13 rue Cujas, Paris.

Os peritos no processo criminal

700 réis

Carta de Lisboa

Lisboa, 8 de maio de 1896.

Quando, durante a guerra franco-prussiana, se elegeu em Paris o governo da *Defesa Nacional*, um dos seus membros era o general Trochu. Como foi militar e porque a situação de Paris exigia energicas medidas, por motivo das operações do inimigo, foi dada a Trochu a presidencia do governo.

Este idiota, cioso do poder, amante de gloria, recusou o generoso offerimento de Garibaldi para combater os prussianos.

Trochu, com uma faculdade, vulgar de resto em bastantes nullos—a verborrêa, no dia da installação do governo, fez um enorme discurso onde affirmou que era da Bretanha e punha a sua confiança em Deus. Disse mais sandices, procurando sempre imagens floridas e dando uma feição declamatoria ás suas banalidades.

Tinha uma clientela de parvos que o admiravam, e chegava portanto á insolencia com todos os outros membros do governo da *Defesa* e principalmente com os mais audaciosos e sinceros republicanos. Quando lhe appareciam offerimentos dedicados, repella-os, receioso de ficar na sombra. Sobre tudo, sempre que se lhe fallava em Garibaldi enfurecia-se, gritando, — nós somos bastantes, basto eu!

Diziam-lhe que o apparecimento de Garibaldi, valente e prestigioso soldado, inspiraria confiança ás tropas e Trochu exclamava: — Pois bem! Se não confiam em mim, chamem esse homem. Com elle é que eu não lico. Bacocos em roda applaudiam-n'o e a gente de juizo do governo, com varios amigos, não podia correr o intrujão.

E o general Trochu, mesmo que visse a victoria dependente de Garibaldi, estava decidido a sacrificar tudo aos seus miseraveis caprichos pessoases.

Mas porque era tão altivo o general, e porque temava em ser o unico salvador de Paris? Porque havia centenas de parvos ou ingenuos que o elevavam?

Porque o general Trochu tinha um plano!

Inquietações tinham cavado profundas rugas; as sobrancelhas espessas davam-lhe um ar sobranceiro e feroz. Um pequeno candeeiro de petroleo, suspenso da parede, illuminava a custo a casa e o homem, que era o proprio Joan Kouzmitch. A sua attitude abatida, mostrava que o agitavam pensamentos sombrios; por vezes cerrava os punhos, e os olhos brihavam-lhe de colera; mas acalmava-se de repente e continuava na sua apathia.

Tinha-se casado, havia alguns mezes, com uma rapariga formosissima, chamada Anna, sempre alegre e descuidada, que por essa mesma alegria era o encanto da aldea.

Era pobre, mas Joan não procurava dote. Amava-a e não lhe pedia senão que fosse obediente e docil. Era muito bom para ella, o mujik; nunca levantou a mão para lhe bater; pelo contrario, phantasiava tudo o que lhe podesse dar prazer; não era rico, longe d'isso, mas pela sua força e pela sua coragem para o trabalho, conseguia trazer-lhe ovellos presentes de cada vez que ia á cidade proxima.

O plano de Trochu! O plano de Trochu!

Por toda a parte se fallava no maravilhoso plano do general. Burguezes encontravam-se, tremendo dos obuses que riscavam o cen d'uma fita vermelha: — Isto não está bom, mas Trochu tem o seu plano!

— Mas Paris está em perigo, Trochu recusa Garibaldi, recusa todos. . .

E o burguez segredava ao ouvido do companheiro, mysteriosamente, com um sorriso finório, — Deixe lá, as cousas hão de ir, Trochu tem um plano!

E pelas ruas, nos cafes, em casa, por toda a parte, garotos e commerciantes, cocottes e gordas mães de familia, *concièrges* e *voyous*, não fallavam senão nos planos do general, no grande plano de Trochu!

Mas o que era, afinal, esse plano? Não se sabia!

Os melhor informados affirmavam só que elle era formidavel e que, para maior segredo, estava guardado em casa d'um tabellião.

Entretanto os prussianos iam apertando o cerco. A miseria assolava Paris.

Os mais intelligentes, os mais honestos, os mais sinceros, viam bem o perigo e julgavam justamente da ineptia e da vilêsa do general. Protestavam contra elle, mas ainda uma turba clamava — Invejosos! O general sabe o que faz, elle lá tem o seu plano!

Os francezes sabiam a bater-se nas linhas e eram derrotados. Chegavam da provincia as mais deploraveis noticias. O perigo era imminente.

Instavam com o general vaidoso e inepto para que ouvisse bons conselhos, diziam-lhe que chamasse gente boa que estava disposta a tudo. E Trochu, cabeçudo, callava-se.

Elle lá tinha o seu plano!

Mas um dia o perigo apertou. A lenda do plano vivia em raros ingenuos, e os parvos que admiravam o intrujão iam diminuindo em numero.

Então surgiu a troça e, na amargura d'aquelles dias do cerco, a gargalhada vibrava nas cançonetas que abandalharam o plano do general Trochu.

Mas todos os seus esforços se despedaçavam contra a impassibilidade de Anna, sempre melancolica e sempre triste desde o seu casamento, a que tinha sido obrigada por seus paes. Já não se ouvia a sua bella voz nas canções alegres, que perturbavam o proprio Joan, quando passava desnte da casa d'ella. Mas Anna já não ria com o seu rir de prata, tão claro, tão vibrante! Andava pensativa, como absorta num pensamento unico, e havia algum tempo sobrietudo, verdadeiramente extranha.

A maior parte das vezes Joan encontrava-a chorando, ou resando, em impetos de desespero; e ás suas perguntas ternas e inquietas respondia com soluços só.

Na alma ulcerada de Joan encendeu-se uma suspirita horrivel.

E por isso que elle não dorme a esta hora adeantada da noite; expulsa o somno a sua tortura; é já a quarta noite que elle passa em branco!

E ali, ao lado, ouve elle a respiração regular d'Anna, ás vezes interrompida por suspiros. Levantava-se,

Por fim o homem foi corrido.

Mas era tarde. O inimigo pouco depois vencia. Não se podiam remediar as criminosas ineptias do imbecil vaidoso.

Mas ainda nessa occasião o descarado general affirmava: — Eu cá tinha o meu plano!

Esta historia prometti conta-la, na passada carta. É interessante e contém boa moralidade para o estudo da politica portuguesa.

A qual moralidade é a seguinte: *Trochu é internacional.*

João de Menezes.

«O Berro»

Recebemos o n.º 14

Não cessaremos de applaudir o causticante lapis de Celso, rasgando com fogo as carnes podres das actuaes instituições.

De numero para numero se vão consolidando os creditos do distincto caricaturista.

Falleceu o sr. Albano Maia, antigo empregado da 2.ª circumscripção hydraulica.

Em beneficio d'um operario que está em más circumstancias, toca hoje das 5 ás 7 horas da tarde, no Jardim Botânico, a banda de infantaria 23.

No dia 3 do corrente começou a vigorar o novo regulamento dos impostos indirectos municipaes.

Bibliographia

Revista das Escolas — Semanario dedicado as familias e ao professorado, que se publica no Porto, sob a direcção do sr. Antonio Mesquita.

Revista de Direito — Recebemos o n.º 4 d'esta bem redigida revista de legislação e jurisprudencia, de que é director o distincto advogado nos auditorios de Lisboa sr. Edmundo Gorjão.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido dos estatutos do Gremio dos Empregados no Commercio e Industria, associação de socorros mutuos de Coimbra.

ia ao quarto e contemplava o bello e expressivo rosto de sua mulher, emmagrecida havia pouco tempo; depois, assentava-se ao pé do leito, num escabello muito baixo, e beijava-lhe os cabellos d'oiro murmurando palavras carinhosas:

— O minha querida Anna! . . . Minha pomba branca! . . . Sol da minha vida! . . . Como eu te amo! . . . Porque me repelles tu sempre? . . . Não sou eu o melhor e o mais terno dos maridos? . . . Oh! diz-me uma unica palavra d'amor! . . . So ri-me alegremente; serei tão feliz! . . .

E o homem de alma sombria chorou . . .

Levantou-se bruscamente, trémulo de colera; a terrivel suspirita que lhe perfurava sem cessar o coração, atravessava como um relampago o seu espirito; o ciúme brutal fazia-lhe bater violentamente o coração e subir á cabeça ondas de sangue.

— Tem um amante! rugia elle cerrando os dentes, e recala de novo no seu abatimento.

(Continua).

Andrade, uma creada *comme il faut*. Os restantes, regularmente.

Os córos apurados como poucas vezes temos ouvido nestas récitas.

O guarda-roupa muito bom e o scenario, do scenographo lisbonense Augusto Pina, honra este artista. A scena final do 1.º acto, a vista de Stambol, são d'um bello effeito. A musica tem trechos lindos e mais uma vez confirmou os creditos de que justamente goza o distincto maestro dr. Simões Barbas, e a orchestra, sob a regencia do auctor, sempre afinada.

Antes de principiar o 1.º acto veio o curso ao palco cantar a *Serenata dos Quintanistas*, musica do amador Valente e letra de Arthur de Mesquita Guimarães.

Todos os interpretes receberam dos seus amigos muitos brindes, bem como o maestro e o ensaiador Fernando Maia, que se mostrou incansavel para que a peça tivesse o effeito desejado.

A casa estava completamente cheia, vendo-se nos camarotes e nas frisas muitas familias de quintanistas que vieram a Coimbra assistir á récita.

O theatro estava adornado com pastas, capas, palmas e flores, etc., produzindo um bello effeito. A ornamentação foi intelligentemente dirigida pelo sr. dr. Julio Henriques.

A plateia conservou-se fria, injustamente, em nossa humilde opinião, porque se *O sonho d'um bacharel* não é um acontecimento theatral, representa um louvavel esforço, digno de todos os elogios, para o levantamento das peças d'esta naturêsa.

Hontem repetiu-se, em ultima récita, o *Sonho d'um bacharel*.

G.

Diz-se que será nomeado governador civil de Coimbra o sr. visconde do Banho. D'este cavalheiro, só sabemos que fez parte do *Solar dos Barrigas*. Este titulo, como recommendação, não é mau; o do viscondado ainda é melhor.

Começa hoje a carreira bi-semanal entre Coimbra e Luso; estabelecida pelo activo industrial e nosso amigo sr. Manoel José da Costa Soares.

Já foi posta a concurso documental a igreja da freguezia de Santa Cruz d'esta cidade.

Folhetim da RESISTENCIA

A SUSPEITA

(CONTO)

Caia a neve em largos flocos, cobrindo as casitas de Semenowka, uma pequena aldea isolada. Os habitantes estavam mergulhados num profundo somno. Contudo, numa das ultimas habitações distinguia-se o bruxolear d'uma luz: — era em casa de Joan Kouzmitch.

Compunha-se esta habitação de dois compartimentos; um, sufficientemente grande, servia de sala de jantar, e o outro de quarto de cama. Na sala de jantar, num escabello de madeira branca, estava sentado um homem, com os cotovellos apoiados sobre uma grande e comprida mesa tambem de madeira branca, manhada de nodos de gordura e de cerva. Era um alto e robusto mujik, o'uns cincoenta annos de idade, de barba grisalha e cabelo um desordem sobre a testa, onde as

Arrendamento

2.ª publicação

13 No juízo de direito de Coimbra e pelo inventario de menores por obito de Thomaz Rasteiro, morador que foi nesta cidade, ha de proceder-se no dia 27 do corrente, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça, ao arrendamento, por 5 annos, do predio seguinte:

Umás casas sitas na rua Direita d'esta cidade, com os numeros 65 e 67.

Este arrendamento começa no dia 25 do proximo mês de junho e ha de terminar em igual dia do anno de 1901.

A base da licitação é da quantia de triuta e quatro mil quinhentas e cincoenta réis, annuaes, mas mediante as condições seguintes:

1.ª A dar flador edoneo ao pagamento da renda e á deterioração, que por culpa do arrendatario, se dêr no predio.

2.ª A pagar o premio do seguro e todas as contribuições que forem lançadas ao predio e que pertençam pagar ao proprietario, com o direito de descontar no preço da renda, apresentando os competentes documentos.

3.ª A pagar a renda semestral e adeantadamente nos dias 25 de junho e de dezembro de cada um dos annos até final do contracto e a primeira prestação no acto do arrendamento.

Verifiquei

O juiz de Direito,
Naves e Castro.

Vinhos da Beira Alta

ARMAZENS

EM

CANNAS DE SENHORIM

14 Em 17 do mez passado, fomos surpreendidos pela visita do Ex.º Sr. Commissario de policia de Vizeu, que juntamente com o Ex.º Sr. Agronomo do districto e policia procedeu a um rigoroso exame nos nossos armazens, tirando amostras de todos os vinhos existentes (algumas centenas de pipas), sendo em seguida lacradas todas as vasilhas e remetendo as ditas amostras para o Laboratorio da fiscalização dos vinhos e azeites em Lisboa, a fim de se averiguar se entre elles existiam alguns falsificados ou adulterados.

Analysados todos esses vinhos, verificou-se serem todos puros e genuinos, como provamos pelo documento respectivo que a Direcção geral dos serviços agricolas nos passou, o qual temos em nosso poder e á disposição de toda e qualquer pessoa que queira dar-nos a honra da sua visita aos nossos armazens.

Gremos (e se tal dizemos alguns dados temos), que esta surpresa foi devida á cobarde e menos verdadeira denuncia d'alguns inimigos nossos, que de ha muito nos andam fazendo uma guerra surda, mas cobarde e vil.

Se assim é, só temos a agradecer-lhes o bom serviço que, (apezar das suas más intenções), prestaram á nossa firma social, dando occasião a um formal e official desmentido á falsa difamação levantada contra a nossa casa commercial.

Cannas de Senhorim, 1 de maio de 1896.

Joaquim Adelino Marques & Filhos.

13 Vende-se uma tableta de 3.70 de comprimento, por 95 de altura.
Rua de Ferreira Borges, 9 a 15 — Coimbra.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doenca de pelle, estomago, garganta, etc.

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisção e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos. — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. João, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao arente do Grande Hotel — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA

Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono clorretadas e odicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabethes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de cloro de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoço, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. João, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

8 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

5.ª, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os maisapparehos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e arugos para pintores.

Cimentos: Luguez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machiças para moer carne, balações de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilari. Rodgers.

Faqueiros: Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revólvers, espingardas para caça, os melhores systemas

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

7 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Coimbra e Luso

6 A começar no dia 10 do corrente haverá todas as quintas feiras e domingos diligencia entre Coimbra e Luso; partindo de Coimbra ás 5 horas da manhã e de Luso, ás 7 horas da tarde.

A venda de bilhetes em Coimbra é na cocheira do annunciante ao caes, sendo o preço de ida ou volta 400 réis, e de ida e volta 600 réis.

Coimbra, 1 de maio de 1896.

Manuel José da Costa Soares.

Arrenda-se

5 Do S. João em diante, junto ou separado, as lojas e casas de habitação, onde está installada a Cozinha Economica. A casa tem entrada pela rua Velha n.º 9.

Para tractar, praça do Commercio n.º 43 a 45 (Loja do Povo).

Arrenda-se

4 Na rua da Sophia o 2.º andar do predio n.º 56 desde o S. João em diante e tracta-se no mesmo 2.º andar.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroullano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

COIMBRA

3 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

Loja da China

Ferreira Borges

2 A mendoads de Moncorvo e grande sortido em mendoads de primeira qualidade, Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castelo, a 18000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 26200 a 36600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para collecções.

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 28700
Semestre..... 16350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 28400
Semestre..... 16200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 129

COIMBRA — Quinta feira, 14 de maio de 1896

2.º ANNO

O que admira!

A monarchia portugueza, arrastando um longo manto de intrigas e baixezas, vivendo já sem orientação, sem destino, ao acaso de expedientes torpes, de tranquiernas e fraudulencias, tem mostrado á luz do sol, a todos nós e a toda a Europa, sem um vislumbre de vergonha, sem um gesto de pudor, a immensa gangrena do seu organismo corroído, toda a incongruencia da sua razão de ser, desde a espalhafatosa e ridicula farça eleitoral, até á imbecilidade crassa, até á baixesa suina que, no solar, tem tido uma soffivel representação.

Intelligencias esclarecidas, caracteres que julgavamos integros (se integridade alguma pôde haver nos servidores abjectos do paço e da reacção), baquearam, humilharam-se á despótica vontade de um salimbanco arvorado em dictador, de uma oligarchia prejudicial e deprimente para a nossa raça que tem tradições illuminando a História, que, em 20, romantica e aventureira, teve sonhos ardentes de liberdade, embora mentidos depois, escarnecidos, absorvidos na rede, a principio, tenne, mas a pouco e pouco condensando-se, tomando vulto, assambrando tudo por fim, das nefastas e infamantes ladroenras monarchicas.

É que tudo é uma derrocada assombrosa, immensa, para o charco, para o vilipendio da Historia, para o desprezo e anathema das gerações vindouras.

A lei prostituida, o direito escarnecido, a perseguição em vigor, de mandado do senhor, do despota, do insignificante que segura os destinos do país, e sem um rebuço, sem um exemplo, para descargo da consciencia, ao menos, ignobilmente executada pelos beaguins.

Não ha caracter que não seja assaltado, a toda a hora, a todo o instante, para calar as energias do protesto, e torcer e enxovalhar a dignidade da conducta.

A monarchia nada poupa, e a tudo se atreve: se promessas não conseguem, vêm as ameaças, vem o insulto, vem a perseguição, vem a cadeia e pôde vir o fuzilamento!

Edificantissimo!

E tudo isto porque se é digno, e tudo isto porque se é honrado!

Nada para admirar, pois, se, durante meses o solar aberto, se, durante annos sempre o mesmo go-

verno de imbecis e máns nas cadeiras do poder, coisa alguma se tenha feito de ntil, de sabio, de honesto.

Mas para admirar, é muito, que, sendo a maioria da nação liberal, trabalhadora e honesta, este governo não tenha sido esmagado, a monarchia não tenha sido estrangulada, destruida pelas coleras ingentes do povo, estalando num momento audacioso de liberdade e justiça.

Sem concordarmos nem discordarmos, é opinião nossa que assumptos ha que não devem discutir-se na imprensa.

O sr. Dias Ferreira, no *Tempo*, faz esta preciosa confissão:

Esta camara, como as suas illustres predecessoras, representava fielmente o pensamento do governo que a nomeara.

Ainda não houve camara em Portugal que não fosse o espelho vivo dos ministros, ou das confrarias politicas que lhe deram o ser ou a existencia.

O país, na sua maioria, nunca eligeu. Abdicou sempre do seu primeiro direito na mão dos ministros ou dos correctores politicos.

Este sr. Dias Ferreira é um politico que poderá ser muito habil, mas que o não parece. Então nem a camara eleita quando esteve no governo foi a expressão da vontade nacional?

Ora veja se se recorda do que então disse e do que ella lhe fez.

A ultima hora diz-se que o louro Jacintho Candido sempre fica. Isto já não vai com prosa, pede verso.

Ficou, ficou, ficou
Agora, agora, agora
Ficou ha bocadinho
Inda não ha meia hora

Pum!

Verdades

O auctor da *Semana Politica do Commercio do Porto*, terminando justas e sensatas considerações acerca do pseudo-parlamento que deixou de funcionar com grande alivio para o país, diz relativamente á attitude dos partidos monarchicos perante elle:

Qual foi, pois, a attitude dos partidos da pseudo-representação nacional, que ahí esteve figurando e funcionando quatro meses, sem elles terem no seio d'ella uma sombra de representação propria? Dos partidos constitucionaes, um deixou-se viver na illusão em que o pozeram de que o poder lhe pertencia; outro viveu largamente na expectativa de vir a alcançá-lo por qualquer forma, e deixou-se embalar, por fim, no sonho de que em breve viria a pertencer-lhe. Um viveu sempre descansado; o outro descansou.

Que fez qualquer d'elles por si proprio, em favor dos seus direitos politicos affrontados, em favor da soberania popular, usurpada pela auctoridade, por essa tyrannia branca, que nos tem governado a seu bel prazer, e que em si concentrou todas as delegações, todos os poderes do povo?

Os partidos nada fizeram, e reconheceram que nada podiam fazer,

Rasgam-se e pisam-se aos pés todos os pactos, valcam se todos os direitos, infringem-se todas as leis constitucionaes, supprimem-se alguns dos poderes garantidos pela Constituição, vigora o arbitrio, o absolutismo, o poder pessoal; e ninguém se incomoda nem se zanga com o caso; a Constituição passa exellentemente e chega a persuadir-se que lhe consagram attentões e respeito; as liberdades nem gemem, nem se queixam, tal qual como se não atravessassem perigos de morte!

Influencias do clima, ou outras, aqui tudo se nos apresenta attenuado, degenerado, relativamente manso.

E por isso os partidos pozeram punhos de renda, quando viram que tinham de combater um despotismo de liva branca.

Bom fôra, no entanto, que não estivessem cousas profundamente graves e sérias por traz d'estas attitudes cavalheirascas e galantes.

A mesa da irmandade da Rainha Santa vai destacar uma commissão para impetrar do sr. director das obras publicas que se digne activar os trabalhos da monumental restauração de Santa Cruz, afim de neste templo poderem ser celebradas as festas no proximo mes de julho.

Toda Coimbra está tremula de ansiedade por saber se o altivo harão acolherá com a magnanimidade dos fortes a supplica da confraria.

A nós parecia-nos melhor que fossem ter com elle as donzellas da cidade, em côro, como no Santo Antonio!

Assim o estragam, e depois terão de atura-lo!

Lemos num jornal governamental a seguinte curiosa noticia:

«A camara de Santarem persiste em demolir a torre das Cabaças, um bello monumento, porque o vice presidente, que tem tres carroças ao serviço da camara para conducção de entulhos, as tem agora desoccupadas por falta de trabalho e quer a demolição da torre, para lhes dar que fazer.»

Estes Francos frades reproduzem-se como os cogumellos.

Já chegou a especie a Santarem.

E nós a julgamos que só os havia em Coimbra!

Um agente da Tarde

Do nosso prezado collega *O Pais*:

«O escrivão de fazenda de Soure, amigo dedicado do sr. João Franco, por pedido d'este, tem andado, com grande empenho a mendigar assignaturas para a *Tarde*, jornal subsidiado pelo governo.

Parece, porém, que para a *Tarde* esse subsidio não lhe permite vida tão desalugada, que os ministros não tenham de recorrer ao auxilio dos escrivães de fazenda para manterem aquelle órgão official.

O escrivão de Soure calcula ter obtido mais de 200 assignaturas,

e isto influirá no animo do sr. João Franco para o despacharem para um concelho mais rendoso.

Sim, porque amor com amor se paga, diz o proverbio, e o escrivão de Soure não trabalha de graça e bem merece do patrão, porque revela geito para agente de assignaturas.

Quando vê a coisa incerta, pede, ao menos, que, por favor pessoal, assignem a gazeta por 3 meses, que nisso o obsequiem muito...

Muito dedicado ao sr. João Franco, este sr. Freire, de Soure!

Foi aceita pelo cardeal patriarcha a demissão da commissão administrativa do *Correio Nacional* que era composta dos srs. conde de Casal Ribeiro, Barros Gomes, marquês de Vombal, Jacintho Candido e Jeronymo Pimentel.

Informam-nos que o celebre retabulo do convento de Cellas foi, por ordem do sr. Manuel Miranda, para a capella das Torres. Em tempo requereu-se á camara para que auctorisasse essa mudança e a camara resolveu consultar o delegado do thesouro sobre o assumpto. Este nada respondeu a tão disparatada pergunta e, sem que a camara tomasse deliberação alguma, o sr. Manuel Miranda acompanhado do mestre d'obras da camara e de mais dois individuos tirou de noite o retabulo do convento sendo mudado para a capella.

Este procedimento inqualificavel requer medidas promptas e energicas. Porque é de saber que o convento de Cellas com tudo o que nelle se encontra pertence ao Estado, sendo a camara simples depositaria e recebendo do governo o dinheiro que dispende com a sua conservação.

Iniciou-se em Madrid uma subscrição nacional a favor do celebre metereologo Nohbertsoom.

É grande o entusiasmo em Hespanha pelo famigerado saragoçano por se terem realizado os seus ultimos vaticinios.

Algumas verbas do imposto do sello tiveram grande augmento. Realmente é necessario augmentar as receitas para que possam pagar-se as loucas despensas que se fazem com as viagens dos amigos do governo pela Europa e com outros esbanjamentos.

E viva o regabofe, enquanto o país se apresentar tão soffredor.

Realizou-se o consorcio do sr. dr. José Augusto Gaspar de Mattos com a sr.ª D. Julia Baptista, filha do sr. Baptista Pombeiro, importante proprietario d'esta cidade.

Instrução publica Instrução secundaria

XXVIII

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

Um outro argumento invocado emphaticamente pelos defensores obstinados do ensino intensivo das linguas mortas é este, como vimos: que só por meio d'ellas podemos conhecer precisamente e avaliar em toda a sua grandesa os thesouros litterarios da antiguidade greco-romana. Este argumento, por mais seductor que se nos afigure, parece-nos ainda desprovido de valor; servindo apenas para demonstrar á evidencia a falta de razões sérias em que possam firmar-se os defensores apaixonados da rotina e, porventura, tambem o desconhecimento absoluto dos factos como elles invariavelmente se produzem.

Porque é de presumir que, se os que o invocam attentassem bem e sinceramente nos factos e nos seus resultados; se despreoccupadamente os estudassem, para d'elles tirar os preciosos ensinamentos; se vissem ou, antes, se quizessem ver como as cousas realmente se passam: queremos acreditar que um tal argumento nunca se produziria, a não ser que a obcecação lhes fechasse completamente os olhos ou de todo lhes obscurecesse a intelligencia. E devemos acrescentar que nem sequer mereceria as honras de uma discussão séria, se não fóra necessario e até indispensavel reduzir inteiramente ao silencio os que supõem ser tão grande, tão densa, a ignorancia do país, que possa servir-lhes de baluarte em que se abriguem á vontade e d'onde a critica independente não poderá desaloja-los.

A rotina é, na verdade, impenitente, e por isso lança mão de todos os meios, agarra-se obstinadamente a todos os argumentos, por insignificantes que sejam, a ver se pôde sustentar-se nas posições commodamente adquiridas, sem ver que o terreno em que pretende firmar-se lhe foge constantemente debaixo dos pés e que o seu imperio passou e não pôde mais voltar. É preciso, portanto, examinar o argumento de que se trata, para demonstrar a sua completa inanidade. Examinemo-lo, pois, minuciosamente.

Para se justificar o absurdo pedagogico que consiste em torturar implacavelmente o alumno, logo de tenra idade, obrigando-o a estudar machinalmente uma lingua morta, ainda antes de elle conhecer regularmente a sua, invocam-se varias razões, qual d'ellas mais futil e absurda, como se contra a evidencia dos factos se podessem invocar argumentos de qualquer natureza, por especiosos que elles fossem; e assim diz-se e pretende sustentarse que não ha meio de conhecer e apreciar as bellas litterarias da antiguidade senão estudando-se a

fundo as lingoas mortas — as chamadas classicas! E pretende-se dar fóros de seriedade a um tal argumento!

Ninguém desconhece ou pretende pôr em duvida o valor, a riqueza inquestionavel, dos thesouros litterarios que encerram os auctores classicos; assim como se não contesta que seja util conhecê-los, para bem se apreciarem em toda a sua bellêza; cumprindo-nos observar de passagem, contudo, que esta idéa de chamar classico unicamente ao ensino das lettras gregas e latinas nos parece muito contestavel, porque é dar ao termo uma significação muito restricta, extraordinariamente acanhada, e em discordancia com a que realmente deve attribuir-se-lhe. E já vozes auctorizadas se têm insurgido contra uma tal pretensão.

Mas, se é verdade que o conhecimento d'esses thesouros litterarios é muito apreciavel e reconhecidamente proveitoso, não é menos verdadeiro que é apanágio d'um pequeno numero, d'alguns espiritos privilegiados apenas, e que, por isso, nenhum valor pratico, real, tem o argumento que se discute; porque num bom e racional systema de educação ha que attender sobretudo á massa geral dos alumnos, e não a uma parte minima d'elles. Alem d'isso, conhecidas e demonstradas já as grandissimas difficuldades que é preciso vencer, para se chegar a comprehender bem a riqueza dos thesouros litterarios gregos e romanos, havendo, como já observamos, certas bellêzas de estylo absolutamente intraduzíveis, facilmente se conclue ser um erro grave obrigar ao estudo do latim, logo nas primeiras classes do curso dos lyceos, e sem levar sequer em linha de conta que em muitos auctores antigos ha passagens, cuja leitura é perigosa para crianças de dez annos, chegando a Bain a espantar-se de que obriguem a infancia a ler as immoralidades que se encerram em muitos d'esses auctores. E o espanto do illustre professor da Universidade de Aberdeen parece-nos realmente justificado.

Abstraindo, porém, d'esta circumstancia, aliás importantissima, que resultados uteis, sob o ponto de vista que se discute, poderá tirar o alumno do ensino prematuro, superficial, mechanico, do latim? Poderá elle, na realidade, habilitar-se a conhecer e apreciar directamente os thesouros, as bellêzas litterarias, que se encontram nos auctores latinos? Os factos protestam constantemente contra uma tal affirmacão. Todos nós sabemos como as cousas se passam realmente nos lyceos e como os alumnos saem de lá para os cursos superiores, sem ao menos poderem traduzir correntemente e muito menos intender uma pagina de qualquer d'esses auctores, ainda dos que menos difficuldades apresentam. Estes são os factos, de todos bem conhecidos e lastimados, e que nenhuns argumentos conseguirão destruir.

Demais, não fallam as traducções de todos ou de quasi todos os classicos antigos, de modo que, para o grande numero, as difficuldades que se inculcam não existem realmente. Os alumnos encontram burros em barda que os dispensam de trabalhar productivamente; e os próprios mestres têm em Nisord, com os seus excellentes collaboradores, um dos seus principaes oráculos.

Shakespeare não sabia latim, e nem por isso deixa de ser o tragico

colossal que todo o mundo admira... Napoleão tambem o não sabia; e, comtudo, collaborou activamente no *Codigo Civil*, que é conhecido pelo nome suggestivo de *Codigo Napoleão*. E Vauvenargues ignorava igualmente o bello idioma do *Latium*; e, apesar d'isso, não deixa de ser um escriptor recommendavel, o conceituado auctor das *Maximas*. Ora, se os factos são estes — e ninguém se atreverá a contestá-los — como é que pode ter foros de seriedade o argumento de que se trata?

Ainda uma observação, que nos parece importante: Como é que, em regra, se procede nas aulas, a fim de que os alumnos possam apreciar bem a litteratura classica? A leitura dos textos é, em verdade, o unico meio de conhecer bem, de avaliar os thesouros litterarios que nelles se contém. É esta uma verdade incontrovertida. Mas não é menos verdadeiro que o alumno dos lyceos não póde attingir esse resultado. Os textos fornecem-lhe os apenas fragmentados, em extractos mais ou menos incorrectos, em capitulos, ás vezes desconnexos, sem ligacão nem homogeneidade. Ora, por taes processos, com um tal criterio, que resultados poderá colher o alumno, a não serem de utilidade negativa? Absolutamente nenhuns. Assim, é evidente, não póde a juventude conhecer e amar a antiguidade. Seria bem melhor que, como judiciosamente observa Michel Bréal, admirassemos menos a antiguidade e a estudássemos melhor. Era isso bem mais util e proveitoso.

Já foi exposto á venda o livro de J. F. de Assis Brazil — *Do governo presidencial na republica brasileira*, edição da Companhia Nacional.

Extraordinaria como nunca vimos a ovação que a mocidade, sempre boa e sempre justa, acaba de fazer á *Dôr Suprema*, dando á obra de Marcellino de Mesquita a consagração maxima. Nunca depois de acabado o theatro academico os estudantes fizeram obra tão própria, dominando o publico pela suggestão do seu enthusiasmo ardente.

Bem hajam! Na *Dôr Suprema*, alem de Virginia e João Rosa, ha um papel de medico que o actor procurou estudar e detalhar, embora ás vezes o não conseguisse, um papel de creada feito por uma actriz que todo o acto nos não deixa esquecer que é bonita, e um senhorio que...

Emfim, o senhorio não é aquillo. O sr. Mello não comprehendeu o papel, e comprometteu o effeito do acto, não tendo sabido cobrir o seu personagem d'odio, e tornando-o uma creação ridicula.

O cambio bancario do Brazil sobre Londres subiu para 10, havendo grande agitacão no mercado.

As obras do edificio para o novo matadouro vão correndo com toda a regularidade. Para desviarem esse edificio mais uns dez metros do bairro de Santa Cruz, difficultaram extraordinariamente a abertura de boas communicacões para elle.

Ha coisas que se não percebem facilmente.

Falleceu no limoeiro o celebre falsificador Mineiro, relacionado com varios personagens altamente collocados. Paz á sua alma.

Litteratura e Arte

Dôr Suprema

Meu caro Marcellino

Eu tenho lá vontade de escrever!... O que eu queria era applaudir e gritar mais duas horas ainda.

Quando tenho coisa que me alegre, não posso ter-me em casa, saio e ando a conta-la a toda a gente que encontro. Por fim, ao falar, começo a vêr que estou a dizer o mesmo a todos, até pelas mesmas palavras, mas não me importo, e procuro mais alguém que ria a minha alegria.

Eu posso lá escrever!...

O que eu queria era alguém a quem pudesse contar o teu triumpho d'esta noite, a quem dissesse que chorei, e ri, e gritei com os rapazes, como um rapaz.

Como os enthusiasma uma obra d'arte, que força de gritar justiça que elles têm!

Bem sei eu por que os estimol!

Que alegria em todos os rostos, que algazarra a d'aquellas vozes, a gritarem todas o mesmo. Que quietacão a ouvir, que enthusiasmo a applaudir, com que vontade se atiravam aquellas flôres e aquellas capas negras em que elles mandam sempre um pouco do coração que ellas cobrem.

Eu posso lá escrever! Eu sei lá escrever aquillo!

Ha impressões que se gravam fundamente no meu espirito, não sei como, e que resuscitam inteiras sem falta d'um detalhe, quando se repete no andar da minha vida um facto egual.

O prazer que experimento então é um prazer extranho. Eu sinto que já tive uma vez uma alegria assim, e pouco a pouco a impressão do momento vae diluindo-se, apagando-se, e surge nitida a sensacão antiga.

E eu fico-me esquecido do momento, deliciando-me a avivar a impressão passada.

Ainda ha pouco eu gritava a minha alegria, e agora vejo surgir muito nitida toda uma nossa noite de Lisboa.

Lembras-te? Era no theatro D. Amelia; Emanuel fazia o Othello, nós applaudiamos.

Noite velha, lá andavamos nós na Avenida com o Fialho e o Ferreira a falar d'arte.

Á volta calára-se tudo, e nós iam, esquecidos dos outros, a falar todos o mesmo.

Hoje sinto-me, como então, socegado, sem um rancor, com vontade de vos ter aqui para estar a conversar convosco.

A Virginia e o João Rosa deram-me a impressão socegada d'arte que me deu Emanuel, o maior tragico que eu ouvi.

Eu sinto-os aqui ao pé de mim na atmosphera doce da saudade da vossa amizade em que anda fluctuando hoje a imagem dos meus amigos mortos.

João Rosa fez-me hoje com o seu talento lembrar um velho amigo, o velho Philippe do Quental que, quando eu era pequeno, me contava o grande talento de Rosa-pae, a sua alegria ao vêr o João ainda pequeno a recitar e a imita-lo, o orgulho do pae que via com os annos accentuar-se a vocacão do seu João.

O Philippe era muito amigo d'elle,

e explicava-nos o talento do João Rosa, a sua estada em Coimbra, os triumphos do theatro Academico.

Eu e o Ferreira ouviamos calados.

Hoje lembrou-me bem... O velho Philippe tinha razão; João Rosa é o nosso primeiro actor, revelou-o bem na interpretação moderna d'aquelle extraordinario papel d'Antonio, tão cheio de difficuldades, tão cheio de dôr, e de sentimentos subtilez, tão difficil de comprehender, tão difficil de realizar.

Virginia foi tragica, tragica como se é agora, em que se estuda a dor para se poder gritar.

Para representar a dôr é necessario saber gritar, é necessario torturar a face, saber colorir a voz.

Os nossos actores esquecem isto, crearam uma face, e crearam uma voz. Com ellas representam tudo. A sua physionomia é movel, como as mascaras dos actores gregos, o seu dizer monotono, como o dos nossos tios que recitam ao piano.

A tragedia é para ser sentida, para convulsionar a face, para torturar a voz.

Para o piano, não conhecemos senão o *novado do sepulchro*, tragedia do Lopes de Mendonça que algumas senhoras dizem ainda na Beira.

Bem quizera eu dizer-te o que senti ao ouvir a extraordinaria representacão da Virginia, a vida que ella poz naquella papel, realisando perfeita a tua concepção artistica; mas não posso, que me lembra aquella morte extranha, — um quasi nada que vem, tão depressa, depois d'uma grande esperanca. Os labios franzem-se e descoram-se, como uma flôr a murchar, e de dentro, do fundo, vem um grito rouco que escancara a bocca e... É tudo! É pouco. É a morte assim.

Assim morrem as pessoas que ridas.

Assim morreu minha mãe.

Hoje lembram-me todos.

Sinto-me bom, sinto-me creança

Tudo tão socegado. Coimbra perde-se em nevoeiro no rio.

Perto uma voz fresca assobia uma bucólica canção do monte. Ao longe sente-se um murmurio vago, é o campo a acordar.

O ar é fresco como o rosto d'uma creança.

Só um clarim distante, e illumina-se do primeiro raio de sol uma torre ao longe.

Que dia tão alegre! Não vos ter eu cá...

13—V—96.

T. C.

Correram em Coimbra boatos aterradores ácerca de pretendidas tentativas de lançamento de fogo no theatro circo, quando alli se realisaram as duas réctas de despedida do 5.º anno juridico. Despejára-se, na primeira noite, uma garrafa de petróleo num camarim; tentára-se atrombar um cano de gaz na segunda. Havia cartas anónimas em que se preveniam algumas familias do attentado, e não sabemos que mais.

Final nada se deu que se parecesse sequer com qualquer tentativa de incendio, tendo os boatos que circularam origem no facto de a um quintanista haver sido entregue uma garrafa de benzina, em vez d'outro liquido que havia mandado buscar, entornando-se uma parte no soalho.

Os individuos que haviam sido presos, já foram restituídos á liberdade.

Os leitores que têm seguido attentamente as noticias da insurreicão cubana devem, como nós, estar admirados com as successivas victorias dos hespanhoes, victorias que não impedem que os insurrectos andem perfeitamente á vontade nas provincias por elles invadidas.

Pelas proprias noticias de origem official se conclue que Maceo nunca quiz transpôr a linha Miriel-Artemisa, como os hespanhoes affirmavam, mas simplesmente permanecer em Pinar del Rio para favorecer o desembarque das forças auxiliares recrutadas nos Estados-Unidos.

Pelos ultimos telegrammas sabe-se que o vapor *Bermuda*, ao serviço dos insurrectos, desembarcou em Puerto Mulato uma expedicão composta de 300 homens.

Do mesmo vapor desembarcaram 10:000 espingardas, 6 peças de artilheria, 3 metralhadoras e numerosas munições.

Um telegramma de Weyler confirma a noticia de que os insurrectos desalojaram os hespanhoes do acampamento de Rubio e que se mostram mais audazes, attribuindo isto aos auxilios que recebem dos Estados-Unidos.

O generalissimo Maximo Gomez avança pela provincia de Matanzas.

Uma filha d'uma familia da aristocracia cubana, vindo partir para os insurrectos todos os seus parentes, resolveu offerecer-se a Maceo para combater ao lado dos seus, mostrando-se sempre audaz.

Num recontro com as tropas hespanholas, fez prodigios de valor, sendo afinal ferida.

Os hespanhoes intimaram-na a render-se, ao que ella respondeu: «Nunca, viva Cuba livre!»

Os hespanhoes responderam a estas heroicas palavras com uma descarga, cahindo ella varada por 12 balas!

Valentes hespanhoes!

Cinco tripulantes da escuna *Competitor* foram condemnados á morte. Três d'elles são cidadãos americanos, dando isto logar a um conflicto, como se vê dos seguintes telegrammas.

«Nova-York, 10. — A condemnação dos americanos presos a bordo da escuna *Competitor* produziu grande excitacão nos Estados Unidos.

Um telegramma de Washington, publicado num jornal d'aqui, diz que o sr. Olney, secretario d'Estado, depois de conferenciar com o presidente Cleveland, declarára ao ministro de Hespanha, sr. Dupuy Delome, que os prisioneiros da escuna *Competitor* não seriam fuzilados por uma sentença d'um tribunal militar, e que o ministro de Hespanha promettera telegraphar para Madrid sobre o assumpto.

O presidente Cleveland ditou elle mesmo os telegrammas para o representante dos Estados-Unidos em Madrid e para o consul americano em Havana, declarando que se os prisioneiros forem fuzilados sem processo civil, olhará isso como um acto não amigavel.

O consul americano Lee, acaba de ser nomeado de novo e vae occupar o seu posto em Havana.

Parcece que a opinião do sr. Olney é que os condemnados são apenas culpados de fazer contrabando; para o que a pena é multa e prisão.

O governador do Estado da Florida ordenou ao 5.º batalhão de estar prompto para entrar em accão immediata, ao primeiro aviso de Washington, por causa da presente questãõ da escuna *Competitor*.

Londres, 11. — Diz o *Daily-News* que o governo hespanhol está entre

dois fogos: se sacrificou o general Weyler, se sacrificou provavelmente a si também; que se deverá lembrar dos massacres virginianos de 1873, e que nessas circunstâncias os hespanhoes se tornaram sympathicos, devendo agora desconfiar da ferocidade dos seus nacionaes.

O *Standard* diz que a Hespanha lbe é sympathica, e se a sentença for mantida se deve preparar para a guerra com os Estados-Unidos, e que o governo fará tudo que for compativel com a dignidade nacional.

O *Daily Chronicle* diz que o rompimento entre os Estados-Unidos e a Hespanha, entregava Cuba a um ultimatum dos americanos, não seria o começo d'uma guerra, mas o fim d'uma guerrilha internacional. O *Daily Chronicle* também publica um telegramma de New-York, dizendo que a reunião actual, na bahia de New-York, da mais formidável esquadra que alli se viu parece presagio de medidas activas contra a Havana.

Nova-York, 10. — Dos 5 condemnados à morte que foram presos a bordo da escuna *Competitor* 2 são cubanos e 3 norte-americanos. Um d'estes é inglês, naturalizado americano.

Londres, 11, t. — Diz um telegramma de New-York para o *Standard* que os mais eminentes legistas americanos declaram que a execução da tripulação do *Competitor* constituiria uma violação do direito internacional; o chefe da policia d'aquelle porto e o consul hespanhol discutem a questão da estada ali do vapor suspeito *Lanzada*; explica-se que a reunião da força naval em New-York não tem significação alguma.

Washington, 11, t. — Não ha nada oficialmente com respeito às sentenças dos presos americanos em Cuba. A noticia de que o governo hespanhol ordenara que o processo fosse remetido a Madrid, deu satisfação aos Estados-Unidos. A questão será provavelmente submettida ao congresso.

Paris, 11, t. — O *Journal des Debates* entende que a situação creada entre a Hespanha e os Estados-Unidos pela questão do *Competitor* é bastante delicada, mas espera que se componha por meio d'uma intervenção amigavel.

Washington, 11, n. — Affirmam noticias de fonte auctorizada que o governo hespanhol, a pedido dos Estados-Unidos, differirá a execução dos americanos sentenciados em Cuba até serem apresentadas pelos Estados-Unidos e tomadas em consideração pela Hespanha as observações do governo americano relativamente à applicação deste caso do tratado de 1795 e do protocolo de 1877.

Creemos que não serão executados os norte-americanos que foram aprisionados e que Weyler não insistirá pela sua demissão,

quando se dê esse facto. Em todo o caso tudo está concorrendo para tornar mais tensas as relações entre a Hespanha e os Estados-Unidos.

Além da *Dór Suprema* a companhia do theatro de D. Maria representou hontem o *Salto mortal*, uma coisa sem valor, do sr. Lopes de Mendonça.

O desempenho mau, exceptuando a Ingenua, Ferreira da Silva, e Alves.

Afinal são quasi todos. . . São sim, minha senhora, mas falta alguém. . .

Durante o tempo em que a imagem da Rainha Santa esteve em exposição na igreja de S. Thiago foram lançadas na salva esmolada da quantia superior a 200\$000 réis.

Fallecimento

Na terça feira passada falleceu nesta cidade o honrado operario carpinteiro Antonio Fonseca, na avançada idade de 72 annos. Muito honesto nos seus contractos, muito perfeito em todos os seus trabalhos, este digno operario tinha conquistado o respeito da classe artistica e as sympathias de todos que com elle lidavam.

O enterro, que se realizou hontem, foi extraordinariamente concorrido.

A seu genro e nosso amigo o sr. Antonio Pedro os nossos sentimentos

Continua bastante doente o conceituado industrial d'esta cidade e nosso amigo sr. José Antonio dos Santos. Estimamos as suas melhoras.

Hontem, quando se estava representando o 3.º acto da *Dór Suprema* de am as torres signal de incendio. Isto bastou para que houvesse immediatamente enorme panico na platéa, sendo muitas pessoas o mais apressadamente que puderam.

Passado pouco tempo restabeleceu-se o socego, continuando o espectáculo sem novidade.

O incendio deu-se num barracão de Santa Clara.

Foi extinto rapidamente, havendo insignificantes prejuizos.

Na noticia que demos sobre a récita de despedida do curso do 5.º anno juridico, os typographos fizeram grandes diabruras, que o auctor da noticia não pôde destruir por lhe ser impossivel rever as provas.

cavel com a neve que caia, e em que o pobre animal se enterrava até os joelhos; apesar das pragas e chicotadas do dono elle parou, abaixando tristemente a cabeça. Joan teve um momento de raiva; mas, condoendo-se do animal, acariciou-o e fallou lhe com ternura:

— Pois bem, meu pobre velho! não podes mais! estas exaustos de forças! Que queres que eu te faça? E' torçoso que eu continue a minha jornada. . . Tu, meu pobre Lavraska, esperarás aqui a morte. . . Não me tenhas piedade!

Uma lagrima correu e deteve-se na sua barba hirsuta. Era uma scena tocante a d'este mujik, de aspecto severo, chorando abraçado ao seu cavallo abatido pela fadiga.

Sem se voltar, para não se enternecer, continuou resolutamente o seu caminho; no entretanto, soffria dolorosamente com a idéa de abandonar assim o seu velho amigo Lavraska, que era quasi toda a sua fortuna.

Caminhava com muita rapidez, mas tinha de parar muitas vezes para se certificar se era aquelle o caminho que devia seguir. Não sentia nem a fadiga nem o frio; cambiou, ou antes, correu, impellido por uma idéa fixa.

Emfim, começou a avistar as sombras negras das casas, e em breve chegou perto da rua!

Não havia luz; tudo parecia mergulhado num somno profundo. Approximou-se a tremor, e espreitou através das vidraças da sala de entrada; mas

Carta de Lisboa

Lisboa, 12 de maio de 1896.

Volta de novo a preoccupar os monarchicos portuguezes e hespanhoes a questão de Cuba. Maceo tantas vezes morto por *nuestros hermanos* está bem vivo. Mas, não podendo da-lo como emigrado no outro mundo, os telegrammas de Weyler annunciaram que elle, por ter o passo impedido pela linha militar *Muriel-Artemisa*, havia de ceder por falta de recursos. Eis senão quando se sabe que Maceo recebe por mar tudo quanto quer, espingardas, artilheria, dynamite e, o que é mais, homens, 300 americanos acabam de chegar em seu auxilio.

Então, a raiva da Hespanha, ao saber estas noticias, desabafou sobre os prisioneiros de um navio que ia em soccorro dos rebeldes. São os prisioneiros rapazes de 16 a 20 annos. Condemnados à morte! Mas são americanos e os Estados-Unidos não consentem o seu fuzilamento. Weyler ameaça demittir-se caso o governo não confirme a sentença. Mas o governo cede diante da America e diz que a rainha, a pedido do embaixador inglês, influe para que não sejam fuzilados os fribusteiros. É uma forma de o governo illudir o povo hespanhol a proposito do receio que tem dos Estados-Unidos.

Quem acredita agora na humanidade dos ingleses? E quem duvida de que a rainha de Hespanha assigne uma sentença de morte?

Por não a querer assignar deixou Salmeron de se manter no poder, por occasião da Republica. Mas não ha memoria de que um soberano, mesmo quando seja uma rainha, deixasse o throno para não dispor da vida de um homem.

Quizera eu que não se dessem os fuzilamentos que a Hespanha pede com tanto clamor. E quizera também que o povo hespanhol o dissesse com attivés. Mas assim, que triste situação! E como um país, só pelo odio de dominador contra um povo que quer ser livre, exgota as suas energias numa lucta antipathica, por todo o seu coração num combate de odios!

Triste coisa a guerra! Infame ideal o de escravisar um povo! Fal-

não viu nada e ouviu apenas o assoviado do vento. Todavia, esta tranquillidade no interior da casa não o deixou socegado.

Approximou-se da janella do quarto e escutou. Pouco a pouco, foi distinguindo a voz de sua mulher que dizia:

— Sim, sim, tenho um medo horrivel; não quero ainda acreditar que estejamos sós. E tu, estás contente?

Elle não respondeu, mas Joan ouviu muito distinctamente o som d'um beijo. Então, recuou, fóra de si; os olhos brilhavam-lhe, na escuridão, como dois carvões accessos; levantou os punhos ameaçando os amantes que, inteiramente entregues à sua felicidade, nem de leve pensavam no enorme perigo que corriam. No auge do desespero, Ivan atira-se sobre a neve onde o seu corpo fica impresso. Debatendo-se no chão, salta-lhe do peito opprimido sons gutturaes.

Passa lo o primeiro momento de dor, levanta-se, entra em casa sem bater, e, não fazendo o menor ruido, penetra no quarto.

Tipou um phosphoro da caixa, e, de costas voltadas, accendeu a pequena lamparina, collocando-a sobre a mesa, e voltou-se depois. Viu então a sua mulher semi-nua, agachada a um canto, e noutro — o amante. Oh! vergonha! oh! raiva! Era o bello Vasili, o ricacho da aldeia. Os seus cabellos leucos, cahiam-lhe sobre a espaçosa fronte, a côr do rosto era d'um branco rosado

sa idéa de patria aquella que se manifesta pela posse de uma ilha, contra vontade dos seus habitantes, só porque dá lucros, interesses e é motivo para enriquecer os exploradores que sabem da Península investidos no poder para explorar o trabalho d'aquelles a quem hoje quer para compatriotas, mas a quem explora como escravos!

Felizmente que na propria Hespanha ha dois homens eminentes que pensam que os cubanos têm razão!

Felizmente que esses dois homens — Pi y Margall e Labra — são republicanos!

Mãos hespanhoes lhes chamarão uns. Ingenuos dirão outros.

Homens de coração, affirmam os que no mundo, através de tudo, só buscam seguir a luz serena do Amor e da Justiça dos povos.

Política por aqui é coisa de que se não sabe. Ha uma porcariazinha de crise ministerial. Julgo ser tão ridicula como desprezível. Nada mais apurei.

Desejo que fique assente isto: Os jornaes republicanos de que sou collaborador são: a *Resistencia* e *Paiz*. Do que nelles escrevo sou responsavel. De resto isto era escusado dizê-lo aos que me conhecem. Por isso dirijo estas palavras áquelles que não quero conhecer. Feita esta declaração, continúa cabendo-me o direito de julgar com a indifferença do costume quem, não tendo a coragem de exigir responsabilidades, as attribue, a quem lhe parece, em conversas proprias de idiotas, mais que de máus.

João da Menezes.

Ferreira na Silva teve uma ovação enorme, sendo chamado pelo publico que o obrigou a recitar a *Lagrima*.

Os estudantes deitaram-lhe as capas obrigando-o a pôr uma aos hombros.

Assim recitou elle a *Lagrima*, como só elle a sabe recitar.

V. ex.ª lembram-se da Lucinda Simões?

E ainda ha gente capaz de dizer que nós temos má-lingua!

Nem nós, nem a Lucinda do Carmo!

como a d'uma menina, os olhos d'um cinzento escuro exprimiam doçura, e um fio bigode cobria distinctamente os labios vermelhos, por entre os quaes brilhava o esmalte dos dentes. Todas as meninas de Lemenowka se apaixonavam por elle.

— Então, tens um amante! disse Ivan, contendo-se a custo, a custo e horrivelmente pallido, para Anna. A tua escolha não é má, mas, exclamou elle de repente, eu te matarei como um cão.

Precipita-se sobre ella. Já o seu braço vingador estava prestes a feri-la, quando Vasili o deteve:

— Para! disse lhe, deixa — ella é muito formosa! Queres vingar-te, matar algum de nós, pois bem, mata-me! Sou o unico culpado, seduzi-a, e, se hei de viver sem Anna, aborreço a vida, antes quero acabar aqui. . .

Um tremor nervoso correu todo o corpo de Joan, que fitou de alto abaixo a joven!

— Affrontas a morte, tu! Mas não é a ti que eu desejo. É a Anna que eu amava, e que me trahiú apesar de todos os meus affagos.

Correu novamente sobre ella, mas Vasili metteu-se de permoço.

— Não, enquanto eu tiver um sópro de vida, não lhe tocarás, entendes?

— Toma cautela, Vasili, que me fazes perder a paciência. . . Vae-te, ou não respondo por mim!

— Não vou!

Récita dos quintannistas

Consta-nos que o saldo da récita do quinto anno revertera, como é de praxe, em beneficio da Sociedade Philantropica-Academica.

Foi eleito presidente da Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes o sr. conde de S. Januario.

Communicado

Ao sr. José Alves d'Oliveira, da Redinha.

Ha dias declarou v. ex.ª a pessoa da nossa confiança e que julgamos incapaz de faltar à verdade, que da nossa parte havia o firme proposito de o assassinar na primeira occasião que para isso se nos offerecesse ensejo. Fundamentou v. ex.ª essa sua declaração no testimonho de pessoa que lhe merecê todo o credito e ainda numa carta anonyma por v. ex.ª recebida.

Não obstante sermos simples e modestos artistas permitta-nos que lhe declaremos que prezamos a nossa dignidade, tanto pelo meos como v. ex.ª preza a sua, e assim em nome d'essa dignidade que tanto prezamos, não podemos deixar de emprazar v. ex.ª a que publica e peremptoriamente nos declare:

1.º Se realmente fez aquella declaração como sem duvida julgamos por v. ex.ª ter sido feita;

2.º Se a nosso respeito faz o juizo de assassinos e assim capazes de atentar contra a sua vida;

3.º Qual a pessoa, que lhe merecê todo o credito, que a nosso respeito affirmou a v. ex.ª termos nós formado tenção de o assassinar;

4.º Exhibir a carta anonyma, pondo-a à nossa disposição para procedermos como julgarmos conveniente.

Emprazamos a v. ex.ª como dito fica, e v. ex.ª se quiser ser digno e respeitado como homem sério, de credito e de bem, não poderá deixar de responder por este meio aos que se subscrevem de v. ex.ª

Attentos veneradores
Soure, 10 de maio de 1896.

José Cardoso Redondo
Antonio Joaquim da Fonseca.
(Segue-se o reconhecimento).

F. Fernandes Costa

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

Ivan agarra-o pelo pescoco. Um grito sobrehumano se ouviu no quarto. Anna, até então immovel, dirigiu-se para o seu marido.

— Perdão! Joan! Perdão! meu senhor! Eu farei tudo o que tu determinares! . . . Deixa Vasili! . . . Eu entouqueço!

Ouvindo estas palavras, as suas mãos crispadas largaram o pescoco de Vasili, e, pallido como um cadaver, ficou d'uma maneira tal sua mulher que ella cahiu de joelhos a seus pés desfeita em lagrimas. Elle repelliu-a rudemente com o pé.

Um momento depois, que a todos pareceu um seculo, disse com uma voz rouca:

— Estas livres! Eu não quero mais nada d'uma mulher como tu! És muito formosa para mim! Podes leva-la, Vasili. Ide. . . E obrigado por haveres evitado que eu commettesse um crime. Assesoiaria um de vós.

E saiu, deixando os dois amantes aterrados pela scena imprevisita que acabava de desinvolter-se diante d'elles.

No dia seguinte, os mujiks, encontraram, sobre a neve, o corpo d'Ivan Kouzmitch.

Embalado pela sua dor horrivel, adormeceu do somno eterno, tendo por exequias o assoviado do vento, por leito a neve, e por cobertura o frio.

Olga Kapatinsky.

Folhetim da RESISTENCIA

A SUSPEITA

(CONTO)

11

— Eu voltarei amanhã á tarde, dizia Joan á sua mulher, no dia seguinte pela manhã.

Estava vestido com uma especie de pelica, e prestes a partir; o trem esperava-o diante da porta com o seu cavallo Lavraska atrelado.

— Porta-te bem e não tenhas receio; eu hei de trazer-te o lindo lenço de seda azul que ha tanto tempo desejas.

E afastou-se, sem um olhar de despedida.

Entrando na cidade, tratou de resolver todos os seus negocios da maneira a demorar-se o menos tempo possivel; nem sequer visitou os seus amigos, e logo que se viu desembarcado, tomou o caminho da aldeia.

— Eh! meu Lavraska, anda corre, galopa, para que eu chegue a tempo de os surprender; depressa, meu bom amigo!

O tremo corria sobre a neve como uma flecha. A neve começava a cahir a sete horas. O cavallo afrouxava o passo. O caminho tornava-se imprati-

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM
(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz
Excellentes aguas mineraes
para doença de pelle,
estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear
Magnificas accommodações desde 15200 réis comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para medicos

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000\$000
Fundo de reserva... 214.000\$000

SEDE EM LISBOA

Esta companhia a mais prodigiosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.
Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

Aviso aos lavradores

Na cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 15000 réis por cada metro cubico.
A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accommodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13.
Nella se prestam os demais esclarecimentos.

Vende-se uma taboleta de 3,70 de comprimento, por 95 de altura.
Rua de Ferreira Borges, 9 a 15—Coimbra.

Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijos do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

Fernão Pinto da Conceição
CABELLEIREIRO //
Escadas de S. Thiago n.º 2
COIMBRA

Grande sortimento de cabelleiras para anjo e theatre, etc.

Propriedade

Vende-se uma, que se compõe de terra de semeadura, oliveiras e mais arvôres de fructo, com duas casas e dois pozos de agua, junto à igreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma igreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.
Tracta-se com Fortunato Secco, do Almeque, morador à Guarda Inglesa.

Coimbra e Luso

começar no dia 10 do corrente haverá todas as quintas feiras e domingos diligencia entre Coimbra e Luso, partindo de Coimbra às 5 horas da manhã e de Luso, às 7 horas da tarde.
A venda de bilhetes em Coimbra é na cocheira do annunciante ao caes, sendo o preço de ida ou volta 400 réis, e de ida e volta 600 réis.
Coimbra, 1 de maio de 1896
Manuel José da Costa Soares.

Arrenda-se

Na rua da Sophia o 2.º andar do predio n.º 56 desde o S. João em diante e tracta-se no mesmo 2.º andar.

Casa mobilada no Campo

Arrenda-se uma na estrada de Cozilhas, proximo à estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.
Tracta-se com Antonio Aroasa, rua da Moeda.

TABERNA PORTUGUESA

Na antiga, rua das Figueirinhas, actualmente Martins de Carvalho, n.º 47.

Vinhos tintos, e branco de diferentes qualidades e preços.
Vinho verde d'Amarante de especial qualidade.

Loja da China

Ferreira Borges

Amendoas de Moncorvo e grande sortido em amendoas-lus de primeira qualidade, cartonagens: gostos variados e por todos os preços.
Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhana e Mousinho e outras marcaes.
Para manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.
Especialidade da casa: café de Cabo Verde, s. Thomé e Angola, chá verde e preto de 2500 a 3500 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.
Compra e venda de sellos para colleções.

Vende-se a quinta do «Correio-Mór» a Copelra, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, oliveira, malva, arvôres de fructo e casas.
Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno... 25700
Semestre... 13350
Trimestre... 680
Sem estampilha:

Anno... 24400
Semestre... 12200
Trimestre... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

Typ. J. Franca Amado — COIMBRA

PEDIR OS PROSPECTOS

Assignatura 100 RS. cada n. COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS.	Os leitores da REVISTA, além do texto, comprehendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm tambem	UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.	Sae nos dias 1 E 15 de cada mes
	Revista THEATRAL ILLUSTRADA Critica, historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc. REDACCAO E ADMINISTRACAO R. Nova do Carmo, 76, 2.º—LISBOA	PEÇAS PUBLICADAS SALTIMBANCO de Antonio Ennes JUGUNDA de Abel B.elho ALCACER-HEIR de D. João da Lamara PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça Ciume com ciume se paga de Hangel de Lima Muito proprias as ultimas para amadores	Assigna-se em todos os agencias da ANTIGA CASA BERTRAND

ENVIASE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

Arrenda-se os altos d' casa da Ourivesaria Vil laça, na rua de Ferreira Borges Para tractar na mesma rua com Antonio José da Costa.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herculano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

COIMBRA

Consultas todos os dias das nove da manhã às quatro da tarde

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiaes, oleos, agua-raz, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Ingles e Cabo Mondego, as melhores qualidades, que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moedores e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystalle, meias branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para sup mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 6 REIS POR HORA

Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

123 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.
Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.
Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

RESISTENCIA

N.º 131

COIMBRA — Quinta feira, 21 de maio de 1896

2.º ANNO

A administração da justiça

Directamente responsável pela miserável situação em que o país se encontra, pelo extraordinário desinvolvimento da corrupção e da immoralidade que se nota nas classes dirigentes, nem só ao governo do rei podem esses factos ser attribuídos. Uma analyse serena e desapassionada leva-nos á conclusão de que pesam sobre muitos, sem atenuantes para o governo, as tremendas responsabilidades da ignominiosa e deshonrada vida que a nação arrasta e que talvez a conduza á tutela d'uma nação estrangeira. Prometemos demonstrá-lo e, em cumprimento da promessa feita, principiaremos por apreciar a acção exercida pelos tribunaes de justiça.

Tão importantes são as funções que estes desempenham; tal illustração, rigor, inflexibilidade e desassombro devem presidir a todos os seus actos; devem elles estar sempre tão superiores a quaesquer paixões ou interesses, que é com a maior repugnancia, fazendo sempre penoso sacrificio, que temos de dirigir-lhes qualquer censura e até de os apreciar menos favoravelmente.

Deviam elles manter-se sempre superiores ás luctas politicas, mostrar-se absolutamente desinteressados de quaesquer questões partidarias na applicação da lei, que é ou deve ser igual para todos, ricos e pobres, politicos e não politicos. E têm procedido assim?

É quasi proverbial hoje a phrase — *ladrão rico não vai para a cadeia*; e pede a verdade que se diga que a voz do povo não é, neste caso, a voz do diabo. Todos os dias se repetem factos que provam incontestavelmente a justiça de tão humilhante censura aos nossos tribunaes. Os grandes ladrões que têm saqueado os cofres do Estado ou arrastado á miseria numerosas familias por fraudes commettidas em poderosas companhias, jámais soffreram a acção da justiça. Ou não se lhes intaura processo, ou se, em virtude da revelação dos escandalos pela imprensa, tem de ser promovido, lá fica dormindo o somno eterno no cartório d'um escrívão.

É de notar que nem por todas as impunidades dos ladrões poderosos ou ricos são responsaveis os tribunaes. Muitos d'elles escapam á sua acção, em virtude de disposições le-

gaes que lhes asseguram essa impunidade. Os ministros do rei não são responsaveis por qualquer crime que commettam no exercicio das suas funções, porque ainda não existe entre nós uma lei de responsabilidade ministerial. O proprio parlamento português já reconheceu tão extravagante doutrina.

Outras entidades têm de ser julgadas por tribunaes especiaes em que o governo directamente influencia, ou pela nomeação dos seus membros, ou por ter de homologar as suas deliberações ou ainda pela sua indole politica.

Mas muitos ladrões ha que, não tendo garantida por lei a sua impunidade, a conseguem pelas influencias que no tribunal, onde a justiça não raro fica fóra da porta, se desinvolvem a seu favor. E' este um facto incontestavel e que se tem dado até em tribunaes superiores, cujos membros deviam considerar a sua independencia efficazmente garantida por lei.

Bem sabemos nós que, nos casos em que os governos não podem exercer mesquinhas vinganças directamente contra o juiz, ameaçam tornar d'ellas victimas os filhos, genros ou outras pessoas estreitamente vinculadas a elle pelos laços do sangue ou da amizade. Conhecemos até alguns factos d'esse genero e que a historia, para julgamento d'um regimen que se prostituiu completamente, ainda um dia ha-de narrar. Mas nem sequer nesses factos vemos circumstancias atenuantes do criminoso procedimento d'um juiz, que mente á sua consciencia ou trabe miseravelmente a função sublime que exerce por conveniencias proprias ou da familia. Perante estas deve elle sempre afirmar a mais austera independencia, que a propria natureza da função que exerce, se não a sua illustração e o seu character, soberanamente lhe impõe. Deixando de applicar rigorosamente a lei, o juiz vai minar as proprias bases em que a sociedade assenta, fazendo desinvolver na consciencia publica a crença de que a lei é letra morta.

Não ignoramos as arduas contingencias em que por vezes se verá o magistrado que queira cumprir d'um modo indefectivel os seus deveres, num país em que tão precarias são as garantias da sua independencia e em que a politica monarchica tudo avassala e procura corromper com o seu halito prestilencial. Reconhecemos a necessidade de reformar a nossa organização

judicial, no sentido de subtrahi-la completamente ás influencias delecterias que o poder executivo sobre ella pretenda exercer, ponto a que nos havemos de referir mais desinvolvidamente. Nunca desculparemos, porém, o magistrado que, por mais afflictiva que seja a situação em que se encontre, se deixa dominar por essas influencias ou por motivos de qualquer outra ordem.

Se ha deveres que a ninguém é jámais permittido esquecer, o da recta e imparcial administração da justiça occupa o primeiro logar.

Todos lhe batem

O *Jornal das Finanças*, que sempre tem defendido o governo, aprecia assim o *Solar dos Barrigas*:

«As quaes côrtes de 1896 devem ficar de memoria como o ajuntamento mais engraçado da historia politica da nação. O que havia de importante nas propostas do governo ficou por discutir, e foi approvada, sem discussão, uma mçaroca de tumentos, que ha de servir de remedio a diversos compromissos de provincia...»

Foi uma bella troça, uma pandega, um divertimento para os ratos velhos do parlamentarismo, enquanto que os novatos, aquelles que lá foram uma vez, á falta de homens, escutavam as picuinhas com ar grave, assim a modo de offendidos, como se elles estivessem allí a representar mais alguma coisa do que aquella especie de coisa nenhuma, de que se compõem biologicamente as suas pessoas...»

O país não precisa de reformas, nem de economias, nem de pão perante a crise agrícola, nem de melhora de cambio perante a crise economica, nem de vergonha perante a crise moral. O país do que precisa é de chuchadeira de um bocado de troça e de mézinhas contra os flatos, e de umas camaras como as que se acabam de fechar, que só representam tempo perdido aquelle que não se aproveitou para credito do bom humor nacional.»

O Navarro, mal soube que tinha apparecido na Hungria um homem com um feto na barriga, tratou tambem de ver se tinha alguma coisa no seu insaciavel ventre.

Os medicos descobriram que elle tinha lá nem mais nem menos que S. M. El-Rei D. Carlos!

O sr. Hintze Ribeiro, extranhando que a direcção do Banco de Portugal levasse juro de 5 % ou de 6 % conforme o credito que lhe merecesse a firma que descontava a letra, fez com que se fixasse a taxa de 6 % para todos os descontos. Quem lucra, a final, é o Banco.

Parece que antes da nova sessão parlamentar serão nomeados 15 pares. Feita essa nomeação, fica salvo o país.

Na estação do Rocio, á partida do João Franco para o Alcaide, o Conde de Restello deu-lhe um beijo.

Que nojenta coisa!

Baratieri

Este general, que conduziu a uma derrota tão vergonhosa o exercito italiano, acaba de escrever a um amigo, Pederzoli, a seguinte carta:

É na adversidade que se conhecem os amigos. Para mim a desgraça tem sido uma terrivel pedra de toque.

Continua a instrucção do meu processo e sei que o inquerito tecnico não podia ser-me mais favoravel.

O delegado fiscal abandonou até a accusação deshonrosa porque está demonstrado que eu fui um dos ultimos officiaes que abandonaram o campo de batalha com as ultimas companhias da reserva.

Acaba de chegar o procurador geral militar e não sei quaes as suas intenções. Fico admirado lendo as calumnias que em volta de mim têm sido espalhadas. Tratei sempre bem o general Arimondi que não andava contente, porque queria restringir as minhas funções, as de governador civil, para que eu lhe confiasse o commando em chefe das tropas.

Isto era impossivel...

É facil de repellir outra calumnia. Diz-se que eu ataquei ao acaso o inimigo por ter sabido da minha substituição pelo general Baldissera. Está agora provado que só em 5 de março tive conhecimento d'essa substituição. Se a conhecesse antes, teria batido em retirada, não assumindo a responsabilidade de um combate.

De resto, assumi esta responsabilidade porque era necessario adoptar uma resolução: eu nunca disposera de tantas forças e julgava os abyssinios em disputa e divididos. Dessejava simplesmente occupar uma posição mais adeante do ponto onde nos encontravamos e tinha uma confiança absoluta na victoria. Todos os generaes e o chefe do estado maior, ouvidos separadamente e nos conselhos de guerra de 28 e 29, me aconselhavam o ataque.

A desgraçada derrota foi devida á disjunção das brigadas, como se verá pelo relatório do inquerito que será publicado.

É absolutamente falso que eu reunisse somente os officiaes que eram favoraveis ao ataque. Reuni todos os generaes e o chefe do estado maior na noite de 28 de fevereiro.»

Não vai para Cabo Verde o Gungunhana. Em resposta á pergunta do governo—se podia ali responder pela segurança d'elle, o governador respondeu negativamente. Não irá, pois, para Cabo Verde mas para o castello de Angra, onde permanecerá prèso com os seus companheiros.

Ainda está dando que fazer o Gungunhana, depois de prèso.

Portugal, é dos países da Europa e America o que paga mais por cada habitante.

Tambem em alguma coisa havia de ir na vanguarda da civilização.

Diz-se que vai ser publicada uma nova edição do *Regulamento provisório* para o serviço do exercito em campanha, com as modificações que a actual ordenança possa introduzir nas suas disposições, sobretudo no que respeita ao serviço de segurança em marcha e estacionamento.

Instrucção publica Instrucção secundaria

XXIX

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

Examinemos est'outro argumento — *que do estudo das linguas classicas depende essencialmente o conhecimento da civilização greco-romana e que nos auctores antigos ha uma grande copia de conhecimentos de que não podemos prescindir*. É este um argumento, a nosso ver, tão contestavel como os anteriormente examinados, por mais que os defensores apaixonados do *quietismo* pedagogico, quer dizer, da esterelização intellectual do alumno, pretendem attribuir-lhe uma importancia superior, que, aliás, facilmente se destróe, mostrando a sua completa inanidade.

É evidente—ninguem o contesta, que o estudo da antiguidade greco-romana, o conhecimento da sua civilização, nos interessa sob muitos pontos de vista; mas tambem não será facil demonstrar que para se conhecer bem e minuciosamente a civilização grega e romana seja indispensavel entender e compulsar os textos originaes. É tão falso o terreno em que, a este respeito, se collocam os defensores d'esta opinião, que, ainda que ella fosse exacta, verdadeiramente incontestavel, nem assim poderia justificar-se tão absurda pretensão. Vejamo-lo.

Ninguem de boa fé pode contestar seriamente que, para se fazer uma boa traducção, sem desvirtuar o pensamento e quanto possivel a forma do auctor traduzido, não seja absolutamente indispensavel que o traductor conheça bem não só a propria lingua e aquella de que se propõe traduzir, mas tambem o assumpto sobre que versa a traducção.

Isto é incontestavel. Quando na academia platonica de Florença, o professor de litteratura grega se mettia a fallar de Platão, perguntavam indignados os escolasticos latinos como é que um philosopho podia ser explicado por um individuo que não sabia philosopha. E comprehende-se bem o motivo d'aquella indignação.

Ora, se isto é assim, não poderão dizer-nos que proveito tirará o alumno de dez a doze annos da leitura dos auctores classicos e dos conhecimentos que nelles se encerram, sendo aliás certo que o desinvolvimento intellectual que é licito suppor-lhe não lhe permite comprehendê-los?

Nestas condições, é positivamente absurda a pretensão comprehendida no argumento que estamos analysando.

Não é, porém, necessario, digamo-lo de passagem, recorrer ás razões indicadas, para se invalidar por completo o argumento de que se tracta: é facil destrui-lo com a

evidencia dos factos, que são por si só, bastante elucidativos.

Não ha hoje assumpto que não esteja sufficientemente tractado em todas as linguas dos povos cultos. Em qualquer das manifestações do pensamento, em qualquer dos ramos do saber humano, se possuem actualmente trabalhos completos, que facilmente podem ser compulsados, sem que seja preciso recorrer ás obras da antiguidade classica. E, se pelo que respeita ás sciencias moraes, algumas reservas se poderão fazer, argumentando-se com a conveniencia do estudo dos livros dos auctores antigos, pode responder-se que, ainda neste caso e dado que assim seja, não é indispensavel o conhecimento das linguas classicas, visto que todos os livros escriptos nessas linguas estão hoje traduzidos e commentados.

Accrescentaremos que seria uma heresia afirmar-se que, na actualidade, não possa o alumno conhecer e entender melhor as obras dos auctores classicos pelas traducções e commentarios que facilmente encontra ao seu alcance, do que pelo exame directo d'essas obras. E, quanto ao proveito que d'ahi lhe pode advir, nem sequer nos parece licita a comparação.

Affirma um professor illustre que a pretensão de que nos é impossivel comprehender bem a vida intima dos gregos e romanos, sem o conhecimento da respectiva lingua, é pouco menos que um contrasenso; é emitir uma opinião erronea e que facilmente se refuta, porque a vida intima pode deduzir-se da vida exterior, e esta pode ser descripta numa lingua qualquer, pois tudo o que nos mostra bem os usos, os costumes, as intuições, a historia do povo nos ajuda a comprehender a sua vida intima, e tudo isto é possível por intermedio dos traductores e commentadores. É esta uma grande verdade, que ninguém se atreverá a contestar. De resto, ninguém poderá afirmar que o ensino das linguas classicas, tal como o comprehendem e professam os que mais obstinadamente o apregoam como necessario e indispensavel, seja dirigido no intuito e de modo a produzir os resultados que se inculcam. O argumento de que se tracta é improcedente, por conseguinte.

E, se o não fosse, teriamos necessariamente de concluir que para a educação do clero seria absolutamente indispensavel o estudo e conhecimento profundo das linguas em que a Biblia foi primitivamente escripta. Se os traductores e os commentadores das obras classicas, que os ha numerosos e auctorissimos, não bastam para bem os comprehendermos, com mais razão talvez se devia exigir que o clero estudasse a fundo o hebreu, em que foi escripto o Velho Testamento, porventura a parte da Biblia de mais difficil interpretação, pois tudo alli é figurado, contendo um grandissimo numero de maximas e passagens poeticas, de delicada interpretação, e porque se refere a um estado social muito differente do nosso. Para o estudo e interpretação dos Evangelhos ser-lhes-hia igualmente indispensavel o conhecimento do grego vulgar, pois que ninguém pôde admitir que o Christianismo, que revolucionou o mundo, e que, por isso, constitue um facto social de primeira grandeza, possa deixar de ser profundamente estudado nas suas causas e nos seus effectos, sobretudo por aquelles que, *sal terræ e lux mundi*, consoante o dizer do texto sagrado,

têm por missão essencial explica-lo. E, com ser isto assim, poderão dizer-nos quaes os membros do alto ou baixo clero que intendem uma palavra de grego ou de hebreu? O numero dos que d'essas linguas têm algum conhecimento é excessivamente limitado, como, de resto, ninguém ignora. Os proprios bispos, na sua grande maioria, conhecem porventura, nos textos originaes, a doutrina biblica, de que, aliás, são os interpretes naturaes e legitimos? Se até já houve tempo em que elles nem o proprio latim sabiam! (a) Dum já nós ouvimos dizer, e a mestre auctorizado, que não sabia o latim preciso para entender bem o breviario.

Na ignorancia, pois, dos textos originaes, contentam-se — e não pôde deixar de assim succeder com os commentadores, que, na verdade, abundam em todas as linguas modernas.

Apesar das difficuldades que a empresa apresenta, não ha, com effeito, livro que tenha sido mais commentado que a Biblia. Os trabalhos de exegese biblica são numerosos, em todas as linguas cultas, de modo que, por assim dizer, todas as luzes que sobre ella nos pôde fornecer a erudição e investigação critica têm sido espalhadas profusamente em todas as linguas modernas. E isto tem sido julgado sufficiente, para instrução e educação do clero, sem que tenha sido necessario obrigar-lo a conhecer a doutrina biblica nos textos primitivos, o que, aliás, não quer dizer que não seja utilissimo conhecê-los.

Ora, se isto assim é, se os factos se passam como nós os indicamos e ninguém ignora, claro é que o argumento que hoje analysamos é bordão excessivamente fragil, para que a refina podia encostar-se commodamente a elle, e não pôde, por isso, ser facilmente utilizado, sem grave risco de se quebrar nas mãos dos que o empunham.

(a) Numa dos Decretos de Gregório XI prescreve-se que os bispos sejam obrigados a saber latim, prova evidente de que muitos o ignoravam.

Dr. Henriques da Silva

Está completamente restabelecido do ataque de influenza que o reteve em casa por alguns dias, este distincto professor da Universidade. As nossas felicitações.

Os antigos administradores da Companhia da Mala Real querelaram contra os nossos prezados collegas *O Paiz* e *A Vanguarda* por causa dos artigos que publicaram acerca das fraudes commettidas pela administração da mesma companhia. Pelo que se vê, também vão metter em processo os peritos que examinaram a escripturaçã da Mala Real e vieram revelar as enormes torpêsas que nella se praticaram. Que os nossos collegas não fizeram mais que reproduzir os dados por elles fornecidos no relatório.

Inquerito á barriga dos illustres barrigas.

Em todas ellas o feto João Franco.

Evora está sendo fecunda em *ladrões*. Hontem era o cavalheiro Pimentel que mandava para sua casa o cofre da thesouraria; hoje já outro cavalheiro não menos distincto se encarega de limpar as arcas da Casa Pia. Estes dois benemeritos, num paiz-reles, teriam por galardão, a habitação gratuita na Penitenciaría.

No nosso, porém, incomparavel, dá-se-lhes a mais alta protecção e declaram-se benemeritos, para que não falte quem dê lustro á corôa.

«Dôr Suprema»

Sobre o desempenho magistral de Virginia e João Rosa, neste magifico drama de Marcellino de Mesquita, diz o nosso prezado collega *A Voz Publica*:

«O desempenho, por parte dos protagonistas Virginia e João Rosa, (*Júlia e Antonio*), é magistral. Profundamente bem estudados esses personagens, não se surpreendem na falta de um unico pormenor, vivem aquella existencia soffrida, soffrem aquella dôr suprema, numa tortura cruciante. E é tão empolgadora a sua interpretação, tão pungente o tom de realidade, que esmagam o espectador e fazem-o soffrer a sua parte na lancinante agonia»

E o Primeiro de Janeiro:

«O desempenho por parte de Virginia e João Rosa foi assombroso, uma verdadeira maravilha, digna dos dois grandes artistas. A interpretação foi, não só superior, mas unica, porque, feita assim, fica excluída qualquer outra. Não é demais dizer-se que a *Dôr Suprema* foi creada duas vezes: pelo auctor e pelos dois notabilissimos artistas, a quem o auctor dedicou a sua peça, numa justissima homenagem.»

Todos os outros jornaes dizem que os dois insignes artistas foram muito applaudidos.

Egualmente tecem rasgados elogios ao dramaturgo Marcellino de Mesquita.

Vae fazer tirocinio para general o ex-ministro da guerra, *Festas*.

Muito custou ao país este generalato, mas o sr. Pimentel Pinto sempre vê cumpridos os seus desejos.

E' general.

Justificando a recusa ao convite que lhe foi feito para tomar parte numa Associação de Jornalistas, diz o nosso collega de Lisboa, o *Jornal do Commercio*:

«E, finalmente, a comprovar a inoportunidade da tentativa surgem factos, tão recentes, quanto eloquentes.

Quando foi da chegada dos expedicionarios, sem razão, nem lei, a policia assaltou nocturnamente a redacção de dois jornaes republicanos e passou a exercer sobre elles, contra a expressa determinação da propria Carta, censura prévia.

A esse tempo estava já constituida a commissão iniciadora da associação dos jornalistas, e era o momento esse, ou não o haverá nunca, de affirmar solemnemente um acto de solidariedade jornalística, protestando collectivamente contra o maior attentado que pôde ser feito á imprensa.

Que fizeram?

Nada. Não tugiaram, nem mugiram os corypheus da solidariedade jornalística.»

Nesta ultima parte é menos verdadeiro o nosso collega.

Tugiaram e mugiram para defender o governo e atacar os jornaes republicanos, forjando para esse fim infamias. É assim que elles manifestam a solidariedade jornalística.

Que isto não é coisa que se coma e o governo subsidia-os...

O correspondente d'esta cidade para o *Commercio do Porto* diz que obtiveram informações que lhe deram a certeza de que a familia real não vem a Coimbra por occasião das festividades em honra da Rainha Santa.

Tambem nós temos essas informações, e ha bastante tempo. Sabem-se até que falharam alguns planos do governo que se relacionavam com esse assumpto.

Bagatellas

O diplomata Racziński teve alguma vez um remoque certo para a sáfara das devoções e enthusiasmos faceis, que a arte faz desabrochar em Portugal.

E, coisa divertida! á superabundancia de analyistas, de criticos e de arbitros corresponde a illimitada temeridade das mais altivas e extravagantes opiniões de esthetica!

Cada qual forja as suas!...

E tudo é discreto, estabelecer principios e adjudicar preferencias com ares de auctoridade tão alta-neira, como quem abriga no intimo a intransigencia indomavel das convicções profundas!

E todavia, para julgar com persuasão e segurança d'uma obra de arte que incommensuraveis aptidões de espirito são necessarias! Educadas no esforço attento e na comparação persistente dos multiplos aspectos e das infinitas interpretações da naturêsa, através da intelligencia e do sentimento dos predestinados!

Hoje mórmente, que, zombando dos dogmas das velhas seitas, a espontaneidade dos artistas pôde percorrer em liberdade a orbita infinita das mais bizarras concepções, dos mais extravagantes processos, que delicadêsa de argucia e de vibratibilidade é precisa, para o reconhecimento consciente das parcelas preciosas do talento, muitas vezes diluidas sob as fórmulas mais caprichosas e imprevisas!...

Por este theor estou discorrendo em soliloquio ha meia hora, porque numa pagina da conferencia do sr. Eugenio de Castro acerca João de Deus deparei com esta arrogante e typica passagem:

«Ha em França um notavel pintor chamado Puvís de Chavannes, cujos trabalhos, vistos por *qualquer ignorante em materia pictural*, dão uma impressão de ingenua e quasi ridicula simplicidade, impressão talvez ainda mais intensa do que a produzida pelos Primitivos Italianos. Aos olhos, porém, d'um perito...»

... E prosegue, — como perito, — engrandecendo a obra de Chavannes!

Nada mais impertinente e menos generoso do que esta fallacia fugosa e alegre da gente nova — vêr por sobre as multidões alfombrados de orelhas azininas!...

P. de Chavannes pertence ao numero d'esses artistas dos ultimos tempos, que mais acerbas resistencias encontrou ao reconhecimento e consagração do seu talento.

E os seus adversarios não eram com certêsa *quaesquer ignorantes em materia pictural*! A lucia foi estrondosa e as peças do processo são abundantes!

Nem admira! E' o acontecimento vulgar de sempre! Sobre uma obra d'arte que se afasta da normalidade incidem os mais contradiatorios julgamentos. Quantas reputações iniciadas partiram ao choque das controversias; e quantas obras deprimidas no primeiro momento foram rehabilitadas numa aureola de gloria! São factos numerosos e occorrecias normaes e quotidianas nas sociedades, onde a arte tem cultores e crentes.

Eu limito-me a recordar dois exemplos capitaes d'entre cincoenta: a obra de Corbet; e a *Dança de Carpeaux*, que provocou o maior escandalo da arte moderna. E citarei ainda o proprio Rodin, que acaba de vencer!...

Mas chega a parecer ridiculo es-

pecialisar factos d'entre dezenas, accumulados em qualquer livro, ou folha volante!

Chavannes triumphou pelas identicas razões de originalidade, que, depois das contestações e sarcasmos mordentes da incomprehensão da critica, ergueram ás culminancias do talento Comerre, Besnard, Carriere, Raffaelli e outros, e muitos outros que ora acabaram de entrar em scena.

Paul Mantz na moderada postura habitual diz de Chavannes:

«Nous avions commencé par la résistance et il nous a fallu quelque temps pour goûter son charme un peu matadif».

Veja-se este *ignorante* que, apesar de convertido, dá signaes da antiga heresia!

Um outro, que não será tambem precisamente um jumento, Fourcaud escreve isto:

«Je comprends qu'on s'irrite contre une pareille oeuvre: ce qui est certain, c'est qu'elle finit par émuouvoir».

Outro burro, talvez! E é facil de formar uma recua dos mais graduados!...

A pintura de Puvís de Chavannes é essencialmente decorativa. Dos preceitos do genero elle tem a inexcédível harmonia; e a mais, uma idealisação suave, d'um archaismo hieratico e indefinivel, que effectivamente faz lembrar os *primitivos italianos*. E o que ha de materialmente — artificioso e propositado — na sua technica, elle sabe resgata-lo pela emoção extranha e funda que se exhala d'aquelle conjunto insolito, por onde parece perpassar um bafo de nevrose.

Não eram *ignorantes* os que a principio o repelliram!... Lérias!

Por maior que seja a lucidez e a tolerancia do meio, toda a innovação attentatoria das idéas correntes produz um abalo perturbador e desperta um movimento instinctivo de reacção.

E ainda bem, que assim é! Uma garantia necessaria ao equilibrio geral dos espiritos!

Fóra d'esta regra ficam simplesmente — os insensíveis... e os admiradores de convenção!

A.

Os alumnos do 5.º anno juridico vão a Lisboa, durante as férias do ponto, dar uma récita com a peça o *Sonho d'um bacharel*.

É engraçado!

Communica a Havas, em telegrama de Paris:

«O duque de Orléans publicou hoje uma carta que dirigiu ao duque de Audilret-Pasquier, na qual se admira do mau acolhimento da junta realista ao projecto que os seus amigos operarios tiveram de fazer em Cholet (departamento do Maine et Loire), de uma manifestação electiva para deputado sobre o nome d'elle, principe; diz que é preciso escolher entre o ligurar a monarchia ou fazê-la; pronuncia-se contra a attitude da expectativa; e conclue declarando que folgaria ter deixado os suffragios recahirem sobre o seu nome, para reduzir a nada a absurda lenda da incompatibilidade entre o direito monarchico e o direito clectivo».

Como conciliará o desastrado duque o direito monarchico com o direito clectivo? Se reconhece este direito, como contesta elle a legitimidade do systema republicano?

Parece-nos que o homem se prepara para candidato na futura eleição do presidente da Republica. Era realmente o melhor modo de restabelecer o regime monarchico.

Cuba

Já ninguém tem illusões sobre a enorme força de que dispõem os insurrectos cubanos.

Os jornaes hespanhoes pedem mais 100:000 homens para Cuba e accusam o governo de illudir a opinião, amesquinhando os insurrectos, emquanto dia a dia os factos demonstram quanto são enganosas as informações officiaes.

Alguns jornaes chegam a aventar a idéa de se abandonar Cuba, que tantos sacrificios está exigindo a Hespanha.

×

No senado dos Estados-Unidos Morgan criticou a crueldade do general Weyler e pediu para que a camara approvasse uma moção, declarando que existia um estado de guerra em Cuba e que as duas partes que intervêm são belligerantes. Foi muito applaudido.

×

O Times publica uma extensa carta do seu correspondente na Habana, fazendo uma descripção do estado da ilha. A carta é o mais pessimista possível. Affiança que as forças dos insurrectos ascendem a 40:000 homens. Maceo dispõe de 11:000. A sua situação, longe de estar comprometida na provincia de Pinar del Rio, vae melhorar, por isso que espera reforços e bastantes munições.

Maximo Gomez dispõe de 6:000 homens, e acha-se a 15 milhas de Santa Clara.

Calixto Garcia propõe-se a manobrar em Matanzas e na Habana, de combinação com Maceo, afim de atacar por differentes pontos a linha militar de Mariel-Artemisa.

O referido correspondente informa que, embora os desmentidos officiaes, a Hespanha tem-se limitado á defensiva. As tropas têm que guardar as povoações e os engenhos. A uma milha de distancia das guardiões, encontram-se os insurrectos. A Hespanha, com todas as suas tropas, é obrigada, primeiro que tudo, a proteger as vidas e os haveres dos proprietarios, e, neste sentido, emprega innumeras forças.

O Times classifica de anti-patriótica a ignorancia em que se deixa a Hespanha ácerca do verdadeiro

estado da ilha de Cuba. Defende o general Weyler dos actos de crueldade que lhe são attribuidos. Censura os insurrectos pela destruição das propriedades, justificando apenas a destruição das linhas ferreas, como meio de communicação em tempo de guerra.

Descreve depois com as cores mais negras a situação economica da ilha, cada vez mais angustiosa, e que representa um montão de ruínas.

Só será possível a paz, concedendo á ilha a autonomia ampla e completa. Se assim não se fizer, nada se obterá.

E para notar a cegueira do governo hespanhol, perante uma situação de tanta gravidade.

E termina censurando a perseguição contra a imprensa da ilha, que tem levado ao auge o exaspero da respectiva população.

O Grande Emmanuel

Acabou agora o *Rei Lear* no Theatro Principe Real.

Estamos a escrever sob a formidável impressão que nos deixou o surpreendente trabalho do grande actor. Faltam-nos adjectivos para qualificar esse magistral quão verdadeiro desempenho, e o adeantado da hora não nos permite alongar muito.

Emmanuel vive a vida dos personagens. S'ffre com elles com uma consciencia e verdade admiráveis. Ali não ha o mínimo effeito scenico, é tudo feito com uma simplicidade extraordinaria. A loucura, com os seus momentos lucidos, e a morte são representadas com uma naturalidade artistica só comparavel ao seu grande talento.

Que havemos nós de dizer dos restantes artistas? Com aquelle actor de primeira grandesa, elles não podiam brilhar, comtudo não desmancharam a platêa corou com prolongadas e entusiasticas salvas de palmas o soberbo trabalho do grande actor-critico, sendo elle chamado varias vezes á scenã. No fim de cada um dos seis actos teve uma ovapão.

Pena foi que apenas houvesse meia casa. O publico d'esta cidade deixa perder a occasião de ver o melhor interprete de Shakespeare e provavelmente não voltará a tê-la tão cedo.

Nós, pelo nosso lado, não esperamos ver melhor do que aquillo.

Hoje o *Luiz XI*, para apresentação de Rossi.

Nos dias seguintes o *Othello* e *Hamlet*, em que Emmanuel é igualmente admiravel.

duas horas na casa e tornava a partir. Dizia-se que era um selvagem.

Uma noite este homem e uma joven tomaram o caminho de ferro a Sceaux. De Sceaux fizeram-se conduzir em carruagem até Fontenay-aux-Roses. Em Fontenay tomaram outra carruagem que os conduziu a Bagneux. De Bagneux, seguindo por atalhos e dando innumeras voltas, chegaram a Cachan e entraram na *Casa Abandonada*...

O homem s'hiu quasi logo para percorrer os muros, sondando com os olhos a escuridão.

É certo de que ninguém o tinha seguido tornou a entrar na casa e accendeu uma vela.

A luz bateu em cheio no rosto de uma mulher de 26 annos, pallida, olhos castanhos, labios grossos e voluptuosos, nariz direito, e cabellos escuros.

Esta mulher era de mediana estatura, peito largo, corou flexivel, e maneiras elegantes, quem quer que a visse sentir-se-hia impellido a ama-la e com um ardente desejo de confessar-lh'o, mas a sua distincção natural fazia deter nos labios as propostas de amor.

O joven era pouco mais ou menos da mesma estatura, muito trigueiro e balouçava-se um pouco ao andar. Tinha na pronuncia um ligeiro accento estrangeiro.

Logo que accendeu a vela voltou-se para a mulher e disse-lhe:

— Estaes aqui em vossa casa, senhora.

— Senhor, disse a joven, estenden-

Insubmersibilidade dos navios

Tornar os navios — de qualquer typo que sejam — completamente insubmersiveis e supprimir absolutamente a causa mais frequente dos sinistros maritimos, é um problema evidentemente da maior importancia, mas cuja solução podia com razão parecer uma utopia.

Pois bem, esse problema, pretende tê-lo resolvido um engenheiro francês pelo modo mais simples e engenhoso.

M. J. Dubois colloca, para isso, debaixo do pavimento d'um navio, reservatorios d'um tecido especial extremamente resistente e dispostos de fórma que, depois de cheios, occupam completamente todos os espaços livres dos compartimentos onde vão as mercadorias. Esses saccos dobrados em pregas como os d'um fôlle de Concertena estão presos á parte superior por um fio ou por um tecto falso. E communicam por meio de tubos com recipientes metallicos que contêm acido carbonico liquido.

Concebe-se, desde já, quão simples é a manobra a executar; o navio tem algum rombo, a agua entra? Abrem-se immediatamente as torneiras do acido carbonico, os saccos enchem-se quebrando, pela enorme pressão, os fios que os comprimem, e vêm occupar assim todos os espaços vazios, expulsando a agua, e mantendo-o apesar do rombo no costado, em condições de fluctualidade tão perfeita como antes do sinistro.

A série de experiencias que tiveram lugar, na semana finda, em Paris, sob a direcção de M. Bruel, director da sociedade *L'Insubmersible* deram resultados completos.

Serviu para a experiencia um navio em miniatura, redução a quarenta por cento do *California*, munido dos reservatorios extensiveis Dubois, tendo nos flancos dois orificios tapados que, proporcional-

do-lhe a mão, agradeço-vos tudo o que haveis feito por mim. Agora voltae para Paris, de maneira a chegardes a vossa casa amanhã de manhã.

— Cumprerei os vossos desejos, mas, antes, permiti-me que vos ensie a casa. Não ficareis aqui muito confortavelmente. Este compartimento, é a sala de jantar. Quatro cadeiras de palha, uma mesa de madeira branca e um mão aparador de nogueira.

— Quereis ter a bondade de seguir-me?

— A casa não é grande. — Aqui é a cozinha: duas cassarolas, um fogão e uma cafeteira; um verdadeiro menage de rapaz. Neste armario ha uma duzia de pratos desapparelhados e três ou quatro talheres. Ha! e tambem uma sopeira, duas chavenas e um pires. Bravo! não me julgava tão rico — A lenha não falta. A casa é humida, e preciso accender o lume — O vinho não falta na frascqueira. Para lá chegar levanta se este alçapão e desce-se assim. Fazei o favor de allumiar-me.

— Dae-me a vela.

— Obrigada. — Aqui está o vinho. — Quereis subir ao primeiro pavimento? Tomae cantella! as escadas são muito empinadas. — Eis-nos no quarto. É mais luxuoso. Tem um tapete de feltro, ainda em bom estado, e o soalho é mais secco do que o do rez-do-chão. O leito é amplo e bom. Nesta commoda ha alguma roupa de linho, e objectos de *toilette* nesta gaveta. Este fogão que eu acabo de accender arde

mente representam dois enormes rombos.

Destapados estes orificios, immediatamente se abrem as torneiras das recipientes; o navio afunda-se quasi meio centimetro, depois, por effeito do gás que invadindo os espaços vazios expulsa a agua, torna elle á sua posição primitiva e fica fluctuando como uma boia.

Numa segunda experiencia o navio foi mettido a pique; pôz-se a funcionar o aparelho e, dentro em pouco elle volta á superficie da agua. Os resultados da experiencia foram realmente admiráveis.

Estes aparelhos, extremamente engenhosos, têm além d'estas vantagens a de se poderem adaptar a qualquer typo de navio sem grande trabalho nem modificações importantes.

O seu peso e o espaço que occupam é tambem insignificante.

Vê-se por tudo isto os serviços importantes que esta extraordinaria invenção prestará á navegação fluvial e maritima tanto sob o ponto de vista militar como commercial.

A congregação da Faculdade de Mathematica resolveu pôr ponto nas aulas do 2.º, 3.º, 4.º e 5.º annos no dia 13 de junho e no 1.º anno a 20.

Faz exame de licenciatura em Medicina, no dia 6 do proximo mês, o distincto alumno sr. Adelino Vieira de Campos.

Falleceu ante-hontem com uma congestão cerebral o sr. Filipe Coelho, pae do distincto alumno da Universidade o sr. Manuel Gomes Filipe Coelho, a quem enviamos os nossos pezaes.

O enterro que se realisou hontem foi muito concorrido.

O imperador da Allemanha conferiu a Mousinho da Silveira a cruz da Agencia Vermelha, como testemunho de admiração pelo heroico feito da prisão do Gungunhana.

Falleceu em Vienna o archiduque Carlos Luiz, irmão do imperador d'Austria e que era casado em terceiras

admiravelmente. Não esquecaes de que é preciso aquecer-vos. Eu vou collocar ao lado do fogão uma provisão de lenha. — Este campê e este *fauteuil* estão realmente muito usados. — Por cima da cozinha ha um pequeno quarto onde eu dormirei. Amanhã trarei do campo uma pouca de palha em que repousarei admiravelmente. — Ah! Esquecia-me de dar-vos o assucar para o vinho. Lembrae-vos, senhora, que só estarei de volta amanhã a noite, e que até lá, o vosso alimento tem de limitar-se a vinho assucarado.

O joven olhou ainda em volta de si a vêr se não se esqueceria d'alguma coisa, depois continuou:

— Não tenhaes medo. Estareis em segurança nesta casa, que se sabe estar deshabitada e quasi abandonada, não despertando, por isso, qualquer tentativa de assalto. Nunca encontrei em redor do muro, planta alguma calcada, o que prova nunca terem tentado escala-lo. Para mais vos socegar dir-vos-hei que os muros são altos e que as portas e janellas sólidas. Nada temais, pois. — Vejamos, estaes quentes? — Tendes velas? lençoes?... Deixo vos a fazer a cama. — Demanhã entreabrirei as janellas, eu quando voltar, tossirei d'este modo, e lançarei uma pequena pedra ás vidraças; este será o signal combinado. — Vinde fechar a porta.

— Ah! senhor, sois digno e valente, disse a joven.

— Até amanhã, senhora.

com a infanta D. Maria Thérèse de Bragança, filha segunda de D. Miguel.

O principe herdeiro do throno fica senda agora o archiduque Fernando, filho do finado, que está tuberculoso.

Foi approvedo o novo horario dos caminhos de ferro do Minho e Douro.

Bibliographia

Revista Theatral — Excelente publicação quinzenal de assumptos theatraes, dirigida pelos srs. Collares Pereira e Joaquim Miranda.

O numero que acaba de sahir traz uma collaboração distincta.

Revista das Escólas — Recebemos e agradecemos o n.º 14 do 2.º anno d'esta revista, bem redigido semanario do Porto, cujo summario é o seguinte:

Maria Magdalena aos pés de Jesus — O professorado de Lisboa — Escóla primaria em Gueifães — O escandalo na escóla nocturna da Sé. Com vista ao dignissimo director geral da instrucção publica — Subscrição do professorado para occorrer ás despesas judiciais a favor dos collegas de Sameica e do Porto — Legislação escolar: Decretos, Classificação dos professores de Beja. Mappa — Despachos pela direcção geral de instrucção publica — Plebiscito — Consultas — Noticias escolares — Secção litteraria; A filha do convencido, por Alfredo Alves — Bibliographia — Noticias diversas — Correio da casa — Expediente.

Alfinete

Perdeu-se um desde Luço até esta cidade. É de ouro, quadrado e crivado de pequenos brilhantes.

Pede-se a quem o achasse o favor de o entregar na rua de Ferreira Borges, n.ºs 50 e 52, onde será gratificado.

Arrenda-se do S. João de 1896 em deante a loja com os n.ºs 68, 70 e 72 na rua do Visconde da Luz. Para tractar com Joaquim Augusto Preces Diniz.

Agencia Economica em Coimbra

Encarrega-se de negocios dependentes de todas as repartições publicas e Redacção dos jornaes da localidade; presta esclarecimentos e informações; e incumbem-se da administração de propriedades rusticas e urbanas.

Correspondencia, franca de porte, a Augusto José Gonçalves Pino, Coimbra.

E partiu. A joven correu cuidadosamente os ferrolhos da porta. Percorreu ainda uma vez com a vista a cozinha e a sala de jantar como quem tem receio de ali encontrar alguém, e entrincheirou-se no seu quarto.

— Até que emfim! exclamou alegremente, tudo acabado, estou livre! advinhe quem puder, considero este o dia mais feliz da minha vida, ao vêr-me longe do homem que desprezo e odeio.

II

O senhor duque de Villedieu

A hora em que a joven e o seu companheiro chegaram á casa de Cachan, M. o duque de Villedieu, entrava nos seus magnificos aposentos do boulevard Malesherbes.

— A sr.ª duqueza está em casa, Joseph? perguntou ao criado, entregando-lhe o *pardessus* e o chapéu.

— Não, senhor duque, disse o criado, a senhora duqueza sabiu depois de jantar para casa da baroneza de Koradec e não voltou ainda.

— Foi na sua carruagem?

— Não, mandou buscar um fiacre.

— Minha mulher sae muitas vezes em fiacre ha um certo tempo, murmurou o duque. É meia noite e meia hora; devia estar já em casa.

(Continua).

Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

A casa abandonada

As aves, seguras de não serem desalojadas, estabeleceram ali o seu domicilio. A hera estava povoada de pardas que faziam uma chiada de ensurdecer; as andorinhas ali fabricam os seus ninhos sob os beirões do tellado. É o paraíso das avesinhas dos arredores; ali se recolhem zombando dos que andam aos ninhos, e das lavadeiras que estendem a roupa na planície.

A natureza é para ellas, a *Casa abandonada*.

Ha perto de um anno, que se julgaria a casa deshabitada, se não fosse uma especie de caminho trilhado que la da porta do jardim á porta da casa, da casa á bomba e a um pequeno banco encostado a um castanheiro e cercado de dulcameras, framboezas, orlitas e salgueiros.

Havia ferrugem no braço da bomba, e musgo no banco; com certeza o proprietario abria poucas vezes as persianas verdes das janellas.

Entretanto, algumas vezes, as lavadeiras de Cachan viam ali chegar um homem ainda novo. Passava uma ou

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM
(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio
e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineraes
para doença de pelle,
estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e tele-
grapho, medico, pharmacia
e casa de barbear
Magnificas accommodações
desde 1\$200 réis
comprehendendo servico, club
etc. Bonus para medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.^a a 5.^a classe; duas salas para duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração. com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos. — **Vingem** — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas de hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao agente do Grande Hotel. — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125

O hotel foi este anno adjudicado á acreditada firma Silva & Ferreira, do restaurant Club de Lisboa, ficando em rigor os antigos preços.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sã da Bandeira, 251—Porto

14 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital reis... 1.344.000.000
Fundo de reserva... 2.1.000.000

SEDE EM LISBOA

13 Esta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

Aviso aos lavradores

12 Na cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 16000 réis por cada metro cubico.

A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

11 ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accommodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Tumaç e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Neila se prestam os demais esclarecimentos.

10 Vende-se uma taboleta de 3,70 de comprimento, por 95 de altura. Rua de Ferreira Borges, 9 a 15—Coimbra.

9 Chegou nos ultimos dias, e esta-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2
COIMBRA

8 Grande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

Propriedade

7 Vende-se uma, que se compõe de terra de semadura, oliveiras e mais arvores de fructo, com duas casas e dois poços de agua, junto á igreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma igreja, assim como tambem tem serventia de carro, etc. Tracta-se com Fortunato Seco, do Almeque, morador á Guarda Inglesa.

Coimbra e Luso

6 A começar no dia 10 do corrente haverá todas as quintas feiras e domingos diligencia entre Coimbra e Luso; partindo de Coimbra ás 5 horas da manhã e de Luso, ás 7 horas da tarde.

A venda de bilhetes em Coimbra é na cocheira do annunciante ao caes, sendo o preço de ida ou volta 400 réis, e de ida e volta 600 réis.

Coimbra, 1 de maio de 1896

Manuel José da Costa Soares.

Arrenda-se

5 Na rua da Sophia o 2.º andar do predio n.º 56 desde o S. João em diante e tracta-se no mesmo 2.º andar.

SANDALO MIDY

Pharmaceutico de 1.ª classe em Paris
Essa capsula acaba com os Gonorrhoeas em 48 horas, supprimindo a Cystitis, a Gleet, a Catarrhe da Bexiga, a Gonorrhoea e a Infecção. Top. em Paris, 3, rue Vidouze aux Minimes.

Vende-se em Coimbra na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

TABERNA PORTUGUESA

Na antiga rua das Figueirinhas, actualmente Martins de Carvalho, n.º 47

4 Vinhos tintos, e branco de diferentes qualidades e preços. Vinho verde d'Amarante de especial qualidade.

Arrendamento

3 Francisco V. de Carvalho arrenda a loja n.º 171 a 173 na rua de Ferreira Borges (Calçada) tendo uma loja sobreloja para habitação.

Charreth

2 Vende-se uma nova, muito em conta. Trata-se na rua do Corvo, 40.

Arrenda-se

1 Do S. João em diante, junto ou separado, as lojas e casas de habitação, onde está installada a *Cosinha Economica*. A casa tem entrada pela rua Velha n.º 9. Para tractar, praça do Commercio n.º 43 a 45 (Loja do Povo).

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680
Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

PEDIR OS PROSPECTOS

Assignatura 100 RS. cada n.º	Os leitores da REVISTA, além do texto, comprehendendo o original do pecto de 90 paginas em 8.º, têm tambem	UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.	Sac nos dias 1 E 15 de cada mez
	REVISTA THEATRAL ILLUSTRADA	PEÇAS PUBLICADAS	JA PUBLICADO O 1.º VOL.
COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS	CRITICA, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.	SALTIMBANCO de Antonio Ennes JUCUNDA de Abel B telho ALCACER-EBIR de D. João de Amaral PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça Ciume com ciume se paga de Rangel de Lima Muito proprias as ultimas para amadores	ASSIGNA-SE em todos os agencias da ANTIGA CASA BERTRAND
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	R. Nova do Carmo, 76. 2.º—LISBOA	ENVIA-SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR	

18 Arrenda-se os altos da casa da Ourivesaria Vilaça, na rua de Ferreira Borges Para tractar na mesma rua com Antonio José da Costa.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herculano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

COIMBRA

17 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crês, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro, Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA

Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128—RUA FERREIRA BORGES—130

16 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

15 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de cordas e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moltré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças duradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

RESISTENCIA

N.º 134

COIMBRA — Domingo, 31 de maio de 1896

2.º ANNO

VIVENDO DA INTRIGA

Affirma o *Correio da Noite*, orgão official do partido progressista, que o governo tem os seus dias contados, e de suppôr é, dada a actual situação d'esse partido, que tal affirmativa se filie em majestaticas revelações.

Pouco viverá o gabinete que mais efficazmente cooperou para o irremediavel descredito d'um regimen politico, hoje em irreductivel antinomia com a consciencia nacional; crêmos até que não chegará a 1897.

Mas que factos determinam a queda do governo?

Que nos conste, não ha actualmente conflicto algum d'ordem interna ou internacional que legitime uma mudança ministerial, e a nação continúa a manifestar a mais completa indifferença pela politica monarchica, não se pronunciando a favor de qualquer homem ou partido que possa organizar uma situação que succeda á actual. Impotentes para obstar aos successivos golpes d'Estado por que foram impudentemente violadas as proprias bases em que assentava o nosso direito constitucional e desacatados incontestaveis direitos, os homens da monarchia, que um dia se colligaram contra o actual governo declarando-lhe uma guerra de morte, vendo-se completamente desamparados pela opinião publica, acercaram-se de novo do throno, a quem haviam feito, em momentos de indignação, inteira justiça, e começaram a conferenciar com os ministros, a quem haviam chamado bandidos, ladrões e outros nomes equivalentes.

Este procedimento não só incoherente mas indigno veiu demonstrar do modo mais cabal que razão tinha o povo para se não deixar apaixonar pelos ideaes de ordem, moralidade e economia que, contra a desordem, a desmoralização e as illegalidades, eram expostos em phrases apaixonadas nos comicios ou nos jornaes. O passado dos politicos que taes idéas prégavam não deixava duvida alguma de que elles, uma vez no poder, se tornariam cúmplices do governo mantendo as reformas e actos contra que protestavam. E quiz a intriga monarchica que, até na opposição, tal connivencia se patenteasse do modo mais evidente.

Entre o governo do rei e o partido progressista não existem já as incompatibilidades que levaram este a abster-se de qualquer acto que

significasse o reconhecimento das medidas inconstitucionaes que houvesse decretado. Se ainda não chegaram a pleno accôrdo, pouco faltará para isso. Estão contados os dias do governo.

Assim se combinou nas altas espheras da governação publica. Eis o motivo por que cae o governo.

Não foi vencido, derrotado, pelo partido que lhe vae succeder. Não conseguin este levantar-lhe sequer um embaraço sério na gerencia dos negocios publicos, não suscitou contra elle uma forte corrente da opinião publica. Se é chamado ao poder, deve-o só a conveniencias monarchicas.

Minado o actual gabinete pelas mais profundas dissensões intestinas; abandonado por uma grande parte dos seus correligionarios; completamente desprestigiado perante o país, cae de pôdre. Não é o partido progressista que o deita abaixo.

O governo cae de pôdre e o partido progressista entra no poder completamente contaminado. Não ha a esperar actos d'energia, largas e profundas reformas d'um partido que tem responsabilidades tão graves como as do gabinete de 1886 a 1890, e que na opposição não soube nem pôde traçar um plano d'ataque contra o governo e derrotal-o no unico campo em que os partidos podem e devem fazê-lo, num país que tenha um regimen politico parlamentar.

É a intriga palaciana que fórma e desfaz ministerios. D'ella vivem os partidos da monarchia; por ella está sendo vilmente explorada a nação.

A proposito do *Caminho de ferro do Ruo*.

Figurantes: Iago, Marianno e a malta.

Scena I

Iago (para a malta). — «Aquelle Marianno é capaz de atacar o ministro da mariuha por fazer o caminho de ferro, depois de ter aconselhado que se fizesse com urgencia.»

Scena II

Marianno (entrando com os despojos da outra metade). — Parece-me ter ouvido bem as palavras proferidas por esse lazarento Iago? «A ellas só tenho a acrescentar que isto é um procedimento de bandidos, ministros ou não ministros, mas não o meu.»

Para dar lustro á corôa manda a decencia que, nesta altura, corra o panno.

Epilogo

O publico (findo o spectaculo). — Que cáfila!

Sé Velha

Tem sido geral a estranhês e o descontentamento causados pela morosidade, quasi abandono, com que ultimamente proseguiam as obras da Sé Velha.

Boatos desencontrados davam explicações absurdas do imprevisto caso. Para nós não havia duvida de que se punha em evidencia a má vontade acintosa do sr. director das obras publicas.

Pruridos de quem se julgava indispensavel e pretendia fazer-se valer!

Pois com satisfação somos informados de que o sr. Bispo Conde acaba de emprarar peremptoriamente o sr. Frazão a impulsionar o andamento dos trabalhos, sob pena de prescindir da sua pessoa e cooperação, se tanto fór preciso.

Agora tem a palavra o illustre varão e nobiliarchico cavalleiro!

Em defesa

No *Primeiro de Janeiro* d'hontem vem publicada uma correspondencia de Coimbra em que, por intermedio do sr. Phymdel, um professor da Faculdade de Medicina, que se appellida de *sabio*, noticia uma descoberta importante, dizendo que:

«Já lhe valeu essa revolta da investigação contra uma theoria recebida geralmente, risos estarcinhos nas paléstras dos vaidosos e doestos num livro que um seu ex-discipulo despeitado atirou ao publico.»

Sem duvida ha nestas ultimas palavras uma infame referencia ao nosso querido amigo e prestante correligionario Antonio José d'Almeida, que na *Desaffronta* retratou com tanta verdade e colorido o auctor da tal descoberta.

Esteve Antonio José d'Almeida muitos dias em Coimbra depois de publicar o livro, cuja edição se exgotou immediatamente, sem que ninguém ousasse dirigir-lhe publicamente a minima affronta ou lhe pedisse qualquer explicação. Tendo saído para a Africa, tenta agora o sr. dr. Augusto Rocha defender-se, infamando-o, attribuindo a despeitos a *Desaffronta*, sendo certo que ha nesse livro as provas mais esmagadoras da iniqua e revoltante perseguição que contra elle moveu esse professor que não soube respeitar a dignidade do logar que exerce nem sequer guardar triviaes conveniencias.

Mas se Antonio José d'Almeida está ausente, deixou cá quem o defende. Conte com isso o sr. dr. Augusto Rocha.

A emigração

O governo resolveu suspender os administradores de concelho que publicaram editaes em que se dá conhecimento d'um contracto celebrado pelo Estado da Bahia para a introdução de 25:000 emigrantes, e se fazem prevenções sobre a melhor quadra do anno para se emigrar e sobre a clausula da repatriação, e corre que já veio a demissão

do da Figueira, esperando-se procedimento igual para com o do Funchal. Este tardio procedimento do governo, sem duvida alguma motivado pela campanha da imprensa, não pôde de modo algum eximi-lo da responsabilidade em que incorre, dando aos governadores civis de districto instrucções que se prestavam á interpretação que os administradores do concelho lhes deram.

Temos presente a circular enviada pelo governador civil substituto d'este districto aos administradores, que é do seguinte theor:

«Ill.º Sr. — Tendo o governo do Estado da Bahia effituado um contracto com a *Companhia Metropolitana*, com séde no Rio de Janeiro, para introdução de 25:000 emigrantes. queira v. ex.ª, em cumprimento do preceituado no n.º 6 do art. 10.º do Decreto de 7 de abril de 1863, esclarecer os emigrantes sobre a quadra que mais lhes convem aproveitar, isto é, de maio a setembro, visto como durante o verão, sempre rigoroso de outubro a março, em geral se manifestam as febres de mau caracter, sobretudo a *amarella*; e bem assim verificar, com referencia aos contractos de locação de serviços, a clausula expressa da repatriação dos emigrantes, que, por circunstancias supervenientes e attendiveis, não possam cumprir as obrigações do contracto, e isto á custa dos empresarios.

Deus guarde a v. s.ª

Esta circular, que devia ser redigida em harmonia com as instrucções dadas pela direcção geral da administração politica e civil, é sem duvida alguma susceptivel da interpretação que o administrador da Figueira da Foz lhe deu. Não se indica na circular o modo por que devem ser dados os esclarecimentos e, sendo o processo geralmente seguido a publicação de editaes, era natural até que lhe fosse dada tal interpretação.

Não devia, pois, limitar-se o governo a suspender os administradores do concelho; era necessario que fosse mais longe.

Mas não irá. É até os proprios administradores do concelho, que agora são suspensos, ou demittidos, receberão dentro em curto prazo a compensação da pena que agora soffrem.

Thomaz Ribeiro

Teve uma congestão pulmonar, achando-se já livre de perigo, este estadista, nosso ministro nos Estados Unidos do Brazil.

Sobre a reforma do imposto do sello diz *O Diario Popular*:

«Dizem jornaes que só por falta de reparo passaram nas camaras os absurdos augmentos do imposto do sello. De modo que o ministro fez a proposta de lei acerca do sello sem reparar, as commissões de fazenda das duas camaras approvaram sem reparar; el-rei sancionou sem reparar; e os ministros referendaram sem reparar. A scena dos sete dormentes não foi mais curiosa.»

Tudo dorme, excepto o Mariano. Este está sempre d'olhos abertos para ver onde pôde lançar a mão.

Instrução publica Instrução secundaria

XXX

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

R. LEGOUVÉ.

Examinemos agora, e por ultimo, este argumento, um dos principaes que triumphantemente se invocam, em favor do ensino exaggerado do latim—*que o seu estudo nos é indispensavel para a comprehensão das leis da nossa lingua, cuja estrutura nos será impossivel conhecer sem o estudo aprofundado da lingua mãe*. Este argumento tornou-se um logar commum e tem seduzido muitos espiritos, aliás superiores, os quaes, deixando-se deslumbrar unicamente pelas apparencias, não attentam bem na realidade dos factos; sendo necessario, por isso, reduzi-lo ás suas legitimas proporções.

Qualquer que tenha sido o valor d'um tal argumento, seja qual fór a extensão que pretendam dar-lhe, é evidente que na actualidade se lhe não pôde attribuir já grande importancia, a qual tem diminuido progressivamente, como os factos dia a dia vão demonstrando, e sem que os esforços, pouco menos de desprezados, e mais ou menos sinceros, dos defensores obstinados da rotina possam deter o movimento, que cada vez mais intensamente se accentúa, e que tende necessariamente a eliminar de todo os obstaculos que ainda se oppõem ao triumpho completo e definitivo dos principios de pedagogia moderna.

É preciso não nos illudirmos com apparencias mais ou menos seductoras, com phrases mais ou menos retumbantes, mas absolutamente desprovidas de valor real e contradictorias com os factos que sempre e invariavelmente se têm produzido: Affirmar-se que não é possivel conhecer e manejar bem a propria lingua nem adquirir uma verdadeira, sólida e fecunda educação litteraria, sem o estudo profundo do latim, não passa d'uma pretensão absurda que os factos desmentem e condemnam; chegando até um critico illustre, Charles Bigot, a considerar tal pretensão como uma verdadeira blasphemia. Melhor se pôde estudar, com effeito, uma lingua nos monumentos proprios do que nos extranhos, embora de mui proximo parentesco; e tambem mais e melhor se fórma o bom gosto litterario na leitura dos bons escriptores nacionaes que na dos estrangeiros, qualquer que seja o valor d'estes, e por grande que seja a relação de identidade entre quaesquer linguas, como a que ha entre o latim e o portuguez.

Demais, quem attentar seriamente na orientação que sempre se tem dado ao ensino do latim e bem assim nos resultados obtidos, ha de necessariamente espantar-se, ao ouvir invocar em defesa do estudo intensivo do latim o argumento de que se tem sujeitado a juventude,

obrigando-a a um trabalho enorme, excessivamente ingrato, segundo os processos adoptados, e de utilidade mais que duvidosa, senão absolutamente negativa.

Tem-se imaginado que, ensinando-se o alumno a conhecer superficialmente o latim de Cicero e de Virgilio, se lhe ministra um excelente subsidio para o estudo da propria lingua, como se entre o latim dos grandes escriptores romanos e a lingua portugueza, desde o periodo em que ella definitivamente se fixou, não haja um vacuo immenso que seria indispensavel preencher, estudando-o convenientemente, porque, como muito bem observa um dos mais illustres representantes da moderna escola grammatical, A. Brachet, *l'état présent d'un idiome n'est que la conséquence de son état antérieur qui seul peut le faire comprendre!*

Ora, contrariamente ao que se apregoa, não só se não tem assim procedido, isto é, não se tem esclarecido pelo latim a grammatica portugueza, desprezando-se por completo o ensino historico do portuguez, mas tambem, o que mais é, os defensores mais encarniçados da latino-mania têm mostrado uma ignorancia pouco recommendavel, e ainda menos invejavel, sobre o que seja isto que hoje se chama *grammatica historica e comparada*. Os livros mais em voga, a favor dos quaes se tem feito sempre uma campanha tenaz, e os resultados geralmente conhecidos e abertamente condemnados, demonstram a saciedade que não estamos fazendo uma affirmacão gratuita. E tambem cumpre deixar consignado que os novos programmas, nesta parte, não modificaram muito sensivelmente o estado anterior, visto que, do curso geral dos lyceos são o alumno sem as noções indispensaveis de grammatica historica, sem saber como a lingua se formou, se desinvoluiu e chegou ao estado de perfeição actual. De que servirá, pois, o estudo intensivo do latim, logo desde o primeiro anno do curso dos lyceos, se d'elle não pôde resultar nenhuma utilidade real para a massa geral dos alumnos, que saem de lá absolutamente ignorantes sobre as origens e formação da lingua portugueza?

As idéas que a este respeito têm prevalecido no ensino, e ainda não desvanecidas, de todo, têm sido e continuam infelizmente a ser a causa principal do insuccesso no estudo tanto do latim como do portuguez, estudo que nunca foi comparado como devia ser, para que os resultados fossem de veras proficuos. Basta folhear ligeiramente as *grammaticas* e *selectas* que por ali circulam, impunemente e com grandes creditos, entre o professorado, que aliás, as deveria ter escoraçado ha muito, se a luz benéfica da sã pedagogia tivesse penetrado a grandes jorros, no ensino das linguas. Feitas geralmente, umas e outras, sem nenhum criterio scientifico, antes em desprezo manifesto do simples bom senso, é verdadeiramente espantoso o que nellas se lê; os erros mais crassos, as sandices mais qualificadas abi formigam e se atropellam desordenadamente, sem correctivo de nenhuma especie, antes com o assentimento de quem mais directa e legitimamente deveria intervir em laes desatinos. Poderíamos citar exemplos numerosissimos, em demonstracão d'esta verdade tristissima; não o faremos, porém, em razão de nos parecer desnecessario apresenta-los, por bem conhecidos,

á consideracão dos leitores. E assim é que nada ha que peor se estude entre nós do que as linguas, sobretudo a latina e a portugueza; a nenhum respeito é tão densa a ignorancia com que o alumno sae das escolas, porventura convencido de que são erros certas locuções, aliás portuguesissimas, e a ingenua crença de que a sua lingua é descendente *directa e legitima* da lingua de Cicero e de Virgilio! (1). E a sua desgraça sobe ainda ao ponto de lhe fazerem acreditar que certos modos de dizer correctissimos, numa dada epocha, são figuras de estylo ou de grammatica, no que, aliás, nunca os auctores respectivos nem sequer pensaram, porque as figuras—a cousa mais inutil que se conhece, no sentido em que por ahi as tomam e consoante a forma por que as ensinam—foram evidentemente inventadas para encobrir a ignorancia dos que, attribuindo-se a qualidade de mestres, se arvoram em directores da mentalidade portugueza, e cujo merito principal tem consistido em desvirtuar um ensino, aliás atrahente e disciplinador, inventando charadas grammaticas, para serem decifradas por creanças de dez annos.

É tão grande, tão intensa, a ignorancia geral a respeito da nossa rica e formosissima lingua, que não é raro verem-se por ahi, em livros e em jornaes, disparates inadmissiveis, de que, devemos dizê-lo, não podemos tornar responsaveis os respectivos auctores. Não ha muito que entre dois escriptores de merito se levantou a duvida sobre se *algo* seria palavra portugueza, opinando um d'elles que era exclusivamente hespanhola! E, para que a duvida se desfizesse, para que a verdade lhes apparecesse a toda a luz, foi preciso que um escriptor illustre, um critico muito distincto, um investigador incançavel e consciencioso, Zacharias d'Aça, viesse demonstrar-lhes, num artigo excelente, e que por todos deveria ser lido, que a palavra *algo* era portugueza de lei e de mui fidalga estirpe. E muitos outros exemplos poderíamos adduzir, para demonstrar como é grande a ignorancia da nossa lingua, facto que deve attribuir-se ás deficiencias do ensino do latim e do portuguez.

São frequentissimos os erros palmares que por ahi commettem até os escriptores de maior merito. E raro aquelle que, por exemplo, emprega convenientemente o infinitivo pessoal ou impessoal, rarisimo aquelle que não claudica no emprego do sujeito, quando usa da forma passiva chamada irregular, aliás muito frequente, sobretudo quando se quer pôr em relevo, não o agente mas o objecto da accão; e talvez mais raro ainda o que sabe que o verbo *deparar* exige regime directo; a maior parte emprega a preposição *com* na regencia do respectivo complemento, o que constitue uma falta imperdoavel. Os exemplos seriam interminaveis.

Ora tudo isto resulta, como já observamos, da má orientacão dada ao ensino das linguas portugueza e

latina, ensino de que o alumno não tira, regra geral, resultado que preste.

O ensino do latim andou sempre alheado do portuguez, intendendo-se, pelo menos na practica, que o estudo devia ser independente d'aquelle; de modo que não é raro ver um alumno fazer um thema latino relativamente correcto, e o mesmo alumno não ser capaz de exprimir claramente e correntemente o pensamento mais simples, nem escrever uma carta á familia, sem que os erros, as incorreções de toda a ordem iguaem, pelo menos, o numero das palavras. Muitos dos nossos leitores terão verificado muita vez a exactidão do que estamos afirmando. E talvez não fosse demasiada ousadia afirmar tambem que alguns dos proprios professores, que aliás presumem de grandes latinistas, e nós cremos que o sejam, escrevendo correctamente o latim, não são impeccaveis, nem os seus exemplos muito de seguir, quando se trata do portuguez. Não seria preciso grande trabalho de investigacão para o demonstrar. No proprio regulamento e programmas que estamos analysando, e ainda no proprio relatório que precede o decreto de 22 de dezembro, aliás escripto com grandes e intencionaes primores de linguagem, e no proposito de deslumbrar os ingenuos que se contentam com palavras sonoras, se encontraria foita colheita de incorreções imperdoaveis e materia muito digna de reparo. Os exemplos abundam naquelles documentos; não queremos, porém, alongar demasiado o nosso artigo.

Ha muita gente por esse pais fóra que não abriga a pretensão de hellenista nem de latinista de grande tomo, mas que, em compensação, escreve muitissimo melhor a sua lingua, do que muita que se inculca como conhecedora profunda de todos os segredos das linguas classicas. Mais que uma vez ouvimos alardear tal e tão pouco modesta pretensão. O que porém, é certo e deve dizer-se, embora verdade, é que, para se fallar e escrever bem a propria lingua, é indispensavel estudá-la muito conscienciosamente. E aonde é que melhor a poderemos ir estudar? Evidentemente nos proprios textos. Isto não soffre a mais leve contestação.

Homero, para escrever bem o grego, bastou-lhe simplesmente saber grego; outra lingua lhe não foi preciso conhecer, para ser através dos seculos, o admiravel e admirado cantor da Iliada e da Odyssea. E Pindaro, Euripedes, Aristoteles, Platão e tantos outros escriptores da Hellade que outra lingua, alem da sua, precisaram saber, para produzir tantas obras primas, que lhes grangearam immortal renome? Consequentemente se pode afirmar que, para se fallar e escrever bem o portuguez, o que especialmente é preciso é saber o portuguez. E bom seria que d'esta verdade nos convencessemos todos, d'uma vez por todas. Não se lucraria pouco com isso.

A utilização das cataratas do Niagara

Affirma um chronista norte-americano ter presenciado a seguinte scena junto das cataratas do Niagara: Um excursionista lamenta em voz alta que toda aquella immensa massa d'agua se precipite inutilmente ha tantos seculos. Um engenheiro que o ouve, interrompe a lamentação dizendo: —Cavalheiro, desculpe: mas deve saber que dentro em breve esta que-

da d'agua será utilizada para a produccão de electricidade.

—Sei-o, retorquiu o viajante, mas tambem sei que podia tirar-se d'ella melhor partido.

—Como? Que diz o cavalheiro? exclamam em côro varios companheiros, rodeando anciosos o recém-chegado.

—Trar-nos-ha porventura uma idéa nova? E' engenheiro?

—Não... sou negociante de vinhos.

Cascaes, 30, ás 4 e 55 t. — A esquadra leglêsa, composta de quatro couraçados, vem entrando a barra. Amanhã no Campo Pequeno tourada de fidalgos; assiste o rei.

(Correspondente).

Vem entrando a barra a esquadra inglesa...

Temos, pois, já hoje passeando em Lisboa, impavidos e orgulhosos, altivos e esmagadores, os marinheiros ingleses, que ha bem pouco tempo ainda estavam dispostos a assestar sobre a capital portugueza a metralha dos seus canhões. Vieram; trouxe-os a monarchia, que d'este modo continua significando a Inglaterra, a sua aliada, a sua amiga, que não ha chicotadas que lhe arroxem as faces, que não ha ultrages que ao rosto lhe façam subir a vergonha.

Entraram hontem em Lisboa os ingleses amigos. Hoje a fidalgaria, aristocratica e servil, dá-lhes no Campo Pequeno uma tourada... Assiste o rei, que velu das pragas do Alentejo ovan-te de triumphos. Dão-lhes banquetes officiaes, não falta a elles o almirantado.

São festas officiaes as que lhe offerece a monarchia...

O que ella não pôde offerecer-lhes, e bem o evidenciá, é um exemplo de vergonha, de lealdade e de patriotismo.

Falleceu na quinta feira passada nesta cidade, o sr. Francisco Corrêa, general de brigada reformado, que foi em tempo tenente coronel de infantaria n.º 23.

Foi aposentado com o ordenado annual de 300\$000 réis, o sr. Augusto Cesar Machado d'Abreu Peixoto, primeiro aspirante da direcção telegrapho-postal d'esta cidade.

O *Memorial diplomatique* informa parecer-lhe provavel que dentro de curto prazo se celebre um accôrdo entre a Inglaterra e Portugal para dar um caracter anglo-portuguez a uma exposicão que se ha de celebrar em 1897 em Lisboa para celebrar o centenario da India, e que a idéa foi suggerida pelo sr. conselheiro Luis de Soveral, o grande ministro dos negocios estrangeiros.

Dando conhecimento d'esta informacão do Memorial, commenta o nosso prezado collega *A Voz Publica*:

«É correcto e é logico.

Toda a gente sabe que quem correu os trabalhos e os riscos da descoberta da India, fomos nós; mas que quem hoje usufruê os proventos d'essa descoberta, são elles.

A nós a gloria; a elles o proveito. Fraternalizemos pois.»

O record das multas

Uma folha estrangeira lembrou-se, a proposito das multas, de indagar a quem pertencia o record.

Se é verdade o que affirma, o record pertence incontestavelmente a uma viuva de Rotterdam que possui um estabelecimento de comidas e bebidas e que, desde 15 de dezembro de 1884 a 21 de maio de 1894, foi condemnada 499 vezes por infracções ao regulamento relativas aos estabelecimentos de bebidas e comidas.

O total das multas eleva-se a uma forte quantia, tendo sido estas multas acompanhadas com 742 dias de detença.

Que lhe preste o record.

Carta de Lisboa

Lisboa, 30 de maio de 1896.

Quando eu estive três meses no Limoeiro por uso de liberdade de imprensa, num martyrio de segunda classe, que a rhetorica official do partido ainda ha de comparar ao de uma victima de Nero, tive occasião de observar um facto curioso.

Todos os dias iam, misturados com amigos meus e correligionarios, certos patuscos assás divertidos.

Entravam ás 10 da manhã e saíam ás horas de terminarem as visitas.

Creio que andavam fazendo tirocinio para martyres e chegavam na realidade a suppôr que estavam prêsos, querendo cá fóra dar a entender isso aos amigos.

Ora estes patuscos entravam solemnes e sanguinarios rugindo phrases terriveis, dando-me abraços significativos e dizendo-me:—Muito bem!—Deixe-se estar prêsos, é pena não ser mais para sua gloria. Felicito-o pela sua audacia. Ha de ser vingado. E ao ouvido. «A coisa prepara-se, deixe estar, e nesse dia ahi o nosso sangue ha de vingar!»

Seja-me permitido observar que estes patuscos eram poucos mas bons. Já havia amigos meus que os conheciam e os gosaram como eu.

Até por isso me censuravam de não saber guardar a linha de martyre.

Tanto que em certo dia me lembrei de requisitar umas algemas e um pedaço de pão negro para me dar ares. Desisti da idéa, não fossem as fêras que me visitavam fazer ali mesmo a revolução.

Adiante.

Ora estes patuscos que me incitavam, tenho-os visto fugir lindamente da policia e nunca, elles que prégavam a revolta, disseram o seu nome, nem publicamente se manifestaram.

Estava eu contando isto a um amigo meu, que me referiu a seguinte historia:

Na Universidade, em reunião dos professores, propoz-se que se abrisse uma subscrição a fim de mandar fundir uma corôa de bronze que fosse exposta no monumento a Camões.

Mal foi apresentada a proposta, logo um lente, conhecido pelo seu espirito, começou gritando—apoiado, apoiado! Mais de cinco minutos esteve manifestando o seu entusiasmo, até que, chegada a occasião de lhe perguntarem quanto dava, respondeu muito admirado: Mas não dou nada!

—Porque?

—Porque nunca tive tenção de dar dinheiro e por isso acho bastante dar apoiados!

Ora aqui está o caso.

Alguem anda para deante?

Muito bem! Vá, não tenha medo, isto é que é um homem!

Mas quer-se «comprar a corôa»? Não senhor.

Da «corôa» só fallarei quando tiver de a censurar.

João de Menezes.

Com a solemnidade do costume celebra-se hoje na capella do Collegio Novo a festa do Mês de Maria.

De manhã, missa cantada, e primeira communhão de alguns meninos orphãos. Prêga o sr. padre Sinibaldi.

De tarde, *Tê-Deum* e sermão pelo sr. padre Alves Corrêa, alumno do 4.º anno de Theologia.

(1) ... Mais ce latin, qu'importent en la Gaule les colons et les soldats, ressemblait aussi peu à la langue de Virgile que le français enseigné par nos soldats aux arabes d'Algérie ressemble à l'idiome de Bossuet ou à celui de Chateaubriand; il se distinguait du latin classique ou latin écrit par un vocabulaire spécial et des formes particulieres, dont l'originalité mérite que nous nous y arrêtions un instant.—A. Brachet—*Grammaire Historique de la Langue Française*.

Cuba

La Justicia recebe com estas palavras cheias da mais pungente ironia, mas profundamente verdadeiras, o pedido de Weyler, de novos e extraordinarios sacrificios para a guerra de Cuba:

«Parece que Lo de Cuba pede mais um novo reforço. É cousa pouca. Segundo os calculos mais modestos, trata-se de enviar para lá outros cem mil homens e mais cem milhões. Mediante este pequeno sacrificio, os mais optimistas intendem que já estaremos em condições de tomar a defensiva.

Supponhâmos o melhor. Azcarraga manda os cem mil homens. Reverter desencana os mil milhõesitos. Os yankees ficam de braços cruzados. Activam-se as operações, e, dentro em um anno, Gomez morre, Maceo desaparece, os negros são vencidos, os crioulos submettem-se, e Cuba fica outra vez socegada como uma tina de azeite. Não tanto, todavia, que, além dos milhares de hespanhoes que ali têm deixado as ossadas, não seja necessario manter na grande Antilha um exercito de occupação.

Nesse dia venturoso a nossa situação será a seguinte: Cincoenta ou sessenta mil soldados em Cuba, sessenta ou setenta milhões de juros a mais pelo augmento da dívida. Venda ou hypotheca de tudo o que possa vender-se ou hypothecar-se. Outhorga por mais 20 annos do monopolio ás companhias ferro-viarias. E, como em Cuba toda a especie de riqueza fica destruida para muitos annos, será mistério que a Hespanha carregue tambem com os encargos do deficit cubano.

Ninguem dirá que este risonho quadro não esteja em harmonia com essa constante troca balroca de telegrammas officiaes que nos aturdem os ouvidos e apuram a paciencia, com as famósas victorias alcançadas sobre os cubanos.

Madrid, 29. — A columna de forças hespanholas commandada por Pavia atacou por engano uma força de voluntarios causando-lhe mortos e varios feridos.

Num combate com Maceo ficou ferido com duas balas o general Valder. Uma d'ellas foi nas costas.

Falla-se no pedido de demissão de Weyler, visto o governo o ter desautorado mandando que ficasse sem effeito a prohibição que fez do tabaco em rama.

Confirma-se a morte dos cabecilhas Collazo e Bandomo.

Grave desordem

No lugar das Torres, onde nesta quadra vão muitos estudantes passear, deu-se na segunda feira ultima um lamentavel conflicto entre quatro estudantes e alguns populares.

Tendo o estudante Sebastião da Gama Lobo Salema entrado numa taberna, proferiu algumas phrasas que deram origem ao conflicto, sendo-lhe descarregada sobre a nuca uma cacetada que o prostrou no chão involvendo-se na lucta os outros estudantes, foram perseguidos á pedrada pelos populares e um d'elles recebeu uma navalhada no ante-braco esquerdo.

Como não fossem em numero sufficiente para resistir á populaça que se havia reunido, três estudantes partiram no trem para Coimbra, julgando que já havia fugido a pé o companheiro que havia sido tão violentamente espancado.

Verificando mais tarde que não se dava tal hypothese, voltaram ao lugar do conflicto, encontrando o companheiro numa taberna em estado comatoso, com a roupa esfarrapada, deitado sobre uma cama. Para ahí o haviam removido algumas pessoas, tirando-o de uma rampa onde os aggressores o haviam lançado ou onde havia caído depois de receber a pancada.

Conduzido immediatamente para Coimbra, tem estado em tratamento, havendo algumas esperanças de o salvar.

No commissariado de policia trata-se activamente da captura dos criminosos, não podendo dar-se por ora esclarecimentos alguns a esse respeito.

Consta-nos que se acha em estado grave a esposa de Antonio Fernandes, proprietario do Hotel Mondego, devido aos maus tratos que este lhe deu.

O caso já está affecto aos tribunaes.

M. Dias Nunes — ROSMANNOS — Primeiros versos — 1896.

Numa edição elegante, bom papel e bem impressa, illustrada com o retrato do auctor, veio o sr. M. Dias Nunes trazer a publico as primicias do seu espirito de poeta.

Nas hesitações naturaes d'um espirito a formar-se, são desculpaveis e bem se justificam a falta de espontaneidade, a frouxidão e o descolorido da phrase, que por vezes se notam nos versos do sr. Nunes. Defeitos estes, sem duvida, que o tempo, o trabalho e o estudo não de apagar, porque a verdade é que o auctor dos *Rosmaninhos* revela aptidões poeticas dignas de incentivo e do louvor da critica.

Não se supponha que só defeitos ha nos *Rosmaninhos*. Longe d'isso. Na-

quelle fasciculo delicado de composições juvenis, ha alma e, de vez em quando, lampejos de inspiração, obscuridade é verdade, por vezes tambem, com a incerteza da technica e pouca precisão da linguagem. Não conseguiu ainda o sr. Nunes, apoderar-se do segredo do *métier*, da phrase sonora e cadente, precisa e significativa. Mas parece-nos dever a critica formar, perante o seu livro, a opinião de que o novel poeta, estudando, fazendo muitos versos, limando e corrigindo, ha de em breve adquirir a forma plástica da linguagem, que se amolda a todos os cambiantes do pensamento. Que seja como a argila na mão dos escultores, que representa e traduz, na sua maleabilidade, a concepção artistica.

Os *Rosmaninhos*, que lêmos com prazer, apresentam-se-nos como uma promessa fecunda, que nos dá o direito de esperar mais do seu auctor.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 15 de maio de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — effectivos: arcebispo José Simões Dias, José Antonio Lucas, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes. Presente o administrador do concelho, bacharel José Miranda.

Resolveu enviar por copia ao chefe do districto um officio do inspector dos incendios de 14, comunicando que não foram cumpridas as prescrições que, como medidas de segurança, deveriam ter sido observadas nos ultimos espectaculos dos theatros Gil Vicente e circo Principe Real.

Tomando conhecimento de uma participação acerca do incendio dia 13 ao fim da ponte de Santa Clara, auctorizou a compra de uma corda para a caixa da torre de Santa Cruz, destinada a dar o signal de alarme.

Tomou em consideração um officio da camara municipal de Evora acerca de meios para attenuar a crise agricola; outro do administrador do concelho, participando ter sido mutilada, por indicação do perito competente, uma porção de carne de vacca, não abatida no matadouro; e um terceiro da real confraria da Rainha Santa Isabel, pedindo a reparação da calçada de Santa Isabel e a collocação de um ou dois candieiros de iluminação publica na mesma calçada.

Auctorizou a reparação de calçadas das ruas da cidade, segundo um orçamento apresentado pela repartição d'obras, na somma de 275100 réis.

Auctorizou a construção de um guarda vento para a capella do cemiterio da Conchada, segundo outro orçamento, na importancia de 59500 réis.

Resolveu enviar por copia ao vereador Miranda, para informar, um officio do mordomo do asylo de Cellas acerca do retabulo a que se refere a deliberação de 30 de abril ultimo.

Encarregou o vereador competente de providenciar acerca de irregularidades praticadas no serviço por um vigia dos impostos.

Resolveu pedir á direcção das obras publicas do districto um orçamento da despesa a fazer com a canalisação das aguas das valetas da rua de Sã da Bandeira para o collecter geral em construção.

Auctorizou o presidente a providenciar rela-

nem seria facil encontrar compradores até á noite. Além de que os negociantes de quadros com certeza vos roubariam mais do que eu.

— Tereis os quadros, disse.

Uma hora depois, M. de Koellen examinava escrupulosamente as telas que acabavam de lhe trazer.

— É isto mesmo, disse. — Oh! senhor duque, não manifesteis tanto descontentamento por deixares em meu poder estas pequenas obras primas. Não sois o unico que empenha objectos. Percorrei com a vista os meus salões: do que alli ha, pouco é meu; pertence a príncipes, marquezes, generaes e magistrados. Dentro dos cofres-fortes que alli vêdes alinhados, estão talvez dois milhões de pedrarias mais ou menos artisticamente engastadas, e as damas da alta sociedade que m'as confiaram trazem em seu lugar joias falsas. Tomae, senhor duque de Villedieu, aqui estão 50:000 francos. Estes quadros ficam á vossa disposição durante o prazo de um anno. Assignae este documento. Desejo-vos muitas felicidades e peço-vos que não jogueis mais.

M. de Villedieu ligou tão pouca importancia ás recommendações de M. Koellen, que apenas sahio foi direito ao seu club, onde jantou.

— Este Koellen sabe muitas coisas, dizia elle para si, ao jantar, muitas coisas... muitas... Tem um enorme montão de riquezas em sua casa. Que

livamente á falta de condições hygienicas da ruina entre as ruas da Moeda e Direita.

Auctorizou a construção de uma caixa para a medição do estrume na montureira, sendo estes trabalhos executados pelo carpinteiro da aboaria municipal.

Atendeu acerca de cinco petições para subsídios de lactação a menores.

Auctorizou dezoito avencas para o consumo d'agua.

Despachou requerimentos: auctorizando a occupação de terreno das Ameias para a exposição de pequenos animaes amestrados em exercicios diversos; a compra de terrenos no cemiterio da Conchada para jazigos; a mudança para o exterior de uma casa na praça 8 de maio da tubagem para as aguas dos telhados; a transferencia para sepultura rasa dos restos de uma creança que existem em jazigo particular; o deposito de materias de construção em um recanto da rua de Thomar; a substituição de cantarias em uma casa no terreiro do Marmeleiro; e a abertura de uma janella no kiosque de um jardim na rua Lourenço d'Almeida Azevedo.

Atendeu algumas reclamações no rol do lançamento do imposto de cães.

Indeferiu, em vista de informação havida da Junta de parochia, um requerimento de um proprietario da freguezia de Lamarosa, para a compra de terrenos para edificações.

Concedeu a exoneração pedida pelo cantoneiro da estrada municipal de Coimbra a Montemor-o-Velho, Joaquim da Piedade.

Auctorizou os seguintes pagamentos:

Vencimentos do thesoureiro do mês p. p., 235240; a Henriques Marques Perdigão, cêra e utensilios para a capella do cemiterio da Conchada, 45030; a Antonio dos Santos, capachos para a mesma capella, 25710; a Abilio Severo, cartonagem do livro do recenseamento militar, 300; ao mesmo, importancia de cartonagem e encadernação de livros para a camara, 62280; a Joaquim Antonio de Macedo, compra de toalhas para o serviço de limpeza, 35780; publicação de annuncios no «Diario do Governo», 25000; a Manuel Abilio Simões de Carvalho, fornecimento de utensilios para o posto vaccino dos paços do concelho, 35620; a Manuel Pedro Cardoso, fornecimento de 6 baldes de madeira para o matadouro, 25160; a João Gomes Moreira, fornecimento de enxadas para o cemiterio, 15500; material para canalisações de agua na cidade, em divida de 1895 a Street & C., 3395770; fornecimento de impressos por José Monteiro Pinto Ramos, em divida de 1895, 1205270; premio de seguros, 445185; gaz consumido nos paços do concelho nos dias 21 de março (anniversario do Principe Real) e 29 de abril (outorga da Carta Constitucional), 85420; pagamento dos festejos realizados nos dias 7, 20, 21 e 22 de janeiro ultimo commemorando as nossas victorias em Africa, 685160; condução dos finados nos hospitaes e indigentes (1.º trimestre), 565000 réis.

Canções e musica popular da Beira

COLIGIDAS POR

PEDRO TRAJANO

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Sahirá brevemente esta importante obra, que formará um volume em 8.º, de approximadamente 250 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir e optimo papel, com 50 paginas de musica.

Preço por assignatura, 600; avulso, 800 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Imprensa Lusitana*, Figueira da Foz.

ladrão! Tantas, nunca eu terei... Eu sempre vou pedir ao procurador da Republica para que mande procurar minha mulher.

Subscriptou uma carta para o tribunal.

Depois, pagou as suas dividas, e, por volta da meia noite começou a jogar.

A's cinco horas da manhã sahio com 70:000 francos ganhos ao jogo.

— Se é a partida de minha mulher que me traz esta felicidade ha muito que ella se devia ter ido.

III

Os dois

Na pequena habitação de Cachan, a joven tinha adormecido tarde; mas acordára cedo.

O leito em que dormira não era tão fôfo como o seu.

Não se prestava a manter a preguiça.

Tinha sentido frio. E apesar de se estar já no começo da primavera, como a casa não era habitada, estava humida, o que se via pelo papel descollado das paredes. Elle tinha-lhe recommendado que accendesse o lume. As manhãs, sobretudo, eram frias.

A joven levantou-se, accendeu o fogo e manteve-o assim durante todo o dia. Correu os persianas e entreabriu

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

1 vol. de 429 pag., 600 réis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

Lições de hygiene publica

PELO

DR. A. X. LOPES VIEIRA

PREÇO, 15000 RÉIS

A' venda na Imprensa da Universidade.

Bibliotheca Popular de Legislação

LEI DO SELLO

Cartas de lei de 21 de julho de 1893 e 4 de maio de 1896 e tabellas respectivas, em forma de repertorio alfabético e portarias posteriormente publicadas referentes ao mesmo assumpto.

PREÇO, 200 RÉIS

Pedidos a A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º — Lisboa.

F. Fernandes Costa

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

Agencia Economica em Coimbra

Encarrega-se de negocios dependentes de todas as repartições publicas e Redacção dos jornaes da localidade; presta esclarecimentos e informaçoes; e incumbem-se da administração de propriedades rusticas e urbanas.

Correspondência, franca de porte, a Augusto José Gonçalves Fino, Coimbra.

Reptis e amphibios da Peninsula Iberica e especialmente em Portugal

POR

M. Paulino d'Oliveira

Lente cathedratico de Zoologia e director do Museu zoologico da Universidade

PREÇO, 400 RÉIS

A' venda na Imprensa da Universidade.

5 Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

II

O senhor duque de Villedieu

— Permitti, senhor, que eu não partilhe da vossa confiança, disse M. de Koellen. A duquesa de Villedieu, M.^{lle} Durand, pensou maduramente antes de se resolver a deixar-vos, e por isso creio que a sua resolução é inabalavel. Ainda que a encontréis ella não vos seguirá. Maltrataste-la de pancadas. Não houve testemunhas, direis vós! Mas é que M.^{lle} Durand fez constatar as lesões que resultaram dos meus tractos que lhe deste. A duquesa tem os seus papeis em ordem, e se a quizerdes obrigar a seguir-vos o tribunal pronunciará indubitavelmente a separação de pessoa e bens. E eu creio bem que vos pouco ou nada tereis a lucrar em comparecer perante o tribunal? — Ficae, portanto, sabendo: que vossa esposa não vos pertencerá mais; estaes completamente arruinado; o tio de vossa esposa não tem outro herdeiro além d'ella, que será a unica possuidora dos seus milhões, e elle ha de deixar-lh'os só muito tarde, porque dispensou os serviços do vosso médi-

as janellas. Os pardoes espantaram-se ao ouvir o ranger das portas. Perturbavam-n'os no seu solitario asylo.

Depois estendeu a vista pelo campo, pelos prados em flor, e pelo bosque onde as arvores principiavam a florir; respirou com toda a força dos seus pulmões, como quem pela primeira vez se sente ao ar livre.

— É extraordinario o *menage* d'um rapaz. Porque eu estou em casa de um rapaz. Um leito, uma commoda, um fogão; e eis aqui a mobilia d'um quarto. Oh! como este *sauteuil* é duro! E a canapé! Ah! parece pelo ranger uma caixa de musica! — Eu sou uma ingrata desdenhando da mobilia d'este pobre rapaz. Quem será elle? — Esta casa, segundo lhe ouvi, pertence-lhe: é pois um proprietario. Se possui apenas esta casa e o que está dentro d'ella, não deve ser muito rico. — Vejamos? Elle vivia num dos andares da casa que eu habitava no boulevard Malesherbes pagando de renda duzentos francos, por três compartimentos. Para que um rapaz possa pagar duzentos francos de renda e ter além d'isso uma pequena casa em Cachan é preciso que possua alguma fortuna. — Veiu generosamente collocar-se ao meu serviço. É uma alma leal, conheco-o á primeira vista e tenho nelle intima confiança. — E com razão. — Quem me dêra vê-lo aqui já.

(Continua).

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doenca de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear
Magnificas accommodações desde 1\$200 réis comprehendendo servico, club, etc. Bonus para medicos

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

9 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Editos de 30 dias

1.ª publicação

8 Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartorio do segundo officio, e no inventario orphanologico a que se procede por obito de Albino José Pedro, morador que foi, em Sernache, no qual é inventariante a viuva d'aquelle, D. Emilia Albertina da Cunha, tambem moradora em Sernache, correm editos de trinta dias, contados do dia em que for publicado o segundo e ultimo annuncio, citando os credores certos:—As Irmãs Alçada & Mousaco, da Covilhã, Augusto de Sousa Machado & Irmão, do Porto, e Constantino Ruivo & C.ª, de Torres Novas, para dentro do referido prazo, deduzirem, querendo os seus direitos no alludido inventario. Verifiquei a exactidão O juiz de direito, *Neves e Castro.*

Caixeiro

7 Nesta redacção se diz quem precisa d'um com boa pratica de mercearia, a quem se dará o ordenado conforme as suas aptilhões.

Editos de 30 dias

1.ª publicação

6 Correm editos de 30 dias, contados desde a ultima publicação d'este annuncio, a citar o herd-iro, auzente em parte incerta, Joronymo Rodrigues da Silva, de maior idade, do Casal Novo, freguezia d'Almalaguez, para vir assistir aos termos do inventario orphanologico a que se procede no juizo de direito de Coimbra e cartorio do escrivão Nunes, por obito de seu pae Joaquim Francisco, do mesmo logar do Casal Novo, em que é inventariante a viuva Joaquina Rosa. Verifiquei a exactidão *Neves e Castro.*

Aos bohemios

5 Photographias do bohemio Augusto Hylario, vendem-se na loja do Vianna, Largo da Sé Velha.—Coimbra.

CAVALLOS

4 Muare, etc; esquiencias, sobrecannas, ovas, esparavões, manqueiras, fraquezas de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VISICANTE COSTA, e preferivel ao fogo e untura forte em todos os casos. Frasco 900 réis. A venda nas principaes terras.—Depositos: Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; Ferreira & Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: Drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Coimbra: Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128.—Deposito geral: Pharmacia Costa—Sobral de Mont'Agraco.

Aviso aos lavradores

3 Na cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 15000 réis por cada metro cubico. A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

2.ª publicação

2 No dia 14 do proximo mez de jucho, por 11 horas da manhã, a porta do tribunal de justiça d'esta comarca, hade proceder-se ao arrendamento, por cinco annos, do predio seguinte:

Umaz casaz sitas na rua Direita d'esta cidade, com os numeros 65 e 67, e pertencentes a um herdeiro do fallecido Thomaz Rasteiro, morador que foi naquella rua.

Este arrendamento começa no dia 25 do proximo mez de jucho e termina em egual dia do anno de 1901.

A baze da licitação é da quantia de trinta e quatro mil quinheutos e cincoenta réis, annuaes, mas mediante mais as condições seguintes:

Primeira. A dar fiador edoneo ao pagamento da renda e á deterioração, que por culpa do arrendatario, se dêr no predio.

Segunda. A pagar o premio do seguro e todas as contribuições que forem lançadas ao predio e que pertençam pagar ao proprietario, com o direito de descontar no preço da renda, apresentando os competentes documentos.

Terceira. A pagar a renda semestral e adeantadamente nos dias 25 de jucho e de dezembro de cada um dos annos até final do contracto e a primeira prestação ao acto do arrendamento.

Verifiquei.

O juiz de Direito, *Neves e Castro.*

2.ª publicação

1 Pelo Juizo de direito da comarca de Coimbra e cartorio do escrivão do quinto officio, correm editos de trinta dias, a contar da publicação do ultimo annuncio, citando os herdeiros incertos, que se julgam com direito ao espolio do fallecido Abilio José Marques, solteiro, empregado que foi na repartição de fazenda d'esta cidade, para deduzirem a sua habilitação, na segunda audiencia depois de findar o prazo dos editos. As audiencias, neste juizo têm logar todas as segundas e quintas feiras, não sendo feriado ou dia santificado, porque n'este ultimo caso, faz-se no dia immediato, e sempre por dez horas da manhã.

Verifiquei.

O juiz de direito, *Neves e Castro.*

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno.....	2670
Semestre.....	1335
Trimestre.....	668
Sem estampilha:	
Anno.....	2640
Semestre.....	1320
Trimestre.....	660

Typ. F. França Amado — COIMBRA

PEDIR OS PROSPECTOS

Assignatura 100 RS. cada n.º	Os leitores da REVISTA, além do texto, comprehendendo o original de perto de 90 paginas em 8.ª, têm tambem	Gratis	UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.	Sae nos dias 1 E 15 de cada mez
	REVISTA THEATRAL ILLUSTRADA Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc. REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. Nova do Carmo, 76, 2.º—LISBOA		PEÇAS PUBLICADAS SALTIMBANCO de Antonio Ennes JUCUNDA de Abel Botelho ALCACER-KIBIR de D. João da Amara PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça Ciume com ciume se paga de Rangel de Lima Muito proprias as ultimas para amadores	JA PUBLICADO O 1.º VOL. ANTIGA CASA BERTRAND

ESTABELECEMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais appparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crês, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, molinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA

Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cantella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

11 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

10 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

RESISTENCIA

N.º 135

COIMBRA — Quinta feira, 4 de junho de 1896

2.º ANNO

Inglêses!

Ainda quente e vibrante o grito indignado d'este povo que tumultuou nas ruas pelo infame *ultimatum* de janeiro. Arde-nos ainda na face a bofetada inglêsa, cobarde e agressiva como a navalhada d'um fadista, brilhando na escuridão de uma emboscada.

Foi ainda hontem que, do norte ao sul do país, correu um arripio colérico de revolta, primeiro contra os inglêses, depois contra os braganças, que eram os aliados fieis de Inglaterra.

Inglêses e braganças cingiu o povo nas labarêdas ardentes do seu odio impotente, por mal dirigido, mas significativo e grandioso, porque era nos destroços da Patria esmigalhada pela infamia dos governos, que se tinham reunido os corações sangrando dos honestos e dos puros para erguerem o grito de vingança sobre a traição dos que se vendiam.

Inglêses e braganças! Não esqueceremos nunca a união d'estas duas raças para nos explorarem, porque foi na hora tragica de vencido, de insultado, de humilhado, que o povo aprendeu a tirar do coração toda a sua energia para os amaldiçoar, e paciencia para esperar a hora salutar da punição.

E merecem-na todos os patifes que trocaram a Patria pelo puro inglê! Todos esses que agora tecem elogios á ladroeira inglêsa e curvam a espinha á passagem dos impudicos marinheiros da interesseira Albion.

Não nos aproximaremos a discutir com elles a nefasta pressão e incalculavel rapinagem que, ha seculos já, a Inglaterra vem exercendo sobre nós; não nos aproximaremos d'elles: corrê-los-hiamos a pontapé.

Mas, para aquilatar do seu patriotismo, vamos transcrever o que um fulano qualquer escreve para um jornal d'esta cidade:

ESQUADRA INGLÊSA

«Escrevo ao som do troar do canhão das nossas baterias e vasos de guerra correspondendo aos cumprimentos da esquadra inglêsa de visita ao nosso porto, o que não succedia desde... escusado é recordal-o, porque no animo de todos nós está bem presente essa data, pelas suas causas e effeitos que, devido ás acertadas medidas diplomaticas do nosso governo, se não agravaram tanto como era de recelar e cujas consequências doloroso era de prevêr! Só temos, pois, a felicitar-nos por este acontecimento, que por todos os motivos deve ser para todos nós de justa satisfação, e reconhecimento para com o governo pelo seu correctissimo procedimento para com a poderosa nação, da qual justo é dizer jemos de longa data recebido provas

de leal amizade nas mais difficéis conjuncturas da nossa vida politica e economica.»

São estes os amigos da ordem; e, na verdade, não deixam de ter razão: o logar que lhes competia num periodo revolucionario seria, certamente, o do patibulo!

Não têm memoria: abafa-a o ouro porque venderam a consciencia! perdeu-se no sabujismo dos cães que lambem o ouro que lhe atiram! Infames!

Mas deixa-los lá...

×

De braço dado a monarchia e os alcoolicos marinheiros do norte...

Sabe o povo como se rompia aquella cadêa que os vae unindo numa série ininterrupta de humilhações para nós, de roubos descarados para elles?

Vá pensando, e que, ao cabo, acorde altivo e indomavel para empunhar as armas da desaffronta.

Que o 11 de janeiro não esquece: a monarchia encarrega-se de no-lo fazer lembrado. Ha pouco tempo era a Jarreteira: agora são jantares e bailes aos salteadores do velho Portugal!

Que bella monarchia!

Foi tal o engulho que ao sr. Urbano de Castro causaram as scenas de rebaixamento moral, exhibidas perante o país nessa coisa pittorescamente chismada a camara dos *chêchês*, que mandou entregar na redacção da *Tarde*, para ser distribuido pelos pobres e estudantes necessitados, os 52\$605 réis que lhe pertenciam como redactor do *Diario* da referida camara.

Dr. Duarte Leite

Ao nosso eminente correligionario, a *Resistencia* dirige a expressão mais viva do seu pezar pelo desgosto profundo que s. ex.ª acaba de soffrer com o fallecimento de seu pae, o sr. Raphael Pereira da Silva.

Nós, que conhecemos os primores de espirito e as elevadas qualidades de coração do sr. dr. Duarte Leite, que tão bem se conjugam com o seu notavel talento e absoluta integridade moral, apreciamos bem quão doloroso é o sentimento que o está dominando, e acompanhamos a s. ex.ª na sua dôr.

Cergio, do *Illustrado*, diz que alguns jornaes se revoltam contra a Inglaterra por causa do brutal *ultimatum* de 1890 e que se esquecem de que mais brutal foi o *ultimatum* que a França dirigiu ao nosso governo por causa do convenio da Companhia real dos caminhos de ferro. Mas então disse o Cergio no *Illustrado* e em grita todos os jornaes governamentaes que não tinha havido *ultimatum* algum.

Afinal sempre no seu papel: mentir descaradamente.

MISERIAS

As horribes noticias que nos chegam da catastrophe do campo de Khodinski prestam-se a graves cogitações. Foi uma distribuição de viveres ao povo que motivou tão terrivel desastre; foi a fome que levou a esse campo 800.000 pessoas.

Já na vespera do dia fixado para a distribuição se haviam reunido no local escolhido para esse fim cerca de 200.000 pessoas, que alli passaram a noite ao relento em volta de grande numero de fogueiras, e, ás 4 horas da manhã, duplicava esse numero que foi aumentando constantemente até que começou a distribuição. Não obstante haver policia especial para manter a ordem, que foi ainda reforçada pelos cossacos, são tomadas algumas barracas d'assalto e, depois de haver começado a distribuição, formam-se enormes ondas de povo a que não podem resistir os agentes da segurança publica, produzem-se medonhos redemoinhos, ouvem-se imprecações e gritos lancinantes e, num fosso de 8 metros de profundidade por 50 de largura, amontôa-se um extraordinario numero de desgraçados que, indo buscar com que matar a fome, alli exhalam, em ancias horribes, o ultimo suspiro!

Dizem os ultimos telegrammas que o seu numero se eleva a mais de três mil.

E assiste-se a tão pungente espectáculo e vêem-se tão commoventes miserias, na mesma cidade e no mesmo dia em que se ostentam as mais requintadas manifestações do luxo e da riqueza que absorvem quantias fabulosas. Cruel antinomia que não pôde deixar de produzir a mais profunda impressão em todos os corações bem formados e levar a todas as intelligencias generosas a convicção inabalavel de que se torna necessario introduzir reformas radicaes na actual organização economica.

Não se convencerão as classes dirigentes de que essas reformas se hão-de operar necessariamente e de que, se não souberem ou não quiserem dirigir convenientemente nesse sentido as suas atenções terão de ceder amanhã ante a força que, impondo-se victoriosamente, lançará a sociedade na mais medonha anarchia?

Ao jantar que a legação inglêsa em Lisboa offereceu aos officiaes da esquadra inglêsa assistiram os seguintes portuguezes:

Hintze, Soveral, Jacintho Candido, duque de Loulé, Ferreira do Amaral e Baptista de Andrade, vice-almirantes Teixeira Pinho e Sampaio, condes de Sabugosa e Almeida, capitão de mar e guerra Brito Capello, barão de S. Pedro, capitão-tenente Novaes, 1.º tenente Leotte, Rego e Alberto Braga.

A Hespanha está atravessando uma horrivel crise. Só das provincias de Aragão e Valencia emigram para o Brazil, no mês passado, 3.000 trabalhadores

«Debate»

Este nosso collega da capital terminou a sua publicação, fundindo-se com a *Vanguarda*, de cuja redacção fica sendo membro o nosso illustre correligionario sr. Feio Terenas.

Os jornaes independentes pedem e clamam que sejam publicadas as instrucções que foram dadas aos governadores civis sobre emigração. A *Tarde*, sempre subsidiada, vae repetindo que isso não é preciso. E, a final, não serão publicadas as instrucções, porque não é conveniente que se saiba que nas repartições do Estado se fomenta a emigração.

Diz-se que a Companhia do Nyassa vae promover querella contra a Companhia das Docas accusações que esta lhe fez num tribunal do Porto.

Como são dignas uma da outra, nada se apurará.

Falla-se insistentemente em crise ministerial na Hespanha, motivada pelo estado de saúde de Canovas que, segundo consta, soffre de diabetes. Alguns ministeriaes citam já os nomes de Azarraga e Ilduayen para a organização d'um novo gabinete.

O conde de Winchelsea acaba de lêr no congresso cooperativista de Woolwich um relatório, no qual diz que ha trinta annos existiam na Inglaterra 150.000 individuos associados nas cooperativas, emquanto hoje o numero dos associados attinge um milhão.

O capital das cooperativas inglêsas, que ha trinta annos era de 4:500 contos, é hoje de 72:000 contos.

As suas operações passaram de 13:500 contos para 225.000 contos e os lucros subiram de 121 contos para 22:500.

Sendo o capital médio de cada associado das cooperativas inglêsas de 400 francos, vê-se que cada um d'esses associados teve um lucro de 31 por cento.

O conde de Winchelsea acrescenta que os socios das cooperativas de consumo tiveram ainda a vantagem de se alimentarem com generos puros.

Tem estado nesta cidade, hospedado em casa do nosso collega dr. Alves Moreira, o nosso amigo sr. dr. Manuel de Mello da Camara, distincto delegado em Anadia.

Verdadeiramente horribes as noticias que a *Havas* communica sobre o desastre que se deu em Moscow. Só na madrugada do dia 1 foram enterrados 1:200 cadaveres, tendo sido expostos no dia 31 1:282.

E as festas continuam!

Quando centenares de familias ficam sem abrigo e outras são feridas nos seus mais puros affectos, diverte-se o czar com os altos funcionarios! Simplesmente assombroso.

Bagatellas

A desorganização moral da sociedade portugueza, partindo do centro e alastrando-se para a periphèria numa marcha persistente, offerece á curiosidade, ao azedume, á doença do figado e á lesão cardiaca dos descontentes, aspectos os mais picarescos e tectricos.

Todas as grandes virtudes de coragem provadas em sacrificios de dedicação e de pundonor que idealisavam um povo, em heroismos de lenda, todas as energias d'uma raça extinguiram-se em baixezas de bordêl!

Foi principalmente a politica dos aventureiros atrevidos, sem convicções e sem vergonha que lançou essa semente de podridão sobre o terreno bem estrumado d'um povo de analfabetos e de mandriões, sem educação e sem recursos de trabalho: ignorantes para a civilização, manietados para a liberdade.

Com os exemplos de cima, onde o descaramento e a infamia têm as honras da consideração dos mais elevados cargos e a recompensa ilimitada dos cofres publicos, a mancha da gangrena foi-se estendendo por todas as camadas sociaes num apodrecimento de cemiterio.

A inteireza do caracter, os escrupulos de consciencia, as velhas máximas da intransigencia, da justiça e da honra são consideradas como bugiarias ridiculas e flacciosas de falso puritanismo, — *nariz de cera e pose*, no intuito exclusivo de dar nas vistas!

Alumiada por um tal criterio moral, tem sido facil a perturbação social irromper nos excessos da demencia; e ao dente voraz dos cynicos consumir a substancia do país!...

Tudo se resente d'esta perversão: nem respeito por si, nem pelos outros!

Nos embates da livre concorrência improvisam-se artificialmente meritos, como quem fabrica vinhos com drogas!

Cada um julga valer, pelo que de si presume; e presume de si, conforme as ambições que alimenta!

E a mystificação é facil porque tem processos de cultura já conhecidos, sobre o terreno preparado aos successos da exploração!...

A dignidade é uma coisa convencional e varia.

Homens de sciencia passam-se gratuitamente diplomas de ignorancia; e, acto continuo, com o sorriso mais amavel, apertam-se as mãos numa camaradagem apparente de bons amigos e admiradores obrigadissimos!

A delicadeza e o bom tom mandam recalcar offensas na simulada urbanidade do tracto. Dissimulam-se as injurias e retribuem-se pelos mesmos processos de traição, segundo as normas da correcção e da cortezia!

O cavalheiro A certificou no cavaço intimo que o cavalheiro B não passa de ser intellectualmente um jumento e moralmente um pulha;

e no mesmo instante os dois cavaleiros cahem nos braços um do outro, acolhendo nos seios carinhosos as reciprocas manifestações de ternura e de affecto!

Com estas normas acceitas como moeda legitima e corrente de compostura e de brio, toda esta atmosphera é cheia de pequenos odios, de cabalas e mentiras...

E d'este roçar continuo pelas superficies duras de altivos bargantes, lubrificadas pela hypocrisia, as arestas delicadas dos caracteres se gastam; e os mais estimados ficam sendo os mais redondos, como calhaus rolados, batidos pelas enxurradas!...

A.

Realizou-se hontem em Salvaterra o funeral de Vicente Roberto, um dos mais distinctos artistas da taumachia portugueza. Foi numerosa a assistencia de amigos e collegas que de muitos pontos do pais concorreram a prestar-lhe a derradeira homenagem.

Vicente Roberto deixou boa fortuna, de que é herdeiro seu irmão Roberto da Fonseca.

Aos homens honestos

Está demonstrado que a mesa da confraria do Santissimo da Sé Velha, da qual é tambem escrivão o jaqueta Manuel Miranda, tem committido irregularidades que, apesar da affeição que dizem lhe consagra a commissão districtal, lhe mereceram d'esta a applicação da multa de 10\$000 réis por occasião do ultimo julgamento de contas.

A mesa, com raras excepções, tem contra si a maioria da irmandade; e presentemente essa opposição tomou taes proporções que a maioria da mesa teve de appellar para a admissão de mais de 50 irmãos, para assim evitar a derrota na eleição que vae realizar-se no mês corrente.

Não extranhemos que o jaqueta Manuel Miranda levasse os seus camaradas a procederem d'aquelle modo; o que parece incrível é que o sr. padre José Simões Dias, actual juiz da confraria, não veja a responsabilidade que acarreta sobre seus hombros e a nodoa que vae lançar no seu nome respeitavel, consentindo que a mesa nas vespas do acto eleitoral faça uma *forçada* com o fim unico de fazer vingar a lista de um homem que acaba de ser expulso da administração da Ordem Terceira, pela sua reconhecida incompetencia e pelos prejuizos que causou ao caridoso instituto.

Sentimos pois que o sr. Simões Dias termine a sua gerencia, consentindo num acto contra o qual se revolta o bom senso e a moralidade.

Já foi inspeccionado, para os effeitos da sua aposentação, o sr. Mannel da Costa Carvalho, distincto professor do lyceu d'esta cidade. Os peritos deram-no por incapaz para continuar no exercicio de professorado.

O espectáculo que devia realizar-se na proxima quinta feira em beneficio da viuva e filha d'um antigo funcionario da policia d'esta cidade já não tem logar.

A commissão encarregada de o promover resolveu, e a nosso ver muito bem, abrir uma subscrição, em favor d'aquellas senhoras.

Litteratura e Arte

O CULTO DA ARTE EM PORTUGAL

Este bello livro, pela intensidade da convicção que o anima, pelo vigor da estrutura, pela sonoridade energica e impressiva da linguagem, é uma das mais incisivas e sympathicas obras de reclamação e de protesto, que perante o pais se tem erguido em favor das tradições, da historia, e dos interesses da arte nacional.

A vivacidade das idéas, a coloração litteraria, imaginosa e vehemente da expressão, o sentimento que em todas as paginas palpita, e, como consequencia, o attractivo irresistivel da leitura, deverão concorrer a dar-lhe uma accentuada vulgarização no movimento, que vagamente vae despertando, para a tardia rehabilitação do gosto publico.

É porém certo, que na vastidão do assumpto algumas opiniões alli expendidas, pela sua singularidade especiosa, podem e devem incitar a contrariedade, que, pelo menos em certa medida, lhes restrinja a interpretação.

Com effeito encontram-se umas asserções, que estão pendentes da discussão esclarecida; outras, ás quaes pôde attribuir-se um alcance e uma generalização muito mais lata, do que lhes é assignada pela confirmação dos documentos e dos factos ainda existentes.

Um ou outro ponto já levantou reparo. A intervenção, por exemplo, de operarios mouros nas construcções anteriores a D. João I, embora até certo ponto conjecturalmente acceptavel, será um thema de affirmações intempestivas e improficuas, enquanto pelas affinidades caracteristicas não forem determinadas as proveniencias advemas dos nossos edificios da epocha românica e do periodo da transição.

Menos justificadamente a auctoria patriótica se insurgiu contra a attribuição da Batalha a origens exóticas, opinião que no livro é firmemente sustentada; porque esta persuasão tem fóros de inabalavel nos espiritos despreocupados.

Acreditar que a Batalha seja um producto da mentalidade e da evolução portugueza, pelo razão de que um unico nome estrangeiro apparece na escassa relação dos mestres constructores, é conlar demasiadamente num raciocinio mais do que fallivel.

Ha porém um assumpto, que merece de preferencia a attenção, pelo seu valor instructivo e pelas consequencias doutrinarias que abraça.

Sem deixar de prestar o preito de admiração devido a qualidades poderosas de percepção e de phantasia, resalta a duvida sobre a exacta propriedade dos aphorismos de esthetica, enunciados a proposito da psychologia e da génesis do *estyllo manuelino*.

O primeiro litigio, que naturalmente se levanta, versa sobre a legitimidade nacional d'esse estylo, se assim se pôde chamar. Acerca da originalidade a questão está desde muito magistralmente posta nos seus verdadeiros termos, numa decisiva clareza, reforçada d'uma profunda erudição, pelo sr. Joaquim de Vasconcellos.

Mas, admitindo o ponto de vista do auctor e pondo de parte por um momento essa formidavel contestação, uma outra objecção occorre.

O manuelino na sua elaboração, ou, antes, na sua adaptação e na sua declinação, na amalgama de todos os elementos decorativos, com todos os seus episodios naturalisticos, oscillante e desigual, sem que possa assignar-se-lhe precisamente o movimento da evolução normal, occupa um largo periodo desde D. João II a D. João III.

E na util methodização artistica e critica é furpoco reconhecer duas especies de manuelino, cuja coexistencia é innegavel á face das provas em evidencia por esse pais adiante:—o manuelino geometra, ponderado, reflectido, transigente, abrindo-se á conciliação com a renascença; e outro manuelino popular, audacioso, inculto, quasi espontaneo e rude.

Compreender num traço unico e commum de apreciação toda a complexidade physionomica da fecunda producção d'essa arte, desde as genaes composições de Belem e Santa Cruz, até a obra ingenua da igreja matriz de Freixo-de-Espada-a-Cinta, por exemplo, não parece que seja o mais racional e nitido processo de illuminar as obscuridades do assumpto.

As *Capellas-imperfeitas* e a janella de Thomar são talvez termos oppostos de duas séries parallelas. Como poderão conciliar-se na sua coincidência critica?!

É de notar que o manuelino ás vezes toma aspectos os mais imprevisos — dos seculos XII, XIII, XIV...

Basta citar os capitéis do claustro da collegiada de Guimarães! E outros factos, que têm produzido equívocos e aneddotas apreciaveis!...

A distincção, pois, entre as duas correntes — como obra de estylo, e como expressão ingenua da alma popular — affigura-se de certa e incontestavel importancia.

De qualquer fórma que seja, é certo que, mesmo como criação peninsular, foi uma affirmação exuberante de vitalidade. E nada mais sympathico á liberdade mental dos nossos dias, do que essa superabundancia de *verve*, essa embriaguez de imaginação, em plena indisciplina, manejando o escôpro sem preocupação e sem peias. Perante essa inextinguivel opulencia de recursos e de audacia, os phantassistas, flitando horizontes largos, têm-se dado a tarefa de descobrir na ornamentação a expressão allegorica das energias creadoras da naturéza, sob a impressão das conquistas e glorias maritimas.

A interpretação descriptiva do symbolismo imaginario da janella da sala de Thomar occupa três paginas das mais ricas e ostentosas do livro, offuscantes de brilho, numa benigna exaltação de sentimento e de suggestões.

Não obstante, sobre a indole artistica do manuelino, as opiniões oppostas continuarão em briga.

A architectura tem principios especiaes. E se, em todos os edificios, a decoração esculptural é reservada ao genio individual do artista (e isto é verdade até no Parthenon de Athenas!...) o effeito geral das suas grandes linhas é necessario que repouse em leis definidas e fundamentaes, na plena acquiescencia do gosto colectivo.

E a proposito do manuelino ha de permanecer de pé a celebre e irreductivel questão: «se a architectura deve ser uma construcção que se decora, se uma decoração que se construe.» E sempre a uma opinião, ainda mesmo — dos «grandes criticos da Inglaterra» —, se poderá oppôr outra de igual valor e em sentido contrario!...

Perante um trabalho, que tão grande somma de vivacidade intellectual, de engenho e de critica representa, a manifestação de todas as opiniões é por certo a mais digna e sincera homenagem.

Pelo fim, como resultante logica e proficua d'essa animada exposição de idéas, o sr. Ramalho Ortigão enjeita por inefficazes os processos, que a acção official tem tacteado até hoje para a organização dos serviços da Arte, e traça um plano de reforma para prover de remedio a esta monstruosa anarchia.

Reconhece improcedente a acção da *Commissão dos monumentos nacionaes* pela sua delicia organica.

Assim é, mas profundamente deploravel que as opiniões pessoas se entibiem nos estorvos das contemplações collectivas... Porque é certo, que essa confusa Commissão, na sua diuturna e incompreensivel inactividade, tem si do mais danosa, do que se não existisse.

E neste abandono continuaremos, até quando?!...

Nem os desastres, nem os protestos, nem os exemplos alheios têm inspirado as energias da administração publica para a resolução inadiavel e corajosa d'este momentoso problema...

Indicio claro d'um calamitoso desvio do rumo natural imposto pelos mais caros interesses nacionaes, e pelas exigencias incontrastaveis da civilisação.

A. A. G.

O Instituto

Temos presentes os n.ºs 4.º e 5.º d'esta revista.

Em homenagem á verdade, forçamos é confessar que a ultima redacção lhe deu um impulso digno dos maiores encomios, conseguindo collocá-lo a par das melhores publicações d'aquella indole no estrangeiro. Muito estimaremos que tão brilhantes tradições se mantenham.

Carta de Lisboa

Lisboa, 2 de junho de 1896.

O rei vae hoje a bordo do couraçado inglês *Revenge*.

Revenge — Vingança!

Eis uma palavra que este homem, dizendo-se portuguez, não comprehendeu em 1890, mas que ha de hoje ler como uma ironia na praça d'armas do navio onde vae cumprimentar os officiaes ingleses.

Mas bem se importa elle com ironias quando sente na perna a liga da Jarreteira que é o signal de vassallagem perante a corte britannica!

Este homem que é o almirante-chefe da marinha portugueza, quando entra no tombadilho de um navio inglês não é para o combate da abordagem, é para beber uma taça de *champagne*.

Não se lhe agita o coração; jamais o seu braço costumado ao pampilho do toreiro desce sobre os copos da espada.

A bandeira inglesa olha-a como um signal de protecção, e nunca como um signal de guerra que nos ameaçava no dia do *ultimatum*. Os navios ingleses são para elle os navios que o podem levar um dia a porto de salvamento.

Começa troando a artilheria...

Hurrah for the King Charles's!

X

Por toda a parte festas.

Hontem banquete na legação inglesa. Presidiu Soveral, ministro dos estrangeiros. Este cretino, com a apparencia de um cocheiro de casa rica, dentro dos fatos elegantes do patrião, arremedando-lhe a *pose*, mas não conseguindo jámais que as botas lhe disfarcesm os joanetes, tem sido verdadeiramente o heroe de todas as festas.

Como um corretor de hotel, trazendo no *bonnet* o distico seductor para o inglês: *Hotel de Lourenço Marques*; é elle que ensina ao seu collega Hintze que deve engraxar, calçando lavas, as botas dos marinheiros ingleses.

Porque o estúpido presidente do conselho, — a desculpa de todos os imbecis — andava com a mania de fazer esse serviço com o papel do tratado de 20 de agosto.

O resultado era encher-se tudo de lama.

X

Esse Hintze — o fundamentalmente estúpido — tambem assistiu ao banquete. E porque não?

Creado antigo, concederam-lhe o direito de uma vez por outra se sentar á mesa dos seus senhores.

X

Os que defendem as festas em honra dos ingleses explicam que elles deixam muito dinheiro.

Este argumento rebatido ao balcão é — bem se vê — pesado a libras e faz suppôr que ninguem se indignaria com o *ultimatum* se elle tivesse sido inscripto num cheque de alguns milhões sobre o *Banco de Londres*.

X

Releio o que disseram em 1890 os que hoje elogiam os ingleses. Passo pela vista o *ultimatum*, recordo no *Livro Branco* a ignominia dos tratados e o que disseram então dos ingleses os que hoje os recebem humildemente, dizendo eu agora de todos:

—Que desprezível canalha esta!

João de Menezes.

Soure

A proposito d'uma local da *Resistencia* em que se publicavam umas informações que nos haviam sido dadas sobre a camara municipal de Soure, recebemos uma carta do nosso amigo sr. Carlos Carreira, digno presidente da camara, em que prova serem essas informações destituídas de fundamento.

Publicamo-la gostosamente.

Sr. redactor da *Resistencia*

Tendo visto no seu conceituado periodico de 28 de maio ultimo uma noticia relativa á camara municipal de este concelho, referindo que um sr. vereador disséra ser ficticio o saldo de um conto e tanto que figura no orçamento para o corrente anno, como existente em cofre, e que a camara lhe estava devendo mais de 800\$000 réis, permita-me v. que ponha em duvida a veracidade da informação por que reputo qualquer dos membros, tanto da actual como da cessante vereação, incapazes de fazerem declarações menos verdadeiras a tal ou a qualquer outro respeito.

O facto de não poderem as corporações administrativas contractar com os seus membros, é razão bastante para, em boa fé, não se poder acreditar a noticia referida; no entanto como pôde haver quem, ignorando esta disposição da lei, a julgue verdadeira, permita-me v. que restabeleça a verdade dos factos.

Ao findar a gerencia de 1895, os credores do municipio eram, além da Companhia de Credito Predial e da Caixa Geral de Depositos, por encargos de emprestimos legalmente contrahidos, mais os seguintes: a Fazenda Nacional pela quantia de 5\$000 réis, de contribuição predial de 1894; a *Imprensa Academica*, de Coimbra, por 72\$805 réis de objectos fornecidos para a secretaria durante o anno de 1895; Antonio d'Almeida da Costa & C.ª, do Porto por 215\$820 réis, procedentes de manilhas, syphões e curvos de grés que forneceu durante o mesmo anno para canalisações, e, finalmente, diversos pela quantia de 83\$500 réis de rendas de casas de escolas e habitações de professores, e d'uma loja onde se acha estabelecido o talho de carnes verdes; perfazendo todas estas verbas a quantia total de 377\$125 réis, que não se pagou durante o anno civil findo, porque algumas verbas das que prefazem esta totalidade não cabiam nas verbas orçadas, e outras por que os credores não reclamaram em tempo devido o pagamento.

Quanto ao saldo ficticio, consta da escripturação devidamente arrumada e encerrada em 31 de dezembro de 1895, e authenticada pela vereação cessante e pelo thesoureiro, que a existencia em cofre naquella data era a seguinte:

Em conta do municipio...	1:128\$688
Em conta da viação....	245\$661
Total réis.....	1:375\$349

Representada em notas bancarias prata e cobre, e por isso não pôde dizer-se que seja ficticia.

Isto, que affirmo em abono da verdade, consta não só da escripturação, mas tambem das actas, e do orçamento elaborado para o corrente anno e que se acha firmado pela vereação actual, podendo v. como toda a gente, examinar esses documentos quando lhes aprouver. Por isto já v., sr. redactor, pôde vér que foi mal informado, pois é inadmissivel que qualquer membro d'uma corporação diga o contrario do que sabe e garante com a sua assignatura em documentos irrecusaveis.

Esperando dever a v. a publicação d'estas linhas num dos proximos numeros do seu periodico, tenho a honra de ser

De v. etc.,

Soure, 2 de junho de 1896.

Carlos Carreira.

Faz no proximo sabbado acto de licenciatura na faculdade de Medicina o distincto academico sr. Campos Vieira.

Não se realiza hoje a procissão de *Corpus Christi*, em vista do tempo se apresentar chuvoso.

UNIVERSIDADE

A congregação da faculdade de Philosophia, reunida no dia 1 do corrente mês resolveu que os actos começassem no dia 5, ficando assim constituídos os jurys:

- 1.ª cadeira (Chymica inorganica) — Drs. Bernardino Machado, Sousa Gomes, Bernardo Ayres.
Horas d'acto — 12 h. m.
2.ª cadeira (Chymica organica) — Drs. Bernardino Machado, Sousa Gomes, Bernardo Ayres.
Horas d'acto — 12 h. m.
3.ª cadeira (Physica, 1.ª parte) — Drs. Santos Viegas, Teixeira Bastos.
Horas d'acto — 9 1/2 h. m.
4.ª cadeira (Botanica) — Drs. Julio Henriques, Gonçalves Guimarães.
Horas d'acto — 12 h. m.
5.ª cadeira (Physica, 2.ª parte) — Drs. Santos Viegas, Teixeira Bastos.
Horas d'acto — 9 1/2 h. m.
6.ª cadeira (Zoologia) — Drs. Julio Henriques, Gonçalves Guimarães, Bernardo Ayres.
Horas d'acto — 9 1/2 h. m.
7.ª cadeira (Mineralogia e Geologia) — Drs. Julio Henriques, Gonçalves Guimarães.
Horas d'acto — 9 1/2 h. m.
5.º anno, 7.ª e 8.ª cadeira (Antropologia e paleontologia) — Presidente variavel, Drs. Julio Henriques, Bernardino Machado, Gonçalves Guimarães.

A faculdade de Medicina, reunida em congregação no mesmo dia, resolveu que os actos começassem no dia 8, ficando assim constituídos os jurys:

- 1.º anno — Drs. Philomeno da Camara, Basilio Freire, Francisco Bastos.
Horas d'acto — 12 h. m.
2.º anno — Drs. Costa Alemão, Raymundo da Motta, Francisco Bastos.
Horas d'acto — 8 h. m.
3.º anno — Drs. Saccadura Botte, João Jacintho, Luiz Pereira da Costa.
Horas d'acto — 9 1/2 h. m.
4.º anno — Drs. Daniel de Mattos, Augusto Rocha, Sousa Refoios, Lopes Vieira.
Horas d'acto — 11 h. m.
5.º anno — Todos os leites da faculdade.

Começaram no dia 2 os actos na faculdade de Direito, ficando approvados nesse dia e no dia 3 os seguintes alumnos:

- 1.º anno — Accacio Augusto Xavier d'Andrade, Adelino Paes da Silva, Adolpho Augusto d'Oliveira Coutinho, Adolpho Godfroy de Abreu e Lima, Adriano

Marcolino Pires, Affonso Lopes Vieira, Alberto Antonio da Silva e Costa, Ave-lino Julio Pereira e Sousa, e Alberto Nogueira Lemos. Houve três reprovações

2.º anno — Abel José Fernandes, Abilio Anthero Lopes Machado, Alberto Carlos Freire Themudo Rangel, Alberto Carlos de Magalhães Menezes, Alberto Eduardo Placido, Alberto Pedroso, Albino da Cruz Philippe, e Alexandre Correia Telles d'Araujo e Albuquerque.

3.º anno — Abel Thomaz Oliveira e Sousa, Abilio Augusto Mendes de Carvalho, e Affonso d'Albuquerque e Amaral. Houve uma reprovção.

4.º anno — Abel de Vasconcellos Gonçalves, Abilio Maria Mendes Pinheiro, Abilio Monteiro da Fonseca e Accacio Mendes de Magalhães Ramalho.

5.º anno — Augusto Francisco de Assis, Abilio Duarte Dias d'Andrade, Adelino Mendes d'Abreu, e Alberto Augusto Leite Ribeiro.

Os estudantes da faculdade de Philosophia festejaram o ponto no dia 2, percorrendo algumas ruas da cidade com uma serenata e balões venezianos.

Os nossos calorosos applausos.

Finou-se em Ponte do Lima o antigo juiz da Relação do Porto sr. visconde d'Aurora, que exerceu o cargo de governador civil d'este districto no primeiro ministerio presidido pelo fallecido general João Chrysostomo.

Foram postas a concurso as seguintes igrejas da diocese de Coimbra:

S. Matheus de Barosa, Leiria; N. S. de Bobadella, Oliveira do Hospital; S. Vicente de Sangalhos, Anadia; Santa Catharina de Villa Faeacia, Figueiró dos Vinhos.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 21 de maio de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — effectivos: arce-diago José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio dos Santos, José Antonio Lucas, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.
Presente o administrador do concelho, bacharel José Miranda.
Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.
Tomou conhecimento de que fallecera no dia 13 o antigo guarda do cemiterio, ha muito impedido.

nunca mais usar esse nome execravel não possuir nada que possa recordar-m'o!

A duquesa de Villedieu assentou-se e, apoiando a cabeça entre as mãos, ficou por muito tempo abismada nas suas reflexões.

Recordava-se do tempo do collegio, da sua vida sem cuidados, confiando no futuro, dos quatro annos, que decorreram, desde os deztoito aos vinte e dois, em que viveu junto de seu bom pae, que adivinhava sempre os seus menores desejos, tendo por unica ambição satisfazer todos os caprichos e phantasias da sua querida filha!

Neste momento apparecia-lhe o duque de Villedieu, como um demonio, que a arrebatava e a torturava á sua vontade.

Seu pae, que presenciara as scenas violentas que se davam entre a esposa e o marido, tornára-se pezaroso, taciturno, até que morreu no meio de atroz soffrimento.

Ella, sem defensor, e cada vez mais perseguida, não tinha um momento de repouso, de socego, senão durante as horas em que seu marido ia perder sobre a baeta verde das casas de jogo a fortuna que ella lhe tinha trazido.

— É necessario não perder o tempo em lamentações, e recordações, disse comsigo, essas idéas anniquilam-me e eu não quero perder a minha energia.

Fixou o relógio para vér as horas. — Quatro horas. E elle sem voltar. Desejo ardentemente tornar a vê-lo,

Resolveu, em vista de communicação do professor official de S. João do Campo, de que não serve para os exercicios escolares a casa arrendada por conta do municipio, officiar ao administrador do concelho para que seja inspecionada devidamente uma outra casa que o mesmo professor indica para aquelle fim.

Auctorizou a compra de duas roupas completas para dois dos asylados do asylo de Celias.

Encarregou o vereador Simões Dias de fazer o estudo necessario para a reforma de algumas disposições do novo regulamento dos impostos municipaes indirectos.

Attestou acerca de algumas petições para subsidio de lactação a menores.

Resolveu a bem da saúde publica mandar intimar os proprietarios confinantes com o saguão da rua do Marco da Feira, para canalizarem as aguas dos seus predios para a canalisação geral.

Mandou annunciar segunda praça para a venda de terrenos na quinta de Santa Cruz.

Auctorizou a reparação do taboleiro da ponte sobre o rio Ceira, segundo o orçamento apresentado na somma de 255400 réis.

Resolveu enviar ao chefe do districto um officio do inspector dos incendios acerca de medidas de segurança nos theatros e irregularidades alli commettidas.

Resolveu proceder convenientemente com relação a insultos feitos por um contribuinte aos vigias dos impostos por occasião de varejo dado ao seu estabelecimento de venda.

Considerou como transgressão o acto da apprehensão feita em um tipo de vinho, que era destinado a um estabelecimento avençado em Coselhas.

Auctorizou o levantamento de um deposito de garantia a uma obra em Fôra de Portos.

Despachou requerimentos attestando acerca do comportamento de diversos, e auctorizando o uso de agua da valla marginal á estrada de Taveiro para rega de predios particulares; a abertura de uma serventia particular entre a estrada de Sernache á Villa Ponca e um predio com ella confinante, permitindo-se o rebaixamento da valla de regadia que alli passa e o assentamento de uma lage de cantaria sobre a mesma valla; a reconstrução de um muro em Taveiro pelo alinhamento primitivo; a regularisação de cantarias de uma casa na rua das Solas; a construção de barracas de banhos no rio Mondego, e a annullação do imposto directo lançado a um professor do lyceu d'esta cidade, transferido para outro lyceu em janeiro d'este anno.

Resolveu auctorisar o vereador Simões Dias a providenciar acerca da apprehensão de um caixote com cervejas por falta da declaração a que se refere o Regulamento.

Auctorizou os seguintes pagamentos: Salario ao pessoal da limpeza da cidade réis 1515070; material para o mesmo serviço 23160; execução de canalisações d'agua, réis 50330; custeamento das officinas das aguas, 14550; caiação dos paços do concelho 315685; reparos nas barracas dos vigias, 78820; idem nas calçadas e syphões das ruas da cidade, 48750; serragem de madeira da abegoria, 11150; plantação e conservação 25400; serviços de limpeza da thesouraria municipal, 16000; idem da repartição dos impostos indirectos 13500; idem da repartição technica municipal, 26000; assignatura do «Direito», 1.º semestre, 24500; fornecimento de impressos, 648840 réis.

Bibliographia

Segunda Pagina de Administração no Hospital da Universidade — Intitula-se assim um folheto que o sr. dr. Sousa Refoios, abalizado professor da faculdade de Medicina, distincto operador acaba de publicar em resposta a Analyse e refutação do folheto do sr. dr. Sousa Refoios, que ha alguns dias foi publicado pelo sr. dr. Bernardo Antonio de Serra Mirabeau.

— Nem sequer sei como elle se chama. Supponho que não é um aventureiro? Não. Vi-o muitas vezes á janella, é um rapaz honesto e sério. Com que fim me appareceria elle quando eu subi para a carruagem e me fez a proposta de collocar-me em logar seguro? — Se elle estivesse combinado com meu marido? — Vamos, isso é um absurdo! Tomei as minhas precauções, trouxe tudo o que me pertencia, os objectos a que me ligavam maiores recordações. A minha criada nada suspeitou. Era pois impossivel que M. de Villedieu tivesse conhecimento da minha fuga antes da noite de ante-hontem. — Nessa noite, com certeza, passou revista minuciosa aos moveis dos meus aposentos, e a estas horas deve saber tudo quanto eu trouxe, desde a joia de maior valor ao mais insignificante alfinete. Primeiro corria á guarda-joias, depois ao meu guarda-roupa: vazio! — vazio! nem rendas, nem papeis! — Quizera vê-lo neste momento. — Porque não voltaria ainda o meu amigo?

Deram sete horas em Cachan. E sem apparecer ninguém. Tornára-se nervosa, inquieta, Tivera por muitas vezes tentação de descer, mas nem ao menos ousou abrir a porta do quarto. — Tinha fome.

— Elle deve estar a chegar.

— Oito horas, nove, dez. E elle sem apparecer.

A duquesa de Villedieu estava febricitante. Para não fechar a janella conservava a luz apagada. A escuridão da

Gazeta das Aldéas — Acabamos de receber a visita d'este seminario de propagação agricola e vulgarisação de conhecimentos uteis que se publica no Porto e de que é redactor principal o distincto chimico analysta sr. dr. Antonio Magalhães. O numero que temos á vista vem cheio de assumptos palpitantes, como se vê do sumario que em seguida publicamos:

«O regresso aos campos, por Francisco Simões Margiuchi.—Rudimentos de agricultura, dr. A. Magalhães.—Sericulture, Francisco M. da L. Póssas.—A exposição de flores na real Casa Pia de Lisboa, José A. de Oliveira.—Vaccas leiteiras (com gravura), M. Rodrigues de Moraes.—Os animaes domesticos, Trigueiros Martel.—Economia domestica, D. Maria Margarida de Oliveira Pinto.—Folhetim: «Um crime mysterioso, Italo Fiorentini, traducção de Julio Gama.—Secções e artigos diversos: A vida agricola—Os trabalhos do mês.—Palestra semanal (Hygiene).—Conselhos de veterinaria.—O aroma da manteiga—A nossa correspondencia.—A chronica dos acontecimentos.»

Agradecemos a offerta.

Revista de Direito — Recebemos os n.ºs 5 e 6 d'esta bem redigida revista de legislação e jurisprudencia, de que é director o distincto advogado dos auditorios de Lisboa, sr. Edmundo Gorjão.

Revista Theatral — Publicação quinzenal de assumptos theatraes, de que são redactores os srs. Collares Pereira e Joaquim Miranda.

Um numero que acabamos de receber traz o retrato do fallecido escriptor Gervasio Lobato, acompanhado d'um artigo de D. João da Camara.

Revista das Escólas — Semanario dedicado ás familias e ao professorado, que se publica no Porto, sob a direcção do sr. Antonio de Mesquita.

O presente numero insere os artigos seguintes:

«A obra do Solar.—Questões pendentes.—Fornecimentos escolares.—Legislação escolar: Decretos. Classificação dos professores do Funchal e Leiria. Despachos pela direcção geral de instrucção publica.—Plebiscito.—Consultas.—Noticias escolares.—Secção litteraria: O culto a Maria. Salvé Rainha. Hymno.—Correspondencia.—Bibliographia.—Expediente.»

Jornal de Viagens — Recebemos o numero correspondente a 31 de maio, d'esta interessante publicação.

Entre os artigos que insere destacamos um com o titulo Venda das colonias, critica ao recente livro do sr. visconde de Ouguella, onde este distincto escriptor advoga a necessidade da alienação de algumas colonias.

Quod avertat.

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

(Psychologia individual e collectiva)

4 vol. de 429 pag., 600 reis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

noite fazia passar diante dos seus olhos sombras phantasticas. Já não tinha lenha. O lume apagar-se-ia em breve. Era o lume que lhe fazia companhia, que lhe tirava o medo; cheia de terror via-o extinguir-se.

Começava a cahir uma chuva fina, a noite tornara-se muito escura. O lume apagára-se de todo.

M.ª de Villedieu escondera-se a um canto.

— Porque confiei eu neste desconhecido?, murmurava.

Ouvia o rodar surdo d'uma carruagem, que acabava de parar. Uma carruagem? Se não fosse elle. Tremeu de susto.

Abriam a porta do jardim.

Uma pequena pedra veio bater na janella e tossiram no jardim: era o signal, era elle!

E todos os receios de M.ª de Villedieu se desfizeram naquelle instante.

— Sois vós?, perguntou ella.

— Sim, abri, visto que vos deixei a chave para que vos fechasses por dentro.

Desceu rapidamente.

— Oh! que medo eu tive, receei não tornar a vê-vo.

— Eu não praticaria tal villania. Deveis ter muita fome?

— Uma fome canina.

— Tanto melhor! Assim comereis com bom appetite o que vos trouxe. Teréis, porém, de ajudar-me a conduzir os objectos que tenho lá fóra num carro, visto que vim só. Para occultar aos olhos indiscretos o meu novo the-

Bibliotheca Popular de Legislação

LEI DO SELLO

Cárta de lei de 21 de julho de 1893 e 4 de maio de 1896 e tabellas respectivas, em fórma de repertorio alfabético e portarias posteriormente publicadas referentes ao mesmo assumpto.

PREÇO, 200 RÉIS. Pedidos a A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º — Lisboa.

Reptis e amphibios da Peninsula Iberica e especialmente em Portugal

POR M. Paulino d'Oliveira

Lente cathedatico de Zoologia e director do Museu zoologico da Universidade

PREÇO, 400 RÉIS. A' venda na Imprensa da Universidade.

Revue des Journaux et des Livres

12.º anno

Recommendo aos nossos leitores esta excellente revista hebdomadaria, prestamos-lhe com certeza uma indicação importantissima, porque esta publicação é a mais curiosa e a mais interessante da nossa epocha. Reproduz em cada domingo o que de mais notavel apparece durante a semana em jornaes e livros: Artigos de sensação, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientis, Conhecimentos uteis, Romances, etc., etc., bem como numerosas gravuras da actualidade: retratos, acontecimentos do dia etc.

Em folhetos publica a Revista dois romances de um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a Revista e que têm sido acollidos pelo publico com o maior favor.

A collecção dos 10 primeiros annos da Revue des Journaux contém mais de 4000 novellas litterarias e contos diversos, assignados pelos mais illustres escriptores, romances de Alphonse Daudet, Hencomplay, esri Rochefort, Octave Feuillet, Ludovic Halévy, Hector Malhot, Guy de Maupasant, Paul Bourget, Emile Zola, etc., etc. A collecção composta de 10 magnificos volumes de 825 pag., contendo materia de mais de 100 volumes, solidamente encadernados, vende-se a 14 francos o volume.

Brindes: — Um retrato a oleo do assigante, e um outro em carta-album. Um livro de 3 fr., á escolha; um de 2 fr. e 50, e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 mezes e 3 mezes respectivamente.

Assignatura: — Seis mezes, 8 fr., um anno, 14 fr. Assigna-se: — 1.º em todas as estações de correio das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.º nas livrarias que têm correspondente em Paris; 3.º por meio de saque sobre uma casa de Paris.

Os dez primeiros annos custam 100 fr., accrescendo o porte. Dirigir cartas e ordens a M. G. Noblet, administrador, 13 rue Cujas, Paris.

souro, é que eu cheguei tão tarde. Ah! antes de mais nada: os vossos diamantes, rendas e papeis, tudo o que trouxeste de vossa casa, excepto os vestidos de que necessitaeis aqui, estão guardados, e em segurança, em casa d'um meu amigo. Vinde. Mas ides talvez molhar-vos. Tomae o meu pardessus. Nada de cerimonia! Deitae-o sobre os hombros.

Dirigiram-se para o carro e tiraram muitos pacotes, malas, um leito de ferro, caixas e cestos.

— Recommendo-vos esse cesto, disse elle, que contém a vossa refeição para hoje e para amanhã. Agora vou trazer-vos lenha e vinho, e partirei o mais rapidamente que possa.

— Deixaes-me hoje ainda?

— Sem duvida. É necessario que eu entregue ao seu dono o cavallo e o carro. Voltarei o mais cedo que possa. Não me deitaei. D'ahi ás fortificações gastou apenas uma hora. Antes que a aurora, com os seus dedos cor de rosa entre-abra as portas do Oriente, eu estarei de novo debaixo d'estas janellas. Fechae as portas. Eu lançarei a pedra convencional.

— O que é que virá nesta bagagem? disse comsigo M.ª de Villedieu, apenas o joven partiu.

Abriu o cesto das provisões e começou alegremente a refeição por um bocado de ave fria.

(Continúa.)

Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

III Os dois

Na verdade o seu vinho é magoifico. Tinha razão quando me recommendou que o bebesses com assucar, é um calmante para o estomago. Tinha já bastante fome! Que terá feito o sr. Villedieu ao entrar em casa hontem á noite! Havia de passar pelo meu quarto como de costume. Não encontrou a ave no ninho. Fugia do ninho? Oh! como estou contente por me vêr longe d'aquelle grosseiro! — Tu querias me duquesa, meu pae? — Eu era tambem feliz em o ser, porque via apenas o mundo em que brilhava. Oh! a que homem me entregaste? Homem sem coração e sem nobreza, rude, invejoso, colerico! Oh! que paciencia me foi necessaria para viver dois annos com elle, supportando as suas vilezas e pancadas! Oh! aborreço de morte esse duque de Villedieu!

Começou a passear pelo quarto — Eis-me emfim livre. Não me possuirás mais, nunca mais, nunca mais, nunca mais. O unico desejo que tenho é de nunca mais o tornar a vêr nem ouvir fallar d'elle. Oh! nunca mais ouvir pronunciar o nome d'esse homem!

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineaes para doenca de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear
Magnificas accomodações desde 1\$200 réis comprehendendo servico, club, etc. Bonus para medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.^a a 5.^a classe; duas salas para duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos. — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao agente do Grande Hotel. — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125.

O hotel foi este anno adjudicado á acreditada firma Silva & Ferreira, do restaurant Club de Lisboa, ficando em rigor os antigos preços.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Editos de 30 dias

2.^a publicação

11 Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartorio do segundo officio, e no inventario orphanologico a que se procede por obito de Albino José Pedro, morador que foi, em Sernache, no qual é inventariante a viuva d'aquelle, D. Emilia Albertina da Cunha, tambem moradora em Sernache, correm editos de trinta dias, contados do dia em que for publicado o segundo e ultimo annuncio, citando os credores certos: — As firmas Alcada & Mousaco, da Covilhã, Augusto de Sousa Machado & irmão, do Porto, e Constantino Ruivo & C.^a, de Torres Novas, para dentro do referido prazo, deduzirem, querendo os seus direitos no alludido inventario. Verifiquei a exactidão O juiz de direito, *Neves e Castro.*

Caixeiro

10 Nesta redacção se diz quem precisa d'um com boa pratica de mercearia, a quem se dará o ordenado conforme as suas aptidões.

Editos de 30 dias

2.^a publicação

9 Correm editos de 30 dias, contados desde a ultima publicação d'este annuncio, a citar o herdeiro, auzente em parte incerta, Joronimo Rodrigues da Silva, de maior idade, do Casal Novo, freguezia d'Almalaguez, para vir assistir aos termos do inventario orphanologico a que se procede no juizo de direito de Coimbra e cartorio do escrivão Nunes, por obito de seu pae Joaquim Francisco, do mesmo logar do Casal Novo, em que é inventariante a viuva Joaquina Rosa. Verifiquei a exactidão *Neves e Castro.*

Aos bohemios

8 Photographias do bohemio Augusto Hylario, vendem-se na loja do Vianna, Largo da Sé Velha.—Coimbra.

CAVALLOS

7 Muare, etc.; esquinencias, sobrecannas, ovas, esparavões, manqueiras, fraquezas de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VISICANTE COSTA, e preferivel ao fogo e untura forte em todos os casos. Frasco 900 réis. A venda nas principaes terras.—Depositos: Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; Ferreira & Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: Drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Coimbra: Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128.—**Deposito geral:** Pharmacia Costa—Sobral de Mont'Agrajo.

Aviso aos lavradores

6 Na cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 1\$000 réis por cada metro cubico. A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000\$000
Fundo de reserva... 211.000\$000

SEDE EM LISBOA

4 Esta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre prédios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

Alfinete

3 Perdeu-se um desde Luso até esta cidade. E' de ouro, quadrado e crivado de pequenos brilhantes.

Pede-se a quem o achasse o favor de o entregar na rua de Ferreira Borges, n.º 50 e 52, onde será gratificado.

Loja da China

Ferreira Borges

2 Amendoas de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade, Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gunguhana e Mousiubo e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 1\$000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 2\$200 a 3\$600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para colleções.

TABERNA PORTUGUESA

Na antiga rua das Figueirinhas, actualmente Martins de Carvalho, n.º 47

1 Vinhos tintos, e branco de diferentes qualidades e preços.

Vinho verde d'Amarante de especial qualidade.

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

Typ. V. Franca Amado—COIMBRA

PEDIR OS PROSPECTOS

Assignatura 100 RS. cada n.º	Os leitores da REVISTA , além do texto, comprehendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm tambem	Grátis	UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.	Sao nos dias 1 E 15 de cada mez
	REVISTA THEATRAL ILLUSTRADA Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc. REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. Nova do Carmo, 76, 2.º—LISBOA	PEÇAS PUBLICADAS SALTIMBANCO de Antonio Ennes JUCUNDA de Abel Botelho ALCACER-TEBIR de D. João da Câmara PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça Ciume com ciume se paga de Rangel de Lima Muito proprias as ultimas para amadores	ANTIGA CASA BERTRAND	Assignat-se em todos os agencias da

ENVIASE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

15 Arrenda-se do S. João de 1896 em deante a loja com os n.ºs 68, 70 e 72 na rua do Visconde da Luz. Para tractar com Joaquim Augusto Preces Diniz.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista

Herculano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

11 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvalades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Ingles e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moihos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores actores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystallo, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA

Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cantella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

13 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

12 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de cordas e bouquets, fonebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

RESISTENCIA

N.º 138

COIMBRA — Domingo 14 de junho de 1896

2.º ANNO

O PAPÃO

Todos tremem deante do governo; ninguém ousa formular contra os seus attentados um protesto alevantado, energico.

Uns esperam que elle conceda graças e favores, outros temem as suas perseguições e todos curvam reverentemente a cabeça, quando se não põem de cócoras. Dispõe o governo dos cofres publicos, todas as auctoridades e juizes lhe obedecem; dá e tira livremente, ordena despoticamente. Faz, lei a sua vontade.

Não ha funcionario publico que tenha garantido o seu logar, certos os seus vencimentos. A lei é calçada impunemente pelo governo, que não tem pejo de afirmar, perante o proprio parlamento que fará o que quizer.

É docil e submisso o funcionario, acata servilmente todas as prepotencias do governo até quando é offendida a sua dignidade: mandam-se-lhe contar ordenados illegaes, dão-se-lhe pingues gratificações, nomêa-se para commissões rendosas. Que trabalhe ou não, que faça bom ou mau logar, é indifferente. O seu amo não se occupa de taes ninharias; não luera com isso a monarchia.

É, pelo contrario, digno e activo, usa como cidadão dos direitos que a lei fundamental a todos confere, criticando as vilanias e attentados do governo: exercem-se contra elle as mais vexatorias perseguições, é suspenso ou demittido. Pouco importa que seja um funcionario exemplar no cumprimento dos seus deveres, que leve até ao sacrificio a dedicação no exercicio do seu cargo. Lucrava com isso a nação; o governo e a monarchia, que elle serve, nenhum proveito colheriam. E é a monarchia quem manda; só ella tem direitos. A nação obedece e paga impostos; nada mais.

Perante uma victima, as almas caritativas e amigas lamentam que tão mal soubesse comprehender os seus interesses e traçar uma linha de proceder em harmonia com elles. Estar a atacar, reflectem ellas, o governo do rei, até quando pratica os mais ignobes attentados, é um refinadissimo disparate. O povo não agradece, o governo não se corrige e o protestante soffre.

Se alguém pretende iniciar um movimento de protesto, tem de recuar após os primeiros passos que deu, porque ninguém o acompanhará. É verdade, todos dirão, que o governo praticou uma illegalidade, que commetteu uma prepotencia, um escandalo até, mas, se vamos

insurgir-nos contra elle, podemos soffrer amanhã cruel perseguição, ser lesados nos nossos direitos, offendidos nos nossos interesses. Que o governo não respeita principios nem leis; faz o que quer. E para quê sacrificios, se ninguém os agradece? Trate cada um de si, que já não faz pouco.

Eis ao que chegamos.

×

O principio de que o governo e o rei são mandatarios da nação e de que, no exercicio d'esse mandato, não podem deixar de obedecer á lei por que ella manifestou a sua vontade soberana, está completamente esquecido, ou, o que talvez seja peor, ninguém se sente com forças de o tornar effectivo. No meio da terrivel crise que o país atravessa, nesta medonha anarchia que tudo avassalla, só se formam syndicatos a fim de obter do governo subsidios para empresas em que possam fazer-se fortunas á custa do Estado ou de ingenuos cidadãos, só existe a solidariedade que o interesse determina e até onde elle chega. Tudo, afinal, quadrilhas de ladrões á moderna. A união de vontades para a realização d'um ideal d'ordem superior, a congregação de forças para a defesa dos interesses vitais da nação, não se dá.

E era tão facil, por esse meio, pôr um dique á serie de attentados e torpezas d'um governo sem consciencia nem dignidade; salvar a nação da deleteria influencia que sobre ella está exercendo a politica monarchica! E, desde que se desse essa união, podiam evitar-se tantos vexames a que a furia de desequilibrados servos do paço estão sujeitando não só os individuos, mas as mais importantes instituições!

Tivessem os cidadãos a comprehensão nitida dos seus direitos; soubessem elles torna-los effectivos associado-se para esse fim, e ver-se-hia o que valia o governo. Ficaria reduzido ás condições d'um papão, mais ridiculo do que os que costumam inventar-se, para amedrontar as creanças.

Diziam alguns jornaes que era infame e cobarde o procedimento do governo suspendendo 5 jornaes de Lisboa por infringirem uma das disposições da lei contra os anarchistas, não mandando proceder contra alguns jornaes do Porto que praticaram facto identico. Afinal os nossos collegas do Porto também foram victimas da furia insana do governo, que deu ordem para que ao *Commercio do Porto* e *Jornal de Noticias* fosse intilmada a suspensão.

A razão da demora talvez esteja em o commissario geral da policia do Porto não ter parentesco algum com o corregedor de Lisboa nem predicados que de longe sequer se lhe assemelhem.

O sr. Veiga é unico, ou, melhor, só pôde ser excedido pelo sr. João Franco.

Cada um trata de si

Quando se apresentou no parlamento o projecto de lei contra os anarchistas, um dos jornaes que veio á estacada para o defender foi o *Correio da Manhã*. Achava então que era medida justa e de largo alcance que a imprensa não podesse occupar-se de crimes anarchistas.

É convertido o projecto em lei, e um dos jornaes suspensos pela haver infringido é o mesmo *Correio da Manhã*, cuja redacção protesta indignada num manifesto que publicou, contra o que intende ser uma prepotencia do corregedor. «Não é precisamente para jornaes da indole do *Correio da Manhã*, diz-se nesse manifesto, que se procuram executores de justiça da tempera dos Javerts, nem foi, de certo, o braço d'esses cegos machinismos humanos que a lei procurou armar». Por outras palavras: a lei contra os anarchistas e o corregedor Veiga não existem para os jornaes monarchicos e, sobretudo, para os que defendem o governo; essa lei e o seu feroz executor só existem para a imprensa democratica.

Intenda-o assim o sr. corregedor e trema pelo disparate que commetteu, porquanto:

«Tem o *Correio da Manhã* de soffrer as consequencias do inesperado assalto feito assim de surpresa aos seus direitos e interesses; não tem meio de pelo menos de prompto, morto o seu involucro externo, como vae morrer amanhã na Boa Hora, continuar a viver no espirito que o animava; mas continuará subsistindo, em que pese ao sr. juiz Veiga, firme nos seus principios e disposto a despir amanhã a sua encarnação tantas vezes quantas aprouver ao executor da justiça, a cujo cutello aqui estendemos o pescoço, numa absoluta submissão, até que um dia á victima não dê também desejos de ser verdugo...»

Ora pois. O *Correio da Manhã* protesta vingar-se porque soffreu as consequencias d'um disparate que em tempo applaudiu e que ainda hoje applaudiria, se, em vez de o affectarem, fossem ferrir outros órgãos da imprensa contra os quaes a policia tem exercido as mais vexatorias prepotencias com o apoio d'esse jornal.

A redacção d'um jornal que revela tão bons sentimentos e se mostra animada de tão elevado espirito de solidariedade na defesa das garantias da imprensa, bem digna é de que lavremos aqui o nosso protesto contra a prepotencia de que acaba de ser victima. Um protesto solemne, com a expressão sincera da nossa profunda condolencia, . . .

até que tenha desejos de se tornar verdugo.

Que então apresentemos o nosso protesto contra as violencias de que fór victima o sr. juiz Veiga, com a expressão da nossa condolencia profunda.

Solidariedade jornalística

O fundo dos reptis não parece exclusivo da Allemanha. Tambem cá, neste bello jardim occidental, a generosidade dos governos se estende a uma cáfila de rafeiros que, a troco do osso que desdenhosamente lhe atiram, se presta ao ignobil papel de escarnecer das liberdades publicas, lambendo as botas dos seus senhores e defendendo todas as tropelias, todos os attentados, todas as violencias, que aos governantes aprouver praticar, em desprezo manifesto da lei e das mais simples e triviaes noções do decóro politico.

Quando, no futuro, se fizer a historia d'esta epocha de immoralidades, ha de ser decerto rijamente castigada a infamia d'uns pseudo-jornalistas que, pondo a penna ao serviço do estomago, têm o despejo de applaudir ruidosamente a odiosissima e illegal perseguição que a corregedoria está fazendo á imprensa lisbonense.

Por felicidade, que é limitado o numero d'estes reptis da imprensa; mas, em ser assim linitado, nem por isso deixa de indignar profundamente todas as consciencias honestas; e nós aqui deixamos lavrado o nosso protesto.

Ainda não foi publicado o programma dos festejos com que se ha de celebrar o regresso a Lisboa do sr. infante D. Afonso. Por ora só se sabe que o sr. conde de Burnay lhe offerece um baile.

Que tal!

O sr. dr. Augusto Rocha, depois de procurar defender-se das justissimas accusações que contra elle formulou um seu ex-discipulo, victima da mais odiosa e miseravel perseguição, injuriando-o quando já não podia desaffrontar-se, vem chamar falsario a quem já ha muitos annos baixou á paz da sepultura, dizendo que era capaz de falsificar uma lettra!

Escusados eram estes factos para caracterizar o sr. dr. Augusto Rocha, tão conhecido pelos incomparaveis predicados que nelle abundam. Como elle se sente, porém, com desejos de atacar, talvez tenhamos de tomar sobre nós o cumprimento d'uma promessa que em tempos fez o nosso collega *O Tribuna Popular*, e que o sr. dr. Rocha parece haver olvidado, como nós hemos de signalar. Sentimos, sobretudo, grande desejo de tornar conhecidos do publico alguns factos, por que se tem revelado a boa e leal camaradagem do sr. dr. Augusto Rocha com os seus collegas.

Tudo virá, a seu tempo.

Instrucção publica

Instrucção secundaria

XXXI

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

Sobre esta questão, assás grave e delicada do ensino do latim, muito mais poderíamos dizer, se nos fôra licito alongar demasiado este modesto trabalho. O assumpto, pela sua importancia, daria para um grosso volume. Afigura-se-nos, porém, que as considerações precedentes, embora relativamente resumidas, bastarão por agora a elucidá-lo; parecendo-nos bem assente e demonstrada a urgente necessidade de ser convenientemente modificado a tal respeito o plano de estudos de 14 d'agosto e, consequentemente, os programmas correlativos.

Sendo evidente, de todo o ponto incontestavel, que obrigar creanças de dez annos a estudar uma lingua extranha, sobretudo uma lingua morta, constitue um erro de gravidade manifesta; e, estando demonstrado, com a eloquencia irresponsivel dos factos, que, para a estudar com proveito se requer um desenvolvimento intellectual e uma preparação que o alumno não pôde ter ainda naquella idade, facilmente se reconhece a indispensabilidade de a eliminar das primeiras classes do curso dos lyceos; parecendo-nos — e comnosco está o voto dos grandes mestres — que não deverá ser incluída senão no segundo anno da classe média, isto é, no quarto anno do curso geral. Ahi, sim; que já o alumno pôde apprendê-la com relativo aproveitamento. Ir alem d'isto, como pretendem os auctores do plano de estudos que estamos analysando, afigura-se-nos perigoso e de effeitos lamentaveis, que absolutamente nos cumpre evitar, a não ser que haja o proposito de estiolar a intelligencia das creanças, obrigando-as a um trabalho que, como fica demonstrado, é de todo esteril, atrozmente enfadonho e, alem de inutil, pernicioso para a educação intellectual do alumno.

As considerações que fizemos ácerca do latim bem poderemos extendê-las á lingua franceza, que os auctores do alludido plano introduziram logo na segunda classe, quando, pelas razões já expostas, o alumno se não encontra ainda em estado de poder estudá-la com bom resultado. E, como sobre este assumpto nos parece ter dicto o bastante para bem se comprehender a grande inconveniencia de se fazerem estudar as linguas extranhas, quaesquer que ellas sejam, em tenra idade, encerraremos por aqui as considerações que a tal respeito nos suggeriu aquelle plano; deixando bem consignada a necessidade de ser alterado, de modo a que o estudo das linguas referidas não comece senão no segundo anno do curso médio.

E acerca d'este capitulo importantissimo do estudo das linguas extranhas, cumpré-nos assignalar o facto, devéras lamentavel, de se tornar o inglés pouco menos de facultativo, quando, aliás, se nos affigura não só util, mas absolutamente indispensavel o seu estudo, dadas as condições excepcionalissimas em que, a respeito da Inglaterra, ha muito nos encontramos.

Não condemnamos a introdução obrigatoria do estudo da lingua allemã, no plano do ensino lyceal; antes a julgamos uma innovação feliz e até necessaria, que abertamente applaudimos. É um progresso que nos cumpre consignar com o maximo louvor. E as razões d'isto são obvias, sendo desnecessario explaná-las. *Uma lingua de mais é tambem uma alma de mais*, disse-o um pensador illustre. Esta verdade não carece de demonstração.

Não sabemos, porém, nem, de resto, nos será facil descobrir, que motivos especiaes imperaram no animo dos reformadores, para quasi excluir do ensino lyceal o estudo do inglés, apesar de ser evidente que a nós, os portuguezes, mais do que a qualquer outro povo europeu, importa muito particularmente o seu conhecimento e generalisá-lo quanto ser possa. Estando nós, por assim dizer, bloqueados pela Inglaterra, em todas as nossas possessões ultramarinas; sendo importantes as nossas relações diplomaticas e commerciaes com ella; tendo nós necessidade imperiosa e inadiavel de contrapor, no ultramar, a nossa influencia á d'aquella nação, que quasi nos comprime e nos tolhe ou pretende tolher a nossa legitima e conveniente expansão colonial: não se comprehende realmente que razões levaram o legislador a quasi eliminar, e parece que muito intencionalmente, o ensino da lingua inglesa; que outra coisa não significa nem póde significar o torná-la facultativa, no plano do curso lyceal.

As linguas vivas não se estudam com o fim exclusivo de alargar a esphera dos nossos conhecimentos: têm tambem outro objectivo. E, se uma das razões por que convem estudá-las é, sem contestação, a necessidade e conveniencia do estabelecimento de relações entre os povos, sobretudo entre aquelles que podem ter interesses communs ou até encontrados, facilmente se demonstra quanto foi inconveniente a quasi suppressão da lingua inglesa, cujo estudo, repetimo-lo, a nenhum outro povo europeu é mais necessario de que a nós. Esta verdade ninguem a poderá contradizer.

Poder-nos-hão objectar que o estudo do inglés é obrigatorio para os alumnos que só pretendam o curso geral dos lyceos, e é isso o que realmente se prescreve no § 2.º do artigo 11.º do regulamento de 14 de agosto; tomámos, porém, a liberdade de observar que tal disposição não póde ter como resultado immediato o estudo da lingua inglesa por aquelles alumnos, pois que raro será o que simplesmente se proponha seguir apenas o curso geral, que para nada lhe aproveita, na vida practica. Demais, aquella disposição briga evidentemente com a contida no artigo 7.º, n.º 4.º, onde se prescreve como obrigatoria para o curso geral ou a lingua inglesa ou a allemã. Ora, sendo-lhe facultativo o estudo d'uma d'estas duas linguas, e sendo certo que a segunda é obrigatoria para o curso complementar, claro é que o alumno, na hypothese de poder attingir este curso, dei-

xa em paz a lingua inglesa, estudando de preferencia a allemã, esquivando-se assim ao trabalho de estudar uma lingua, de cujo conhecimento a lei houve por bem dispensá-lo. Nisto não ha, parece-nos, a menor dúvida.

Julgamos, pois, ter sido um erro imperdoavel a eliminação do inglés, sendo de toda a conveniencia que o seu estudo se torne obrigatorio, pelas razões apontadas. E crémos bem que não ha argumentos possiveis que possam invalidá-los. Salvo se o legislador teve para isso razões occultas, razões de estado, para assim proceder. . . Seria bom que no-lo explicassem. Entretanto, não deixaremos de aconselhar a introdução obrigatoria da lingua inglesa, no plano do curso lyceal. E demonstrem-nos, se podem, que estamos em erro.

O nosso collega *O Tempo*, que acaba de ser supprimido, é publicado agora com o titulo *O Liberal*.

Apoiado!

Informa-nos um cavalheiro, digno de todo o credito, não ser exacta a noticia que sob este titulo publicámos relativamente a obras effectuadas no estabelecimento thermal da Felgueira.

As obras neste importante estabelecimento estão concluidas ha três annos, tendo sido construida depois d'isso uma gruta de pedra tosea para guardar a nascente das aguas quentes e uma pequena casa ou gruta de cantaria para guardar as nascentes de agua fria.

O risco ou planta d'esta, que o nosso informador diz ser insignificante, foi dado pelo director das obras publicas d'este districto. As portas de ferro para essa gruta foram offerecidas pelo sr. José Caldeira, de Santa Catharina; e a obra de pedreiro feita por empreitada mediante a quantia de 180\$000 réis. Nessa gruta não ha azulejos e apenas 8 metros quadrados de ladrilho comprado pela direcção do estabelecimento, que nada pediu á direcção das obras publicas d'aqui nem á de Viseu.

São estas as informações que nos foram dadas e que gostosamente publicámos.

A redacção do *Correio da Manhã*, em manifesto ao país, atacava desapiadadamente o sr. juiz Veiga pelo haver supprimido, julgando que elle havia procedido por sua conta e risco. Sabe-se, porém, agora que o corregedor procedeu de harmonia com as instrucções dadas pelo governo, que deu ordens terminantes ás auctoridades do Porto para que intimem o mandado de suspensão ao *Commercio do Porto* e *Jornal de Noticias*.

O que dirá agora a redacção do *Correio*, sabendo que foi o seu adorado governo quem o guilhotinou? Tambem estará resolvido a ser veredago com elle?

Podemos affirmar que tal se não dará.

Se resuscitar, ha de até declarar que a morte foi justamente applicada.

Os prisioneiros italianos na Abyssinia

O numero official dos prisioneiros que se acham no Choa eleva-se a 2:864. Como se sabe, os abyssinios já entregaram ás auctoridades militares da Erythrea muitos outros prisioneiros que haviam ficado em seu poder depois da batalha de Adouah.

Carta de Lisboa

Lisboa, 12 de junho de 1896.

N'um pequeno artigo que escrevi — *Aviso ao publico*, o Veiga permittiu-se cortar duas linhas que desfazião qualquer perfidia que elle mandasse para os seus reptis. Não conseguiu nada, porque se disse em vários jornaes e mesmo no *Paiz* por outra fórma. D'onde se conclue que o Veiga tem para juntar, ou, antes, para coroar as suas varias qualidades, esta: — a de ser soberanamente parvo.

Creio que este empregado subalterno da policia não merece que me ocupe mais d'elle.

Dizem que vae pedir a demissão. Pouco me importa: A missão dos republicanos não deve ser a de fazer demittir empregados de policia. Isso é bom, mina a monarchia. Mas eu sempre direi que entre a demissão do 321 e a do D. Carlos, prefiro a d'este.

Corre que o Dias, o capitão Dias, será suspenso. Em homenagem á verdade, como diz o correspondente de Alfanhões, devo dizer que o capitão Dias, tendo andado mal como chefe de policia, possui sobre o Veiga esta vantagem: É atrevido, não é mesquinho nem pequenino. É um homem e o Veiga é um lagarto.

Em todo o caso vão-se os dois, que não fazem falta.

Eu creio que na minha ultima carta me zanguei com a attitudede dos republicanos. Resto da minha antiga mania. Peço desculpa a mim mesmo de fallar no que não vale a pena pensar.

Dizem que serenará a perseguição. Neste país a Tyrannia e a Revolução avançam de punho fechado, mas acabam por acalmar-se.

D'esta indecisão nasce o que se chama a paz pódre, tão grata aos que se zangam com as impaciencias dos novos.

Nada, que a paciencia dos velhos é mais commoda.

O que eu sinto, amigos, é que não haja *Agua Circassiana* que me faça os cabellos brancos para podermos concordar.

Sinto-me pelo contrario disposto a pintá-los de preto, quando me alvejarem.

É a mulher de peores costumes que eu conheço, a tal *Prudencia*.

Dizem que rende. Por isso tem tantos *souteneurs*.

Hontem alguém dizia ao director do *Paiz*: — Você arrisca-se. Tome cuidado. Não tenha o jornal no predio em que está. O rei passa todos os dias por lá e engallinha. Olhe o amigo que, sem a boa vontade do rei, vae-se a republica-sinha.

É para estes e outros que eu intendo que se deve crear a commenda de S. Francisco.

Sempre lhes direi que, á parte tres ou quatro jornaes, os outros tremem como varas verdes.

É que na redacção de alguns não se receia o lapis do Veiga, teme-se uma rusga da policia.

Agora uma coisa que eu lhes queria dizer. . .

Não digo. Deixemos ponderar. — O conselheiro, olhe o charuto que se apaga. Aqui tem um phosphoro.

— Pois sim, senhores. Isto não é tão mau como se diz. A republica-sinha ha de vir. Para isso não vale nma pessoa comprometter-se e deixar de fumar este charuto.

João de Menezes.

Expedição a Moçambique

A expedição de cavallaria que vae para Moçambique, deve partir no dia 19 a bordo do *Kanzler*.

É formada pela 1.ª companhia de cavallaria 4, composta dos srs. capitão Leopoldo Vianna, tenente Rocha Sá, alferes Augusto Reis, dr. Vallejo, cirurgião ajudante d'aquelle regimento, veterinario Simões, um 1.º sargento, três 2.ºs sargentos, quatro 2.ºs cabos, 70 praças, 2 clarins, 2 ferradôres e 1 selleiro.

Os expedicionários vão armados de espadas, as novas lanças de bambu e as carabinas allemãs Marmilicher.

Os cavallos foram comprados em Bombaim e os arreios em Londres.

Ha tempo que começaram os exercicios com as novas lanças.

O fim da expedição é bater os namarraes.

Pelo regulamento em projecto sobre bancos são creados um logar de inspector chefe com 1:200\$000 réis e cinco fiscaes com o ordenado de 800\$000 réis, ou seja uma despesa annual de 4:800\$000 réis em proveito dos amigos do governo e sem vantagem alguma para o país. E assim se continuará, até que uma bancarrôta medonha venha acordar o povo do lethargo em que jaz para o entregar nas mãos d'uma potencia estrangeira depois de lavrada contra elle a sentença de interdicção por prodigalidade.

Que o povo é que ha-de soffrer as consequencias d'este regabôfe em que vive a monarchia.

Por Hespanha

Durante o mês de maio a divida fluctuante teve um augmento de pesetas 3 500:000.

Só no espaço de uma semana augmentou a circulação de notas do Banco de Hespanha em 6.069:375 pesetas, elevando-se o total á enorme verba de 1.046.548:325 pesetas.

Por cá

Pelo ultimo boletim do Banco de Portugal publicado ha dias, vê-se que augmentou ainda mais a divida do thesouro ao banco, subindo tambem a circulação fiduciaria de 54:824 contos para 55:692 contos, isto é, mais 868 contos em oito dias, mais de 108 contos de réis por dia.

Ante-hontem, ás 5 horas da tarde, morreu afogado no Mondego, proximo á ponte de ferro, Verissimo da Silva, filho de Emilia Rita, moradora aos Lazaros, que alli havia ido tomar banho.

Tinha 10 annos d'idade. Estiveram em perigo outros dois rapazes.

Consortio

Realizar-se-ha amanhã, na capella da Quinta da Conraria, o casamento da ex.ª sr.ª D. Julia Falcão de Carvalho, intelligente filha do nosso amigo sr. dr. Maximino de Carvalho, com o sr. dr. Joaquim Tavares Festas, medico de partido no Carregal.

Ao nosso illustre amigo, sr. dr. Maximino de Carvalho, damos as nossas felicitações mais sinceras, porque o caracter cavalheiresco do sr. dr. Tavares Festas, e as primorosas qualidades de espirito da gentilissima senhora, são uma garantia da ventura constante dos noivos.

O *Jornal do Commercio*, que foi suspenso, é publicado sob o titulo de *A Folha Popular*.

A photographia através dos corpos opacos

Na Academia das Sciências, de Paris, foi observada uma nova e interessante applicação da photographia através dos corpos opacos.

Trata-se de um cliché, de notavel nitidez, representando a imagem de uma bola de revólver mettida na massa cerebral de um homem vivo.

A localização do projectil, diz o jornal d'onde extrahimos esta noticia, acha-se determinada com uma precisão que faz a admiração de todos. Mais uma prova dos immensos serviços que o methodo Roentgen está chamado a prestar no estudo das localizações cerebraes, que ainda não foram indicadas por Broca e por outros physiologistas que se têm occupado de tão delicadas questões.

Terminou na segunda feira o concurso, aberto por provas documentaes, para a igreja de S. João Baptista de Santa Cruz Concorreram os srs. priores de S. Chrystovão (Sé Velha), de S. Martinho do Bispo, de Villa Franca e o sr. bacharel Ismael de Moura Tavares.

As trovoadas na Allemanha

Na Allemanha desencadearam-se ultimamente terriveis trovoadas, acompanhadas de fortes sarriçadas, que causaram muitos prejuizos á agricultura. Registram-se além d'isso 25 pessoas fulminadas em diversos pontos pela electricidade atmospherica.

Em Berlim, ha poucos dias, dêram-se varios incendios causados pelas fiascas. Durante algumas horas estiveram interrompidas todas as communições telegraphicas.

Os raios de Roentgen

Os jornaes de Paris noticiam uma applicação nova dos raios Roentgen, que será de grande proveito para a medicina legal.

Brouardel apresentou ao exame da Academia de Medicina photographias obtidas por meio dos raios X e que mostram que, quando os pulmões não respirarem, são impermeaveis a esses raios. Tem-se pois, um novo meio de reconhecer, em caso de suspeita de infanticidio, se um recém-nascido chegou ou não a respirar.

Em Anção ha uma philarmonica toda composta de empregados da companhia dos tabacos. A isto se póde chamar musica de contrabando.

F. Fernandes Costa
ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

UNIVERSIDADE

Nos dias 11 e 13 fizeram acto e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Direito

1.º anno — Elisiario da Motta Veiga Casal, Emydio Navarro, Ernesto Nunes Lobo, Francisco Alves Corrêa de Araujo, Francisco Carvalhal da Silveira Bettencourt, Francisco dos Santos Pereira de Vasconcellos, Gil Ayres Alcoforado, Jacintho Ignacio Fialho, e Jayme Guilherme Pimentel de Faro.

Houve três reprovações.

2.º anno — Antonio Justino da Costa Praça, Antonio Lino Netto, Antonio Manuel Santiago, Antonio Pereira de Vasconcellos da Rocha Lacerda, Antonio Rodrigues Pio Cavalheiro, Antonio Soares de Moura Quitella, Antonio Xavier Abelho Laranjo, e Armando Frederico Casqueiro da Cunha.

3.º anno — Antonio Mauricio de Sousa Freire Pimentel, Antonio de Oliveira Gomes, Antonio de Sá Barreto Pereira do Couto Brandão, Arthur Cardoso Pinto Osorio, Arthur Corrêa Ribeiro, e Arthur Teixeira Fontes.

4.º anno — Antonio Corrêa Teixeira de Vasconcellos Portocarrero, Antonio Domingos Jacintho Maia, Antonio Feliciano Rodrigues, e Antonio da Fonseca Pestana.

5.º anno — Antonio de Almeida Dias, Antonio Carlos Alves, Manuel Leite Marinho, Antonio Joaquim Simões, e Antonio Nicolau Carneiro.

Faculdade de Medicina

1.º anno — João Evangelista Lopes Manita, e João Luciano Torres.

2.º anno — Antonio Maria do Valle, e João Evangelista Soares da Cunha e Costa.

3.º anno — Eduardo de Castro, e Francisco Pacheco Vieira.

4.º anno — Benjamin de Sousa Teixeira, e Carlos Alberto Lopes d'Almeida.

Faculdade de Philosophia

1.ª cadeira (*Chymica inorganica*) — Alberto dos Santos Nogueira Lobo, Albano Pereira Soares, Anselmo Ferraz de Carvalho, D. Carlos de Sousa Coutinho, Antonio Guedes Pereira, Abel Augusto Vieira Galvão, Antonio Gomes da Silva Ramos e João Baptista Theotonio Varella.

2.ª cadeira (*Chymica organica e analyse chimica*) — Antonio d'Oliveira, Antonio Lopes Moraes, Antonio Rocha Manso, e Arthur Candido Teixeira Guedes.

3.ª cadeira (*Physica, 1.ª parte*) — Carlos Henriques Lebre, Antonio de Mattos Cid, Delphim Augusto da Silva Pinheiro, Vicente Pedro Dias Junior,

Julio Peixoto Corrêa, Antonio de Gouveia Osorio, João Andrade da Motta Feliz, Camillo Corrêa Cuimaães, Antonio Francisco Coelho, Francisco Antonio Honorato de Sousa Vaz, Alvaro Ferreira de Lima e Eduardo Ferreira d'Oliveira.

4.ª cadeira (*Botanica*) — Carlos Braamcamp Freire, Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, José Bernardino de Carvalho, Sidonio Bernardino Carvalho da Silva Paes, José Pinto da Silva Faria, e Julio da Silveira Brandão Freire.

Houve duas reprovações.

Faculdade de Mathematica

A faculdade de Mathematica, reunida em congregação de ponto, deliberou que os actos principiêm no dia 19 do corrente pelo 5.º anno, e que o jury que ha de fazer parte das mēsas seja o seguinte:

1.º anno — (1.ª mēsa para ordinarios e voluntarios): Drs. Souto Rodrigues, Sousa Pinto e Henrique de Figueiredo.

2.ª mēsa — (Para obrigados): Drs. Souto Rodrigues, Almeida Garrett e Luciano da Silva.

2.º anno — Drs. José Bruno, Luiz da Costa, e Costa Lobo.

3.º anno — Drs. Luiz da Costa, Costa Lobo, e José Bruno.

4.º anno — Drs. Sousa Pinto, Costa Lobo, e Luciano P. da Silva.

5.º anno — Assiste toda a faculdade. Cadeira de desenho — Professor João Vieira, dr. Almeida Garrett, e mais um vogal por turno.

José Maria d'Almeida, do 1.º anno de Direito; José Rodrigues Madeira, do 1.º anno de Philosophia; Manuel Duarte Videira, do 3.º anno de Philosophia e Cypriano Precês Quaresma, estudante do lyceu; iam mais dois estudantes universitarios que não são do concelho.

Vimos tambem o ex.º sr. Antonio Ferreira Pena, contador interino; juiz substituto; dr. Antonio Carlos d'Almeida e Silva, delegado do procurador regio, etc.

Levava a umbella o administrador do concelho.

Fechava o prestito uma força de infantaria 23, commandada por um tenente.

Esta procissão já não tinha logar ha 37 annos.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 28 de maio de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa.

Vereadores presentes: — effectivos: arcebispo José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio dos Santos, José Antonio Lucas, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.

Presente o administrador do concelho, bacharel José Miranda.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Tomou conhecimento de que falleceu no dia 26, o vigia n.º 8 dos impostos municipaes, Antonio Rodrigues Lucas; e da seguinte correspondencia do delegado do thesouro respondendo a um officio dirigido pela camara municipal d'esta cidade, em 11 janeiro de 1895, em que enviava para informar uma representação de diversos moradores do logar da Portella, pedindo um retabulo existente no extinto convento de Cellas, declarando o mesmo delegado que o claustro de aquelle convento pertence a Fazenda nacional e que só com auctorização da direcção geral dos proprios nacionaes, é que podem ser concedidos os objectos existentes no mesmo convento.

Do inspector dos incendios dando conta do occorrido no espectáculo na noite de 22 que teve logar no circo Principe Real.

Do chefe do districto pedindo para ser admitido no asylo dos cegos e aleijados de Cellas um entreado do concelho de Arganil.

Do chefe de zeladores dando conhecimento de ter sido preso Lucas Humberto por ter agredido um empregado da camara.

Mandou passar licença para apascentamento de cabras a um proprietario da freguezia de Trouxemil.

Mandou annunciar a renovação do leirão n.º 3 do cemiterio municipal.

Auctorizou a despesa a fazer com a limpeza de uma valla na nascente d'agua do asylo dos cegos em Cellas.

meu barrête no bolso. Partiremos no meu coupé.

— Tens dinheiro?

— Sim.

— Bom. Eu por mim estou sem nenhum e tenho bastante necessidade d'elle.

— Espera, então.

— M. de Villedieu, estou ás vossas ordens.

O duque, deu-lhe uma nota de mil francos.

— Sempre te conheci grande e generoso!, exclamou o medico.

— É por simples interesse, disse Villedieu.

Subiram para o coupé. Meia hora depois paravam no extremo da rua de Bréa.

Os dois homens largaram os pardessus.

Villedieu poz o seu barrête e encaminharam-se para a casa n.º 7 do boulevard Montparnasse.

Entraram para uma sala quasi aseada.

— Ah!, disse uma mulher que se penteava deante d'um espelho, chegaste muito cedo, ainda não está cá ninguém.

Entraram mais três mulheres.

— Quem são estes typos?, perguntou uma d'ellas acendendo um cigarro.

— Não são corujas, disse uma outra.

— Corujas?, disse uma terceira. Repara um pouco para o seu casaco e para as botas. São dos da alta que vem estudar.

Resolveu requisitar do instituto vaccinico do Porto, 4 placas com polpa vaccinica, e igual numero de tubos com lymphá.

Resolveu que fossem vendidos em praça no dia 14 de junho com o abastimento de 5 p. c. sobre os preços constantes de uma nota apresentada os diversos lotes de terreno na quinta de Santa Cruz.

Resolveu officiar ao ex.º sr. Bispo Conde, pedindo lhe a sua costumada coadjuvação para se levar a effecto a procissão do Corpo de Deus.

Despachou requerimentos attestando acerca do comportamento de diversos individuos; auctorizando alinhamentos sem occupação de terreno publico; abertura de um fosso no caminho das Carvalhózas sem prejuizo do transitio; collocação de um signal funerario no cemiterio da Conchada.

Mandou enviar ao vereador Albano Gomes Paes, para informar, dois requerimentos do filho do fallecido guarda do cemiterio, impedido, pedindo o pagamento dos vencimentos em divida a seu pae; e Joaquim Augusto Maia, pedindo para inhumar os restos mortaes de uma sua filha depositada no jazigo municipal.

Auctorizou a presidencia e ordenar o pagamento dos vencimentos ao pessoal das diversas repartições, relativas ao mês corrente.

Auctorizou os seguintes pagamentos:

Custo da legislação official de 1895	
e porte do correio	5,625
Expediente do recenseamento militar	3,400
Lavagem dos Paços do concelho em março e abril	2,800
Lavagem da toalhas, idem	600

Bibliographia

Gazeta das Aldéas — O n.º 23 d'esta semanario de propaganda agricola contém:

O regresso aos campos (III), Francisco Simões Margio-hi — Sericultura (III), Francisco M. da L. Póssas — Os animaes domesticos (IV), Trigueiros Martel — Medicina pratica — *A raiz* (I), dr. Magalhães Lemos — Economia domestica (II), D. Maria Margarida de Oliveira Pinto — Folhetim: Um crime mysterioso, Italo Florentini, traducção de Julio Gama — Scepções e Artigos Diversos: A vida agricola — Machinas agricolas (com gravuras) — Revista universal — Conselhos de veterinaria — Qualidades caracteristicas da boa manteiga — Contra a cochilis da vinha — Processos e receitas uteis — Chronica dos acontecimentos.

Revista das Escolas — Semanario dedicado ás familias e ao professorado, que se publica no Porto, sob a direcção do sr. Antonio de Mesquita. Agradecemos.

Revista Theatral — Publicação quinzenal de assumptos theatraes, de que são redactores os srs. Collares Pereira e Joaquim Miranda.

Os peritos no processo criminal

700 réis

Vende-se em todas as livrarias.

— Quereis que vos sirvam alguma coisa, meus principes?, perguntou a creada.

— Dizei á patrão que venha ella servir-nos, disse Villedieu.

— A patrão appareceu.

O duque de Villedieu levou rapidamente o dedo médio á espada direita, depois ao lado esquerdo e estendeu a mão aberta.

A patrão collocou-se de maneira a esconder este signal das outras mulheres, fez o gesto contrario e estendeu a mão fechada.

M. de Villedieu abriu-lhe a mão e traçou uma letra na palma.

A patrão traçou por sua vez uma especie de A sobre os dedos reunidos de Villedieu.

— Champagne para todos, disse Villedieu.

— Ah!, meus filhos, custou-me a reconhecer-vos! Como vão?, disse a patrão. E accrescentou em voz alta: — São antigos conhecidos que fizeram fortuna. Não se trata de pelintras, podem confiar nelles sem receio.

— Acreditamos, exclamaram ellas, pagam champagne!

A patrão trouxe algumas garrafas d'essa atroz limonada.

— Quando eu trazer outra, disse em voz baixa, subleis.

— Olá! anjos do paraizo, gritou Villedieu, tendes sede?

— Em presença d'isto quem é que não tem sede.

Beberam durante uma hora, depois

Codigo Administrativo

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua da Atalaya, 183, 1.º, Lisboa, tem á venda a 2.ª edição d'este codigo, approved por decreto dictatorial de 2 de março do anno findo, seguido de repertorio alphabetico, e das alterações e modificações approvedas pelo parlamento, da ultima legislação e confirmadas por carta de lei de 4 de maio do corrente anno, podendo, portanto, chamar-se a esta edição — *Novo Codigo Administrativo*. — Preço, 200 réis.

Tabella dos emolumentos e salarios judiciais

Da *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua da Atalaya, 183, 1.º, Lisboa, recebemos um exemplar d'esta tabella, coordenada alphabeticamente, mas conforme com a edição official (*Diario do Governo* de 18 de maio de 1896), e approveda por carta de lei de 13 do referido mês, sendo a unica edição assim elaborada. — Preço, 200 réis.

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes (*Psychologia individual e collectiva*)

4 vol. de 429 pag., 600 réis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

Canções e musica popular da Beira

COLLIGIDAS POR

PEDRO TRAJANO

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Sahirá brevemente esta importante obra, que formará um volume em 8.º, de approximadamente 250 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir e optimo papel, com 50 paginas de musica.

Preço por assignatura, 600; avulso, 800 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Imprensa Lusitana*, Figueira da Foz.

Lições de hygiene publica

PELO

DR. A. X. LOPES VIEIRA

PREÇO, 1,8000 RÉIS

A' venda na Imprensa da Universidade.

do que entraram para uma sala que se distinguia por um almofadado arranjada de forma que nenhum ruido podesse chegar aos ouvidos indiscretos dos vizinhos.

— Estavam alli quatro homens que se levantaram á sua chegada e lhes apertaram a mão d'uma maneira particular.

— Bemvidos, irmãos, disse um d'elles.

— Depois um d'elles disse, designando Villedieu, é meu discipulo.

— É verdade, pae Lebigot, disse Villedieu, e tenho aproveitado.

— Orgulho-me de ter tal discipulo. E tu és um parvenu.

— Eu, disse Hermann, não sou discipulo de ninguém, e tambem não sou um parvenu.

— Oh! tu, disse Lebigot, não tens direito a lastimar-te. Afóra os pequenos proventos da tua industria, nós damos-te uma renda de quinhentos francos por mês. E, ou seja pago por uns ou por outros, nunca te faltarão.

— É uma bonita quantia para um homem que pôde dormir as noites descansado. É verdade que ganhas esse dinheiro. És o medico dos sem trabalho, tratas-nos com cuidado logo que achas mau o nosso focinho.

— É o dever d'um medico, disse Hermann.

(Continúa)

Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

IV

Um duque que deixa furar as orelhas d'um bandido

— Se tivesses seguido os meus conselhos, elle não teria partido.

— Ah! isso não, eu sou homem que gosta das coisas legais. Posso causar a morte, mas não sou assassino. Quando trato um doente de doença que elle não tem e elle morre, dizem: «Este medico é um asno.» Mas nunca me collocarei em condições de poderem chamar-me assassino. Para que, de resto, empregar venenos quando se mata igualmente com remedios?

— Sim, mas muitas vezes falha-se o golpe.

— Senhor duque, cada um no seu officio. Eu sou medico. Tenho-vos sempre dado a conhecer as minhas ideias, e comprindo sempre o que ajustamos.

— Em conclusão, o negocio está perdido?

— Sim.

— Qual seria o motivo da partida tão brusca de M. Durand?

— É o que eu pergunto a mim mesmo. Elle recebera na vespera algumas cartas, mas isso acontecia todos os dias.

— A sua partida coincide com a da duquesa... Como poderia elle sabê-lo sem uma indiscrição tua.

— Da mesma maneira por que soube que os meus cuidados aggravavam o seu padecimento em vez de melhorá-lo.

— A desgraça, é ter eu hoje absoluta necessidade dos seus milhões.

— Tu estás sem dinheiro? Que me dizias ha pouco de tua mulher?

— Que não tenho dinheiro nem mulher.

— Como?

— Partiu levando as jolas.

— Mandá prendê-la pelos gendarmes.

— É o que vou fazer, já apresentei a queixa no tribunal.

— Eis-te nos braços da justiça. Tens razão, é uma velha amiga.

— Sim, mas ella é tão desastrada, tão inepta, que tenho grande receio de que não venha a descobrir minha mulher, e portanto vou eu mesmo encaregar-me de procurá-la.

— É pôde fazer-se isso?

— Queres tu acompanhar-me a casa da Souffrante?

— Com o maior prazer! Ha já tanto tempo que lá não vou!

— Tens uma blusa?

— Não. Empresta-me tu um casaco velho.

M. de Villedieu entrou no quarto e trouxe-lhe um que estava já no fio.

— Vistamos os pardessus. Eu levo o

RESISTENCIA

N.º 140

COIMBRA — Domingo, 21 de junho de 1896

2.º ANNO

O exercito e a monarchia

Na hora tragica do ultimatum, era sobre o exercito que muitos olhos se paravam para lhe dizer que não esquecesse a infamia dos que se vendiam, e a subservencia dos que se curvavam.

Pela voz do povo, nas ruas, era a Patria que fallava a eloquencia grandiosa dos offendidos, rasgando bandeiras, quebrando taboetas, no impulso atavico de heroismos passados.

Era em frente dos quartéis que o povo expoliado pedia vingança nestas palavras: *Morra a Inglaterra, viva a Republica.*

A Inglaterra que tinha sido o punhal, o veneno, a infamia de mil canhões troando sempre que os braganças quizeram suffocar os impetos de justiça, e as audacias de revolta do povo que expoliavam!

Por isso, nessa hora em que a vingança voava, vertiginosa, de coração em coração, com badaladas de rebate e toques impetuosos de guerra, é que o povo se reunia em frente dos quartéis, á sombra da bandeira heroica do nosso exercito, prompto para voar a Africa.

O povo chegava ao delirio em saudações ao exercito; mas, lembrando-se da boa camaradagem do inglês com o bragança, saudava também a Republica.

E o bravo militar português, sentindo a queimar-lhe ainda o sangue as cinzas de Gomes Freire de Andrade, não apontava as armas contra o povo que soltava vivas ardentes á Republica!

É que, se a Inglaterra tinha vilmente assassinado um heroico soldado português, um rei tinha sancionado esse crime!!

Havia, talvez, já então, o contracto da venda do territorio português aos infames ingleses.

Anos passaram e reformas politicas sobrevieram de tal modo attentatorias para a dignidade portuguesa, que dir-se-iam a vingança da Inglaterra executada cobardemente pelos governos de Portugal!!

O ultimatum uniu braganças e ingleses: eram estas duas raças atingidas pelo odio que, em 11 de janeiro, turbilhonava no sangue dos portugueses.

Demais, a esquadra inglesa sulcando as aguas do Tejo, veio confirmar esta união.

Que admira, pois, que, pesando

sobre essa infame alliança o movimento desordenado mas grandioso d'este povo insultado cobardemente em 1890, governos traidores, em Portugal, tenham dado satisfação a ingleses e companhia, na oppressão violenta com que suffocam esta nacionalidade adormecida?

Deve, portanto, o exercito ter sempre presente estas duas datas vergonhosas: *11 de janeiro de 1890 e 30 de maio de 1896.*

Em 1890, insultaram-nos, insultaram o exercito português!

Em 1896, vieram juntar o esgarçamento sobre o insulto!...

Apreciando os serviços prestados ao país pelo actual governo, diz o *Commercio do Porto*:

«Tudo transformou, para tudo derruir. Julgando reedificar, destruiu. Puxando de um gladio flamejante, com o proposito apparente de cortar erros, temperou esse gladio á mercê das proprias conveniencias.

Vejam os: A Constituição foi rasgada para, numa reforma da camara dos pares, feita sem respeito por fórmulas nem por principios, macular a nobreza d'aquella instituição e fazê-la instrumento de baixa politica.

A lei eleitoral foi transformada em um comico artificio, que fez córar de pejo o país inteiro, quando ella ahí se exhibiu em publico.

A reforma administrativa foi, claramente, manifestamente, instrumento de politica, em vez de ser instrumento de administração séria.

Para resolver a questão financeira — que tão seriamente se impõe á consideração do governo e á attenção do país — foram apresentadas medidas que não mereceram mesmo a discussão parlamentar, tão absurdas eram.

Á falta de um plano financeiro e sendo necessario supprir as exigencias do thesouro, o facil recurso do imposto foi o elixir mais uma vez adoptado, sem attenção aos sacrificios, ás desigualdades, que vexam o contribuinte.

Em administração colonial, imprudencia lamentavel, medidas sem plano, de modo que a opinião publica ainda ha pouco soube reconhecer que, se deve muito ao braço do soldado português, nada deve á acção do governo. Essa demonstração da opinião foi bem eloquente; todos a devem ter observado.

O commercio clama por elementos de expansão, a industria mostra-se receosa do seu futuro, a agricultura continua a ser a filha engeitada por esta pobre mãe-patria.

O quadro é profundamente verdadeiro. A tantos males, a tantos desvarios pede o *Commercio do Porto* ao rei que attenda.

Não sabemos se elle lerá o pedido. O que sabemos é que, se o lèr, lhe ligará tanta consideração como a outros que lhe têm sido feitos.

Se tudo tem o governo decretado e praticado para engrandecer o poder real, como é que este poder ha de condemnar o governo?

Com o apoio e applauso da corôa tem o governo feito tudo o que o *Commercio do Porto* diz e muitas coisas mais.

LIBERDADE DE IMPRENSA

Publicamos em seguida a sentença por que o sr. dr. Abel Pereira do Valle, distincto juiz do 3.º districto criminal do Porto, declarou sem effeito a suspensão do nosso prezado collega *O Commercio do Porto*, a que em outro lugar nos referimos e que tão bem recebida foi pelo publico. A importancia e novidade do assumpto sobre que versa legitimam a impressão que causou, e levam-nos a transcrevê-la.

«Tendo sido publicado no n.º 137 do jornal *O Commercio do Porto* uma noticia referente a um attentado anarchista, praticado em Barcellona, o digno commissario geral de policia, considerando o caso comprehendido no artigo 4.º da lei de 13 de fevereiro do corrente anno, mandou intimar o editor do mesmo jornal de que ficava suspensa a publicação e venda d'este, lavrando auto d'esta diligencia, e remetendo-o a este juizo, nos termos e para os effeitos do disposto nos §§ 1.º e 2.º do citado art.

Intimado o editor para dizer o que se lhe offerecesse sobre a referida suspensão, apresentou elle a exposição de fls. em que allegou:

1.º que, sendo obscura a interpretação da citada lei, nunca suppoz que fosse prohibido á imprensa portuguesa dar noticias de attentados anarchistas, praticados no estrangeiro, visto que, a distancia, se torna impossivel reconhecer á primeira vista, se se trata ou não de um facto ou attentado de anarchismo;

2.º que, por outro lado, mal se comprehende como o § 4.º da referida lei possa abranger á simples noticia dos attentados, pois se refere apenas a «occupar-se» d'elles, e que, por certo, isto significa — «fazer critica», fazer obra propria e nunca «transcrever».

3.º que, se não fóra a obscuridade da lei, não teria o jornal praticado o facto arguido, por isso que se presa e sempre se presou de cumpridor da lei e respeitador da auctoridade.

O que tudo visto e ponderado:

Considerando que a citada lei de 13 de fevereiro estabelece, no art. 3.º, que serão julgados em processo ordinario de querrela, mesmo sem intervenção do jury, e escrevendo-se os depoimentos em audiencia, os réus incurso na disposição do art. 15.º da lei de 21 d'abril de 1892, e bem assim os attentados contra as pessoas, como meio de propaganda das doutrinas do anarchismo, ou como consequencia de taes doutrinas;

Considerando que a disposição d'este art.º só alcança evidentemente, os factos nelle previstos, os praticados em Portugal, pois que nenhum país pôde legislar para país estrangeiro;

Considerando que o § 4.º da mesma lei, dispondo que a imprensa não pôde occupar-se de factos ou de attentados de anarchismo, nem dar noticias das diligencias e inqueritos policiaes e dos debates que houver no julgamento dos processos instaurados contra anarchistas, ligado, como se acha, intimamente, com o anterior, como se mostra do contexto dos mesmos, também se refere somente aos factos e attentados de anarchismo, praticados em Portugal, e ás diligencias, inquerito e debates relativos a estes mesmos factos e attentados;

Considerando que o mesmo art. 4.º contém duas disposições prohibitivas quaes são:

1.ª — que a imprensa não poderá «occupar-se» de factos ou attentados de anarchismo;

2.ª — que não poderá «dar noticias» das diligencias, inqueritos policiaes e dos debates no julgamento dos pro-

cessos relativos aquelles factos e attentados;

Considerando que o legislador, empregando, quanto á primeira disposição, a palavra — «occupar-se» — e, quanto á segunda, a expressão — «dar noticia» — não ligou, de certo, aquella a mesma idéa, ou a mesma significação que a esta, pois que, aliás, teria dito simplesmente:

«A imprensa não poderá «dar noticia» de factos ou attentados de anarchismo, nem das diligencias, inqueritos policiaes etc.»

Considerando que o jornal *O Commercio do Porto* se limitou, no numero citado, a dar a noticia do attentado praticado em Barcellona, desacompanhada de critica ou commentarios;

Considerando que o legislador, se quizesse comprehender também os factos ou attentados praticados em países estrangeiros, não deixaria de inserir na lei alguma disposição tendente a evitar a entrada e circulação no reino, de jornaes estrangeiros, em que taes factos costumam vir relatados, sem o que a sua intenção ficaria perfeitamente illudida;

Por quanto fica exposto julgo sem effeito a intimação feita por ordem da auctoridade policial ao editor do jornal de que se tracta.

Intime-se esta ao M. P. e ao referido editor.

Porto, 18 de junho de 1896 (assignado) *Abel Pereira do Valle*.

O *Corraio da Manhã*, que, como se sabe, foi supprimido por causa da noticia referente aos acontecimentos de Barcellona, reaparece hoje com o titulo *O Corraio da Manhã*, successor do periodico fundado por Manuel Pinheiro Chagas.

E promete continuar a defender o governo, que supprimiu o seu antecessor. Por ora não tem desejos de se tornar verdugo.

Partiu sexta feira passada no *Kangler*, para Moçambique, a expedição de cavallaria, que vai bater os namarraes, apoiando as forças da metropole que já alli se encontram num effectivo de 300 homens.

O país dos namarraes, que fica fronteiro á ilha de Moçambique, faz parte do districto de Moçambique.

Tem esse país três regulos que nunca aceitaram ao mesmo tempo o dominio português. Quando dois estão pacificos, revolta-se o terceiro, sendo assim nominal a soberania que alli exercemos.

O regulo que agora se revoltou foi Moraiz, o mais terrivel dos três, porque dispõe de grandes forças.

Entré os varios pretendentes á administração do concelho da Figueira da Foz, consta-nos que será preferido pelo sr. João Franco o sr. Julio Palmeirim.

O correspondente telegraphico do Porto para um jornal de Lisboa informa que não fóra transmittido um telegramma em que se noticia que o juiz Martins Costa levantára a suspensão ao *Jornal de Noticias*.

Pensando muito sobre o motivo determinante de tal facto chegamos á conclusão de que a sentença do digno juiz foi considerada como anarchista. Que não é possivel descobrir outro.

Ao país

Eis o protesto que a Associação dos jornalistas e homens de letras do Porto acaba de publicar:

A Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto delibera manifestar ao país o seu desgosto perante as medidas policiaes ultimamente postas em execução contra diversos periodicos, e protestar ao mesmo tempo contra o intuito que de ha annos a esta parte, numa série de actos governativos, vem cerceando os direitos de imprensa.

Procedendo d'este modo, a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto cumpre o seu dever. Impunha-lh'o o seu estatuto, encarregando-a de reivindicar a justa consideração devida ao jornalismo, e satisfaz o compromisso tomado com a memoria do grande jornalista Antonio Rodrigues Sampaio, em honra de quem se instituiu esta Associação. Não ha, por certo, agora meio de honrar melhor a vibrante penna que fez do *Espectro* e da *Revolução de Setembro* duas sentinellas da liberdade do que protestando vivamente contra a pressão e a violencia que pretendem abafar-nos o pensamento.

Tempo houve em que, tratados como homens livres e dignos, se nos reconhecia o direito de pensar, ao mesmo tempo que o de expôr as nossas idéas e de exercer a critica. A Carta Constitucional era bem expressa dizendo que todos podiam comunicar os seus pensamentos por palavras e escriptos e publicá-los pela imprensa, independentemente de censura, comtanto que houvessem de responder pelos abusos que commettessem no exercicio d'este direito, nos casos e pela forma determinada na lei. Era a maxima liberdade com a responsabilidade correspondente; nem outra coisa havia a esperar de uma Constituição liberal. O jornalista não tinha o direito de queixar-se quando infringisse a lei, porque se sabia o que esta era; mas exercia tranquillamente a alta missão social destinada á imprensa, confiado em que a Constituição do seu país permitia, como a todo e qualquer cidadão, praticar o que por lei não era prohibido; porque as leis não tinham effeito retroactivo; porque ninguém podia ser sentenciado senão em virtude de uma lei anterior e na forma por ella prescripta. Tudo isto dizia e parece que ainda diz a Carta Constitucional da Monarchia Portuguesa.

Como esse tempo vai longe, e como é também distante a epocha em que entre nós se creava um tribunal chamado *Protecção á Imprensa*! A lei de 1834 concedia ao jornalista um conselho formado por homens bons para conhecerem da existencia dos seus presumidos delictos e em seguida o jury para avaliar da sua responsabilidade. O jornalista continuava, pois, escudado pela Carta Constitucional, porque era ella que declarava que os jurados se teriam de pronunciar sobre os factos delictuosos, cabendo simplesmente aos juizes a applicação da lei. Mas em 1840 já a imprensa era vista com maus olhos; passaram mais dez annos e surgiu a chamada lei das rôlhas. Vae neste epitheto o seu espirito. O jury, porém, continuava de pé nos delictos de imprensa.

Com a lei de 17 de maio de 1866 ponde o jornalista resfolegar um pouco. Por ella ficaram abolidas todas as cações e restricções até então estabelecidas para a imprensa periodica; era permitida a discussão e critica das disposições tanto da lei fundamental do Estado como das outras leis, com o fim de esclarecer e preparar a opinião publica para as reformas necessarias pelos tramites legais e no artigo 14.º declarava-se expressamente

que a imprensa não poderia occupar-se de factos ou attentados de anarchismo, nem dar noticias das diligencias, inqueritos policiaes e dos debates no julgamento dos pro-

que fóra dos casos de falta de habilitação legal de alguma folha ou de suspensão das garantias constitucionaes, não podia ser suspenso qualquer periodico ou outra publicação.

Depois d'isto, a imprensa continuou sendo um dos factores mais importantes do progresso social; os tratadistas de direito publico continuaram a ver nella uma das forças mais attendiveis no governo dos povos, como preparo, esclarecimento e guia da opinião publica; o nosso país continuou sendo uma monarchia baseada na mesma Carta Constitucional; mas veiu o decreto de Lopo Vaz, em 29 de março 1890, e aos delictos de imprensa tirou o jury, garantia da liberdade, não se importando com a Carta; reduziu, é certo, uma penalidade da lei de 17 de maio de 1866, mas — *timeo Danaos et dona ferentes* — nunca os jornalistas foram tão vexados como sob o regimen d'esse odioso decreto, nunca soffreram como desde 1890 penas tão graves de cadeia e tão pesadas multas. A suspensão e a suppressão dos jornaes tornaram-se factos e o jornalismo passou a ser uma instituição vivendo quasi apenas da tolerancia da auctoridade.

Estava, porém, reservada mais extraordinaria época a liberdade de pensamento e da imprensa. Agora já a lei entra na casa do cidadão a perguntar quaes as doutrinas que elle, sem publicidade, no meio dos seus, professa sobre o estado social; julgou se pouco opprimir, calcar, a imprensa periodica, e já a lei se volta contra o pamphleto, o livro e o folheto. A auctoridade tem moior amplitude para suspender jornaes, e assim é que neste país se está assistindo á grave, antipathica e injustissima anomalia de auctoridade policial suspender diversas folhas noticiosas de Lisboa e nesta cidade *O Commercio do Porto*, *Jornal de Noticias* e *A Palavra*, porque resumidamente, sem alarma, trasladaram de jornaes estrangeiros noticias de factos que elles narrram mudamente, sem que ninguém neste país ainda se lembrasse de lhes impedir a circulação.

Isto faz-se em virtude de uma lei! E esta lei vai até punir factos antes d'ella praticados, de modo que era preciso adivinha-la para a respeitar, assim como era preciso acreditar que os altos poderes publicos haviam de lançar a um completo desprezo o § 2.º do artigo 145.º da nossa Constituição, onde se estabelece a não retroactividade legal, para prevêr que tal lei havia um dia de ser lei neste maldadado país.

No emtanto parece que tudo isto ainda era pouco, porque na cidade de Lisboa acaba de applicar-se aos jornaes *A Vanguarda*, *O Paiz* e *O Beryo* a censura prévia que nenhuma lei ousou ainda formular.

A Associação dos Jornalistas e Homens de Letras não inquire sob que bandeira militam os jornaes censurados, não pergunta mesmo qual o assumpto dos artigos que a censura trunhou. A liberdade é de todos. Mas o que a Associação dos Jornalistas pergunta é para que existe o § 3.º do artigo 145.º da Carta Constitucional? Todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras e escriptos e publica-los pela imprensa sem dependencia de censura. Diz isto a lei fundamental do nosso país, e é a policia com a annuencia do governo que cerca em repetidas noites as redacções dos jornaes alludidos e não os deixa correr sem que ella os reveja e os mutile a seu bel-prazer?! Aonde chegaremos?

Portuguezes, a vós se dirige a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, porque no vosso espirito estão firmemente radicadas as idéas de liberdade e de justiça. Aos poderes publicos já por mais de uma vez se dirigiu esta Associação, pedindo a reforma da lei de imprensa num sentido liberal e digno da missão do jornalista; no parlamento, mais do que uma voz se ergueu pedindo a mesma reforma; prometida foi ella, mas não ha meio de a alcançar. Surgem agora de toda a parte as reclamações dos jornalistas, lembrando a promessa feita, e o governo cala, e sente-se continuar a pressão e funcionar a censura. Para que, em taes condições, ir mais uma vez perante os poderes publicos reclamar aquillo que não querem ouvir e parecem apostados a não conceder?

Mas nem por isso hão de passar despercebidos os attentados commettidos contra a imprensa portugueza. O país também é poder, e poder supremo. Perante elle a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto protesta contra o cerceamento que se está fazendo á liberdade, contra a idéa que vem abafando a discussão e a critica e que talvez para amanhã se aprompte a lavrar um decreto que declare em Portugal abolida a imprensa.

Porto, em sessão da assembléa geral, 16 de junho de 1896 — Antonio Joaquim Ferreira da Silva (dr.), presidente; Oliveira Passos, 1.º secretario; Jayme Filinto, 2.º secretario; A. A. Cdlem Junior, A. de Sequeira Ferraz, Acacio Pereira, Adolpho Portella, Adriano Anthero de Sousa Pinto (dr.), Alberto Bessa, Alberto Correia, Alfredo de Mattos Angra, Alvarim Pimenta, Annibal de Moraes, Antonio A. Chaves de Oliveira (dr.), Antonio Cruz, Antonio Maria Lopes Teixeira, Arnaldo de Lacerda, Arthur Agueiro (dr.), Bento Carqueja, Bernardo Lucas (dr.), Bruno Telles de Menezes Vasconcellos, Camara Lima, Carlos Affonso, Catão Simões, Eduardo de Sousa, Eduardo Sequeira, Elydio de Castro (dr.), Francisco de Sousa Carqueja, Francisco de Sousa Ferraz e Mello, Francisco Lopes Guimarães, Francisco Loureiro de Sousa, Gualdino de Campos, Guedes de Oliveira, Heliodoro Salgado, Henrique Carlos de Meirelles Kentall, Henrique Carlos de Miranda (dr.), J. A. Sousa Moreira, João de Oliveira Ramos, João Pereira Vidal (padre), Joaquim de Lemos, Joaquim Maria Pinto, Joaquim Pacheco, José Antonio Moreira dos Santos (dr.), José Bessa de Carvalho (dr.), José Dias de Almeida Junior (dr.), José Diogo Arroyo (conselheiro), José Nunes da Ponte (dr.), José Joaquim da Silva Bravo, José Pereira de Sampaio, José Victorino Ribeiro, Julio de Mattos (dr.), Julio de Oliveira, Julio Gama, Julio Lobato, Julio Lourenço Pinto (conselheiro), Luiz Botelho, Luiz Carqueja, Luiz de Freitas Viegas (dr.), Magalhães Lemos (dr.), Manuel Maria Rodrigues, Marcos Guedes, Maximiano de Lemos (dr.), Oliveira Alvarenga, Paulo Marcelino Dias de Freitas (dr.), Ricardo Jorge (dr.).

Dr. Augusto Cymbron

Partiu ante-hontem para Lisboa, d'onde seguiu hontem para os Açores, este nosso amigo e valioso correligionario.

Feliz viagem.

Um jornal, que defendeu até ha poucos meses o governo e que iniciou o combate contra elle mediante combinação prévia, diz que não tem havido desintelligencias entre os ministros porque as não pôde haver onde não ha intelligencias.

Verdadeiro e logico.

Esteve em Coimbra, de visita a seu filho, o nosso prezado amigo e distincto professor da Eschola Medica do Porto, sr. dr. Antonio d'Oliveira Monteiro.

Cuba

As ultimas noticias acerca de Cuba são verdadeiramente alarmantes para a Hespanha. Consta que as duas expedições *Laurada*, sob o commando do general Ruy, e *Three Friends*, sob o commando de Portuondo, desembarcaram em Cuba sem que lhes fosse opposto obstaculo algum, e que Enrique Collazo transpoz a linha militar de Mariel e effeituara a sua junção com Maceo, achando-se Maximo Gomez ás portas da Habana.

Por outro lado, a febre amarella e a variola dizimam d'um modo assustador o exercito hespanhol, que não pôde atacar os insurrectos em virtude das chuvas torrencias.

Em que tristes aventuras a monarchia lançou a Hespanha!

Carta de Lisboa

Lisboa, 19 de junho de 1896.

A Associação dos Jornalistas de Lisboa vae publicar um protesto contra os ataques do governo á liberdade de imprensa.

Não discuto esse seu direito e quero mesmo fazer justiça ás suas intenções.

O protesto receberá as assignaturas dos homens de letras e dos jornalistas que o quizerem subscrever.

Eu não o assigno.

Primeiro não sou propriamente jornalista; a minha profissão é a advocacia.

Bem sei que ser advogado não é incompativel com o facto de escrever em jornaes. Professores, diplomados em varios cursos collaboram na imprensa.

Eu sou um collaborador em dois jornaes que fazem o favor de aceitar os meus escriptos. Mas não escrevo senão onde quero.

Não sou um profissional, portanto.

Homem de letras, ai de mim, não o sou também. Perdi essa aspiração, que foi a mais encantadora de toda a minha mocidade.

Todavia dizem-me que eu devia assignar o protesto, porquanto, crevendo um dia ou todos os dias, preciso de afirmar a minha opinião sobre os attentados á liberdade de pensamento. Nesse ponto direi que concordo e acrescento que um protesto d'esses deve ser subscripto por todos os cidadãos dignos d'este nome.

Porque não o assigno então?

Eu explico.

Antes de tudo esclareço, para prevenir melindres, que não censuro, porque não posso nem devo, quem assigna o protesto em questão. Vejo nomes que merecem a minha sympathia.

Mas o meu criterio é este:

Eu filio todos os acontecimentos passados e presentes na existencia da monarchia.

Republicano por dignidade pessoal e por convicção scientifica, eu sou-o igualmente pela observação dos factos passados no meu país. Por isso, além de republicano sou revolucionario, sou inimigo dos homens que defendem, servem ou toleram a monarchia.

Ora no manifesto ha nomes de monarchicos e eu, embora por alguns tenha sympathia pessoal, não desejo com elles a minima solidariedade politica.

Succede que muitos dos jornaes que protestam, não raras vezes têm applaudido perseguições contra republicanos. Mas, quando tal não houvesse acontecido, bastava que defendessem a monarchia para eu os considerar inimigos.

Observam-me que o principio da liberdade de imprensa é patrimonio de todos e contra a sua violação devem protestar todos. Pois sim. Mas eu derivo essa violação dos actos da monarchia e portanto devo protestar, antes de tudo, contra a mesma monarchia.

Tenho além d'isso outro motivo que me determina a proceder assim:

No dia em que saí a lei de imprensa de Lopo Vaz, estava eu em Lisboa, passando umas férias. Collaborava na *Patria*. O sr. Ennes escrevia então no *Dia*, obedecendo a um jacobinismo cor-de-rosa. Era tomado a sério, principalmente pelos rapazes, sempre ingenuos porque têm a consciencia limpa.

Hygino de Sousa pediu-me, e a outro rapaz que é professor de uma eschola superior, que fosse consultado Ennes sobre o que se devia fazer. Eu não conhecia Ennes. O meu companheiro conhecia-o.

Fallámos-lhe. O resumo das suas palavras é este: — «É necessario uma nova *Maria da Fonte*, para reconquistar a liberdade com as armas na mão!»

Tempo depois foi querellado um artigo meu na *Patria*.

Quando Ennes era ministro fui para a cadeia.

Quando Ennes era ministro fizeram-se os tribunales de Leixões.

Ora Ennes foi um caso novo para mim. Quando o contei a alguém mais velho do que eu, recebi uma gargalhada.

Ennes é de todos os tempos. Dentro da monarchia é simplesmente um dos numerosos exploradores que invocam a liberdade na opposição e nos dão bordoadas quando no governo.

De resto são logicos: nós atacamos quem os sustenta, elles defendem-se dos nossos ataques.

Por isso os considero como os devem considerar todos os republicanos: inimigos!

×

Agora mais. Assignei o manifesto dos estudantes republicanos em 1890.

Esse documento, o mais audacioso e intransigente de quantos foram publicados em Portugal, tornou quem o mantém, como eu e muitos outros, incompativel com os monarchicos em qualquer procedimento politico que não seja combater abertamente a monarchia.

×

Certamente algum partidario dos protestos legaes terá vontade de dizer que eu sinto medo.

Pondo de parte agora o commettario *physico* a tal affirmação, eu, imaginando essa hypothese, direi na outra carta que protesto assignaria.

João de Menezes.

A proposito da chegada do sr. visconde do Banho, *O Popular* conta o seguinte:

«Um dos grupos regeneradores de Coimbra, satisfeito com a nomeação do sr. Visconde do Banho para governador civil do districto, resolveu fazer-lhe uma manifestação á sua chegada. Encasacaram-se, alugaram trens, ajustaram uma philarmonica, compraram os foguetes e, quando iam em marcha para a estação, souberam que naquella dia não havia banho e voltaram para suas casas a despirem as casacas. Se fóra em Lisboa teria ali andado o dedo do sr. juiz Veiga».

Não andou o do Veiga, mas andou o do Ferrão, que foi quem teve as honras do telegramma contra-annuncio.

A rua da Ilha está intransitavel. Pedimos providencias á ex.^{ma} camara municipal.

Morticínio em Tunis

Está confirmado o boato de que o marquês de Morés foi trucidado com 35 homens no sul da Tripolitana, provavelmente pela tribu dos senussis.

Faltam, porém, pormenores.

Nós damos este telegramma a medo. Póde ser algum attentado dos aquelles. E embora sejam, sem duvida, estrangeiros, nunca fiando,

SUPPRESSÃO DOS JORNAES

Pelo juizo do 3.º districto criminal do Porto foi julgada sem effeito a suspensão do nosso prezado collega *O Commercio do Porto*, que havia sido ordenada pela auctoridade policial. O digno juiz d'esse districto e o do 1.º districto criminal são de parecer que a lei de 13 de fevereiro de 1896 não é applicavel aos crimes anarchistas perpetrados em país estrangeiro.

Não entraremos na analyse das razões juridicas em que se baseiam. Havendo impugnado as disposições da lei contra os anarchistas, que sempre consideramos absurda, designadamente na parte respeitante á imprensa, e sendo convictos propugnadores da liberdade d'esta poderosissima instituição, não podemos deixar de acolher sympathicamente todas as limitações que a jurisprudencia, distinguindo ou attendendo nos effeitos que da sua applicação rigorosa derivem, imponha a essa lei.

E também nos é grato declarar aqui que mais se eleva essa sympathia quando, em virtude de taes limitações, é conservada a existencia d'um dos orgãos mais sérios e illustrados da imprensa portugueza, como é indiscutivelmente *O Commercio do Porto*, cuja redacção sinceramente felicitamos.

É de lamentar, porém, que não fosse harmonico o procedimento do poder judicial em Lisboa e no Porto, sendo exactamente da mesma natureza os factos que motivaram a suppressão dos jornaes pela policia, cuja medida foi sujeita á sua apreciação. É completamente injustificavel que haja na realidade, sobre o regimen da imprensa, uma lei para Lisboa e outra para o Porto.

D'este facto não cabe propriamente a responsabilidade ao poder judicial, mas ao governo que propõe, ao parlamento que decreta e ao rei que sanciona medidas absurdas, porque de principios absurdos só consequencias absurdas se pôdem deduzir. Ainda assim, não pôde elle deixar de affectar no seu prestigio o poder judicial, contribuindo para augmentar a anarchia que por ali lavra e que tudo avassalla.

É um varrer de feira completo e acabado.

Assassinato de uma baroneza

Os jornaes de Paris trazem extensos pormenores acerca de um assassinato commettido terça feira ultima na rua de Ponthièvre e de que foi victima a baroneza de Valley, uma senhora octogenaria, muito excentrica, riquissima, que não tinha para a servir mais que uma mulher de recado, sendo os seus unicos companheiros dois cães.

A baroneza vivia o mais mesquinhamente possivel. No andar em que morava, quasi que não havia mobilia. Quando a policia, avisada pela mulher de recados, se apresentou em casa, encontrou a victima estendida no leito com os pés atados e os pulsos cobertos de echimos-es, que revelavam a energia com que a velha senhora luctou antes de succumbir.

A infeliz morreu estrangulada; tinha um lenço na bocca, como que a servir de mordaza, e a hemorragia pelo nariz fóra tão abundante que estavam os travesseiros cheios de sangue.

A policia já prendeu alguns individuos que julga serem auctores ou cúmplices no crime.

Ainda não se sabe precisamente qual o valor do roubo.

Sabe-se que tinha contas correntes com varios banqueiros, que emprestava dinheiro com grandes juros, que era emfim uma verdadeira usuraria.

Apenas tinha dois parentes, um medico e um romancista.

UNIVERSIDADE

Nos dias 19 e 20 fizeram acto e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Theologia

1.º anno — Antonio Manuel Pereira Ribeiro, e Apollino Augusto Marques.
2.º anno — Alvaro José d'Abreu.
3.º anno — Alfredo de Moraes Almeida.
4.º anno — Antonio Ferreira Pinto, Antonio Mourato Themudo.

Faculdade de Direito

1.º anno — Abel de Mesquita Guimarães, José d'Assis Coelho, José Augusto de Paula Nogueira, José Cesar de Carvalho Pinto Coelho Valle e Vasconcelos, José Correia Nunes Junior, e José Cosmelli Cancellaria.
2.º anno — Francisco Antunes de Mendonça Junior, Possidonio Mathews Laranjo Coelho, Francisco da Costa Pinto, Francisco Eugenio de Mello e Mattos, Francisco Fernandes Duarte, Francisco de Sousa Franco, Gaspar de Abreu de Lima e Heitor da Cunha Oliveira Martins.
3.º anno — Eduardo de Sequeira Oliveira, Eugenio de Carvalho e Silva, Fausto José dos Santos, Francisco da Costa Borges da Gama, Francisco Fausto Guedes Gavicho e Francisco Maria Peixoto Vieira.

Houve uma reprovação.
4.º anno — Antonio de Sousa Ribeiro, Arnaldo Fragateiro de Pinho Branco, Augusto Frederico de Moraes Cerveira e Augusto Luiz Vieira Soares.
5.º anno — Augusto Fernandes Correia, Abel Pereira d'Andrade, Augusto Lopes Mendes e Silva, e Augusto d'Oliveira Coimbra.
Houve uma reprovação.

Faculdade de Medicina

1.º anno — Joaquim d'Assumpção Ferraz Junior, Joaquim José d'Abreu, José Augusto Duarte.
Houve uma reprovação.

2.º anno — Bellarmino Augusto Pereira de Abreu e Sousa, Ernesto Redolpho Alves de Castro, Eugenio Pereira de Castro Caldas, e D. Fernando de Almeida.
3.º anno — Albano Baptista Taurede de Sousa, José Avelino de Paiva Pinheiro, Antonio Maria Dias Milheirico, e Francisco d'Ascenção Ramos.
4.º anno — Francisco Diniz de Carvalho, Gualdino Antonio de Queiroz e Mello, João dos Santos Jacob, e João da Silva Lino.

Faculdade de Mathematica

5.º anno — Pedro Joyce Diniz.
1.ª cadeira (Chymica inorganica) — Antonio Luiz Pestana, Eugenio Augusto Sampaio Duarte, Carlos dos Santos Natividade, Abilio Augusto Ferreira de Magalhães.

2.ª cadeira (Chymica organica e analyse chimica) — João Antunes Guimarães.

Houve três reprovações.
4.ª cadeira (Botanica) — Diogo Domingues Peres, Fortunato Alfredo Pitta, Rodrigo de Barros Teixeira dos Reis, Antonio Alexandre Ferreira Fontes, Fernando Affonso Leal Gonçalves, José Guilherme Pacheco de Miranda, Joaquim José Luiz Fernandes.
5.ª cadeira (Physica, 2.ª parte) — Luiz Caetano Guimarães Junior, José Joaquim Pereira dos Santos Motta, Antonio Maria de Soveral, Antonio Martins Lobo, Armando Augusto Leal Gonçalves, Arsenio Guilherme Botelho de Sousa.

Cadeira de desenho. (Curso mathematico, 2.º anno) — Alvaro Colea Godinho, Antonio Francisco de Sousa, Carlos de Carvalho Braga, Eugenio Trajano de Bastos Guedes, Francisco Honorato de Sousa Vaz, João Salema de Sousa Abreu Gouveia, Faria Carvalho Pereira, José Collaço Alves Sobral, Alberto Augusto das Neves Rocha, Rodrigo Affonso Alves de Sousa, Pedro Paulo Bon de Sousa, João Ribeiro Braga, Antonio Roxanes de Carvalho Junior.

Desistiu um alumno do acto.

Desaffronta

No fim d'este mês apparece á venda a 2.ª edição d'este livro do nosso querido amigo dr. Antonio José d'Almeida.

De ha muito que está exgotada a 1.ª edição.

Para satisfazer aos pedidos que lhe têm sido feitos e attendendo a que o livro d'aquelle bom amigo é sempre opportuno, resolveu o editor fazer nova edição que será acompanhada do tracto do auctor, em phototypia. A edição é da livreria Moderna.

Foi eleito deputado por Milão, o socialista Turati. Esta eleição causou impressão nos circulos parlamentares.

Todos os partidos monarchicos achavam-se colligados para impedir a victoria d'aquelle candidato.

Syndicatos Agricolas de Montemor-o-Velho

Recebemos d'esta utilissima instituição os seus estatutos e os boletins que tem publicado.

Os fins do Syndicatos Agricolas, são em promover a instrução agricola; facilitar aos socios a aquisição de adubos, sementes, machinas ou alfaias agricolas para seu uso, e adquirir-las directamente para uso commum dos socios; e adquirir tambem

para o mesmo uso animaes reproductores; procurar mercador para os productos agricolas dos socios; provêr á segurança da propriedade rural pela criação d'um corpo de guardas; executar e promover ensaios de culturas, de adubos, de machinas e instrumentos aperfeiçoados e de quaesquer meios tendentes a facilitar o trabalho, reduzir os preços de custo e augmentar a produção; estadar todas as medidas economicas ou reformas de legislação, bem como melhoramentos de ordem material que possam interessar a agricultura; promover entre os seus socios a criação de sociedades e instituições economicas e de credito, seguros mutuos de gado e de colheitas, e tudo o que seja a bem dos seus interesses.

Por este simples extracto, porque não podemos apresentar nesta simples noticia todas as disposições benemerentes que naquelles estatutos se encontram, se vê que somma enorme de beneficios e de incontestaveis e altas vantagens hão de derivar para a agricultura d'aquella região, da acção intelligente e patriótica do Syndicatos Agricolas de Montemor-o-Velho.

Util e indispensavel seria que no país se propagasse a idéa, de resultados economicos considerabilissimos, de se crearem instituições d'esta natureza. São vantagens particulares, que se hão de traduzir num incontestavel beneficio nacional.

Estão de prevenção para seguirem á primeira ordem para o ultramar os regimentos de infantaria 4 e caçadores 5.

O que haverá? Do bom timo administrativo do governo e dos seus delegados ha tudo a esperar.

O sr. Emil Ioch, um dos mais illustrados e prestimosos professores da escola industrial Brotero, requereu ao governo a rescisão do seu contracto e tenciona ausentar-se para o seu país.

Lamentamos uma tal resolução, porque é pelo esforço de homens, como o sr. Ioch, d'uma tão elevada competencia e intelligente dedicação profissional, que as escolas poderão progredir e produzir os beneficios correspondentes aos one-

ros sacrificios que custam ao thesouro publico, quando os governos se disporem a encarar estas instituições como fontes de recursos poderosos para a reorganisação economica do país.

Arthur Caldeira

Chegou a Coimbra, acompanhado de suas ex.ªs esposa e sogra, este nosso velho amigo e correligionario.

De volta do Brasil, vem disposto a continuar a sua vida academica estando sempre ao lado dos republicanos, como em 31 de Janeiro.

Um apertado abraço pelo seu regresso.

Chegou na sexta feira a esta cidade o sr. visconde do Banho, que nesse mesmo dia tomou posse do logar de governador civil.

Teve espera na estação, onde vimos o sr. dr. Luiz Pereira da Costa acompanhado de todos os vereadores, os cinco medicos dos partidos municipaes, o secretario geral e alguns commerciantes, que o acompanharam em trens até ao governo civil.

De trinta e quatro trens, dois iam sem pessoa alguma.

Explicando o motivo por que foi esperado por tanta gente, diz o *Tribuna Popular* que não era conhecido em Coimbra.

Alguns jornaes noticiam que foi eleito socio effectivo do Instituto de Coimbra o nosso prezadissimo correligionario e venerando decano dos jornalistas portugueses sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Que nos conste, ha da parte da direcção do Instituto a idéa de propôr a sua candidatura, que sem duvida será bem recebida.

Nada mais.

O sr. Bispo-Conde acaba de publicar os discursos que proferiu na inauguração do museu de antiguidades do Instituto de Coimbra, em 26 de abril de 1896, a que já em tempo nos referimos, e na Real Academia de Historia de Madrid, no dia 5 de junho corrente.

Agradecemos os exemplares que teve a amabilidade de nos offerecer.

Pedimos ao sr. director das obras publicas do districto, se este nosso pedido não é impertinente, que sempre de tempo mande tapar umas fendas que ha nos passeios da ponte sobre o Mondego, a Portagem, porque as creanças que alli passam correm o perigo de quebrar alguma perna ou torcer algum pé.

Se não houver dinheiro que chegue

reí ouvir coisa alguma, mas, se a tiveres ouvido, sabels perfeitamente que nós nunca commetemos uma indiscrição.

— Sim, mas algumas vezes aproveitei-vos das indiscrições dos outros. Senta-te. Tu tens mais relações, pae Lebigot, com homens seguros e convenientes.

— Isso é uma honra que quereis dispensar-me.

— Necessito de pessoas elegantes, da alta roda.

— Quantas?

— Três.

— Posso fornecer-vos-las.

— Mais dois creados promptos e munidos de livretes com excellentes informações.

— Tenho-as. Quanto ganharei?

— Um milhão.

— Fallaes sério?, disse Lebigot, cujos olhos brilharam de cubiça.

— Sim.

— Tereis tudo o que desejais.

— Ha um perigo.

— Isso não importa.

— É necessario que os dois creados se introduzam na praça. Nós iremos depois. Ha cofres a forçar e provavelmente dois individuos...

— Quem commandará?

— Eu.

— Oh! então, não tem duvida. Vamos tornar a trabalhar juntos! Comtigo tudo se acaba bem!

(Continúa)

Supressão de jornaes

O juiz do 2.º districto criminal do Porto, dr. Margarido Pacheco, confirmou a suspensão do jornal *A Palavra*. Que baralhada está motivando a absurda lei contra os anarchistas.

Bibliographia

Revista das Escolas — Semanario dedicado ás familias e ao professorado, que se publica no Porto, sob a direcção do sr. Antonio de Mesquita. Recebemos o n.º 17 correspondente a 14 de junho.

Amores Criminosos — Sensacional romance dramatico illustrado, original de Jorge Agremon. Recebemos o 2.º fasciulo que se acha em distribuição.

Agradecimento

José Cardoso Figueiredo Nogueira, profundamente reconhecido a todas as pessoas que o visitaram e se interessaram pelas suas melhoras, durante a grave doença que soffreu; e não podendo, como era seu dever, agradecer tantas provas de estima e consideração que immerecidamente recebeu, vem por este meio testemunhar a todos a sua eterna gratidão.

Coimbra, 18 de junho de 1896.

Lições de hygiene publica

PELO

DR. A. X. LOPES VIEIRA

PREÇO, 1,000 REIS

Á venda na Imprensa da Universidade.

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

4 vol. de 429 pag., 600 reis

A' venda na livreria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

11 Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

VI

O que uma mulher pôde pensar graoejando com um homem

— Eu sempre sou muito egoista, faço-vos pagar o aluguer da habitação obrigando-vos a trabalhar para mim.

— Olá! senhor, o que estaes para ahí a dizer?

— Que me magda vêr os vossos delicados dedos correr sobre um tão grosseiro estôfo, assim como me desconsola vêr-vos cozinhar.

— Oh! senhor, eu fui educada para os trabalhos de casa. Nada receeis, pois, peço-vos-lo, e não me elogiéis as mãos que são muito deselegantes, juro-vos-lo. Senão vêde.

— São divinas.

— Tomae cautella! tornaes-vos banal.

— Não, senhora, isto não são cumprimentos digo apenas o que sinto. Se vos dissesse amabilidades, tomar-me-hias por um namorado, ou não me julgarias sincero, e estas duas coisas são igualmente contrarias á verdade. Mas, para evitar que cozinheis hoje, como não gosto que uma senhora faça o

que eu posso fazer, vou pôr o avental e confeccionar a nossa refeição.

— Ah! não, senhor, eu tenho mais confiança em mim do que em vós para a preparação do nosso jantar. A unica coisa que eu consinto que façaes hoje, como nos outros dias, é o officio de ajudante da cozinha.

Desceram ambos rindo, e foram cozinhar as provisões, como faziam de ordinario. Sentaram-se alegremente á meza. Dir-se-hia que M.º de Villedieu e M. Luciano Gribbeauval tinham vivido toda a sua vida juntos, e que a sua missão neste mundo era gozar as delicias do lar domestico até ao fim dos seus dias.

— Sinto-me tão feliz, exclamou M.º de Villedieu, que chego a esquecer meu marido! Recelo até receber qual-quer carta de meu tio convidando-me a ir juntar-me com elle.

E no fundo do seu pensamento M.º de Villedieu, accrescentou:

— Se eu tivesse M. Luciano Gribbeauval por marido, que existencia radiosa eu não passaria, como eu o havia de amar!

VII

Projectos terriveis

— Vejamos Hermann, disse Villedieu, até que ponto levas os teus escrúpulos?

— Que queres dizer com isso?

— Não me levas a mal?

— Não.

— Terás coragem para matar?

— Isso é conforme. Já te tenho dito por varias vezes que a minha conducto é regulada pelo codigo.

M. de Villedieu sentou-se, e, cruzando as pernas sobre a meza á moda Yankee:

— Meu caro, eu sei que M. Durand está em Italia. Aonde? ignoro-o, mas encontra-lo-hão. O bandoleirismo floresce alli neste momento. Se não és homem para operar por ti proprio, saberás ao menos encontrar bandidos que, por algumas centenas de francos, se encarregarão de supprimir a minha familia.

— Eu posso arranjar isso.

— Veremos se será preciso atacar M. Durand.

— Isso depende-se da maneira como se arranjam os outros negocios. O pae Lebigot não tarda a chegar. Se M.º de Villedieu fór encontrada, partirás immediatamente. Se o não fór... avisarei.

Istantes depois, entrou o pae Lebigot.

— Nada, disse elle.

— Imbecil!, exclamou Villedieu.

— Imbecil! Imbecil! és tu, meu principe, disse Lebigot. Julgas as coisas muito facilis! Pela quantia avultada que offereceste pôdes bem calcular o que nós faríamos para a merecer. Continuam a procura-la, e os nossos ami-

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estação de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear.

Magnificas accomodações desde 1\$200 réis comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para os medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.^a a 5.^a classe; duas salas para douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao gerente da Companhia do Grande Hotel. — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125.

O hotel foi este anno adjudicado á acreditada firma Silva & Ferreira, do Restaurant Club de Lisboa, ficando em vigor os antigos preços. Ha tambem boas casas mobiladas para alugar.

Filtro-Mallié

de porcellana d'amiantho

Esterilisação absoluta da agua.
Filtros de pressão e sem pressão.
Filtros de mesa e de viagem.

Deposito em Coimbra—Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

18 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

17 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA

Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso veroizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machiões para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavalatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

16 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Marçano

15 Precisa-se com um ou dois annos de pratica, de mercearia.

FIGUEIRA DA FOZ

Adriano Dias Barata Salgueiro

Alfinete

14 Perdeu-se um desde Luso até esta cidade. E' de ouro, quadrado e crivado de pequenos brilhantes.

Pede-se a quem o achasse o favor de o entregar na rua de Ferreira Borges, n.º 50 e 52, onde será gratificado.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.354:000\$000
Fundo de reserva... 241:000\$000

SEDE EM LISBOA

13 Esta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

Charutos "Confiança"

Papelaria Central

Arrendam-se

12 Dois andares e o sotão de uma casa sita na praça do Commercio. Trata-se no mesmo local n.º 32 e 33.

Loja da China

Ferreira Borges

11 Acaba de chegar um grande sortimento de leques, sombrinhas e estores, japoneses e chineses.

Especialidades da casa

Chás e cafés

Caixeiro

10 Nesta redacção se diz quem precisa d'um com boa pratica de mercearia, a quem se dará o ordenado conforme as suas aptidões.

CAVALLOS

9 Muares, etc.; esquinencias, sobrecannas, ovas, esparavões, manqueiras, fraquezas de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VISCANTE COSTA, e preferivel ao fogo e untura forte em todos os casos. Frasco 900 réis. Á venda nas principaes terras.—Depositos: Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; Ferreira & Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: Drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Coimbra: Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128.—Deposito geral: Pharmacia Costa — Sobral de Mont'Agração.



AGUA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

8 Roupas completas para homem, de 5\$000 réis para cima!
Alta novidade!

VENDA

7 Antonio Henriques Mega e João Ferreira da Costa, vendem os materiaes da Praça de Touros da Mealhada, de que são proprietarios.

Quem pretender pôde dirigir-se a qualquer dos annunciantes na Mealhada.

Vende-se

6 Muito perto de Coimbra, uma linda vivenda, que se compõe de casas de habitação, recentemente construidas, que accomodam familia numerosa; casas para caseiro e arrecadações, grande quintal de excellente terreno com muita agua, arvôres de fructo, videiras, etc. É em sitio muito pittoresco e aprazivel, tendo estrada de macadam até ao local.

O comprador pôde, querendo, ficar com a importancia ajustada, no todo ou parte, em seu poder, a que se faz um juro modico.

Para esclarecimentos, João Marques Mósca, solicitador, rua do Almoxarife, e Alvaro Esteves Castanheira, largo da Portagem, Coimbra.

QUINTA

5 Vende-se a da Conchada. Na mesma se diz quem está auctorizado a receber propostas.

ANNUNCIO

1.ª publicação

4 No dia 5 do proximo mês de julho, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça, d'esta cidade, ha de vender-se a quem maior lance offerecer acima do preço da avaliação, o predio abaixo indicado, pertencente ao casal do fallecido conselheiro Abel Eduardo da Motta Veiga, morador que foi em Lisboa, cujo inventario corre seus termos no cartorio do escrivão Cardoso, da 1.ª vara da comarca de Lisboa, e em que é inventariante D. Maria Adelaide da Motta Veiga, moradora na mesma cidade, e viuva do inventariado.— Predio—Uma morada de casas com o numero de policia 53, na Couraça de Lisboa d'esta cidade de Coimbra, avaliada em 1:000\$000 réis.

São citados quaesquer credores incertos.

Verifiquei a exactidão,
O Juiz de Direito,
Neves e Castro.

Charutos "Martha"

Papelaria Central

Julião A. d'Almeida & C.ª

20—Rua de Sargento Mór—24
COIMBRA

3 Neste antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes, com boas sedas de fabrico português. Preços os mais baratos.

Tambem têm lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

Receberam ultimamente um sortido de sarja de seda de variadas côres, para guarda-soes e sombrinhas de senhoras. O que ha de mais chic.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

2 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

Arrendamento

1 Francisco V. de Carvalho arrenda a loja n.º 171 á 173 na rua de Ferreira Borges (Calçada) tendo uma boa sobreloja para habitação.

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680
Sem estampilha:
Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

Typ. J. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 141

COIMBRA — Quinta feira, 25 de junho de 1896

2.º ANNO

E' ASSIM

Aventou-se na imprensa do Porto, pela voz da *Provincia*, um alvitro que, se não for acceito e realizado sem demora, será porque de todo decaiu já o principio da solidariedade e, principalmente, da dignidade jornalística.

Numa carta simplicissima, mas cheia de nobre eloquencia, lembra-se á imprensa do país inteiro que, por uma vez, rompa quaesquer considerações que ainda a liguem ao jornal *chanteur Novidades*, onde um homem maculado de todas as torpezas, e que abriga na consciencia conspueada todas as traições, está, para vergonha do jornalismo, depois de se ter tornado a vergonha do país, bolsando continuamente aggressões e virulencias contra a imprensa que deshonra.

De facto, já de ha muito estava votado ao ostracismo mais infamante, pelas consciencias limpas do jornalismo honesto, o tartufo nauseante e desprezível, que a consciencia collectiva do país repelliu com nojo e repugnancia, depois de lhe ter gravado, a fogo, na espádua de carreção o epitheto infamante que outr'ora se appunha em condemnados bem mais honestos do que elle, o farçante. Mas havia ainda muitos jornaes — e havê-los-á ainda, por ventura! — que não tinham tido a nobre coragem vingadora de cortar com o biltre as relações da sua camaradagem. Não reparavam, e não repararão talvez ainda, que honrando-o se maculavam. Ha camaradagens que simplesmente enxovalham gente limpa; mas ha outras que deshonram. É d'estas a camaradagem do homem que tem a servir de pedestal á sua estatua, ou antes, de pelourinho á sua torpeza, um bloco eterno que é formado — das traficancias sem nome dos *bonds* Hersent, das veniagas pelas tavolagens de Paris, das *chantages* em que levanta ameaças para se fazer catar a dinheiro, tudo revestido e cimentado pelas lamas do Tejo, que petrificaram para dar ao monumento a solidez immorredoura da sua obra infame.

Este homem, que tem no ventre obeso o symbolo das suas convicções, o ideal da sua ambição, não tem deixado de fazer do seu jornal, que é um vilipendio, a encruzilhada ínvia e escusa, d'onde o bandido faz salto ao transeunte.

Não ha um facto, não ha uma

idèa, que a consciencia publica acceite por ser nobre, por ser digna, por ser elevada, que aquelle fundibulario de tudo o que fór bom e generoso não aggrida com violencia, ou não ataque com insidias.

Foi, ainda ha pouco, violentamente ferida, pelos absurdos disparates do governo, a opinião, que viu no ataque dirigido á imprensa, inesperado, brutal e inepto, uma aggressão directa ás liberdades publicas. Viu-se fazer num país nominalmente livre, o que já tem feito baquear monarchias absolutas; sem respeito á lei, que é um mytho em Portugal, onde faz lei o capricho, praticam-se todos os dias as mais revoltantes illegalidades; e sob um pretenso respeito a uma lei absurda, que só póde comparar-se á inaniidade dos cerebros que a conceberam e á do misero e ridiculo parlamento que a votou, — suprimem-se jornaes no meio d'uma ridicula pavorosa, depois de se ter declarado a mais violenta guerra á imprensa republicana, armando-se contra ella um corregedor togado, que avelou previamente a mascara facanhuda de censor terrível.

E no meio do tudo isto, d'esta degringolade formidavel da liberdade de pensamento, ouvia-se continuamente, numa *scie* arrelhiadora e quizilenta, atravez do silencio cúmplice d'alguns e das invectivas indignadas da maior parte, a voz do mais respeitavel troca-tintas do nosso país, louvando, incitando, exhortando, rogando, ameaçando até, pelo porta-voz das *Novidades*, o governo que das liberdades publicas fez o juguete dos seus caprichos; — esse governo que o mesmo mastim poucos meses antes, atassalhando-lhe as carnes, appellidava de *governo de bandidos*.

Ora, o caracter moral do homem das *Novidades* está posto a toda a luz. Atravez da flacidez gordurosa d'aquellas carnes que já por si repugnam, vê-se a tenebrosa hediondez da alma que lá vae dentro.

Não será para a imprensa portugúesa uma vergonha tão crapulosa camaradagem? E', sem duvida. Na imprensa portugúesa as *Novidades* não têm quem dignamente as cumprimente.

O sentimento que inspira é a repugnancia. Porque não se ha de, pois, enxotar para o lado, sem uma referencia, esse jornal de *chantage* que, intimamente, já todos desprezam ha maito?

Torne-se bem publica e bem so-

lemne a exauctoração do *chanteur* das *Novidades*; expulso-se a chicotadas de desprezo o homem publico, que encheu a sua farda de ministro e de embaixador de manchas tão negras como as da sua alma.

Exauctoração

O nosso estimavel collega da *Provincia* publica a seguinte carta, em que se alvitra a norma de proceder que deve adoptar a imprensa relativamente a um jornal de Lisboa que se collocou ao lado do governo, defendendo a infame perseguição de que têm sido victimas alguns collegas nossos:

«Meus caros collegas da *Provincia*: — Poucas phrases, visto que tenho por costume antigo e de que já agora me não emendarei, ir direito ao fim, entrando sem delongas no assumpto que me proponho tratar.

Têm vv. visto, com instinctiva e immediata repulção, certamente, o revoltante modo de proceder evidenciado pelas *Novidades* na questão, que ora se debate, da liberdade da imprensa.

Um jornal que assim procede, não póde continuar a ser admitido no gremio da imprensa.

Alvitro, pois, que sejam desde já cortadas as relações do jornalismo portugúes com aquella folha: Que todos os jornaes dignos, incapazes de indignidades e de incoherencias, suspendam desde já a troca com as *Novidades*, começando a devolver á respectiva redacção os exemplares que receberem e deixando de lhe enviar os numeros que forem publicando: que em nenhum d'estes jornaes seja d'ora avante citado o titulo d'aquella folha que, para todos os efeitos, deve ser considerada como não existindo no jornalismo portugúes.

A nossa classe indignará assim um castigo justo e merecido e dará ao mesmo tempo um publico testemunho da repulção que causa em todos os homens independentes o procedimento d'aquelle jornal.

A todos quantos estejam de accôrdo com o meu alvitro, peço que prestem as suas adhesões, transcrevendo esta carta e enviando participação, com as iniciaes que a firmam, á redacção da *Provincia*, onde com todo o gosto me darei ao trabalho de organizar, por essa forma, o recenseamento dos jornaes portugúes verdadeiramente dignos d'esse nome na sua significação de independencia e de hombridade.

Se vv. estiverem de accôrdo com o meu alvitro, publiquem esta no mais proximo numero do seu jornaal.

Collega velho e muito grato,

A. B.»

A *Resistencia* adhire desde já ao alvitro proposto, comprometendo-se a não citar mais o jornal que esqueceu completamente os deveres que a solidariedade impõe. E sem acrimonia notaremos que de ha muito a imprensa devia ter cortado quaesquer relações com essa folha, que não só tem faltado aos deveres de solidariedade para com os seus collegas mas a outros de natureza ainda mais grave.

Tornou-se necessario que alguns jornaes conservadores fossem offendidos nos seus direitos e interesses para que se resolvessem a protestar contra as infamias do governo e de quem tão impudentemente o apoia.

Forçoso nos é fazer esta declaração e a de que á imprensa cabe em grande parte a responsabilidade das vexações que alguns jornaes têm soffrido.

Um dos motivos por que este governo, inspirado pelo sr. João Franco que em absoluto desconhece o que sejam principios e dignidade no exercicio das funções publicas, tem praticado impunemente as maiores prepotencias e immoralidades, é a falta de solidariedade que infelizmente se tem dado em todas as classes sociaes. Desde que cada um só procura defender os seus interesses directos e immediatos, impossivel se torna a lucta pela defesa dos direitos e interesses collectivos.

Mais que uma vez nos temos referido a este alarmante symptoma de decadencia no nosso país, e, embora reconhecamos que é já um pouco tardia por parte da imprensa uma manifestação collectiva a favor dos seus direitos tão vilmente ultrajados, não hesitamos um momento em lhe prestar a nossa calorosa adhesão.

Mais vale tarde que nunca.

As duas vagas do conselho de Estado foram preenchidas pelos srs. conselheiros Antonio Emilio de Sá Brandão, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, e Julio Marques de Vilhena.

O nosso prezado collega *A Vanguarda* diz que o sr. João Franco se tem mantido no poder com o apoio de politicos de todos os partidos.

Repugna-nos acreditar que haja no partido republicano traidores tão miseraveis que se involvam na politica intriguista do feroz dictador do Alcaide.

Se os ha, porém, esclareça-se tudo em tempo devido, para os devidos efeitos. Acabem por uma vez complacencias para quem procura obter á sombra do partido republicano as esmolos d'un nevropatha a quem o partido republicano não póde deixar de mover a mais crua guerra.

Um jornal progressista, referindo-se á nomeação dos conselheiros de Estado:

«Foi a iniciativa d'el-rei? Foi a proposta do governo? A nomeação dos novos conselheiros de estado representa uma *ultima condescendencia* d'el-rei ou representa real e effectivamente um acto formal, categorico e positivo de demonstração da confiança da corôa?

E' isto que é necessario aclarar-se, para sabermos a lei em que vivemos.»

Nós já o sabemos de ha muito, e os progressistas tambem o sabem. Não são necessarias mais aclarações.

O rei apoia o governo incondicionalmente. Bem o sabem os progressistas; mas... O maldito poder transtorna tudo,

Instrucção publica

Instrucção secundaria

XXXII

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

Já dissémos que fóra uma innovação feliz a introdução da lingua allemã no plano dos lyceos. Razões ponderosas o aconselhavam; e, nesta parte, necessario é que se faça inteira justiça ás boas intenções dos reformadores. Notaremos apenas, como já o fizemos ácerca das outras linguas extranhas, que não deveria começar a ser estudada senão no segundo anno do curso médio. A este respeito somos absolutamente intransigentes. E já explanámos bem a nossa opinião, para que seja necessario insistir nella.

Parece-nos ainda motivo de reparo que ao allemão se consignem cinco annos do curso lyceal, ao passo que ao francês se destinassem apenas quatro e ao inglês ainda menos, não obstante affirmarem os auctores dos programmas que são *notórias as vantagens do conhecimento da lingua inglesa*. Reconhecem esta verdade; e, comtudo, quasi a eliminam do plano da instrucção secundaria! Não se percebe bem isto, nem os reformadores se deram ao trabalho de nos elucidar convenientemente sobre este caso tão extranho sobre esta tão extravagante incoherencia. Pois não seria máo, nem ocioso que no-la explicassem.

Um reparo que póde e deve fazer-se é que até hoje em nenhuma das reformas decretadas se tenha tido na mais leve conta, nem sequer se tenha feito a mais insignificante referencia ao ensino da lingua hespanhola. E' facto para que não encontrámos facil explicação. Sendo riquissima a litteratura hespanhola, é verdadeiramente injustificavel e até para lamentar que a ignoremos quasi por completo. Além d'isso, são obvias as vantagens que para nós resultariam do conhecimento d'aquella formosa lingua, tão irmã da nossa. Na França, onde talvez não seja tão necessario sabê-la, é cuidadosamente ensinada, sendo obrigatoriamente exigida em alguns casos. A este respeito é deploravelmente vergonhosa a nossa inferioridade.

Tambem nos parece objecto de reparo a exclusão da lingua grega, attendendo sobretudo ao ponto de vista em que se collocaram os reformadores. E o que é mais curioso é que o auctor do relatorio apologetico da reforma não se cança em apregoar a conveniencia de ser estudada, sendo com muito pezar que vê o ostracismo em que ella vae continuar a persistir; porque ninguém póde contestar — e nisto estamos plenamente d'accôrdo com o auctor do alludido relatorio — o alto préstimo que póde ter para a cultura do espirito o conhecimento da opulentissima lingua d'aquelle povo

que, único até hoje soube alliar immune de quasi toda a mácula, a perfeição qualitativa da forma com um extraordinário e assombroso conteúdo de vida policada! E acrescenta que «não são precisas quaesquer explicações sobre os motivos insuperáveis que têm obstado, e ainda na actualidade obstam, á inclusão da primorosa disciplina, no curso dos lyceos.» Como premio de consolação para tamanha mágoa, deposita confiança na vinda de melhores tempos; porque um dia chegará — e confia que não venha longe — em que possamos levantar a toda a extensão e pureza o typo classico do ensino secundario. Ha de ser provavelmente para as calendas da sobredita Grecia...

É extraordinario e verdadeiramente inexplicavel tudo isto. Não se comprehende, na verdade, como se elimina por completo do curso dos lyceos uma disciplina em que se reconhecem taes qualidades e bem assim a justa influencia que ella póde ter na educação intellectual e na formação do bom gosto litterario.

Ninguem será capaz de encontrar explicação plausivel para tão manifesta incongruencia.

Desterrá-la do ensino secundario, privando impiedosamente a juventude de aspirar a grandes haustos o delicioso perfume da flôr da instrução intermedia, para a ir encerrar na Faculdade de Theologia e no Curso Superior de Lettras, onde será o privilegio d'um numero limitadissimo de cultores e ainda mais restricto de admiradores, não nos parece consentaneo com o valor que á lingua hellenica lhe attribuem os proprios que tão implacavelmente a eliminaram do ensino secundario.

Se o seu ensino não era feito convenientemente; se os respectivos exames se convertiam ordinariamente em comédia ridicula; se, por conseguinte, nenhuns resultados, senão os do seu completo descrédito, se haviam colhido; não vemos nisso razão bastante, para a riscarem do plano lyceal. O facto de não a haverem tomado a sério, quer no ensino, quer nos exames, não lhe diminue o valor nem a importancia, sob o ponto de vista educativo. Porque um terreno qualquer, embora de boa qualidade, não produziu, não porque a semente fosse má, mas por mal cultivado, nem por isso o proprietario deve desanimar e deixá-lo inculto. O que lhe compete é vigiar de futuro porque o grangeio seja feito a tempo e em termos, empregando nisso as necessarias diligencias, fiscalizando bem e assiduamente a sementeira.

Suppomos que nos fazemos comprehender e que, por isso, se extranhará que, pelos motivos invocados, se eliminasse da instrução secundaria o ensino d'uma lingua, em que, aliás, os auctores da reforma reconhecem tão grande valor educativo. Não é esta, porém, a única incoherencia que póde motivar justos reparos, no trabalho que estamos analysando, como os leitores terão observado; nem tambem será a última que tenhamos de pôr em evidencia. Está precisamente neste caso o que encontrámos nos preceitos regulamentares respeitantes aos concursos para o magisterio, a qual é de bom quilate, como teremos occasião de observar. Examiná-la-hemos opportunamente.

Foram querellados os nossos collegas de Traz-os-Montes O Norte e O Trasmontano.

O governo, sem ligar importancia alguma aos protestos que se levantam contra o seu ignobil procedimento, continúa a perseguir a imprensa independente. O sr. Hintze Ribeiro disse que não caía com palavras, mas só com obras.

E o país não recorre a este meio, permitindo que sejam offendidos impunemente os mais sagrados direitos. A que baixêza isto chegou!

Todos lhe batem

O governo não tem actualmente no Porto órgão algum da imprensa que o defenda. O proprio *Jornal de Noticias*, que ha nove annos militava no partido regenerador, abandonou-o agora.

Referindo-se ao procedimento do governo ácerca da imprensa, diz esse jornal:

«Póde o governo ter a certeza que ninguem lhe dá razão na questão que se ventila sobre os jornaes que publicaram uns mesquinhos esclarecimentos ao telegramma da Havas. Mas sobretudo, o que ninguem acha razoavel é que o governo se enfureça contra as sentenças dos tribunaes desfavoraveis aos seus intentos epilepticos de supprimir jornaes, que tão bom acolhimento lhe dispensaram sempre, e que ouse mandar appellar d'essas sentenças, e dirigir ameaças contra os periodicos incriminados, apontando-lhes para os futuros accordãos da Relação. Isto é que os espiritos mais cordatos, mas despreocupados de sympathias por um ou outro partido politico, acham que é abuso e oppressão sem nome.

«D'esta maneira, o governo atrahiu sobre si a reprovação geral, unanime, de todo o paiz. Ninguem o desculpa, e até os seus mais devotados deploram a situação miserrima em que está collocado. Deplora-o principalmente o partido regenerador, que tão mal recompensados vê os seus sacrificios, e tão mal agradecida a generosa condescendencia com que tem acompanhado os caprichos do ministerio».

A confissão do *Jornal de Noticias* de que o partido regenerador tem acompanhado os caprichos do governo com generosa condescendencia é preciosa. Tem sido o partido regenerador generoso para com o governo, permitindo não só que elle pratique as maiores prepotencias e attentados, mas apoiando-o e defendendo-o.

Não foi o governo generoso agora para com a imprensa regeneradora sujeitando-a ás mesmas prepotencias de que têm sido victimas os jornaes independentes. *Inde ira!*

Soffra agora o governo a pena devida pela sua falta de generosidade e saiba o país o que são e o que valem os regeneradores, sempre promptos a defender o governo em todos os seus caprichos quando vae offender os direitos e interesses legitimos dos seus adversarios politicos, que lhe movem a mais desapiadada guerra quando tem o capricho de exercer contra elles uma prepotencia.

Com certeza os monarchicos imaginam que o país é só d'elles. E o país está-se prestando a que pensem assim.

Ao país

Manifesto da imprensa de Lisboa

A liberdade de pensamento, aspiração generosa illudida durante seculos, tornou-se um dogma politico, quando a assembléa nacional, que redimiu a França, na sua sessão de 24 de agosto de 1789, votou este artigo dos *Direitos do Homem*:

«A livre communicação dos pensamentos e de opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem; todo o cidadão póde, pois, falar, escrever, imprimir livremente, tendo só de responder pelo abuso d'esta liberdade, nos casos determinados pela lei».

O mundo moderno conquistára com a affirmação d'esse principio, tão nobre na sua essencia como fecundo nos seus beneficos resultados, uma victoria, que luctas cruentas não poderam mais inutilizar, e vingava ao mesmo tempo as amarguras e os desesperos de Montesquieu, de Voltaire, de Diderot e de tantos outros, dos mais preclaros entendimentos do seculo que findava, pelas peias, que elles haviam sempre encontrado, á livre divulgação das obras immortaes, em que affirmaram o seu eugenho.

É passado mais d'um seculo e os jornalistas portuguezes vêem-se forçados a recordar o voto da assembléa de 1789, para dizerem aos poderes do estado, á opinião liberal e ao país inteiro, que elles nada mais querem, para a salvaguarda dos seus direitos, do que o acatamento ás idéas, que aquelle voto traduziu.

Modesta aspiração sem duvida. Mas por essa mesma qualidade e porque ella traduz uma crença muito viva e uma fé muito sincera, é que estamos dispostos a pugnar pela sua realização, animando-nos a absoluta certeza do triumpho.

A liberdade do pensamento não se discute. É um axioma no mundo politico, tão necessario á constituição das sociedades modernas, como a luz do sol é indispensavel á actual constituição physica dos mundos organizados.

Acatam na e prestam-lhe culto os sectarios das escolas mais diversas, sem excepção dos defensores das idéas mais conservadoras.

Chateaubriand, o immortal auctor do *Genio do Christianismo*, firmou, com o prestigio da sua auctoridade, estas palavras: «Não se concebe governo representativo sem a liberdade de imprensa».

Fontes Pereira de Mello, o estadista correcto e leal, o conservador sincero, disse, num dos seus melhores discursos: «O systema representativo, sem a facultade de escrever amplamente, é uma zombaria cobarde do que ha de mais sagrado entre os homens: — é um systema que assassina a liberdade em nome da mesma liberdade».

Stuart Mill, o economista insigne, que brilha ainda como uma das glorias mais puras da constellação scientifica d'este seculo, não obstante as revoluções operadas na sciencia que elle cultivou, escreveu: «As leis oppressoras do pensamento e da discussão são fataes a todo o progresso, ainda mesmo na ordem economica».

Antonio Rodrigues Sampaio, cujo nome synthetisa a mais rutila gloria do jornalismo portuguez, intendia que «os abusos da liberdade se corrigem com a propria liberdade».

Adolpho Thiers, tão grande pelo seu valor intellectual, como pela dedicação do seu civismo, não duvidou affirmar que «a imprensa póde ser livre sem perigo; só a verdade é temivel; a falsidade é impotente e nenhum governo morreu ainda ferido pela mentira».

Finalmente, para não alongarmos citações, José Estevão, o orador sublime, que temperava sempre o seu verbo no fogo das idéas generosas e dos principios da liberdade, dizia á Ordem amedrontada: «o governo do estado é possível em todas as condições e para todos os effeitos com uma imprensa excessiva e latitudinaria».

Assim é realmente. As demasias da imprensa não ferem, quando injustas; são sempre inutilizadas pela reacção que ellas provocam. É por isso que achamos justissima a synthese com que o sr. Bento Carqueja, um jornalista da nossa terra, que tem um verdadeiro fanatismo pelo sacerdocio da sua missão, define os resultados da

lucta contra o pensamento, dizendo: «O atrophamento da liberdade de imprensa apenas póde aproveitar á corrupção».

As palavras que acabamos de transcrever, pertencem á historia; formam titulos de nobreza de quem as escreveu ou pronunciou. A geração actual regista-as como a expressão mais rigorosa e auctorizada do seu proprio sentir.

O que pedimos nós? A liberdade de pensamento assegurada como um direito inatacavel. Uma lei de imprensa que seja uma garantia e não uma arma de defeza politica ou partidaria. Principios definidos de responsabilidade, que atinjam os que delinquirem, sem os sujeitar a excessos de paixão ou facciosismo.

Na constituição do estado encontrámos guardada a esta aspiração. Ella diz expressamente no § 3.º do seu art. 145.º: «Todos podem communicar os seus pensamentos por palavras e escriptos e publicá-los pela imprensa, sem dependencia de censura, com tanto que hajam de responder pelos abusos que commettam no exercicio d'este direito, nos casos e pela forma que a lei determinar».

A geração liberal de 1834, immortredoura para a nossa gratidão e que, se podesse resuscitar agora, se devia sentir bastante surpreendida com a sophismação da sua obra, respeitou dignamente a palavra régia compromettida naquelle artigo. Assim, em 22 de dezembro d'esse anno, era publicada uma carta de lei pela qual se prescindia de todas as medidas de prevenção contra qualquer forma de expressão de pensamento, se bania a possibilidade de suspensão ou supressão de jornaes, se admitia um só responsavel para cada delicto e se entregavam á jurisdicção do jury as causas por abuso de liberdade de imprensa, estabelecendo-se um jury de pronuncia composto de 60 jurados e um jury de sentença composto de 30.

A lei de 22 de dezembro de 1834 prestava, pois, homenagem ao principio que defendemos, e, promulgada agora de novo, mais de sessenta annos depois de ter sido decretada, satisfaria ainda com ligeiras differenças, as nossas aspirações, tão justas e moderadas ellas são na verdade.

A legislação similar estrangeira está de harmonia com as idéas de verdade absoluta da liberdade de imprensa. Sem falarmos na Suissa, onde nem existe lei de imprensa, por isso que se intende que o codigo penal abrange a punição de todos os crimes e que o jornalista não deve estar sujeito a nenhuma lei de excepção; sem nos determos a ver o que se passa em França, que expungiu, pela lei de 29 de julho de 1881, da sua legislação as disposições anachronicas que alli tolhiam a liberdade de pensamento, queremos referir-nos em especial a nações como a Belgica, tão digna de ser imitada tanto pela actividade intellectual e industrial do seu povo, como pelo equilibrio e espirito moderno das suas leis, e a outras, que symbolizam ainda no nosso tempo as tendencias mais autocraticas e reaccionarias.

Na Belgica, a lei da imprensa não exige a minima caução aos editores, não consente na mais simples medida preventiva e os delictos e crimes dos jornalistas e escriptores são julgados por um jury, que lhes dá absolutas garantias de imparcialidade.

Na Austria, que ninguém taxará de suspeita de excessos revolucionarios, tão arreigada ainda ás crenças conservadoras, não existe igualmente auctorização prévia, nem censura e, como na Belgica, os jornalistas incriminados não se acham á mercê da intolerancia, ou da paixão d'um juiz.

Finalmente na Allemanha, país classico dos principios authoritarios, onde os poderes do estado e á sua frente o imperador, conservam as regalias quae intactas do velho regimen absolutista, para a imprensa não ha tambem medidas preventivas e os seus delictos são apreciados pelo voto d'um jury.

Porque será que o principio da liberdade de imprensa tem conseguido ser reconhecido e acatado por governos de tão diversas indoles, incluindo os mais ciosos das suas prerogativas e mais facilmente feridos pela livre critica? Será simplesmente pela força theorica do direito que esse principio contém? Não, decerto. Essa victoria deve-se na maior parte aos ensina-

mentos da historia, porque ella não cessa de affirmar, em paginas tão eloquentes como suggestivas, que a represão da imprensa é sempre fatal para os que a tentam.

As revoluções do seculo XIX, que tantos listrões de sangue têm marcado na sua passagem, todas ellas têm a sua genesis em violencias exercidas contra a livre expansão do pensamento.

É a prova indirecta, mas eloquente, de quanto a liberdade da imprensa merece ser respeitada e consagrada pela lei. A idéa encarcerada por momentos, reprime-se á custa de esforços desesperados, mas depois explue com mais força, com tanta mais força quanto maior tenha sido a repressão e d'ahi os movimentos allucinados de protesto, que muitas vezes começam por uma farsca quasi imperceptivel, para, a breve trecho, se transformarem num incendio, que transigencias tardias já não conseguem debellar e impedir que derruam regimens inteiros.

(Conclue).

A justiça neste país

O dr. Margarido Pacheco, o mesmo juiz que ha dias julgou subsistente a suspensão do nosso collega — *A Palavra*, fez recolher á cadeia Antonio Augusto, de 18 annos, picheleiro, morador no Porto, por ter furtado um pau de sabão no valor de 140 réis.

E andam á solta todos os ladrões que têm limpado os cofres publicos e os de varias companhias!

Foram concedidos os subsidios correspondentes á deducção de 30 % nos juros das inscripções, aos seguintes estabelecimentos de beneficencia e caridade do districto de Coimbra: á Misericordia de Coimbra 1:481\$400; ao Asylo de Infancia Desvalida 524\$880; á Misericordia de Arganil 747\$952; á de Cantanhede 1:010\$000; á da Figueira da Foz 388\$520; ao Hospital de S. João da Louzã 250\$200; ao Hospital de Montemor-o-Velho 509\$400.

Expedição trucida

Os jornaes estrangeiros dão diversos pormenores ácerca da expedição do marquez de Morés que, como participou o telegrapho, foi trucida pelos tuaregs quando se dirigia a explorar o Sahara tunesino.

Morés, depois de feitos os preparativos necessarios, dirigia-se para Ghadamés com 45 camellos carregados de mercadorias que lhe haviam custado 7:200\$000 réis, um interprete, dois ricos mercadores tunesinos e cinco negros armados com espingardas de repetição.

Morés commettera a imprudencia de substituir a escolta formada por 8 tunesinos por outros tantos tuaregs, pertencentes á tribu de Chambá que os francezes consideravam como amiga.

Logo que a caravana estava a 3 kilometros da fronteira, no dia 8 de junho, pela manhã, tres dos tuaregs atacaram o marquez e, passada a primeira surpresa, lançou mão do revolver e, de um tiro, matou um dos aggressores. Os outros dois fugiram.

Já a expedição julgava o perigo passado, quando appareceu um bando de tuaregs, que cercou a caravana e rompeu o fogo. O marquez e os seus companheiros responderam com vigor, mas por ultimo os tuaregs ficaram senhores do campo, levando o carregamento e 4 captivos.

Ao cabo de alguns dias, os captivos conseguiram evadir-se, e, voltando ao campo da lucta, encontraram os cadaveres do marquez, dos dois mercadores tunesinos e de dois negros. Todos estavam crivados de feridas. O marquez de Morés é o setimo dos exploradores europeus que pereceram no caminho de Ghadamés desde 1858. Era muito conhecido em Paris pelos seus discursos contra os judeus, pela parte que tomou no movimento boulangista e pela maneira prodiga como gastava a propria fortuna.

Cuba

Segundo a declaração d'um official francês ao serviço dos cubanos, em cujas fileiras se alistou, a ultima expedição levou aos insurrectos os seguintes reforços: 4 peças de artilheria de 80 millímetros, typo americano; 4:000 granadas; 1:500 espingardas Mauser; 3 milhões de cartuchos; grande quantidade de uniformes, de medicamentos e de arreios; 2:000 libras de dynamite e 4 pilhas electricas para poder produzir explosões a grande distancia. O chefe civil d'esta expedição foi Rafael Portuondo, e o chefe militar Conserpie.

Da expedição formavam parte dois medicos, quatro pharmaceuticos, cinco artilheiros norte-americanos, dois pyrotechnicos e 65 voluntarios.

Conserpie, é tenente de hussards, pertencendo á reserva do exercito francês.

×

Maceo percorre actualmente a parte norte de Pina del Rio, tratando de dirigir-se por Coudelaria a Rio Hondo e d'alli ir atacar a linha militar.

Weyler, á cautela, pede mais reforços, apesar das constantes victorias alcançadas contra os cubanos.

×

Entre os insurgentes cubanos ha bastantes mulheres, mas quasi todas fazem parte da ambulancia.

A unica que desempenha serviço de fileira e respectivo commando, é Paulina Ruiz, casada com um insurgente chamado Gonzalez.

Marido e mulher, figuram na partida de Pancho Perez. Paulina entrou ha 5 meses na partida na classe de *combatente* e, embora seja bonita e tenha apenas 23 annos, a sua ferocidade é tal que se vangloria de ter morto a machadadas dois soldados hespanhoes e de ter conquistado sempre na primeira fila os seus postos d'accessão. Hoje tem a patente de *capitã de bandeira*.

O manifesto da imprensa de Lisboa

Attenta a sua grande extensão e a falta de espaço de que dispomos, não nos é possível publicar por uma só vez o manifesto que alguns col-

Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

VII

Projectos terriveis

— Logo que arranjes os criados conduzi-os ha aonde eu te disser. Onve, não deves voltar aqui. Quando se trata de assumptos d'esta ordem devem tomar-se precauções. Procurarás por M. de Villedieu no Grand-Hotel. Instalo-me lá ámanhã. Faz a birba e veste-te correctamente.

— Bem. Mas é por estares arruinado que te mettes neste negocio?

— Não. Mas por mais que possua nunca me julgarei bastante rico.

— Tens razão, meu filho. Ha mais algumas ordens a receber?

— Não. Vae e não percas um momento.

O pae Lebigot não perdeu um minuto, e, no dia seguinte, participou a M. de Villedieu que os homens de que elle carecia estavam promptos.

— Os criados?

— Sim.

— E os cavalleiros da alta roda?

— Também. Mas faltam vestuarios.

— Vou fornecer-te dinheiro para isso.

— Pare, minha boa vacca leiteira.

— Tens confiança nos teus homens?

legas de Lisboa acabam de dirigir ao pais ácerca da liberdade da imprensa. Começamos hoje essa publicação, que terminará no numero seguinte. Notaremos desde já que esse manifesto é assignado pelos seguintes jornalistas:

Brito Aranha, José Maria de Alpoim, S. de Magalhães Lima, D. João de Alarcão, João de Deus Guimarães, José Parreira, Gomes da Silva, Carlos Ferreira, Lorjô Tavares—Alfredo da Cunha, Sousa Telles Junior, Faustino da Fonseca, Affonso Vargas, Feio Terenas, Constancio Roque da Costa, Eduardo Coelho, Silva Graça, Teixeira de Queiroz, Carlos Rangel de Sampaio, Baptista Borges, A. Pereira Reis, Alfredo Gallis, Raphael Boddallo Pinheiro, Teixeira Bastos, José Maria dos Santos Junior (Santonillo), Portugal da Silva, Estanislau Olympio Monteiro, Baptista Machado, Antonio Faustino dos Santos Crespo, Cecilio de Sousa (com certas reservas).

O Cergio, profundo

Diz Victor Hugo:—«Fraternidade, hostia sacrosanta do altar da Liberdade!»

Commenta o Cergio, o do *Illustrado*:—«Hoje já se não contenta com hostias. Come, como os demônios!»

Então não está cada vez peor este Cergio?!

No dia da chegada do vizo-rei, o sr. Burnay preparou-lhe rija festança com *marche aux flambeaux*, etc.; mas o *clou* da festa foi, sem duvida, a exhibição grotesca das irmãs da caridade distribuindo copinhos de cerveja á garotada.

A censura na provincia

Não é só em Lisboa que é exercida a censura prévia.

Os corregedores de Chaves também quizeram exercê-la para com o nosso prezado collega *A Voz da Patria*, órgão da commissão municipal republicana d'aquella cidade.

Escusado é dizer que este nosso collega preferiu suspender a sua publicação a sujeitar-se a um tal vexame.

— Como em mim proprio; disse-lhes que trabalhariam sob as tuas ordens, e tu sabes que não te faltarão.

— Tratemos immediatamente dos criados. É preciso que entrem em casa de M. de Koellen, *boulevard* da Magdalena, n.º 19, 1.º andar. Isso talvez não seja facil. M. de Koellen é um penhorista que tem faro e fioura. De mais, elle tem três criados que devem ser-lhes dedicados, porque lhes paga bizarramente. Entre elles, ha pelo menos um que é incorruptivel, é uma especie de mordomo, homem d'uns cincoenta annos, collocado na sua casa desde rapaz, pois já all estava no tempo de Koellen, pae. É elle que superintende sobre os outros criados. Um dos outros dois criados está na casa ha um anno e o terceiro ha dois meses. Vivem sós. M. de Koellen é rapaz, não come em casa. É preciso fazer beber os criados e dar-lhes dinheiro. Penso que os teus homens são valentes.

— Sim.

— Que referencias têm os teus homens?

— Livretes em regra e papeis da familia, que provam que elles são descendentes de criados de grandes casas que se acham espalhados pela provincia. Dar-se-hão as melhores informações a respeito d'estes criados.

— Têm boa cara!

— Uma cara capaz de surpreender a tua boa fé, se os visesses.

UNIVERSIDADE

Nos dias 22 e 23 fizeram acto e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Theologia

1.º anno—Manuel Antonio Pereira e João Antonio d'Aguiar.

2.º anno—Avelino José Rodrigues, Balthazar João Fortado e Florindo Nunes da Silva.

3.º anno—Jayme Alves Machado.

4.º anno—Antonio Martins Malhado.

5.º anno—Antonio Nave Catalão.

Faculdade de Direito

1.º anno—José Dias, José Emydio Soares Costa Cabral, José Ferreira da Silva e Sá, José Fialho Ferro Lopes Tavares, José Maria d'Almeida, José Maria d'Oliveira Mattos, e José Nunes da Silva.

Houve tres reprovações.

2.º anno—João Augusto Vieira de Araujo, José Caetano de Tavares da Costa Lobo, João Ferreira Gomes, João Manuel Pessanha Vaz das Neves, João Marques Pereira Ribeiro, João Ramos da Cruz, e João Rodrigues de Brito Junior.

Houve uma reprovação.

3.º anno—Gaspar Ferreira Baltar Junior, Gaspar José Henriques, João Augusto Gens Azevedo Junior, e João Pereira Soares da Motta.

Houve tres reprovações.

4.º anno—Augusto de Sousa Maldonado, Eduardo d'Almeida Saldanha, Elycio Ferreira de Lima e Sousa.

Houve uma reprovação.

5.º anno—Benjamin Pereira d'Amaral Netto, Bernardino José Leite d'Almeida, Carlos Mesquita, Cesar Augusto dos Santos, Antonio Osorio da Fonseca e Diogo Mascarenhas Marreiros Netto.

Faculdade de Medicina

1.º anno—José de Mattos Sobral Cid e José Novaes de Carvalho Soares de Medeiros.

2.º anno—Francisco Ferreira d'Almeida Crespo e Francisco Henriques David.

3.º anno—Amando Celestino Vieira Lisboa e Francisco Cardoso de Lemos.

4.º anno—Joaquim Salinas Antunes e José Gonçalves Carteador Monteiro.

Faculdade de Mathematica

4.º anno—Carlos da Silveira Brandão Freire Themudo, Alfredo Augusto de Oliveira Machado e Costa, Sidonio Bernardino Cardoso da Silva Paes, e José Carlos de Barros.

Faculdade de Philosophia

1.ª cadeira (*Chymica inorganica*)—Alberto Sabino Ferreira, Guilhermino

da Cunha Vaz, e João Augusto do Couto Jardim.

Houve uma reprovação.

2.ª cadeira (*Chymica organica e analytical chimica*)—Alvaro José da Silva Basto, e Francisco Antonio Honorato de Sousa Vaz.

4.ª cadeira (*Botanica*)—Custodio Luiz d'Oliveira Pessa, e Manuel José da Costa Soares Junior.

5.ª cadeira (*Physica, 2.ª parte*)—Francisco Barbosa Falcão d'Azevedo, José Cardoso de Menezes Martins, Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, José Bernardino de Carvalho, José Pinto da Silva Faia, e Julio da Silveira Brandão Freire Themudo.

Cadeira de desenho. (*Curso mathematico, 2.º anno*)—Alexandre Alberto de Sousa Pinto, Jorge Rodolpho Teixeira Campos, Henrique Jardim de Vilhena, Thomaz Antonio d'Oliveira Motta Dias, Alberto Moniz Boddallo de Vilhena, Anselmo Ferraz de Carvalho, D. Carlos de Sousa Coutinho, José da Costa Pereira e Silva, D. Luiz d'Assis Mascarenhas, Pompeu de Meirelles Garrido, Sebastião José Marques d'Almeida, Carlos dos Santos Natividade, Augusto Epiphany de Sousa Neves, Antonio Luiz Ribeiro da Silva, e Sebastião Estacio Tello.

Banco de Portugal

A administração do Banco de Portugal baixou, em Lisboa e Porto, a taxa de desconto das lettras para 5 e 5 1/2 %, conforme a confiança que lhe merecessem as firmas dos commerciantes que nellas figuram.

Em Coimbra continúa a fazer-se o desconto de 6 %, sem que de modo algum possa justificar-se que aos commerciantes d'esta cidade não sejam concedidas as mesmas vantagens que aos de Lisboa e do Porto.

É importante o movimento de desconto de lettras na caixa filial do Banco de Portugal nesta cidade e, não obstante isso, o Banco não tem soffrido aqui o minimo prejuizo nesse genero d'operações.

Este facto, que honra o commercio da terceira cidade do reino, deve ser tomado na devida consideração pelo Banco de Portugal para lhe conceder as mesmas garantias que ao commercio de Lisboa e do Porto.

Procedimento contrario, afigurase-nos revoltante injustiça e que á Associação Commercial cumpre representar para que ella seja devidamente reparada.

ram enviados para a rua Drouot, os carros e cavalos ao Tattersall.

«Venda voluntaria do rico mobiliario do sr. duque de V...»

Esta lettra maiuscula era bem conhecida.

O desaparecimento da duquesa tornara-se do dominio publico, que a attribuiu á paixão desordenada do duque pelo jogo. Julgava-se que M. de Villedieu tinha perdido grossas sommas, e em geral approvavam o facto d'elle se desfazer do seu trem de casa. Acreditavam assim que elle iria esperar numa vida obscura, que as pazes se restabelecessem entre ambos e que seu tio morresse.

Algumas pessoas, e entre ellas a baronessa de Koradec, combinaram ir ao leilão comprar alguns pequenos bibelots que pertenciam á duquesa e talvez surprender alguns pequenos segredos da sua vida intima divulgados ao som do martello do leiloeiro.

Emfim murmurava-se:

— Não acreditamos que elle a torne a vêr tão depressa.

E nada mais.

Apenas começou a venda a baronessa de Koradec notou com supresa que um rapaz lhe disputava por preços excessivos os pequenos objectos em que ella lançara.

O duque de Villedieu, pela sua parte, que percorria com a vista as pessoas que assistiam ao leilão.

— Oh! é elle, o joven americano,

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(*Psychologia individual e collectiva*)

1 vol. de 429 pag., 600 reis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

Codigo Administrativo

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua da Atalaya, 183, 1.º, Lisboa, tem á venda a 2.ª edição d'este codigo, approvado por decreto d'ictatorial de 2 de março do anno findo, seguido de repertorio alfabético, e das alterações e modificações approvadas pelo parlamento, na ultima legislação e confirmadas por carta de lei de 4 de maio do corrente anno, podendo, portanto, chamar-se a esta edição—*Novo Codigo Administrativo*.— Preço, 200 réis.

Tabella dos emolumentos e salarios judicias

Da *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua da Atalaya, 183, 1.º, Lisboa, recebemos um exemplar d'esta tabella, coordenada alfabeticamente, mas conforme com a edição official (*Diario do Governo* de 18 de maio de 1896), e approvada por carta de lei de 13 do referido mês, sendo a unica edição assim elaborada.— Preço, 200 réis.

Canções e musica popular da Beira

COLLIGIDAS POR

PEDRO TRAJANO

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Sahirá brevemente esta importante obra, que formará um volume em 8.º, de approximadamente 250 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir e optimo papel, com 50 paginas de musica.

Preço por assignatura, 600; avulso, 800 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Imprensa Lusitana*, Figueira da Foz.

Lições de hygiene publica

PELO

DR. A. X. LOPES VIEIRA

PREÇO, 15000 RÉIS

Á venda na Imprensa da Universidade.

que habita na minha casa. Que virá aqui fazer? Ah! é muito natural que sendo um dos primeiros a ter conhecimento do leilão, e que viram a mobilia, alguns moveis lhe tenham excitado a curiosidade. E será só a curiosidade que o traz aqui?...

Notou que Luciano Gribeauval lançava apenas nos objectos que tinham sorvido á duquesa.

— Será possível que elle só tenha o proposito de contrariar a baronessa de Koradec?

Mas entre os objectos que elle comprava havia alguns sem valor e para os quaes a baronessa nem sequer olhava. Eram os trabalhos que a duquesa fizera em meina, cofresinhos do tempo do collegio, caixas de luvas, tamborettes e cadeiras.

O rapaz comprava-os.

— Que quererá isto dizer?

E a sua vista não se separou mais de Luciano.

De repente levantou-se e disse com sigilo:

— Este homem compra por ordem de minha mulher.

E dirigiu-se para junto de Hermann.

— Vem commigo, disse-lhe.

E escreveu no deposito onde se guardava a mobilia vendida:

«Esperamos Lebigot G. R.»

Escreveu uma palavra no sobrescripto e enviou-o.

(Continúa)

VIII

O leilão Villedieu

M. Hermann occupara-se activamente do leilão da mobilia. Os annuncios não tardaram a ser collados nas esquinas das ruas de Paris. Os moveis fo-

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio
e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes
para doença de pelle,
estomago, garganta, etc.**Grande Hotel Club**Com estação de correio e tele-
grapho, medico, pharmacia
e casa de barbear.
Magnificas accomodações
desde 1\$200 réis
comprehendendo serviço, club,
etc. Bonus para os medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração. com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao gerente da Companhia do Grande Hotel. — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125.

O hotel foi este anno adjudicado á acreditada firma Silva & Ferreira, do Restaurant Club de Lisboa, ficando em vigor os antigos preços. Ha tambem boas casas mobiladas para alugar.

Filtro-Mallié
de porcellana d'amianthoEsterilisação absoluta da agua.
Filtros de pressão e sem pressão.
Filtros de mesa e de viagem.

Deposito em Coimbra—Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOSDE
JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

18 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

17 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 6 RÉIS POR HORA

Vende-se a prestações de
500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz es-
verdeada e nenhuma economia.**MANTEIGA DA CONRARIA**

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

ESTABELECIAMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mon-
dego.—Aviso aos proprietarios e mestres
d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de
Lisboa, constructores de para-raios,
campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais
apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso
vernizes, e muitas outras tintas e
artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades
que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, mo-
inhos e torradores para café, machinas para moer
carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame,
zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas
as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende
por preços eguaes aos de
Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes
descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de
obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores au-
tores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim,
completo sortido em faqueiros e outros artigos
de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro
mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, re-
volvers, espingardas para caça, os melhores
systemas.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

18 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por
junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se
desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fnebres e de gala.
Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras.
Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações
funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Marçano

Preisa-se com um ou
dois annos de pratica,
de mercearia.

FIGUEIRA DA FOZ

Adriano Dias Barata Salgueiro

SELLOS

18 Compram-se collecções
completas de sellos An-
toninos. Livraria Moderna.

14 Photographias do bo-
hemio Augusto Hyliario,
vendem-se na loja do Vianna,
Largo da Sé Velha.— Coimbra.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000\$000

Fundo de reserva... 241.000\$000

SEDE EM LISBOA

13 Esta companhia a mais po-
derosa de Portugal, por
intervenção do seu correspon-
dente em Coimbra, toma seg-
uros contra fogo ou raio, sobre
predios, mobillas e estabeleci-
mentos.

Correspondente Basilio Au-
gusto Xavier d'Andrade, rua
Martins de Carvalho, n.º 45.

Charutos "Confianza"

Papellaria Central

Arrendam-se

12 Dois andares e o sótão de
uma casa sita na praça
do Commercio. Trata-se no
mesmo local n.º 32 e 33.

Loja da China

Ferreira Borges

11 Acaba de chegar um gran-
de sortimento de leques,
sombrihas e estores, japonê-
ses e chinezes.

Especialidades da casa

Chás e cafés

Caixeiro

10 Nesta redacção se diz quem
precisa d'um com boa
pratica de mercearia, a quem
se dará o ordenado conforme
as suas aptiões.

CAVALLOS

9 Muares, etc.; esquinencias,
sobrecannas, ovas, es-
paravões, manqueiras, fraque-
zas de pernas, etc. curam-se
com o LINIMENTO VISICANTE
COSTA, e preferivel ao fogo e
untura forte em todos os casos.
Frasco 900 réis. Á venda nas
principaes terras.—Depositos:
Lisboa: Quintans, rua da Prata,
194; Ferreira & Ferreira, rua
da Junqueira, 332. Porto: Dro-
garia Moura, largo de S. Do-
mingos, 99.—Coimbra: Rodri-
gues da Silva, rua Ferreira
Borges, 128.—Deposito ge-
ral: Pharmacia Costa — So-
bral de Mont'Agrazo.

**AGUIA D'OURO**

FRANCISCO P. MARQUES

8 Roupas completas para ho-
mem, de 5\$000 réis
para cima!
Alta novidade!

VENDA

7 Antonio Henriques Mega
e João Ferreira da Cos-
ta, vendem os materiaes da
Praça de Touros da Mealhada,
de que são proprietarios.

Quem pretender pôde diri-
gir-se a qualquer dos annun-
ciantes na Mealhada.

Vende-se

6 Muito perto de Coimbra,
uma linda vivenda, que
se compõe de casas de habita-
ção, recentemente construidas,
que accomodam familia nume-
rosa; casas para caseiro e ar-
recadações, grande quintal de
excellente terreno com muita
agua, arvores de fructo, videi-
ras, etc. É em sitio muito pitto-
resco e aprazivel, tendo es-
trada de macadam até ao local.

O comprador pôde, querendo,
ficar com a importancia ajus-
tada, no todo ou parte, em seu
poder, a que se faz um juro
modico.

Para esclarecimentos, João
Marques Mósca, solicitador, rua
do Almoxarife, e Alvaro Esteves
Castanheira, largo da Portagem,
Coimbra.

QUINTA

5 Vende-se a da Conchada.
Na mesma se diz quem
está auctorizado a receber pro-
postas.

ANNUNCIO

2.ª publicação

4 No dia 5 do proximo mês
de julho, por 11 horas
da manhã, á porta do tribunal
de justiça, d'esta cidade, ha de
vender-se a quem maior lanço
offerecer acima do preço da
avaliação, o predio abaixo in-
dicado, pertencente ao casal
do fallecido conselheiro Abel
Eduardo da Matta Veiga, mora-
dor que foi em Lisboa, cujo in-
ventario corre seus termos no
cartorio do escrivão Cardoso,
da 1.ª vara da comarca de Lis-
boa, e em que é inventariante
D. Maria Adelaide da Matta Ve-
ga, moradora na mesma cida-
de, e viuva do inventariado.—
Predio—Uma morada de casas
com o numero de policia 53,
na Couraça de Lisboa d'esta
cidade de Coimbra, avaliada em
1:000\$000 réis.

São citados quaesquer cre-
dores incertos.

Verifique a exactidão,

O Juiz de Direito,
Neves e Castro.**Charutos "Martha"**

Papellaria Central

Julião A. d'Almeida & C.ª

20—Rua de Sargento Mór—24
COIMBRA

3 Neste antigo estabeleci-
mento cobrem-se de novo
guarda-soes, com boas sedas
de fabrico portuguez. Preços os
mais baratos.

Tambem têm lâsinhas finas
e outras fazendas para cobertu-
ras baratas.

Receberam ultimamente um
sortido de sarja de seda de
variadas côres, para guarda-
soes e sombrinhas de senhoras.
O que ha de mais chic.

**Tratamento de molestias da
bocca e operações de
cirurgia dentaria**

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

2 Consultas todos os dias das
nove da manhã ás qua-
tro da tarde.

Arrendamento

1 Francisco V. de Car-
valho arrenda a loja
n.º 171 a 173 na rua de Fer-
reira Borges (Calçada) tendo
uma boa sobreloja para habita-
ção.

"RESISTENCIA,"PUBLICA-SE AOS DOMINGOS
E QUINTAS-FEIRASRedacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repeti-
ções, 20 réis.—Para os srs. as-
signantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente
todas aquellas com cuja remessa
este jornal fór honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA